PONTOS E SOLUÇÕES DOS EXAMES LICEAIS E DO ENSINO TÉCNICO (PÁG. 9)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1969 N.º 16 709 ANO 49.º UM ESCUDO

amanhã "anda a roda"
4 "TALUDAS"
6 MIL CONTOS!

FAZ AGORA NOVE MESES

Completam-se hoje nove meses que o Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano tomou posse do seu alto cargo e que, nessa qualidade, dirigiu ao País a sua primeira mensagem. Acerca das esperanças suscitadas, das decepções sofridas e dos empreendimentos palpáveis se faz breve balanço da «Mesa-Redonda» de hoje.

«Aqui, neste chão firme, tenciono comprar uma casa» — disse-nos o navegador solitário

Chichester (em férias no Algarve) diz ao «Diário de Lisboa»: —Comprarei aqui uma casa

ALBUFEIRA, 27 — (**Do nosso correspondente Vítor de Sousa**) — «Sir» Francis Chichester, o famoso navegador solitário britânico, é agora um homem de pés bem assentes no chão, a torrar-se ao sol do Algarve. De camisa azul-claro toda aberta e calções escuros, descalço, «sir» Francis oferecia-se ao sol ao lado de sua esposa quando o procurámos na riquíssima vivenda da sr.ª Wilson Yong, accionista da revista norte-americana «Life», onde o casal Chichester é hóspede de honra. (**Cont. na última pág.**)

ALARGAMENTO DO CENTRO-ESQUERDA

—principal questão no Congresso da Democracia Cristã Italiana

ROMA, 27 — (F. P. e R.) — O décimo primeiro congresso da Democracia Cristã italiana, que hoje se inaugurou, tem de responder a uma pergunta capital: a «abertura à esquerda» realizada pela colaboração entre democratas cristãos e socialistas deverá ou não estender-se aos comunistas?

Bem se sabe que estes propuseram solenemente em Janeiro ultimo um plano com vista á resolução de graves conflitos sociais.

A Democracia Cristã encontra-se hoje dividida em três campos: o da esquerda (comportando quatro correntes diferentes) favorável á colaboração com os comunistas, pelo menos no plano parlamentar, o do centro (três correntes) oposto a essa colaboração, mas sem negar a utilidade do diálogo, e o da direita.

(Continua na 16.ª página)

POR UM AZAR NÃO FICARAM MILIONÁRIAS

A jovem da direita foi a unica pessoa que acertou em 13 resultados no ultimo concurso do Totobola, num boletim do pai, entregue pela sua irmã que também se vê na gravura. Porém, o modesto marceneiro, de Lisboa, e a sua filha, não vão receber, por um azar, os 1877 contos que lhe cabiam.

(Ler na página 8)

A MOSCA

Suplemento-magazine dos sábados

PICA AMANHÃ...

...nos passarinhos nossos amigos:

OS HERÓIS DA ALPISTA

...nos dramas da autoestrada

A MÃO SOBRE A PONTE

...na política:

A RETIRADA DO VIETNAM

...nas artes ambulantes:

A CARICATURA NUM MINUTO

& tudo isto com o habitual enxame de apoio —Varejeira, Mosca de Bibe, etc.— para ilustração dos conselheiros

Dispensa da oral também com 12 valores no Ciclo Preparatório

Por despacho interno do ministro da Educação Nacional foi fixada interpretação extensiva, de acordo com a qual se aplica também ao Ciclo Preparatório, do diploma enviado para o «Diário do Governo», determinando que nos 1.º e 2.º ciclos se dispensa da oral com a média não inferior a 12 valores e classificação não inferior a 9,5 valores em Língua, História Pátria e Matemática.

Assim, no Ciclo Preparatório do Ensino Técnico Profissional, que tem o seu ultimo ano de existência e cujas provas escritas decorreram ontem e anteontem, passa-se também a dispensar da oral com 12 valores, desde que se verifiquem as condições atrás referidas.

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

PRODUÇÕES DO ULTRAMAR CONCORREM ESTE ANO AO GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

Como supomos ter já ficado expresso, o Grande Prémio de Publicidade é uma iniciativa perfeitamente enquadrada nas características de um jornal como o «Diário de Lisboa», por ser um concurso que só um jornal atento ás realiaddes e ao progresso das artes gráficas, através do que pode chamar-se «Mensagem Publicitá-

(Continua na página seguinte)

DE ONTEM PARA HOJE

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

«João Rodrigues Cabrilho, descobridor da Califórnia» foi a comunicação que o sr. almirante Sarmento Rodrigues apresentou, ontem, á tarde, na reunião da classe de Letras da Academia das Ciências, á qual presidiu o sr. prof. Moses Amzalak. O orador narrou, baseado nos estudos do visconde de Lagoa, o pouco que se conhece da vida do navegador, companheiro de Herman Cortês na conquista do México. Falou, depois, o sr. prof. Costa Ramalho, que apresentou uma comunicação intitulada «Lendo os humanistas peninsulares». Seguidamente, reuniu-se a Academia em sessão plenária, para ouvir o elogio histórico do académico António Eduardo Simões Baião, feito pelo seu sucessor na cadeira n.º 26, sr. dr. Braga Paixão. Presidiu o sr. prof. Amorim Ferreira, que abriu a sessão. Depois de o recipiendário ter usado da palavra, respondeu-lhe o sr. prof. Damião Peres.

GOVERNADOR DE TIMOR

«Vivemos em paz e perfeito entendimento com os nossos vizinhos» — afirmou o governador de Timor, sr. brigadeiro Valente Pires, ao chegar a Lisboa, onde vem tratar, junto do Ministério do Ultramar, de assuntos de interesse para aquela província. Em breves declarações, o brigadeiro Valente Pires disse que «Timor é uma província que está a desenvolver-se lenta mas seguramente, em todos os sectores, para o que muito contribui a ajuda financeira da Metrópole, através dos seus planos de fomento.»

O MENINO ESTAVA VIVO

Tudo estava preparado no lugar da Tocha, em Bracial, Cantanhede, para o funeral do menino Júlio de Oliveira Vasco, de 7 anos, que um lamentável equívoco levara a admitir que falecera no Hospital da Universidade de Coimbra. Coval aberto, flores, lágrimas e uma aldeia consternada... Afinal, o menino estava vivo. E vai rir-se, um dia mais tarde, quando lhe indicarem o local que, no cemitério lhe estava destinado.

DRAMA FAMILIAR

Foi no lugar de S. Roque, freguesia de Santa Cristina do Souto, de Santo Tirso, que uma criança de 28 meses, Maria Antónia da Silva Santana, salvou uma sua irmã de 17, Balvina Paula, de morrer afogada num balde. Puxando-lhe pelas pernas, conseguiu retirá-la da crítica situação. A mãe, sr.ª D. Maria da Assunção da Silva, casada com o sr. Ernesto Santana Ferreira, grávida de cinco meses, ao ter conhecimento de que a filha fora transportada ao hospital (onde recebeu respiração assistida, ficando livre de perigo) foi vítima de forte comoção, tendo abortado.

FULMINADO

O cantoneiro municipal José da Silva Pereira, de 33 anos, casado, natural de Lamego, residente na Vila Ferro, ao Bairro da Liberdade, veio a morrer fulminado, quando pretendia consertar um candeeiro eléctrico, sem previamente ter desligado a ficha da tomada de corrente.

O SOLDADO MORTO

Um camião militar, da guarnição de Castelo Branco, quando circulava na descida do Alto Vieiro, em Leiria, despistou-se, por avaria nos travões e princípio de incêndio no motor, precipitando-se por uma ribanceira, meio destroçado. Em consequência, veio a falecer o condutor, soldado n.º 064715/69, António Barreira Monteiro, de 22 anos, natural de Santa Gorreiha, Ponte de Lima, tendo ficado ferido, sem gravidade, o primeiro-cabo mecanico n.º 088184/67, Eugénio Lourenço Ferreira, também de 22 anos, natural de Valença do Minho.

MORRERAM AFOGADOS

Dois jovens morreram afogados: um José Pedro Godinho, de 24 anos, operário da Sociedade Hidrocivil, casado apenas há 10 meses, com D. Maria de Lurdes de Jesus Barata, ao tomar banho no Rio Tejo, junto á Fonte das Virtudes (Vila Velha de Rodão); e outro, Jerónimo da Conceição Caetano, de 17, na praia da Cruz Quebrada.

O DESESPERO E A MORTE

Tinha o jovem Lourenço Fernandes de Oliveira, de 21 anos, solteiro, natural de Esporões (Braga) e residente em S. Lázaro, naquela cidade, sido condenado a dois anos de prisão por furto e ofensas corporais, de que resultara a morte da vítima Agora andava em liberdade vigiada. A mulher com quem estava para casar rompera há pouco o noivado. Num momento de desespero, o Lourenço atirou-se para debaixo do comboio, morrendo trucidado.

ENCONTRADO MORTO

Deve ter morrido há três ou quatro dias o servente de pedreiro Silvino João, de 39 anos, natural de Atouguia da Baleia (Peniche), sem residência certa, cujo corpo foi agora encontrado, já em começos de putrefacção, nuns terrenos anexos á Avenida de Beirolas. Não há suspeita de crime.

Grande Prémio de Publicidade

(Continuação da pág. anterior)

ria» pode promover e realizar.

Iniciado com êxito no ano findo, o «Grande Prémio de Publicidade» tem como principal objectivo o que sempre manterá: seleccionar anualmente os melhores anuncios publicados na Imprensa portuguesa, numa tentativa de estimular o nível que é já de alta produção dos criadores publicitários.

Presença do Ultramar

Já revelámos que sobe a quase duas centenas o numero de trabalhos remetidos a concurso. E deve pôr-se em relevo um pormenor que encerra, para nós, profundo significado: a colaboração das Agências de Publicidade de Angola e de Moçambique, expressivamente demonstrada em quatro dezenas de trabalhos enviados.

A participação do Ultramar numa iniciativa desta natureza, documenta o interesse que ás províncias de Angola e de Moçambique mereceu o Grande Prémio de Publicidade, promovido pelo «Diário de Lisboa».

A Reunião do Juri

Ficou marcada para hoje a primeira reunião do juri que, como já revelámos, é constituído por Igrejas Caeiro, presidente do Clube Português dos Publicitários; Luís Filipe de Abreu, professor da Escola Superior de Belas-Artes; Sebastião Rodrigues, artista gráfico; Victor da Silva, professor da Escola de Artes Decorativas António Arroio, e Jorge de Oliveira, técnico de publicidade.

Para breve, portanto, a decisão do juri e consequente, e a atribuição dos prémios. O Grande Prémio, como temos noticiado, atinge este ano o valor de esc. 40.000$00, além duma viagem a Nova Iorque, com permanência de oito dias em hotel pago, oferecido pelo «Diário de Lisboa», em colaboração com a «Intertur»-Organização Mundial de Intercambio Turistico, Lda e com a «Air-France». O contemplado, a indicar pela entidade premiada (Agência ou Serviço de Publicidade), poderá contactar com algumas das mais importantes organizações da sua especialidade, transformando o prémio numa viagem profissional do maior interesse.

BAPTISTA ANDRÉS DOUTOROU-SE EM ECONOMIA EM POITIERS

O dr. Amadeu Baptista Andrés, que se licenciara no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, apresentou-se ao exame de doutoramento na Faculdade de Direito e Ciências Económicas da Universidade de Poitiers. Defendeu a tese: *«Recherches sur la Structure Régionale Portugaise comme Étude Préalable à une Planification Économique»*.

O júri era constituído pelo prof. Jean Gabilliar, da Faculdade de Direito de Poitiers e director do Instituto de Economia Regional de Poitiers, pelo prof. Guy Chambon, prof. da Universidade de Limoges e director do Instituto de Economia Regional de Limoges e prof. Jean Jacques Moreau, prof. de Economia Política da Universidade de Poitiers.

O dr. Amadeu Baptista Andrés foi aprovado por unanimidade.

INAUGURADO EM AVEIRO O BUSTO DE JOSÉ RABUMBA

AVEIRO, 27 — Ao fim da tarde, o governador-civil deste distrito, sr. dr. Vale Guimarães, presidiu à inauguração do busto de José Rabumba («O Aveiro»), abnegado homem do mar, patrão de barcos salva-vidas que, em Aveiro e Leixões praticou actos de heroísmo que o impuseram à consideração de todos como um dos grandes homens desta terra.

A iniciativa do busto, que fica no caminho da lota, em frente da Casa dos Pescadores é do Rotary Clube de Aveiro.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo e nos Sectores e Zonas abaixo indicadas, teremos de interromper a corrente eléctrica para efectuar trabalhos de ampliação e reparação das nossas redes consideradas indispensáveis.

O corte da corrente durará apenas algumas horas, a partir do começo da manhã, de modo a causar o menor transtorno possível aos nossos consumidores.

Os Sectores e Zonas são:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua dos Soeiros e imediações. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua da Madalena, 62 a 78. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua de S. Lázaro, 2 a 120. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av. Fontes Pereira de Melo (parte) junto à P.ª Marquês de Pombal. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua António Luís Inácio, Rua do Sol a Chelas e imediações. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Caminho Palma de Cima, Rua Direita de Palma, Rua das Palmeiras a Palma e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Sintra: PERO PINHEIRO** — Av. Dr. Oliveira Salazar, Av. D. Afonso Henriques, Av. Marechal Carmona, Rua 5 de Outubro e Alto do Pina (Rua). (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — **VENDA SECA.** (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — **CACÉM DE BAIXO E AGUALVA:** Bairro da Estação, Bairro das Glicínias, Rua Afonso de Albuquerque e transversais, Rua António Nunes Sequeira e transversais, Av. D. Nuno Álvares Pereira e transversais. (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Oeiras: ALFRAGIDE.** (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — **ALGÉS:** Estrada das Romeiras, Rua Victor Duarte Pedroso, Rua José Duarte Pedroso, L. da Madalena, Rua José Elias Garcia (parte), Rua Luís de Camões (parte), Calçada do Rio (parte), Av. dos Combatentes da Grande Guerra (parte) (Das 8 às 15 horas).

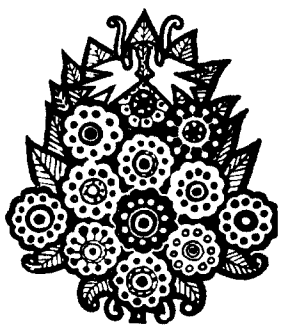
6.ª Zona — **Concelho de Cascai: CASCAIS** — Rua Visconde da Luz, L. Luís de Camões, Rua Alexandre Herculano. (Das 8 às 15 horas),

7.ª Zona — **Concelho de Loures:** Toda a zona industrial e Camarária entre MOSCAVIDE e PÓVOA e linhas A. T. (zonas Norte e Sul) entre ALHANDRA e MOSCAVIDE. (Das 6 às 14 horas).

8.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** ALDEIA DO SOBRALINHO — SOBRALINHO — CRUZ DAS ALMAS — ALVERCA — VERDELHA — VIALONGA — MORGADOS — VERDELHA DO RUIVO — BOCA DA LAPA — SANTA EULÁLIA — SANTA CRUZ — — MOGOS — ALPRIATE — QUINTANILHO — GRANJA DE ALPRIATE — PÓVOA (parte) — CANIÇOS. (Das 6 às 14 horas).

MERCADO DA PRIMAVERA

ZONA DE BELÉM



* Centros de vendas de artesanato de todas as regiões do país.

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação

DIA 29 DAS 22 ÀS 0,30 HORAS ACTUAÇÃO DA

«MARCHA DA AJUDA»

COM 58 ELEMENTOS

VIAGEM TURISTICA NO TEJO:

Saída às 13.15 horas — Regresso às 13.45 horas
Saída às 17 horas — Regresso às 18 horas
Saída às 20.45 horas — Regresso às 21.15 horas

BAR A BORDO DO BARCO — das 13.45 às 22 horas

VARIEDADES

DIARIAMENTE

AOS SÁBADOS E DOMINGOS, A PARTIR DAS 22 HORAS,

CONSUMO MÍNIMO 25$00

RESTAURANTE DO MERCADO

Para divulgação da cozinha e dos vinhos portugueses
Com a colaboração da JUNTA NACIONAL DO VINHO e outros organismos vinícolas bem como do comércio da especialidade.

ALMOÇO

AMANHÃ

AÇORDA DE SÁVEL
TRIPAS À MODA DO PORTO

VINHOS

DÃO «PORTA DOS CAVALEIROS» (branco) — Soc. V. Irmãos Unidos
TROVADOR (rosé) — Soc. Vinhos Borges & Irmão
DÃO «GRÃO VASCO» (tinto) — Vinícola do Vale do Dão, Lda.

JANTAR

HOJE

SOPA PHOVINCIANA
PESCADA À MODA DA NAZARÉ
CABRITO ASSADO À PADEIRA
DOCES REGIONAIS E FRUTA

VINHOS

F. R. — BRANCO ADAMADO — Casa Agr.ª Francisco Ribeiro
VINHO VERDE «DINASTA» (branco) — Caves do Campo
BORLIDO VELHO (tinto) — Caves Borlido

CAFÉ PURO

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Propaganda do Café

Preço por refeição:

Almoço ..... 90$00 Tudo incluído
Jantar ..... 100$00 » »

À NOITE, FADOS: por ADA DE CASTRO e VICENTE DA CÂMARA

Reserva de mesas pelos telefones 61 39 61 e 61 34 06 a partir das 10 horas

(PARA MAIORES DE 12 ANOS)

No restaurante e no barco, actuação do conjunto «OS 3 DE PORTUGAL», a partir das 23 horas

Uma chávena de CAFÉ PURO dar-lhe-á direito a DUAS VIAGENS a ANGOLA

Informe-se e beba CAFÉ PURO no MERCADO da PRIMAVERA em Belém

DIA 29, ÀS 23 HORAS, SORTEIO DE DUAS VIAGENS A ANGOLA JUNTO AO STAND DO CAFÉ PURO

DIARIAMENTE abertura as 12,30 horas e encerramento as 0,30 horas
Preço de entrada
Sábados, Domingos e Feriados 5$00
Restantes dias da semana 2$50

AGORA!

CRÉDITO A 24 MESES SEM PAGAMENTO INICIAL

FRIGORÍFICOS — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA — CONSULTE-NOS

ASTROTÉCNICA Rua dos Anjos, 71-B
Lisboa Av. António Augusto de Aguiar, 58-B

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

A REFORMA REGIONAL NA GRÃ-BRETANHA

O Governo britânico acaba de tomar uma importante iniciativa ao dar a sua aprovação de princípio ao projecto de reforma regional que lhe apresentou, após três anos de trabalho, uma comissão real de inquérito dirigida por lord Redcliffe-Maud. Os autores do projecto propõem-se de facto revolver profundamente não só uma estrutura administrativa com um século aproximadamente de existência, como também numerosas tradições e hábitos bem enraizados.

A reforma, se for adoptada, arrastará a desaparição dos cerca de dois mil condados, distritos, burgos, cidades e paróquias que exercem uma autoridade regional ou local. Em seu lugar será edificada uma nova estrutura administrativa composta por sessenta e uma unidades regionais repartidas em oito províncias. Estas, que passam a ter os nomes que lhes foram dados pelos saxões há mil anos — Northumberland, Anglia, Mercia, etc., — terão á sua frente um governo provincial habituado a decidir, de colaboração e com a aprovação do governo de Londres, os problemas gerais económicos e sociais do seu âmbito. Os membros deste governo terão cooptação ou serão designados pelas sessenta e uma unidades administrativas previstas.

No escalão imediatamente inferior, a competência dos sessenta e um «superconselhos» a criar será ampla porquanto terão a responsabilidade dos serviços de saúde, de segurança social, de educação, de planificação, etc. Os «superconselhos» compreenderão setenta e cinco conselheiros eleitos por um corpo eleitoral que vai de cento e cinquenta mil a um milhão de pessoas, e serão dirigidos por uma comissão central exercendo funções executivas. Outra inovação importante: cada uma destas unidades incluirá a cidade e o campo, o que acabará com uma divisão anacrónica. Para as grandes aglomerações urbanas exclusivamente, as responsabilidades administrativas serão partilhadas entre a autoridade central metropolitana e certo número de distritos.

As fraquezas do relatório Maud consistem primeiramente em permanecer bastante impreciso em matérias de competências financeiras — está no entanto prevista uma transferência parcial para os conselhos regionais do produto de impostos actualmente recebidos pelo governo central — e, em seguida por limitar singularmente a zona de «participação» na base da pirâmide: os conselhos locais, cuja competência é limitada aos problemas de administração elementares, serão principalmente «fo-

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

ros» onde se exprimirão ns desejos e queixas dos administradores dirigidos aos «superconselhos». Este aspecto da reforma suscita evidentemente os mais vivos protestos entre os interessados, conselheiros, presidentes de municípios que se vêem ameaçados de perderem as funções e o prestígio, mas também nas camadas mais amplas da opinião britânica. O novo sistema faz correr o risco de afastar os habitantes das localidades duma administração que lhes escapará cada vez mais, e cujas decisões serão tomadas em seu nome no escalão superior.

A isto respondem os partidários da reforma que o sistema actual funciona mal, que os eleitores se desinteressam largamente das consultas locais — enumeraram-se em certos casos até 80 por cento de abstenções — que os conselheiros eleitos eram de mediocre qualidade e, principalmente, que uma unidade administrativa mais importante poderá melhor defender os interesses locais resistindo às pressões do governo central. No entanto a descrição dos vícios do presente não pode subtrair à crítica um projecto de semelhante envergadura.

Em todo o caso a reorganização não poderá certamente ser introduzida antes do Outono, e é mesmo duvidoso que possa ser bem conduzida antes das próximas eleições. Mas faz correr o risco de trazer novo fermento de discórdia nas próprias fileiras do partido trabalhista, já profundamente dividido pelo caso da lei antigreve e pela gestão cada vez mais contestada do Governo Wilson no interior e no exterior.

Nota do dia

A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

O GOVERNADOR NEGRÃO DE LIMA, do Estado do Guanabara, que Lisboa conheceu como estimulante embaixador do Brasil, assinou o decreto que regulamenta o projecto de se erguer numa das praças do Rio de Janeiro a estátua de homenagem ao imigrante português. Poderia considerar-se que está tudo dito, que a notícia, só por si e como aí fica, encerra as sugestões bastantes para delas se ver brotar, sem a intervenção de qualquer esforço, o comentário que tal iniciativa traz consigo.

Homenagear o imigrante português no Brasil é reconhecer e recordar o esforço prodigioso que se sedimentou durante quatro séculos e meio, desde a descoberta até aos nossos dias. Esforço perseverante que está presente, esforço de trabalho a todo o nível, de gerações sucessivas que se meteram à aventura do mar em busca do mercado que lhes quisesse o braço forte de quem não sabe virar a cara a dificuldades. Aventura? Claro. Mas determinada, obstinada, à procura do trabalho.

Que gente era essa? Jaime Cortesão e outros historiadores modernos interessaram-se pelo problema. O visconde de Lagoa deixou um ficheiro, que nos dizem precioso, sobre as origens sociais da emigração portuguesa para o Brasil. O grande milagre da História de Portugal é que um país deste tamanho, com uma população que no século XVI se calculava em pouco mais de milhão e meio de almas, tivesse em si forças bastantes para essa prodigiosa sangria que tradicionalmente escolheu o Brasil.

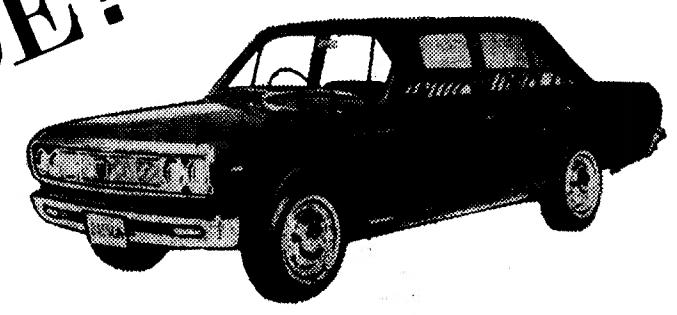
A colónia portuguesa no Brasil, em tempos já relativamente próximos de nós, conquistou uma posição de respeito e de prestígio de que é justo não deixar apagar os sinais. Gente modesta mas empreendedora, soube fazer de tudo quanto fazia falta, soube trabalhar, soube criar riqueza. Aglomerou esforço e empresa, aglutinou-se, abriu instituições. A própria tradição portuguesa das misericórdias atravessou o Atlântico e por lá se multiplicou e cresceu. O grande monumento é a obra feita. A pedra que vai erguer-se é o certificado dessa obra.

Tradicionalmente orientada para o Brasil, solicitada pelas Áfricas, atraída hoje por surtos vários para essa Europa, sem esquecer as ilhas longínquas que semeiam os oceanos, a emigração é um dos fenómenos específicos da vida portuguesa. No nosso tempo, bem sabemos todos quantos e quais problemas se levantam, pois que ela se orienta dominantemente para países onde o nível médio da população é muito superior ao dos estratos imigrados. E é o drama da segregação fatal ou voluntária, do isolamento, da precariedade.

Esse problema dos portugueses emigrados, vivendo nas suas colmeias aparte, em condições que têm sido descritas, é um dos que se oferecem mais insistentemente à ponderação dos governantes. Sabemos que cada passo que se dá custa dinheiro. Sabemos também que no último Conselho de Ministros, esta semana, o titular das Finanças chamou a atenção para isso mesmo, clamando pela necessidade de contenção das despesas. Sabemos também que Roma e Pavia não se fizeram no mesmo dia. Mesmo assim. Mesmo assim é preciso acudir.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

3 DATSUN PARA VOCÊ!



* DATSUN 2300/SUPER SIX — Um conjunto harmonioso de «performance», conforto e segurança no melhor estilo de luxo. Eis um dos três magníficos automóveis que «O SECULO ILUSTRADO» vai sortear!

SENSACIONAL CONCURSO DE O SECULO ilustrado
TRÊS AUTOMÓVEIS NO VALOR TOTAL DE 310 CONTOS !

OS CARROS DO CONCURSO DO «S. I.» ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO NO ENTREPOSTO
ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S. A. R. L.
Av. Duarte Pacheco, 21-A — Telef. 68 51 75/6/7/8 — Lisboa 3

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

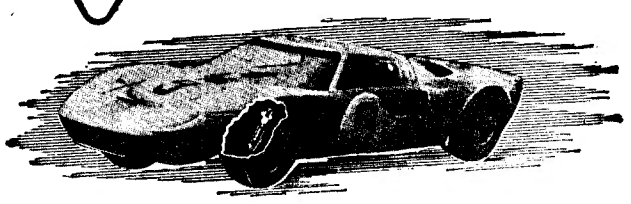
Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, 64, 2.º, Dir. — Telefone 59288

ORÇAMENTOS GRÁTIS

KONI



KONI
O TEMPERAMENTO DE UM TRIUNFADOR

SOGERIM SOC. GERAL DE IMPORTAÇÃO, Lda-560156
AV. ANTONIO A. DE AGUIAR, 23-B-LISBOA

ora diga-nos...

— Já assistiu a alguma festa na província?

Com o Verão que já veio, vieram as romarias, as festas de aldeia. Assistir a tais festas constitui uma experiência importante para o conhecimento do nosso Povo. Por isso viemos para a rua perguntar: «Já assistiu a alguma festa na província?»

● — Já, mas não me lembro muito bem — *respondeu-nos Judite Pinto Ribeiro, de 17 anos, estudante do Curso Comercial, natural de São Pedro do Estoril.* — Dos quatro aos nove anos estive em Aguiar da Beira e recordo-me de uma procissão, a procissão da *Senhora da Saúde*, parece que era assim que se chamava.

— E recorda-se mal?

— Lembro-me que de manhã havia coisas religiosas e à tarde havia baile...

● *António Luís Gonçalves Homem, de 17 anos, fotogravador do «Record», imagem perfeita da descontracção, diz-nos imediatamente que sim:*

— Foi em Alenquer. Era uma feira com muito povo. Feira onde se vende tudo e mais alguma coisa.

— Que é que você lá comprou?

— Um cinzeiro de barro.

— Ainda existe?

— Ainda.

— E serve?

— Serve. Serve para o meu pai, está claro.

— Você não fuma?

— Fumo. Mas não fumo em casa...

● — Como não se sou da terra delas? — *responde-nos a sr.ª D. Maria Vieira Brito Araújo, educadora de crianças.* — Sou do Minho e a minha terra é Póvoa de Lanhoso. A festa da minha terra é no Monte de São Mamede. Tem duas capelas, os rapazes e as raparigas divertem-se...

Conta que no Minho há uma festa todos os dias e que quando veio para Lisboa achou tudo muito triste.

— Desde que cá estou, a única festa minha conhecida é a «Feira Popular». Ah, mas este ano, a 17 de Agosto, lá estarei caída, no Monte de São Mamede...

DIA NACIONAL DO ELECTRICISTA

Como habitualmente, realizam-se no dia 15 de Agosto próximo as comemorações do Dia Nacional do Electricista com a confraternização dos electricistas dos Sindicatos do Porto, de Coimbra e de Lisboa, com o seguinte programa:

Às 9 horas — Concentração dos electricistas dos três Sindicatos Nacionais dos Electricistas, na sede do de Lisboa; 9 e 30 — Partida com destino à ponte sobre o Tejo para visita ao monumento a Cristo Rei; 11 — Chegada aos estaleiros da «Lisnave» na Margueira, para visita de estudo; 13 — Recepção às entidades oficiais convidadas e descerramento de lápida comemorativa da visita aos estaleiros; 14 — almoço oferecido pela administração da «Lisnave». Homenagem aos electricistas dos três Sindicatos (dois de cada) que mais se distinguiram profissionalmente, com a entrega de diploma e emblemas de ouro. Entrega de um pergaminho à administração da empresa; 17 — Partida para a excursão à Região dos Três Castelos, via serra da Arrábida; 20 e 30 — Jantar de confraternização dos electricistas do Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Lisboa.

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS

Na sede social da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, á Av. Almirante Reis, 12, continua esta noite, ás 21 horas, a assembleia geral ordinária iniciada no dia 11 para discussão e aprovação do regulamento das secções locais.

AS GRANDES EMPRESAS

Se pretendem adquirir dois imóveis de grande volume e devolutos na Av.ª da Liberdade ou no Chiado, consultem a «NORTENHA»
Tfs. 366731 - 362228

Vai ser criada a Escola Internacional de Decoradores de Lisboa

A *Sociedade Internacional para a Educação através da Arte (INSEA)* reune professores de artes plásticas ou de artes aplicadas de todo o mundo, bem como artistas, pensadores, críticos de arte, pedagogos, interessados em promover a formação humana dos jovens através da arte. Como disse em 1966 (pouco antes de morrer) o seu presidente de honra, «sir» Herbert Read, em mensagem dirigida ao XVIII.º Congresso Mundial da INSEA, realizado em Praga, esta sociedade *«tem duas tarefas de importancia primordial a desempenhar. Uma é a difusão das nossas ideias sobre o que é «a educação pela arte». Tivemos sempre a opinião de que o nosso fim ultrapassa de longe o objectivo unico de ensinar as matérias artísticas, pois implica uma revisão dos princípios fundamentais da educação em geral, para que possamos chegar a uma melhor integração do desenvolvimento da pessoa humana. A outra, resulta da nossa firme convicção de que a educação artística tem um papel relevante a desempenhar na cooperação pacifica entre todas as nações. O que ensinamos é um meio de expressão que não reconhece as barreiras e as diferenças das línguas; é uma «língua franca» de imagens expressivas, de linhas e de cores, de formas simbólicas».*

A INSEA é patrocinada pela UNESCO, que depressa viu as possibilidades formativas que estes objectivos representam. Como disse a dr.ª D'Arcy Hayman, representante do director-geral da UNESCO no mesmo Congresso, *«amanhã, como hoje, a importancia e o alcance da arte na educação de todos os homens ressalta claramente. Devemos considerar a arte como linguagem natural dos homens, devemos ensinar esta linguagem á juventude como qualquer outra língua viva. Só desta maneira o homem se poderá preparar para um universo que se alarga constantemente. O génio criador humano inventou as máquinas de hoje de modo a libertar o homem dos trabalhos mais pesados e fatigantes. Na sociedade do futuro, o homem terá tempo suficiente para desenvolver as suas forças criadoras. A educação para a arte, a educação para o futuro é por este motivo a educação de amanhã para os homens criadores e a educação dos homens criadores de amanhã é a educação de amanhã para todos».*

No XIX Congresso Mundial da INSEA, a realizar em Nova York no próximo mês de Agosto, será anunciada a criação da Escola Internacional de Decoradores de Lisboa.

Escola Internacional de Decoradores

O IADE e a sua Escola Internacional de Decoradores são membros activos da INSEA e integram-se, pois, no objectivo fundamental da educação através da arte.

Por intermédio de um curso de três anos, ao qual poderão ter acesso todas as pessoas com mais de 16 anos, com formação equivalente, o Instituto de Arte e Decoração através da Escola Internacional de Decoradores conferirá o título de Decorador de Interiores, reconhecido em Portugal e Espanha, bem assim como em todos os países filiados nesta «International Society for Education Through Art», tais como França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e Japão.

É bem conhecido que o extraordinário desenvolvimento das artes aplicadas, expoente duma nova e mais ambiciosa forma de vida social, tornou a decoração um dos fenómenos mais importantes do nosso tempo. A criação de ambientes que facilitem e tornem mais agradáveis a casa, o trabalho e a própria vida de todos os dias é actividade que está hoje por toda a parte profissionalizada e constitui uma nova, prometedora, incitante e lucrativa actividade.

Surgiram assim em muitos países escolas de decoradores com o primacial objectivo de atender á formação de profissionais capazes de complementarizar o trabalho dos arquitectos, dando aos espaços interiores um sentido de valorização artística e humana.

Em Espanha, esta magnífica experiência foi tentada com o maior êxito através da «Instituicion Artes Decorativas», que criou sucessivamente as escolas de decoradores de Madrid, Barcelona, Bilbau, Canárias e Granada. Este instituto espanhol apoia com o seu saber e a sua experiência o IADE e a Escola Internacional de Decoradores que vai funcionar em Lisboa, muito embora esta seja uma instituição portuguesa e com um corpo docente formado por alguns dos melhores valores da arquitectura e da arte nacional.

Pelas escolas de decoradores da vizinha Espanha diplomaram-se já em Decoração de Interiores alguns milhares de jovens, raparigas, rapazes e até mães de família interessadas numa profissão compatível com a vida do lar, em aumentarem a sua capacidade de cultura e de iniciativa.

Os decoradores de interiores formados pela «Instituicion Artes Decorativas» trabalham hoje nos muitos sectores que a vida moderna lhes abriu. Quer montando «ateliers» privados de decoração, quer integrando-se em equipas de arquitectos e colaborando nos seus projectos, quer trabalhando para a industria turística, cujo desenvolvimento é muito grande, em Portugal como em Espanha, quer cooperando em empresas comerciais e industriais, quer ainda trabalhando no estrangeiro, onde o seu diploma é reconhecido, foi-lhes fácil encontrarem posições de futuro na sociedade, num campo essencialmente dinamico e progressivo. Por outro lado, na aprendizagem desta nova profissão, ganharam um sentido estético da vida, aperfeiçoaram o seu gosto, aprenderam a tornar mais bela a existência quotidiana.

Por ultimo, sublinhe-se que a Escola Internacional de Decoradores, além do Curso de Decoração de Interiores, dará cursos facultativos de extensão cultural, promoverá conferências e exposições em intercambio com as escolas de decoradores de outros países e oferecerá aos seus alunos as mesmas facilidades e os grandes descontos de que gozam os alunos espanhois, nos Cruzeiros da Ybarra que em tempo de férias efectuam, acompanhados pelos professores e com um programa de visitas e lições com carácter formativo.

O papel de decoração e de uma formação artística em largos sectores da juventude ou mesmo de outras idades é importantíssimo para tornar mais bela a imagem da vida quotidiana e da cidade, na acepção eloquentemente defendida pelo grande crítico «sir» Herbert Read, saudoso animador e presidente de honra da INSEA. Consciente deste papel, a Escola Internacional de Decoradores de Lisboa procurará, pois, alargar a sua actividade de acordo com as crescentes exigências da vida moderna, nos mais variados sectores artísticos e decorativos.

Programação

O Curso da Escola Internacional de Decoradores terá a seguinte programação:

1.º ano — Disciplinas obrigatórias: Desenho; Tecnologia e Materiais, e História da Arte Universal; *disciplinas suplementares:* Introdução á Estética; Introdução á Pintura, e Introdução á Arquitectura.

2.º ano — Disciplinas obrigatórias: Desenho; Projectos; História da Arte Portuguesa, e História das Artes Industriais; *disciplinas suplementares:* Introdução á Escultura; Introdução á Literatura, e Introdução ao Teatro.

3.º ano — Disciplinas obrigatórias: Desenho; Projectos; Direito Usual e Organização de Empresas, e História da Arte Contemporanea; *disciplinas suplementares:* História da Arquitectura Portuguesa; Introdução á Literatura Portuguesa; Artesanato Tradicional e Artesanato Moderno, e A Experiência do Decorador.

Professores

O corpo de professores que ensinará as disciplinas do 1.º ano do curso é constituído pelos arquitectos Keil do Amaral e Nuno Portas, pelos artistas Lima de Freitas e Manuel Lapa, bem como pelos ensaístas e críticos drs. José Marinho e António Quadros.

No 2.º e 3.º anos, ensinarão, além de alguns dos professores já citados e de outros a convidar, os artistas Maria Keil, Leonor Praça, Martins Correia e Paulo Guilherme, bem como os drs. David Mourão-Ferreira, Orlando Vitorino e Manuel Perreira Lima.

Será organizado ainda um ciclo de conferências sobre Arte, que principiará por uma lição de mestre Almada Negreiros.

A comissão promotora da Escola Internacional de Decoradores do IADE é constituída por: D. Ana Maria Cabral Ferreira Lima, D. Conceição de Mello Breyner Roquette, D. Marcelle Fillippini, D. Paulina Maria Roquette Ferro, dr. António de Quadros Ferro, D. Julio Illa, dr. Manuel Ferreira de Lima e dr. Roberto de Roure Roquette.

A secretaria está instalada na Rua das Flores, 77, 1.º, Lisboa.

3

PRESENÇA DESTACADA DO NOVO E INCISIVO CINEMA ESPANHOL

17 FESTIVAL INTERNACIONAL DEL CINE DE SAN SEBASTIAN

SAN SEBASTIAN, JUNHO — Três filmes de produção europeia assinalaram a primeira jornada de concurso do certame: polaco um, espanhol, o outro; alemão o terceiro.

«Dois na Solidão», da Polónia, é obra do experimentado realizador Stanislaw Rozewicz, distinguido já noutros festivais, como os de Moscovo, Cannes, Veneza, Mar del Plata. Com este seu filme, a Polónia esteve, aliás, excelentemente representada. Rozewicz gosta de apresentar a sua visão do mundo que o rodeia. Mas deixa, ao espectador, margem para que, por sua vez, tenha possibilidade de emitir o seu juizo. É esta a conclusão a tirar deste drama intimo, introvertido, que trouxe ao Festival.

O homem, um pastor protestante, que teme venha a romper-se a felicidade que o rodeia; a mulher, farta da monotonia quotidiana que pdeside á sua vida, numa pequena aldeia da montanha Os acontecimentos precipitam-se: ela sofre um acidente e, quando procura remediá-lo, caminhando em busca do médico, morre o filho, culpado involuntário do precalço da mãe.

Posteriormente, irrompe na placidez daquele lugar perdido um homem jovem. O seu dinamismo, a sua fogosidade criam divergências entre o casal e os ciumes vêm atormentar o atormentado pastor.

Temos assim, cinema de cunho intelectual e que, por momentos, recorda o de Bergman pela simplicidade das suas imagens, pela luta interna do homem ante os desígnios do Senhor, pela plasticidade dos belos enquadramentos dando o ambiente bucólico do filme. Mas, para lá dessa influência bergmaniana, Rozewicz é cineasta de marca pessoal. Com personalidade própria. Combina o real com certas incursões pelo onírico e mantém, sempre em primeiro plano, o estudo psicológico do factor homem. A figura atormentada do pastor protestante está presente na sua angustiosa e angustiada polémica consigo próprio; em contraponto coloca a figura da esposa daquele. É ela de difícil qualificação, na sua mudez impassível, no seu silêncio impressionante. Também ela tem o seu mundo, um mundo que se vai distanciando, gradualmente, do do marido.

Mieczyslaw Voit é um actor, na luta tremenda que perfeição o debater do pastor, na luta tremeneda que o atormenta. Bárbara Horawianka é a mulher daquele e o seu olhar torna inuteis os gestos. O gesto sobra diante da força dos seus olhos ou do ricto da sua hora fechada.

«Los desafios» excelente passo do cinema novo espanhol

Três episódios, três desafios trazidos por três realizadores jovens, recem-saídos da Escola Oficial de Cinematografia de Madrid e reunidos por um produtor jovem, também, Elias Querejeta, que proucura promover um cinema jovem e moderno, o cinema novo de Espanha (tem sido o produtor dos filmes de Carlos Saura), digno e actuante.

São desafios entre homens e mulheres, jovens e adultos, e centrados num tema — o sexual — mas tocando outros pontos.

O primeiro é da autoria de Claudio Ouerin. Fala da alta burguesia espanhola e, também, do desencontro de gerações: um casal, sua filha e o pretendente norte-americano, na vida daqueles, nos suburbios de Madrid.

Os desafios entre os quatro são constantes. Nele está bem reflectido (dizem-no) este sector da sociedade espanhola actual, graças a uma narração hábil onde cada personagem tem perfeitamente sublinhadas as suas prerrogativas e o seu significado. A família Rabal (Francisco Rabal, Maria Assuncion Balagner, sua mulher, que reaparece no cinema, pois abandonara a carreira artística após o casamento, e a filha de ambos, Maria Teresa Rabal) dá, no episódio, excelente conta das suas possibilidades, encarnando com naturalidade e desenvoltura as suas personagens, e Dean Selmier está certo no seu papel de ianque intruso e desafiante.

José Luís Egea é o autor da melhor das três histórias. Incide ela no campo dos latifundios, arremete contra a desigualdade inaceitável entre o homem e a mulher, traz á vista de todos o quixotismo espanhol, alcançando sequências de perfeição e acerto totais, com um ritmo preciso, dando assim demonstração cabal da sua habilidade narrativa. Conta com excelentes intérpretes especialmente Dean Selmier, Alfredo Mayo e Julia G. Caba.

O ultimo desafio (e, talvez, o menos brilhante) foi dirigido por Victor Erice. Toca o tema do reprimido que só vê solução para o seu problema repartindo a sua desgraça por quantos o rodeiam. O desenvolvimento do filme, o cinema de Erice é, porém, confuso, por vezes. Noutros momentos, falta-lhe a garra necessária, mas tem excelentes sequências que deixam antever um bom realizador, vencidas as hesitações dos começos. Os seus desafios partem de todas as personagens da história. Dean Selmier volta aqui a revelar toda a sua condição de notável e versátil interprete.

O argumento das histórias é de Rafael Azcona e teve a colaboração dos três realizadores. Dele ressalta, numa película fustigante, a condição acre, cruel e demolidora da sua obra e do seu pensamento. «Los desafios» é um filme que fustiga uma sociedade e é, sem duvida, nova, valiosa e esperançosa imagem do cinema novo espanhol, moderno, incisivo, descarnadamente real.

«Skarabea» trouxe Tolstoi ao Festival

«Skarabea» é o título do filme apresentado, no certame, pela Republica Federal Alemã.

É, também, a primeira grande metragem do realizador germanico Hans-Juergen Siberger, também autor do argumento, baseado na obra homónima de Leon Tolstoi. Embora de longa duração, (133 minutos) o filme revela-se falho de acção mínima, especialmente na primeira parte, absolutamente cansativa. Um homem chega a uma povoação e aceita uma estranha aposta: será sua toda a terra que puder percorrer num dia. Passa por diversas aventuras, logra percorrer uma longa extensão, mas, por fim, é morto. De quanta terra precisa, afinal, o homem? Da necessária para a sua campa. É este o tema clássico de «Skarabea». Mas o filme torna-se desagradável, mórbido, até. E a realização é lenta, monótona, apesar da excelente fotografia, da interpretação correcta, da gama variada e atractiva de tipos humanos que aparecem ao longo da projecção. Syberger foi, anteriormente, destacado e distinguido documentarista. Tais antecedentes pesaram sobremaneira neste seu primeiro filme de fundo, que, muitas vezes, não é mais do que um documentário. Mas um documentário que pouco tem de brilhante.

Bárbara Deist é uma das intérpretes de «Los desafios». A imagem pertence á segunda história, a melhor deste valioso exemplo do cinema novo espanhol

FOTOGRAMAS

● *Embora o tempo continue triste e brumoso (vai assim por todo o lado e aqui já se diz, parodiando o título do filme da sessão inaugural, que, este ano, teremos «O Verão no Inverno»), o dia foi bastante animado, mormente devido á apresentação do filme espanhol, aplaudido, atacado e discutido. O que prova, é evidente, o seu interesse. Feitas as contas, o saldo é largamcnte, e ainda bem, favorável a «Los desafios».*

● **Antecedendo a projecção de «Skarabea», o adido cultural da Embaixada alemã ofereceu um «cocktail» aos participantes no Festival. Brilhante, a reunião foi largamente concorrida e deixou o tempo á justa para se envergar os trajos de gala para a sessão da noite.**

● *Revestiu-se de grande utilidade, a gentileza que a revista «Film Ideal» quis ter com os jornalistas participantes no Festival.*

Recordando-se, talvez, de um dos «pecadilhos» dos homens da pena e do papel — nunca os têm á mão quando deles precisam — ofereceu-lhes um prático bloco que serve ás mil maravilhas cada vez que há alguma entrevista ou qualquer apontamento a anotar. Só falta agora, diz-se, haver alguém disposto a distribuir esferográficas ou lapiseiras...

● **Walter Buschoff, actor alemão, é o protagonista de «Skarabea», andarilho infeliz que, a parir de certa altura, tem por companheira a bela Nicoletta Machiavelli, herdeira de um nome famoso por razões bem diversas.**

O. P.

Clube Atlético de Queluz — 36 anos de existência

Sob a presidência do governador civil de Lisboa, o Clube Atlético de Queluz festejou, com uma sessão solene o 36.º aniversário da sua fundação.

Assistiram á cerimónia, entre outras individualidades, o presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Sintra, director-geral dos Desportos, presidente da comissão concelhia da U. N., presidente da Comissão Municipal de Turismo, etc.

Durante a sessão usaram da palavra os srs. João Lourenço, presidente da assembleia geral do Clube Atlético de Queluz; presidente da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, director-geral dos Desportos, presidente do Município de Sintra e presidente da Junta de Freguesia de Queluz.

A série de discursos foi encerrada pelo sr. dr. Afonso Marchueta, que fez o elogio da vila de Queluz.

Finalmente, o chefe do distrito procedeu á distribuição de vários prémios.

Inaugurado o salão de exposição da Wella Portugal

Ás direcções do Grémio e do Sindicato e, também, do Clube Artístico dos Cabeleireiros de Portugal, e aos mais categorizados industriais convidados para o efeito, foi ontem apresentado o salão de exposição de produto e aparelhagem para cosmética capilar da Wella Portugal, da Sociedade de Cosméticos Luso-Alemã, Lda., na Rua dr. Antonio Granja, 11-A. Receberam os convidados os srs. Klaus Shulz-Langendorq, gerente da Wella Portugal, e Jorge Luz, director-administrativo da Sociedade de Cosméticos Luso-Alemã, Lda., que prestaram esclarecimentos sobre o nosso aparelho «Wella-Solar», que funciona com raios infra-vermelhos e facilita a utilização das tintas. O salão de exposição da Wella abriu hoje ao publico.

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
De «O SÉCULO»

HOJE, NOITE DA MARIA BOTIJA

Especialmente oferecida pela **Sonapgás** a todos os srs. visitantes

Um magnífico fogão «Presmatic» com duas bocas e forno e uma carga de 13 quilos SONAPGÁS podem ser seus

ÀS 23 HORAS

Entrará no recinto da Feira a **MARIA BOTIJA** que será portadora de uma credencial que entregará ao primeiro visitante que a encontrar

SIMPLES! ALEGRE! LUCRATIVA!

SÓ A NOITE MARIA BOTIJA

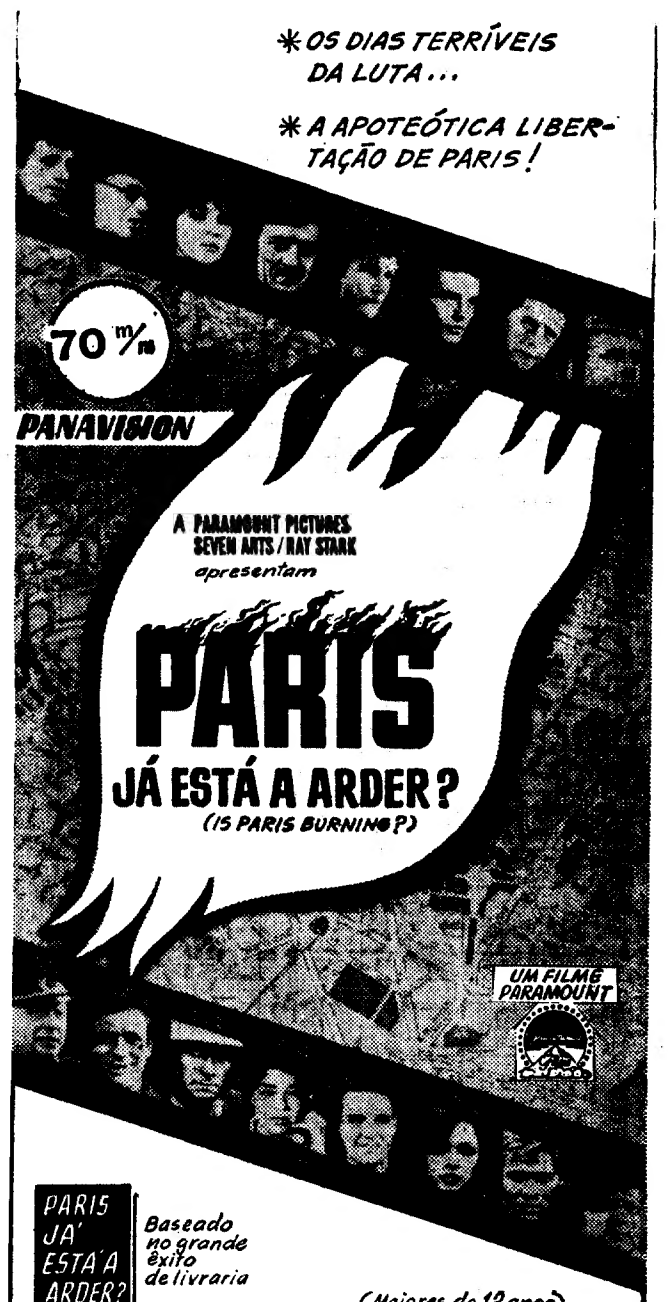
Iniciativa da **Sonapgás** em colaboração com a firma **Imperluz**

ABERTURA ÀS 19 HORAS

ENTRADA — QUINZE TOSTÕES

Habilite-se ao sorteio de uma MOTORIZADA CASAL, oferta da METALURGIA CASAL, de Aveiro

CAPITÓLIO
Telef. 32 03 79
Hoje às 22 horas
M/ 17 anos
«O 2.º TIRO»
de R. Thomas
com **Maria Dulce-Paiva Raposo - Varela Silva - Pedro Lemos e Baptista Fernandes**
Amanhã às 16 horas
— Tarde a preços reduzidos



DE NOVO EM LISBOA

HOJE às 21,30 no EUROPA

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Narciso da Costa, Suc., Rua Dr. Oliveira Salazar, 54

C. M. L.

ESTUFA FRIA

Hoje às 21.30 horas
Espectáculo gratuito

«A BICHA DE RABIAR» de Felix Bermudes, Ascensão Barbosa, Abreu e Sousa — com Madalena Sotto, Adelina Campos, Ivone de Moura, Graça Vitória, Beatriz de Almeida, Hermínia Tojal, Elvira Pais, Carlos Duarte, Andrade e Silva, Alberto Ghira, Victor Hugo, António Machado, Ricardo Alberty, Jacob Picoto, Henrique Viana, Armando Matos, Alberto Inácio e Augusto de Figueiredo.

Pela Companhia de Teatro Popular
Dirigida pelo Actor Augusto de Figueiredo

Distribuição de Bilhetes:
Restauradores, das 18 às 20 horas
Estufa Fria, às 21 horas. M/17 anos

MESTRES DO CINEMA AMERICANO

Que um homem nascido em Viena de Austria possa vir a ser considerado um mestre do cinema americano, *eis algo que á primeira vista poderá ultrapassar a barreira da compreensão do espectador inadvertido. A verdade, porém, é que Billy Wilder é um dos mais dotados observadores da realidade ianque que ele escalpeliza, de forma implacável, em obras de violenta denuncia social (caso de* O Grande Carnaval) *ou em comédias de humor corrosivo (como* Quanto Mais Quente Melhor).

Documentando a personalidade de Billy Wilder, poderão hoje os espectadores do ciclo Mestres do Cinema Americano *admirar duas das suas obras mais caracteristicas.*

FILMOGRAFIA DE BILLY WILDER

Nasceu a 22 de Junho de 1906, em Viena. Jornalista em Viena, carreira que prosseguiu em Berlim, juntamente com a de dançarino. Escreveu numerosos argumentos para filmes mudos. Em 1933 foi para Paris, no ano seguinte viveu no México e em 1935 foi contratado em Hollywood como argumentista de Ernst Lubitsch e Howard Hawks. Escreveu vários argumentos em colaboração com Charles Brackett. Em 1933: «Mauvaise Graine» — co-realização com Alexandre Esway. 1942: «The Major and the Minor» 1943: «Five Graves to Cairo» 1944: «Double Indemity» (Pagos a Dobrar). 1945: «The Lost Week-End» (OFarrapo Humano). 1948: «The Emperor Waltz» (A Valsa do Imperador); «A Foreign Affair» (A sua Melhor Missão). 1950: «Sunset Boulevard» (O Crepusculo dos Deuses) 1951: «The Big Carnival» (O Grande Carnaval). 1953: «Stalag 17» (O Inferno na Terra) 1954: «Sabrina» (Sabrina). 1955: «The Seven Year Itch» (O Pecado Mora ao Lado). 1957: «The Spirit of Saint-Louis» (A Águia Solitária); «Love in the Afternoon» (Ariane). 1958: «Wintess for the Prosecution» (Testemunha de Acusação). 1959: «Some Like It Hot» (Quanto Mais Quente Melhor). 1960: «The Apartment» (O Apartamento). 1961: «One, Two, Three» (Um, Dois, Três). 1964: «Irma La Douce». 1965: «Kiss Me Stupid». 1966: «The Fortune Cookie (Como Ganhar um Milhão).

OS FILMES DE HOJE

★ O GRANDE CARNAVAL

Título original: «The Big Carnival»; realização: Billy Wilder; argumento: Billy Wilder, Lesser Gamuel e Walter Newman, fotografia: Charles B. Lan (preto e branco); cenários: Hal Pereira e Earl Hedrick; música: Hugo Friedhofer; intérpretes: Kirk Douglas, Jan Sterling, Bob Arthur, Porter Hall, Frank Cody Richard Benedict, Ray Teel; produção Paramount (1951); tempo da projecção: 102 minutos; distribuição em Portugal: Espectáculos Rivus; classificação: adultos.

★ QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

Título original: «Some Like it Hot»; realização: Billy Wilder, argumento: Billy Wilder e I. A. L. Diamond segundo un tema de R. Thoeren e M. Logan; fotografia: Charles Lang Jr (preto e branco); cenários: Ted Hawarth; música: Adolph Deutsch; montagem: Arthur Schmidt; interpretes: Marilyn Monroe, Jack Lemon Tony Curtis, George Raft, Pat O'Brien; produção: Billy Wilder para a Mirisch Company-Ashton Pictures-United Artists (1959); tempo de projecção: 97 minutos distribuição em Portugal: Rank Filmes; classificação adultos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO SÃO JORGE

TÍTULO — «Testemunha Suspeita» («Hostile Witness»)
REALIZAÇAO — Ray Milland (1968)
INTERPRETES — Ray Milland, Sylvia Syms.

O filme de ontem foi comentado no segundo intervalo pelo dr. Luís Francisco Rebelo, e as palavras deste situaram a obra no seu devido lugar. Na realidade, todas as peliculas que se desenrolam em tribunais contam desde logo com trunfos admiráveis, sendo eles produzidos pela própria riqueza espectacular e densidade dramática de um julgamento. Apresentar em cinema cenas deste tipo é uma solução fácil e de êxito quase sempre garantido. «Testemunha Suspeita» não ficará entre os grandes filmes de tribunal porque se limita a utilizar os elementos tradicionais com um acerto regular e a reproduzir sequências perfeitamente banais. A falta de originalidade, o esquematismo dos processos, a intencionalidade mal dissimulada do argumento, não chegam a anular o interesse que uma obra destas necessáriamente provoca. Mas — note-se — a realização, perfeitamente vulgar, nada acrescenta que possa alterar o nosso juizo: trata-se de um filme igual a muitos outros e em certos aspectos excessivamente rotineiro. Neste caso, o crime não compensa.

E. P. C.

• NO POLITEAMA

TÍTULO — «O Filho de Django»
REALIZAÇAO — Oswald Civirani
INTÉRPRETES — Ingrid Schöeller, Danielle Vargas, Pedro Sanchez, Andrew Scott.

Homens, cavalos, pradaria, montanhas, tiros, muita violência — eis os ingredientes que um tal Oswald Ciriani argamassou (quase sempre mal), realizando e fotografando ao mesmo tempo. O conjunto sai frouxo, sem qualquer ideia de unidade, uma lamentável exploração de violência pela violência. Regresso aos filmes com 40 partes e 150 episódios? — A.

• NO ESTÚDIO 444

TÍTULO — «Ladrões de Bicicletas» («Ladri di Biciclette»)
REALIZAÇAO — Vittorio de Sica (1948)
INTERPRETES — Lamberto Maggiorani, Lianella Carnel.

Prosseguindo na sua retrospectiva Vittorio de Sica, o Estudio 444 apresenta agora «Ladrões de bicicletas». Sobre a personalidade artistica de Vittorio de Sica como realizador, já Lauro António e nós próprios fizemos as devidas considerações. Sobre o interesse desta retrospectiva, já Manuel Machado da Luz exprimiu a sua opinião nas páginas do suplemento literário. Resta-nos agora citar um texto de Georges Sadoul sobre o filme «Ladrões de bicicletas»:

«Este filme foi o mais importante do imediato após-guerra pela sua enorme influência internacional e pela forma como então renovou a dramaturgia cinematográfica. Um homem que procura durante 24 horas, numa grande cidade, alguma coisa de que dependia a sua própria vida, foi então uma situação tão nova que se chegou a pensar que a obra rejeitava todo e qualquer artifício dramático. Esta situação foi retomada em dez ou mais países por cinquenta cenaristas e perdeu hoje toda a frescura.

O tema imediato do filme era o desemprego num país que há mais de cinquenta anos possuia milhões de homens sem trabalho. E, mais profundamente, a solidão do homem numa sociedade bem definida, em que ninguém presta atenção, a não ser distraidamente, á sua profunda miséria. Quando fizeram notar a Zavattini que este tema da solidão era em certos aspectos próximo de Kafka, ele respondeu que nele a indiferença ou hostilidade dos outros nunca tinha razões não explicáveis, que a atitude de cada um era explicável e compreensível para cada espectador. «A minha ideia fixa é a de «des-romancear» o cinema. Eu gostava de ensinar aos homens a ver vida quotidiana, os acontecimentos de todos os dias com a mesma paixão que experimentam ao ler um livro.»

E. P. C.

NO TEATRO
MONUMENTAL
TEL. 55133 (Adultos)
(AR REFRIGERADO)
VASCO MORGADO
APRESENTA
A 1.ª REVISTA DOS PARODIANTES
LISBOA

com
Camilo • Florbela
OCTÁVIO • DELFINA • ORLANDO • CARLA • MARÍLIA
e as atracções
LUÍS GUILHERME
o conjunto privativo dos Parodiantes
HY-KDOY
Paula Ribas
DIR. MUSICAL
JOSÉ MESQUITA

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS DA FEIRA DE S. JOÃO

DOMINGO, 29 DE JUNHO
ÀS 17.45 M. 6 anos
CAVALEIROS
José Manuel Lúpi,
L. Miguel da Veiga
ESPADAS
Mário Coelho
Gregório Lalanda
FORCADOS
AMADORES DE LISBOA
COMANDADOS POR SALVAÇÃO BARRETO
8 LINDOS TOIROS
DO ENG.º ANTÓNIO MARIA HENRIQUES DA SILVA

ÚLTIMOS DIAS DE EXIBIÇÃO EM LISBOA
DE UM GRANDE ESPECTÁCULO
VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO
apresentam HOJE, às 21.45 horas — (ADULTOS)
EM 2.º MÊS DE ÊXITO E EMOÇÃO
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

BLACK-OUT
«OLHOS NA ESCURIDÃO»
com JO ALVARENGA na protagonista e por ordem de entrada em cena
ADRIANO REYS * JOÃO GUEDES * SINDE FILIPE * ROLANDO ALVES * CÉLIA DE SOUSA * GILBERTO GONÇALVES * COSTA VAZ
* UMA EXCITANTE EXPERIÊNCIA EM «SUSPENSE» *

SOLAR DO MINHO
de Eduarda Maria
FADOS * FOLCLORE
R. do Vigário, 60 — ALFAMA
Telef. 86 68 11

PAVILHÃO DOS DESPORTOS
DIA 28, ÀS 21,30 H.
MARCHAS POPULARES
MADRAGOA — SANTA CATARINA — MOURARIA — CAMPO DE OURIQUE
BAIRRO ALTO
Bilhetes à venda — Restauradores, das 18 às 20 h.:
Balcão, 20$00 e 25$00; Bancadas, 10$00, 15$00 e 20$00;
Geral, 7$50 — M. 12 ANOS

A ESTREIA DE «RI-TE, RI-TE» NO MONUMENTAL

Parodiantes sem graça numa revista de grande luxo

Uma das mais luxuosas revistas dos ultimos tempos desmoronou-se ontem á vista dos espectadores no Teatro Monumental, bisando um unico numero e correndo o pano sobre quase todos os outros ao compasso de raras e envergonhadas palmas de favor.

«Ri-te, ri-te», *a tão anunciada superprodução dos Parodiantes de Lisboa, falhou onde menos se esperaria: no texto, que é insípido, sem graça e — para usarmos um termo da nomenclatura política — conservador em extremo. Segundo reza o programa, os Parodiantes («agora na aventura de fazer teatro por uma irresistível vontade de agradar ao publico») chamam-se a si próprios «uma grande potência da Rádio Portuguesa». Não custa nada acreditar — mas se assim é estavam distraídos, ou vão pouco á revista, ou têm tanto trabalho na Rádio (e têm) que não lhes sobrou tempo para inventar coisas.*

No entanto «Ri-te, ri-te», *sempre segundo o programa, é apresentada pelo «homem - espectáculo - aventura» (Morgado) e foi escrita por um autor com «cascatas de talento» (Ruy Andrade), outro cheio de ideias e imagens «num galope que nem sempre as palavras conseguem fixar» (José Andrade) e um terceiro cujo «humor é tratado (...) como uma bola de* ping-pong *por um jogador mestre» (Manuel Puga). Por aqui se avalia a tremenda expectativa do publico!*

Expectativa iludida. O poema arrasta-se como uma carroça a caminho do Mercado Abastecedor de Fruta, as melodias apodrecem á luz forte de projectores e spot-lights. *Montagem e figurinos, sim, são esplendorosos, concentrando sobre Hernâni Martins, Ruy Martins e Mário Alberto os aplausos que fingidamente foram prodigalizados a toda a equipa em cena. Mas até nisto (sobretudo nisto) os Parodiantes fizeram uma opção significativa: a do luxo novo-rico, tão rico e tão luxo que funciona como anestésico visual.*

Dois ou três quadros («Duas rivais», «Moço de forcado», «Ventríloquo») *conseguem, a espaços, entreter. Camilo de Oliveira, Florbela Queirós e Octávio de Matos tentam o impossível para sublinhar com o seu melhor sorriso dentífrico um ou outro dito de espírito menos barbudo. Paula Ribas canta bem: foi o unico intérprete a bisar alguma coisa (a melodia é que era já conhecidíssima). Enfim, Delfina Cruz, Alice Carla, Orlando Gonçalves e Luís Miguel, para não citar exaustivamente nomes, aguentam a pé firme, corajosos e pacientes, as duas horas do espectáculo, por sinal recheado de (estragado por) publicidade tão despropositada como maçadora.*

«Ri-te, ri-te», *dizem os cartazes. Mas só houve uma gargalhada espontânea: quando uma chefe de quadro se atrapalhou e quis sair através do cenário.*

FERNANDO ASSIS PACHECO

Cortejo do Trajo Cantares e Dançares das Beiras

MURTOSA, 27 — A Camara Municipal deste concelho, na sua reunião ordinária, tomou conhecimento de que a concentração do Cortejo do Trajo e Cantares e Dançares das Beiras, na Figueira da Foz, vai realizar-se e, por isso, deliberou que o concelho nele se encontre representado por dois pares de murtoseiros.

Deliberou mandar proceder á elaboração de projectos de diversas estradas municipais que se encontram muito carecidas de reparações, para efectuar essas obras tão necessárias num futuro, tão próximo quanto possível, em regime de comparticipação do Estado, auxílio imprescindível para a efectivação destes melhoramentos; deliberou ainda mandar proceder á electrificação e abastecimento de águas á casa que recentemente adquirir aos herdeiros de Tavares Gravato, a fim de nela serem instaladas diversas repartições publicas, como o Registo Civil, a Biblioteca Municipal, a Subdelegação de Saude e ainda os serviços da Guarda Nacional Republicana e o Armazém dos Serviços Municipalizados de Electricidade.

MARIA VITÓRIA

Hoje às 20,45 e às 23 horas

(ADULTOS)

A SENSACIONAL REVISTA

● Mãos à Obra! ●

com:

● SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA ● Max ● Anita ● Dóra ● Vitor Mendes ● Helena Cardinali ● Mariano Franco ● Espadinha ● Dina Maria e a atracção ● INÊS MARCO

● UM ÊXITO COMO NÃO HÁ MEMÓRIA

por José Viana e Dora Leal «OS PRIMOS BEM»

● DOMINGO, «MATINÉE» ÀS 16 HORAS ●

Manuel António, o da Moita

TAUROMAQUIA

OPORTUNIDADE AOS NOVOS

O Campo Pequeno deu oportunidade aos novos na sua primeira sem sol, e fez bem, porque o sol quando nasce é para todos e o deste ano veio tardio. E melhor fez proporcionando-lhes novilhos bravos, do Porto Alto, alguns do Alto Douro, de bom paladar para quem os soubesse lidar. E um toureiro soube, Manuel António, que logo no seu primeiro o demonstrou com a capa e com as bandarilhas, ao quarteio e quebrando, e melhor com a muleta, com ambas as mãos e ao som da musica. Simulou bem a estocada, foi ovacionado em volta á arena, com mestre Tinoca, e repetida a ombros de admiradores, que este toureiro da Moita já os tem, e com razão.

Roque Silva ainda se luziu com as bandarilhas, também ao quarteio e quebrando, e com a muleta ouviu musica, e deu volta á arena com mestre António «Badajoz». Depois, Belchior e Valente, porque os novilhos eram nervosos, enrvaram-se e sofreram colhidas, etc., e o ultimo, o «Expontaneo», logo aos primeiros lances de capa, recolheu á enfermaria. E Manuel António houve de o substituir, e confirmou seus méritos, toureido «habemus», e com a oportunidade de outem, não perdemos os que toureiros portugueses desejamos.

A cavalo bem esteve Emídio Pinto, bom calção, que não o jovem Manuel Santana, que necessitou de três cavalos para dois ferros, e nos agradou em anterior exibição. Bem pegaram os forcados juvenis de Alcochete, de que é cabo outro Pinto, António José, que deram volta á arena com os cavaleiros. — (EL T. P.».

Armando Soares no Méxieo

Armando Soares luziu-se na tenta do ganadero mexicano sr. Ibañez e foi contratado para o próximo domingo, 29, em Tuxkla, com touros de Gutierrez; e nos dias 4, 6, 13 e 20 do próximo mês em Romear, com touros de Piedras Negras; em Nogales, em Laredo e em Tijuana.

Ary dos Santos encenado por alunos do Conservatório

Alunos do primeiro ano de Teatro do Conservatório Nacional levaram ontem á cena, na Casa do Algarve, o poema dramático «*Tempo de lenda das amendoeiras*», da autoria de José Carlos Ary dos Santos, com a colaboração de Maria Germana Tânger na parte encenada.

O sarau foi completado com uma exibição do acordeonista Tino Costa e a projecção da curtá-metragem «*Quinze minutos de Algarve*», de José Barbosa.

CASA DA COMARCA DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

Presidem aos novos corpos gerentes da Casa da Comarca de Oliveira de Azeméis os srs. conselheiro Albino dos Reis, na assembleia geral; dr. Manuel Pinto Bessa, na direcção, e dr. Alberto de Araújo, no conselho fiscal.

VI Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa

O publico de Lisboa tem correspondido á manifestação cinematográfica que a Casa da Imprensa organiza presentemente nos cinemas São Luiz e Alvalade. É que o publico já se acostumou aos ciclos e festivais que esta instituição promove com o fim exclusivo de divulgação da cultura. O ciclo deste ano é consagrado aos Mestres do Cinema Americano e trata-se de uma importante retrospectiva.

Depois de ter exibido obras de autores reputados, a Casa da Imprensa tem ainda para apresentar, até o próximo dia 7 de Julho, um brilhante conjunto de filmes assinados por Preminger, Sirk, Minnelli, Penn Lang, Ray, Walsh, Fuller, Tashlin, Lewis, Hitchcock, Ford, Hawks e Kazan.

Ao escolher este ciclo, os organizadores procuraram ser coerentes com uma determinada forma de compreender (o mesmo será dizer: ver) o cinema e, simultaneamente, conciliar o que de melhor (e mais válido) os cineastas americanos têm produzido nos ultimos anos.

II OLIMPÍADAS DA CANÇÃO, EM ATENAS

O FESTIVAL «EXPLODIU» COM CENAS DE PUGILATO

• Maria Valejo (chorosa) recolheu ao hotel

ATENAS, 27 (Do nosso enviado especial, NEVES DE SOUSA) — Em desacordo com a organização das Olimpiadas da Canção, Dalida e Massiel deixaram a capital grega, abandonando o juri de que faziam parte.

A criadora de «Sabel de

MASSIEL

l'Amour» regressou a Paris, **invocando a necessidade de participar no programa da TV «Musicolor», e a espanhola «lembrou-se» de que tinha um contrato assinado para cantar no Líbano, este fim-de-semana. A verdade, porém, é que elas parece não terem concordado em fazer parte de um juri em que os representantes de firmas discográficas estão em maioria absoluta. (Lembremos, por exemplo, que Jorge Costa Pinto é, em Portugal, editor das marcas «Tecla» e «Tague»).**

A situação tornou-se explosiva esta madugada, ás seis horas, no momento em que começava o mais rigoroso ensaio dos artistas no estádio em que se realizará o festival. O ensaio foi bruscamente interrompido por um desaguisado entre os elementos da orquestra. O tremendo «sururu» que se gerou impediu que 10 artistas pudessem ensaiar, diante a deficientissima instalação sonora e as camaras de TV.

Maria Valejo é uma das artistas prejudicadas. Chorosa recolheu ao hotel, sem saber que fazer. Por seu turno, o espanhol Augusto Algueró convocou os representantes dos artistas impedidos de ensaiar, procurando encontrar uma plataforma conciliatória.

No entanto, a maior expectativa gira á volta da forma como «alinhará», logo á noite, a orquestra que hoje se exibiu em cenas de pugilato. Com adesivos e nódoas negras?

Recordamos, por exemplo uma mulher que se apresentava como solista de trompete e acabou por se revelar também excelente pugilista...

MARIA VALEJO

DALIDA

Segundo soubemos nos meios ligados á delegação portuguesa, um empresário turco veio propositadamente do seu país, a fim de contratar Amália, e o maestro Algueró será convidado de honra da organização do Festival da Figueira da Foz. Acrescente-se que a espanhola Karina cantará, no dia 12, no Casino da Figueira, e que Lilly Tchiumba e Máfalda Sofia estão com um pé na Grécia, graças a contratos feitos por Artur Pereira com a TV grega.

E agora, ficamos a aguardar a noite. Haverá festival de canções, ou mais espectáculo de pugilato?

ACONTECEU NO ÚLTIMO CONCURSO DO TOTOBOLA

Um marceneiro de Lisboa foi o único totalista mas não recebe os 1877 contos do prémio

«Não houve trezes no Totobola» — notícia de segunda-feira, 23 de Junho. Porém, uma rapariga de 14 anos acertou em todos os resultados num boletim de seu pai, que ela própria e uma irmã entregaram. Mas, na respectiva agência, por engano (que as duas irmãs não se aperceberam) deram-lhes a matriz e ficaram com o duplicado, o que importou a anulação da aposta. E foi assim que o sr. Rogério dos Santos, de 48 anos, marceneiro em Lisboa, casado e com sete filhos, perdeu a bonita soma de 1877 contos... Há acasos e azares — pois aqui um e outros juntaram-se em grande quantidade.

— O meu pai tinha preenchido quatro colunas e a minha mãe duas. Pedi a esta para também me deixar fazê-lo, mas para não dizer os clubes. E, sem saber a que jogos se referiam, fui dizendo 1, X ou 2, conforme os casos, tendo acertado nos treze resultados — *conta-nos Maria Teresa Leitão dos Santos.*

— *Foi a primeira vez que preencheu boletins do Totobola?*

— Não, já o tenho feito, vendo a que jogos se referem os resultados que ponho: mas, desta maneira, nunca consegui acertar em mais de cinco...

A jovem Maria Teresa, 14 anos apenas, baixa os olhos e não diz nada. Mas os seus colegas de trabalho em «Confecções Castro» (no Rossio), onde são empregadas também outras duas irmãs suas, dizem-nos: «Coitada, fartou-se de chorar por causa disso...»

Pois foi uma dessas irmãs, a Maria Teresa, de 16 anos, quem foi entregar o boletim no Ginásio de Caselas (colectividade de recreio). Diz-nos ela:

— Eu entreguei o boletim e 20$00 para pagar. O homem que o recebeu deu-me um papel e o troco. Não verifiquei o troco e dobrei logo o papel que meti num bolso. Depois perdi-o, e só através da carta da Santa Casa da Misericórdia, recebida na segunda-feira que nos comunicava que o boletim fora anulado, é que tivemos conhecimento que tínhamos acertado em treze resultados. Foi uma pena...

● Nem tive tempo de fazer projectos

Um homem perder assim, por factor imputável sobretudo a um terceiro, nada mais nada menos que 1877 contos, é coisa para deixar desvairado o mais calmo. E então quando esse homem é um modesto marceneiro com sete filhos... Porém o sr.ª Rogério dos Santos estava perfeitamente tranquilo quando o ouvimos:

— Eu nem tive tempo de fazer projectos e não fiquei muito em baixo. Agora a minha mulher é bastante nervosa e ficou muito abalada. Até está de cama, doente — foi um grande choque para ela...

E depois:

— É a segunda vez que me acontece um grande azar com o Totobola. O outro foi já há uns anos: havia um jogo que estava a acabar em cujo resultado eu ia acertar, ficando totalista. Quase no final o jogo foi suspenso, devido ao mau tempo, e não contou para o concurso. Houve então logo mais concorrentes que acertaram nos doze resultados, e eu acabei por ganhar uma miséria.

Que ia fazer com a massa?

— Ia dividi-la pelos sete filhos em parte (uma está para casar — vinha mesmo na horinha...), ajudar os meus patrões, cujos negócios não vão muito bem, entrando para sócio da casa, se eles quisessem, etc.

— ?

— Vou continuar a tentar. Mas uma coisa destas é muito difícil acontecer segunda vez...

> No último Totobola apenas um concorrente acertou nos 13 resultados, que lhe deviam dar 1877 contos: foi o sr. Rogério Santos, marceneiro, de Lisboa, pai de sete filhos. A coluna dos «13» foi preenchida por uma sua filha de 14 anos, que ditou o 1, X ou 2 se msaber sequer a que jogo eles se referiam. Porém, quando a outra filha entregou o boletim na agência, sem que ela se apercebesse, deram-lhe a matriz e ficaram com o duplicado. Na 2.ª-feira chegava uma carta da Santa Casa: o boletim fora, por aquele motivo, anulado, e o sr. Rogério Santos perdeu os 1877 contos...

LIVROS NOVOS

«DESLUMBRAMENTO» — por Leonor Telles

No panorama da moderna literatura brasileira, avulta entre as mulheres de mais elevada mentalidade, da mais acentuada e rica personalidade, a intelectual-artista Leonor Telles. Poetisa e escritora, ela conquistou na novelística posição de relevo com uns quantos livros, principalmente os de ficção, mergulhando nas penetrantes sondagens ás profundidades da subjectividade tempestuosa ou em contemplativa *rêverie* ou comprazendo-se em captar e transmitir as sensações de exultação ou de angustiantes opressões do mundo tangível, da vida á nossa volta. Absorvida pela activa tarefa da Imprensa quotidiana, Leonor Telles *fez*, por assim dizer — *o mão no jornalismo*, apreendendo, a par do treino e dessa constante ginástica mental, a acuidade de observação e a ampla compreensão de tudo o que gera os dramas das existências ao sabor do destino no mar tormentoso, entre horizontes brumosos — onde algumas alegrias surgem contrastando com o trágico inevitável na caminhada dos tristes e desamparados. Assim se enriquece a personalidade da escritora e refinam os seus talentos e a sua vibrátil sensibilidade. E Leonor Telles, quer a poetisa, quer a prosadora, admirável na difícil modalidade de contista, tanto nos emociona e nos regala o espírito com essa emotividade a cingir-nos á realidade humana ou nos alicia com as sugestões estéticas — além dos empolgantes enlevos no mundo mágico da sua literatura infantil.

A escritora logo conquistou fama e larga audiência com uns quantos livros, nos quais se incluem «Memórias de Uma Semana» e «Crónicas de Viagem (Portugal-Espanha-França)». E o volume de contos «Porteira Velha» deu a Leonor Telles justa posição de relevo. Foi um êxito vibrante que, há pouco, se repetiu com «Deslumbramento», outro volume de contos admiráveis. Prefaciando este livro cativante, diz o académico Benjamim de Morais ao referir-se ás narrativas impressionantes que «a notável ficcionista recolhe do anonimato em que se desenrola a vida de pessoas, na sua maioria, de condição modesta ou mesmo humilde, todo um material rico, palpitante, transbordante de vida — e nele encontra um alto sentido ou filosofia que — seja qual for — só tende a dignificar o homem». E acrescenta: «Evidentemente, só o artista consumado consegue imprimir um cunho de criação original, vale dizer poético (tomada em seu sentido etimológico, que é — *o que faz* ou *cria*), ao material prosaico, ordinário da realidade objectiva. Em suma, só escritores de alta estirpe podem, com eficácia estética, transfigurar a realidade visível, mensurável, palpável, em uma nova realidade — a *realidade subjectiva* — com o que o artista amplia e enriquece o conceito de realidade». E outro abalizado crítico celebra tanto o talento da ficcionista como a sua arte envolvente e o estilo que lhe dá um mágico encanto.

A LUSOLANDA (NSU) INAUGUROU EM LISBOA UM NOVO «STAND»

A Sociedade Lusolanda, representante em Portugal dos automóveis NSU, inaugurou ontem um novo salão de vendas.

O novo «stand», que é já o terceiro daquela firma, está situado na Avenida da Republica, 84-C, apresentava a gama completa da marca equipados com motores convencionais.

O luxuoso RO 80 estava... á porta. Os convidados ao acto inaugural, pessoas ligadas ao ramo automóvel — entre as quais se destacavam Eduardo Costa, concessionário da marca e Sarmento Rebelo (que a meio do Campeonato de «Rallyes» é já virtualmente campeão, num carro NSU) — e representantes dos órgãos de Informação, foram recebidos pelos srs. Freudenthal dos corpos directivos de Lusolanda.

A sessão terminou com um beberete.

DEFESA ANTIAÉREA

O Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, aquartelado em Queluz, nas próximas segunda e terça-feira, realiza diversas cerimónias comemorativas do 25.º aniversário da montagem da defesa aérea de Lisboa e da criação da unidade.

MORTO EM ESTRANHAS CIRCUNSTÂNCIAS UM SOLDADO DA G. N. R.

Chegou já morto ao Hospital Militar Principal, para onde foi transportado de urgência, o soldado da G. N. R. sr. José Arlindo Correia, de 25 anos, casado, natural de Tondela, filho do sr. José Gomes Novo e da sr.ª Zulmira Marques, o qual, quando se encontrava de sentinela, ontem, ao fim da tarde, foi atingido por um disparo da sua pistola metralhadora.

Não estão apuradas as circunstâncias em que se verificou a trágica ocorrência que vitimou o referido guarda, pertencente ao Batalhão n.º 1 da G. N. R., aquartelado em Santa Bárbara.

Apenas se sabe que, tendo os seus camaradas ali em serviço ouvido a campainha de alarme do posto em que o sinistrado se encontrava, imediatamente para lá se dirigiram. A certa altura, porém, ouviram um tiro e, quando chegaram ao local, encontraram o guarda prostrado.

Deram do seu sangue a uma brigada do I. N. S. numerosos funcionários do Casino Estoril

Dar sangue é uma nobre missão que, entre nós, não tem encontrado grande aceitação por parte de cada um. A campanha desenvolvida pelo Instituto Nacional de Sangue começa já a dar os seus frutos e, de dia para dia, felizmente, aumenta o numero de dadores — gente que compreende a necessidade de ser solidário para com o seu semelhante. Assim, as brigadas móveis daquele Instituto têm-se deslocado, recentemente, a centros de trabalho, bairros, associações desportivas, aos mais diversos locais onde é possível reunir um nucleo de dadores, com o objectivo de obter as quantidades de sangue necessárias para acorrer, por esse País fora, a casos para os quais a sua existência é fundamental.

Nestas suas deslocações, o Instituto esteve recentemente no Casino Estoril, onde um numero avultado de funcionários da Sociedade Estoril-Sol se prontificou a dar sangue. Uma brigada, chefiada pelo dr. Martins de Barros e constituída por duas enfermeiras especializadas e duas escriturárias, assentou arraiais numa das dependências do novo Casino e aproveitou o gesto desinteressado dos dadores para recolher sangue. Como é difícil convencer, mesmo os mais decididos, de que dar sangue não custa nada nem prejudica, de algum modo, a saude, desanuviou-se o ambiente com a presença de dez componentes do «ballet» Bentyber — Dawn Linford, Jerry Forbes, Mary Wyatt, Andrea Ward, Maria Baxter, Lesley Anderson, Susan Pulton, Vivien Lloyd-Jacob e Janice Clapp, acompanhadas pelo bailarino Lindsay Thomas e pelos artistas Bill Hatton e Joe Bower, do conjunto vocal-instrumental The Fourmost, todos presentemente a actuar no «show» do Casino.

O leitor estranhará que citemos aqui os nomes das bailarinas e dos artistas que assistiram á operação e não demos publicidade aos nomes dos dadores, lógicamente mais merecedores de serem conhecidos pelo publico. Mas, para além do seu numero ser muito maior, acontece que todos eles se prestaram a colaborar com o I. N. S. de forma tão altruista, que tememos ferir aqui a sua modéstia. A cada um deles basta, certamente, a certeza de ter concorrido para salvar, por ano, milhares de doentes.

Novo medicamento para tratamento das micoses

LEVERKUSEN — (E.) — Os laboratórios de investigação da Bayer elaboraram o primeiro antimicótico com uma larga acção por via sanguínea. O preparado, que tem a designação experimental de BAY b 5097, é eficaz contra todas as doenças micóticas (micoses) do ser humano e dos animais até agora examinados. O produto é aplicável por via oral e também localmente e provou ser capaz de salvar a vida em casos de doenças que até agora pareciam desesperados.

Enquanto uns dão sangue, outros esperam o momento de consumar a sua meritória acção

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

ENSINO LICEAL
1.º ciclo — 2.ª chamada
Prova escrita de Matemática

I

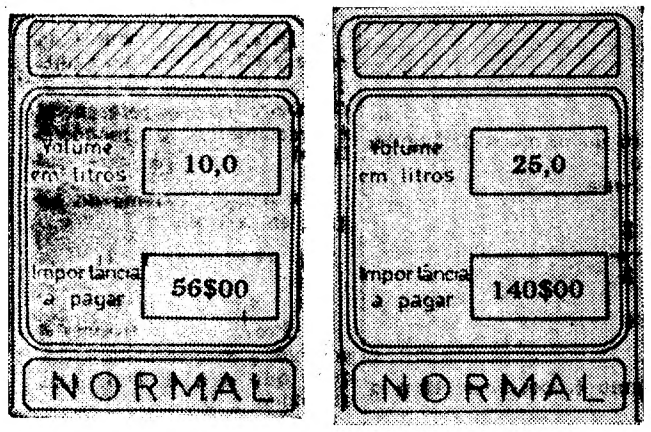


Fig. 1

A fig. 1 representa o mostrador de uma bomba de gasolina, em dois momentos diferentes.

Os valores indicados podem inscrever-se no seguinte quadro:

Volume de gasolina expresso em litros	10	25
Importância a pagar em escudos	56	140

a) Sabe-se que volumes de gasolina e os respectivos preços são grandezas directamente proporcionais. Calcule a constante de proporcionalidade da segunda das grandezas para a primeira e indique o significado dessa constante.

b) Que volume de gasolina «NORMAL» se compra com 20$00? (Responda com um valor aproximado a menos de 0.1 do litro).

c) A partir da proporção

$$\frac{10}{25} = \frac{56}{140},$$

pode obter-se uma nova proporção

$$\frac{10+56}{25+x} = \frac{y}{140},$$

desde que se substituam as letras x e y por certos números

1 — Determine esses números aplicando uma propriedade das proporções.

2 — Enuncie essa propriedade.

d) Usam-se, correntemente, duas qualidades de gasolina: a «SUPER» de 6$50 o litro e a «NORMAL» de 5$60 o litro. Algumas pessoas usam nos seus carros uma mistura das duas gasolinas, com 75% da «SUPER». Calcule o preço do litro da mistura.

II

a) Calcule o valor da seguinte expressão numérica:

$$\left(\frac{1}{2}\right)^0 \times \left[\left(\frac{1}{10}\right)^2\right] \times \left(1-\frac{1}{2}\right)$$

(Utilize as regras de cálculo que aprendeu ao operar com potências).

b) Considere o conjunto dos divisores de 40 e o conjunto dos múltiplos de 10, inferiores a 60. Indique todos os elementos que pertençam à intersecção desses dois conjuntos.

c) Escreva a expressão numérica que representa a «raiz quadrada da soma de $\frac{1}{4}$ com $\frac{3}{10}$» e calcule o seu valor aproximado às centésimas.

III

Fig. 2

A fig. 2 é a fotografia dum painel antigo de azulejos quadrados.

a) Sabendo que a área deste painel é 1728 cm2, calcule a medida expressa em centímetros da sua largura e a da sua altura.

b) Um artista que restaurou o painel teve de substituir metade de um azulejo e mais dois azulejos inteiros. Calcule a fracção *do painel* que foi substituída. (Responda com uma fracção ordinária de termos inteiros)

c) Enuncie duas propriedades das diagonais do quadrado de que não gozam as diagonais dos outros rectângulos

IV

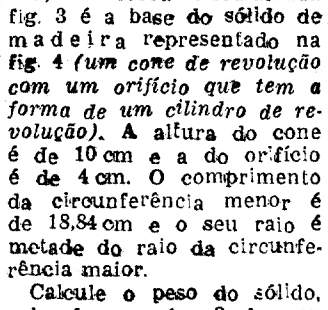


Fig. 3

A fig. 3 representa duas circunferências concêntricas.

Os raios $\overline{OS}$, $\overline{OT}$ e $\overline{OR}$ dividem os círculos em três partes iguais

AT e AS são tangentes à circunferência maior, respectivamente, em T e em S.

a) Determine a amplitude do ângulo TOS e a do ângulo TAS. Justifique as respostas.

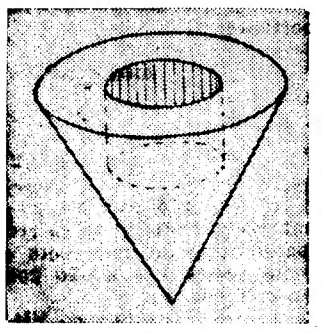


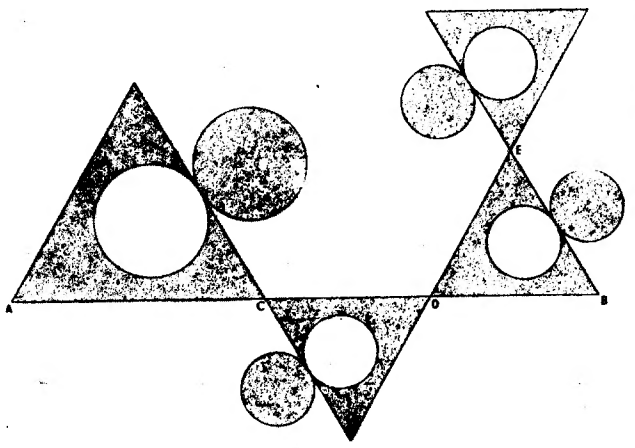
Fig. 4

b) A coroa circular da fig. 3 é a base do sólido de madeira representado na fig. 4 *(um cone de revolução com um orifício que tem a forma de um cilindro de revolução)*. A altura do cone é de 10 cm e a do orifício é de 4 cm. O comprimento da circunferência menor é de 18,84 cm e o seu raio é metade do raio da circunferência maior.

Calcule o peso do sólido, sabendo que 1 cm3 da madeira de que é feito pesa 0,5 gramas.

(Tome para π o valor 3,14).

1.º ciclo — 2.ª chamada
Prova escrita de Desenho
Composição Decorativa



1 — A distância de 8 cm da linha inferior da esquadria desenhe o segmento de recta horizontal $\overline{AB}$ de 21 cm de comprimento e sobre ele marque os pontos *C* e *D* que distam de *A*, respectivamente, 9 cm e 15 cm.

2 — Os segmentos $\overline{AC}$ e $\overline{CD}$ e $\overline{DB}$ são lados de triângulos equiláteros dispostos como indica a figura.

3 — Desenhe, no prolongamento dos lados, $\overline{BE}$ e $\overline{DE}$ outro triângulo equilátero de 6 cm de lado

4 — Una o ponto médio de *um* lado qualquer de cada triângulo com o vértice oposto. Sobre o segmento de recta assim determinado existem os centros de duas circunferências tangentes exteriores no ponto médio do lado escolhido.

As circunferências tangentes ao lado do triângulo maior têm 2 cm de raio

Os raios das restantes medem 1,3 cm.

A figura mostra uma das soluções possíveis

5 — Os círculos interiores aos triângulos ficarão por pintar.

Dos círculos exteriores, decorará *um* dos menores à sua escolha e o maior.

O elemento decorativo será o mesmo, embora devidamente ampliado no círculo maior.

O resto da composição será pintada empregando, em todo o conjunto, uma ou duas cores em vários tons.

Apague o tracejado e as letras.

Procure uma solução agradável, empregando elementos decorativos simples mas originais.

2.º ciclo — 1.ª chamada
Prova escrita de História

I

Responda concisamente, sem desenvolvimentos inúteis, às seguintes perguntas:

1.ª) Que inovação apresentou a escrita dos Fenícios? Qual a importância de tal inovação?

2.ª) Quais foram as repercussões sociais e económicas da *peste negra* de meados do século XIV?

3.ª) Qual foi a acção dos Reis Católicos na unificação da Espanha?

4.ª) Indique as principais consequências da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).

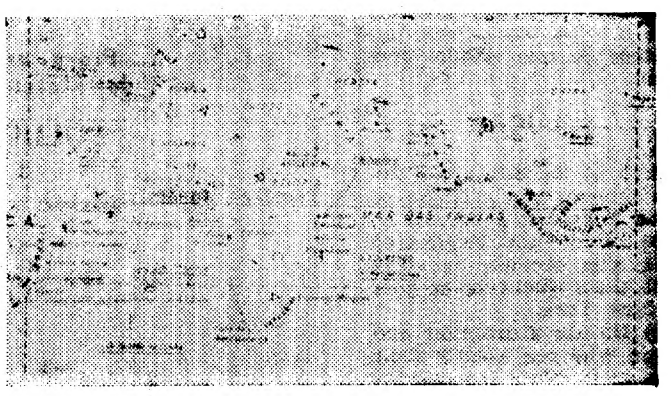
5.ª) Qual foi o objectivo e as principais resoluções do Congresso de Viena (1815)?

6.ª) Que pretendiam os Portugueses com o «mapa cor-de-rosa»? Porque não foi realizada tal pretensão?

II

Desenvolva o tema seguinte, em redacção clara e ordenada segundo as alíneas indicadas.

e a questão das Molucas
O tratado de Tordesilhas



1) Antecedentes do tratado: O descobrimento da América por Colombo e a reacção de D. João II.

2) O tratado de Tordesilhas. (Utilize o mapa)

3) Fernão de Magalhães e a questão das Molucas.

2.º ciclo — 1.ª chamada
Prova escrita de Inglês

A. *Read this extract very carefully, then write a full answer to each question that follows:*

1. John and Mary were invited to a Texas ranch for Easter. It is owned by Mr. Smith, a friend of their parents' who sometimes goes to New York on business. He always stays with them on such occasions, and now he said he just wanted them to meet Alice, his daughter, and Harry, his son, who are exactly their age and have quite similar interests.

2. They both arrived on the afternoon before Good Friday, though they didn't travel together. John had decided to make the long journey by car, so he had started three days earlier than his sister. Long trips by car make her nervous and sick, so she flown from New York to join him at San Antonio. He had met her at the airporte, and then they had driven to the ranch together.

3. Their host met them at the entrance door and helped them carry their bags in. The house, a one-story brick structure, stood in a grove of fruit-trees on a little eminence over a pool of clear water. It was comfortable, had four bedrooms, each room with a bath. The living-room served also as a dining-room, with a fireplace at one end.

1. *a*) Who and what is Mr Smith?

b) How did john and Mary get acquainted with him?

c) What reasons may have led him to invite them to his ranch?

2. *a*) Why did John leave for San Antonio a long time before his sister?

b) How did she cover the distance from New York to San Antonio?

c) Did they arrive at the ranch together or separately? Why?

3. *a*) Who carried all their luggage from the car to the house?

b) What could they see in the immediate neighbourhood of the house?

c) Why didn't they have to go up or down a staircase in order to eat or have a bath?

B. *Look back at* section 1 *of the extract, then ask suitable questions for the following short answers:*

a) By Mr. Smith.
b) He lives in Texas.
c) Mr. Smith's.
d) She is seventeen.

C. *Write a summary of* section 2 *of the extract in not more than* thirty *words.* (Use your own words as far as possible)

D. *Imagine that you were John (or Mary). Write a very short letter to notify your parents of your safe arrival in Texas.*
(Your signature should be either «John» or «Mary», of course).

E. *Translate* section 3 *of the extract into Portuguese.*

F. *Turn into English.*

Nem o João nem a irmã conheciam a quinta enorme onde agora estavam a passar as suas férias da Páscoa. Embora lhes tivessem mostrado muitas fotografias dela, acharam-na ambos muito

(Continua na página seguinte)

CAMINHO DE FERRO
Horário dos comboios

Comunica-nos a C. P. que a partir de 1 de Julho são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

— Tranvias Lisboa-Azambuja
— Linha do Norte
— Linha da Beira Alta
— Linha da Beira-Baixa
— Linha do Dão e Ramal de Aveiro a Sernada
— Ramal da Lousã e Linha de Coimbra a Figueira da Foz (via Pampilhosa)
— Tranvias Figueira da Foz-Coimbra (via Alfarelos)
— Serviço Internacional Lisboa/Porto-Paris
— Serviço Internacional Lisboa-Madrid (Lisboa/Porto)-Galiza
— Tranvias Porto-Aveiro
— Ramal de Tomar
— Linha do Leste e Ramal de Cáceres
— Linha do Oeste

O pormenor destas alterações consta dos Cartazes-Horário afixados nas estações e nas Secções de Informações ao Publico das estações de Lisboa (St.ª Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

LÍNGUAS
Rua D. Estefânia, 48
Tel. 533733
cial
ÁUDIO-VISUAIS E LAB
EXTERNATOS
Av. da República, 83
77 90 47 e 76 96 20
CRISFAL
INSTITUTOS
LICEU — 2.ª ÉPOCA

SÁ DE MIRANDA
EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 E 537532

LICEU NOCTURNO
ENSINO AUDIO-VISUAL
EXTERNATO PAULO DIAS
Rua Tenente Ferreira Durão, 37-3.º
(a Campo de Ourique)
TEL. 654304
Preparação Exames 2.ª época

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

(Continuação da pág. anterior)

melhor do que tinham pensado.

SOLUÇÃO

A. 1. *a*) Mr. Smith is a Texas rancher and a friend of John and Mary's parents'.

b) They got acquainted with him because he stays with them whenever he goes to New York.

c) He has a daughter and a son who are exactly their age and may like getting acquainted with them, as they have the same intehists It is also a way to thank their parents for lodging him when he comes to New York.

2. *a*) He left a long time before her because he was travelling by car and she would take an airplane.

b) She took an aiplane.

c) They arrived together because John had met her at the airport at San Antonio.

3 *a*) They carried their luggage themselves with the help of Mr. Smith.

b) They could see a pool of water.

c) They didn't because the house was one-storied.

B. *a*) By whom were John and Mary invited to a Texas ranch?

b) Where does Mr. Smith live?

c) Whose children are Alice and Henry?

d) How old is Mary?

C. Mary flew to San Antonio. John, who had left home three days before, by car, met her there. Together they got to the ranch on Maundy — Thursday in the afternoon.

E 3. O seu anfitrião veio recebê-los à porta e ajudou-os a levar as malas para dentro. A casa, um edifício de um só andar em tijolo, erguia-se num pomar numa elevação que dominava uma lagoa de água límpida. Era confortável, tinha quatro quartos, cada um com uma casa de banho. A sala servia também de casa de jantar, com uma lareira ao fundo.

F. Neither John nor Mary knew the huge farm where they now were spending their Easter holidays. Though they had been showed many photos of it, both found it much better than they had thought they would.

Comandante-chefe das Forças Armadas de Moçambique

Regressou a Moçambique para retomar as suas funções o comandante-chefe das Forças Armadas daquela província, general António Augusto dos Santos que veio a Lisboa para receber a condecoração da Ordem Militar da Torre e Espada.

Esta condecoração foi-lhe imposta pelo sr. Presidente da República no passado dia 10.

CAMINHOS-DE-FERRO

Comunica-nos a C. P. que a partir do dia 2 de Junho é estabelecida, entre Porto e Salamanca, a circulação de automotoras directas, com ligação de e para Madrid no comboio TER.

O pormenor das alterações consta dos avisos afixados nas estações para consulta do Público que também pode obter esclarecimentos nas Secções de Informações.

2.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Matemática

SOLUÇÃO

I

Teremos, sucessivamente:

$$\frac{(-2)^3 \cdot (2^2)^{\frac{3}{2}}}{(-2)^{\frac{1}{2}} \cdot 2^{-3}} = \frac{-2^3 \cdot 2^{-3}}{-2^{\frac{5}{2}}}$$

$$= \frac{2^0}{2^{-\frac{5}{2}}}$$

$$= \frac{1}{2^{-\frac{5}{2}}}$$

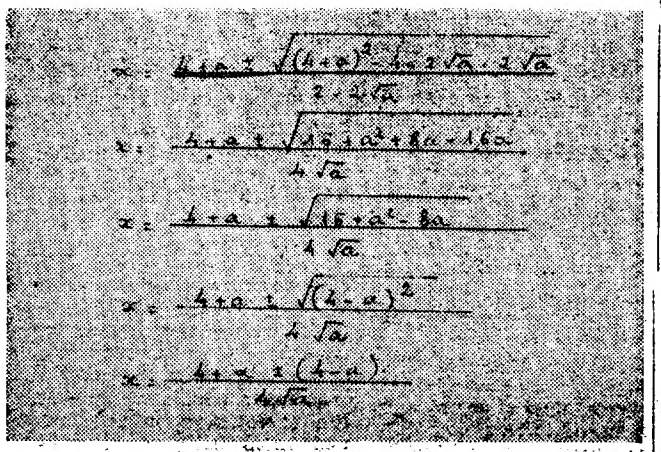
$$= 2^{\frac{5}{2}}$$

II

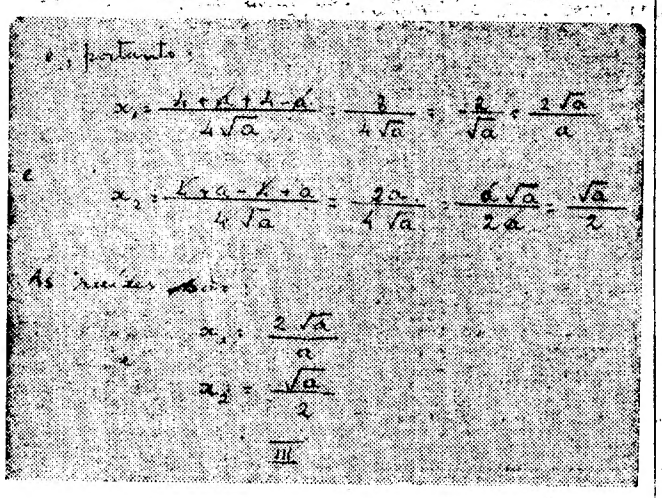
Reduzindo à forma canónica, virá

$$2\sqrt{a}\,x^2 - (4+a)x + 2\sqrt{a} = 0 \qquad \text{com } a > 0$$

Aplicando a fórmula resolvente teremos, sucessivamente:



e, portanto:



Terá de ser

$$u_n = -104$$

ou seja

$$1 - 5n = -104$$

Resolvendo, teremos:

$$-5n = -105$$

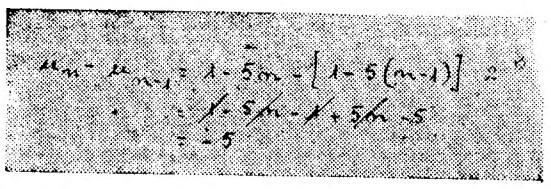
ou

$$n = 21$$

O termo da sucessão que é igual a −104 é o termo de ordem 21.

b) Basta mostrar que a diferença entre qualquer termo e o seu precedente é constante.

Teremos então



Como a diferença é −5, concluímos que a sucessão é uma progressão aritmética de razão −5.

c) Como a soma dos *dez* primeiros termos pode ser calculada por

$$S_{10} = \frac{u_1 + u_{10}}{2} \times 10$$

e como $u_1 = -4$ e $u_{10} = 1 - 5 \times 10 = -49$

virá

$$S_{10} = \frac{-4-49}{2} \times 10 = -265$$

A soma é portanto −265.

IV

Representando por x o perímetro do primeiro triângulo, será x+6 o perímetro do segundo

Pelas condições do problema, ter-se-á:

$$\frac{x+6}{x} = \frac{3}{2}$$

e, resolvendo,

$$2x + 12 = 3x$$

e finalmente

$$x = 12$$

O perímetro do primeiro triângulo é, portanto, 12 e o do segundo 18

V

a) Verifica-se pelas condições indicadas no enunciado que:

$\sphericalangle$ APD é comum aos dois triângulos

e

$\sphericalangle$ PAC = $\sphericalangle$ BDP porque são ângulos inscritos no mesmo arco de circunferência, tendo, portanto, por medida metade da amplitude do arco BC.

Nestas condições, os triângulos [ACP] e [BDP] são semelhantes por terem dois ângulos respectivamente iguais.

b) Como o triângulo [ACD] é equilátero então

$$\overline{AD} = 120^\circ \quad \text{e} \quad \overline{BC} = \frac{-}{5} \times 120^\circ = 24^\circ$$

A medida do ângulo APD é igual à semidiferença das amplitudes dos arcos compreendidos entre os seus lados, e, portanto:

$$\text{med} \sphericalangle \text{APD} = \frac{120^\circ - 24^\circ}{2} = 48^\circ$$

VI

a) A recta *r* é paralela ao plano β porque é paralela a uma recta deste plano (a recta *i*) — condição suficiente de paralelismo de uma recta e um plano.

b) As rectas *r* e *a* são concorrentes porque têm um ponto comum (A).

VII

A área lateral do sólido é a soma da área lateral do cilindro com a área lateral do tronco de cone.

Teremos então:

1. — Área lateral do cilindro

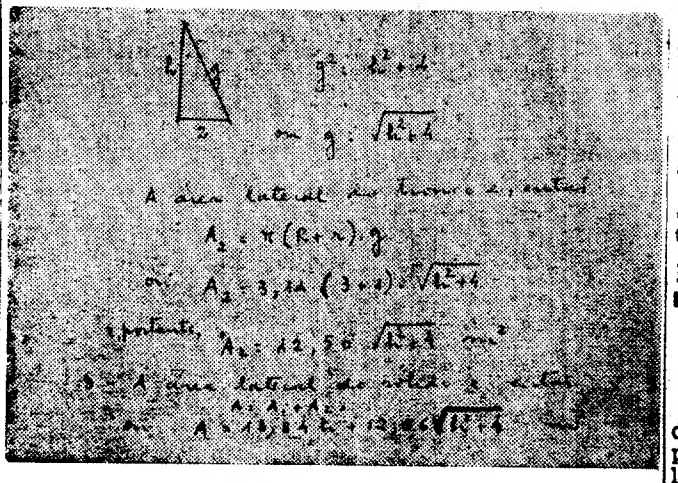
$$A_1 = 2\pi Rh$$

ou como R = 3 metros

$$A_1 = 2 \times 3{,}14 \times 3 \times h = 18{,}84\,h \quad m^2$$

2. — Área lateral do tronco de cone.

Como o raio da base maior é 3 metros e o raio da base menor é 1 metro, teremos para calcular a geratriz do tronco, que determinar a hipotenusa do triângulo rectângulo cujos catetos são h e 2 metros, isto é:



APRENDA MAIS E MELHOR
IMPERIAL
Av. Alm. Reis, 197
Tel. 48908
ESTENOGRAFIA
25 HORAS
DACTILOGRAFIA
25 HORAS
25 HORAS
CURSO EM 6 SEMANAS

3.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Matemática

Leia com atenção os enunciados. Indique todos os cálculos que tiver de efectuar.

I

1. Dê a forma a + bi à expressão $\left(\frac{1+i}{1}\right)^3$

2. Determine os pontos da recta y = 2 que distam 3 unidades da recta 3x + 4y = 2. (Supõe-se que o referencial é rectangulo e monométrico).

3. É dado o sistema do 1.º grau em x e y.

$$\begin{cases} px + (p-2)\,y = 2 \\ x + p\,y = p \end{cases}$$

a) Prove que o sistema é possível e determinado, qualquer que seja o valor real atribuído a p.

b) Determine os valores de p para os quais, num referencial rectangular e monométrico são perpendiculares as rectas definidas pelas equações do sistema.

4. Defina «logarítmo de *a* na base *b*» e calcule, servindo-se de tábuas logarítmicas,

$$\frac{}{\sqrt{(\text{sen } 130^\circ)^2}}$$

5. Recorrendo às fórmulas de transformação logarítmica, mostre que é

$$\frac{\text{sen}(2a) - \text{sen}(2b)}{\cos(2a) + \cos(2b)} = \text{tg}(a-b),$$

sempre que as expressões dos dois membros tenham significado.

6 Enuncie um critério de divisibilidade por 4 no sistema decimal e calcule o resto da divisão por 4 da expressão $(4n+3)^{10} \times 825^8 + 7$, em que *n* designa um número natural.

II

1. Considere a função definida por $f(x) \equiv \frac{1}{x^2}$

a) Aplicando directamente a definição de «derivada de uma função num ponto» mostre que f(x) tem derivada finita em todo o ponto $a \neq 0$

b) O facto da função considerada ser finita em $a \neq 0$ permite-lhe obter alguma conclusão a respeito da continuidade da função? Justifique a resposta.

2. Determine a altura que deve ter um cone de revolução, cuja geratriz mede 9 cm, para que o seu volume seja máximo. (O volume de um cone tem por medida um terço do produto das medidas da área da base e da altura).

3 Deduza uma fórmula que relacione cos (2a) com tg a

3.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Geografia

I

Cosmografia

1 — Determine a latitude de um lugar donde se pode observar uma estrela a passar superiormente, entre o Equador e o Horizonte, com 50º de altura. A declinação da estrela é de 16º, S.

(Faça um desenho elucidativo).

(Continua na página seguinte)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

OS EXAMES LICEAIS

(Continuação da pág. anterior)

2 — Diga o que entende por:

a) altura de um astro;
b) passagem meridiana superior de um astro;
c) declinação de um astro.

II

Geografia Física

1 — a) Que são centros anticiclónicos?

b) Refira-se ao movimento do ar num desses centros, quando situado no hemisfério norte. (Faça um desenho esclarecedor).

c) Refira-se, também, aos efeitos no «estado do tempo» que resultam dos referidos movimentos.

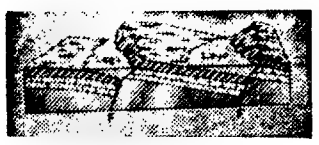
2 — Diga o que são os ventos alíseos e justifique a sua formação e permanência.

3 — Diga no que consiste a «maré alta reflexa» e explique a respectiva formação.

4 — a) Que entende por «nível de base» de um rio?

b) Explique a formação de planícies de nível de base.

5 — Explique como se forma uma peneplanície, justificando a presença, nessa formação, de «relevos residuais».



6 — A figura representa, esquemàticamente, lagos cujo processo genético é fácil de explicar. Classifique-os, quanto á origem, e explique como são originados tais lagos.

III

Geografia Humana

1 — Nas regiões secas — desérticas ou de estepe — são pouco variados os géneros de vida que se oferecem ao Homem, pelas condições adversas que a natureza propicia. Refira-os resumidamente.

2 — A propósito da cultura do «algodoeiro» refira os seguintes aspectos:

a) Condições climáticas e de solo exigidas.

b) Três países grandes produtores.

IV

Geografia de Portugal

Desenvolva o tema a seguir indicado, orientando a sua exposição pelas respectivas alíneas:

A agricultura em Angola

a) Caracteres morfológicos do solo da Província e sua relação com a distribuição de culturas.

b) Produtos agrícolas de maior significado na exploração da Província; aspectos climáticos que condicionam a sua cultura.

c) Processos susceptíveis de conduzir a um maior desenvolvimento desta actividade económica.

3.º ciclo — 2.ª chamada

Prova escrita de Latim

Texto

Sæepe et multum hoc mecum cogitavi: bonine an mali plus attulerit hominibus et civitatibus eloquentia. Nam, cum et nostroe rei publicæ detrimenta considero et maximarum civitatum veteres animo calamitates colligo, non minimam video per disertissimos homines invectam partem incommodorum; cum autem res remotas ex litterarum monumentis repetere instituo, multas urbes constitutas, plurima bella restincta, firmissimas societates intellego tum facilius eloquentia comparatas.

Existimo sapientiam sine eloquentia parum prodesse civitatibus, eloquentiam vero sine sapientia nimium obesse plerumque, prodesse nunquam.

Cicero

I

1 — Em que modo se encontra a forma «attulerit»? Porquê?

2 — Que função sintática desempenham as palavras «detrimenta» e «veteres»... calamitates»?

3 — Qual o modo, o tempo e a voz das formas «constitutas», «restincta» e «comparatas»? Como as justifica?

4 — Em que caso está «eloquentia»? Porquê?

5 — Qual o caso de «civitatibus»? Justifique-o.

6 — Traduza o texto.

II

1 — Mude para a voz passiva a proposição «cum et nostræ rei publicæ detrimenta considero et maximarum civitatum veteres animo calamitates colligo, non miniam video per disertissimos homines invectam partem incommodorum».

3 — Verta para latim:

Cícero pensa que aquele que se sirva da eqüência para lutar pelo progresso da sua pátria deve ser considerado pelos outros cidadão utilíssimo.

III

1 — Leu alguns extratos da obra de Cícero. Por eles que aspecto da mesma obra mais ficou a admirar? Porquê?

A ECONOMIA E A GUERRA EM ÁFRICA

«O País tem suportado com estoicismo o sacrifício fiscal pedido»

— disse o Presidente do Conselho ao jornal «La Vanguardia»

BARCELONA, 27. — (A. N. I.) — O pensamento a que obedeceu a celebração do Pacto Peninsular foi o de garantir a permanência de uma zona de entendimento e de paz no mundo convulso dos nossos dias. Creio que esse propósito continua a ter actualidade e validade. E a ideia é suficientemente larga e flexível para poder conservar as suas potencialidades através das variações da política internacional. Tudo depende de os Governos se manterem em contacto, conversando com sinceridade e procurando harmonizar os interesses dos dois países dentro do melhor espírito de colaboração — declarou o chefe do Governo português, prof. Marcello Caetano, numa extensa entrevista concedida em exclusivo ao director de «La Vanguardia» de Barcelona, Xavier de Echarri, entrevista que este jornal ontem publicou em lugar de honra.

E o chefe do Governo português, respondendo a nova pergunta do jornalista, prosseguiu:

— Como acabo de dizer as grandes guerras mundiais cederam o lugar aos conflitos locais e ás tensões regionais, onde se defrontam os interesses das superpotências. Quando se põe o problema da defesa portuguesa em África, é um engano pensar que estão em causa meros interesses nacionais. Não são as populações portuguesas que se levantam contra Portugal. A sua fidelidade ficou mais uma vez comprovada durante a minha recente viagem, em que me desloquei, sem protecção, no meio de multidões entusiastas a aclamar a pátria comum. Só temos subversão onde há fronteiras com países hostis. E as armas que os grupos vindos do exterior usam são russas, chinesas, checas... É a Europa, é o Ocidente que os nossos adversários visam, ao atacar Portugal. Procurar defender a causa ocidental apenas numa determinada área geográfica — a do Atlantico Norte, por exemplo —, traduz o desconhecimento da estratégia global comum. Temos de estar preparados para resistir aos ataques que serão feitos ao Ocidente em toda a parte, onde ele tiver amizades, alianças, interesses vitais. Porque esses ataques serão cada vez mais frequentes — alimentados pela China ou pela U. R. S. S., não sei bem.

— Como pode Portugal atender aos volumosos gastos de carácter militar na Guiné, em Angola e em Moçambique, sem haver abandonado os seus Planos de Fomento e o seu desenvolvimento interno, ao mesmo tempo que mantém um constante equilíbrio orçamental e uma moeda inalterável, que a todo o mundo merece o maior respeito financeiro — perguntou, depois, o jornalista.

— Pois gostava muito de lhe responder em termos que satisfizessem o carácter sensacionalista da pergunta... — contestou Marcello Caetano. — Mas, para para lhe dizer a verdade, e só a verdade, tenho de me limitar a verificar que as coisas se passam com a maior naturalidade: o país tem suportado com estoicismo o esforço fiscal pedido, a administração financeira continuou a aplicar com austeridade os princípios que a têm norteado nos ultimos quarenta anos, evitou-se o abuso do crédito, procurou-se manter sempre um alto nível de reservas. Não tem havido recurso a fórmulas mágicas nem a receitas secretas. Eu mesmo me admiro. Mas é assim mesmo.

No prosseguimento da entrevista, observou depois o director de «La Vanguardia»:

— Durante os meus largos anos de permanência em Portugal apercebi-me de uma natural inquietação política á volta do problema da sucessão de Salazar. No meu país perguntavam-me constantemente a opinião a este respeito. Sempre disse que as estruturas criadas pelo Governo português me pareciam mais do que suficientes, graças á sua inteligente e prudente engrenagem, para assegurar a passagem de Poder em condições de paz e de ordem. E a realidade, chegado o dia, deu-me afortunadamente razão. Em todo o caso, qual é a sua opinião, senhor presidente, sobre esta exemplar continuidade, que evitou ao país um transe difícil e decepcionou as aves de mau agoiro e os profetas das catástrofes?

— O povo português — salientou, na sua resposta, Marcello Caetano — tem perfeita consciência dos graves problemas internos e internacionais que a Nação defronta. Quer que o Governo os encare, mas não deseja aventuras. Preza a paz e a ordem. Muitas vezes confunde-se a conversa de umas centenas de intelectuais e de políticos com a opinião publica, a opinião profunda popular. E é um erro. O povo português queria e quer renovação, mas também continuidade: eis tudo.

«FIZ APELO A HOMENS DE FORMAÇÃO HUMANISTA, SOCIAIS-CRISTÃOS»

— A renovação que preconizo — acrescentou o chefe do Governo português — é não só nos métodos políticos como nos processos administrativos. É preciso aproximar mais o povo das realidades do Governo e daqueles que têm de suportar as responsabilidades do Poder. E a administração tem de ser cada vez mais ágil e mais impregnada do espírito de servir e do sentido de reforma social. Por ocasião da ultima recomposição ministerial disse-se que eu fizera apelo aos tecnocratas. Não é verdade. A equipa que chamei aos ministérios económicos é homogénea, mas constituída por homens de formação humanista, sociais-cristãos, embora de sólida preparação técnica. Chamo, porém, a atenção para a necessidade de não desarmar o poder na luta contra a subversão interna. Esta movimenta poderosos recursos psicológicos e não pode ser enfrentada com atitudes inconsideradas de liberalização sem conta, peso e medida.

E numa síntese:

— O respeito das verdadeiras liberdades do povo requer que se não dê aos perturbadores da paz toda a liberdade que desejam.

As ultimas palavras do prof. Marcello Caetano, na entrevista concedida a Xavier de Echarri, foram a propósito da recente visita a Lisboa do ministro espanhol do Fomento, pro. Lopez Rodó:

— A sua presença em Lisboa pode classificar-se de muito frutífera e eficaz. O ministro Lopez Rodó deixou uma excelente impressão em todas as entidades com que estabelece contacto. E foram abordados vários problemas importantes, cujo estudo está a ser levado a cabo, com grande interesse, do lado português e também, certamente, do lado espanhol.

O Congresso Nacional dos Médicos

— tema debatido (entre outros) na assembleia regional de Lisboa

Reuniu-se ontem á noite, no Hospital da Estefânia, sob a presidência do dr. Vasconcelos Marques, a assembleia regional da secção de Lisboa da Ordem dos Médicos, para tratar de diversos assuntos de interesse para a classe.

O primeiro tema debatido foi o do «boletim e informação á classe médica» — considerado prioritário, em face de se achar muito deficiente o actual esquema de informação, o que faz com que a maioria dos médicos não sejam devidamente esclarecidos sobre os problemas da classe e suas possíveis formas de solução. Por outro lado — salientou um dos intervenientes — a informação deve ser ela própria um factor catalizador e dinamizador do interesse dos médicos por todas as questões que lhe dizem respeito.

Apreciado o trabalho da comissão já nomeada para tratar do referido tema, mereceu ele geral aprovação, tendo sido aprovada uma moção no sentido de deixar claro que a informação a prestar pela Ordem deve ser actual, dinâmica, completa, verdadeira e livre, e que o Boletim não é um órgão do Conselho Geral, mas da classe médica.

No que respeita ao acordo entre o Grémio dos Seguradores e a Ordem, que constou estar para ser homologado, a assembleia voltou a manifestar o seu desacordo com o mesmo, encarregando os seus delegados á assembleia geral da Ordem de nela levantar a questão, defendendo uma sua substancial modificação.

Enfim, entre outros temas abordados, figurou o do Congresso Nacional dos Médicos — velha aspiração da classe, cuja importancia foi sublinhada, sobre ela se tendo feito diversas considerações. Foi lançado um apelo para todos oc meédicos colaborarem nesta projectada iniciativa, constituindo-se comissões amplas para esse efeito. Nos debates intervieram, entre outros, os drs. (e dr.ªs) César Abel, Rui de Oliveira, Isabel do Carmo, Dias Amado, Conceição Correia, Fernando de Barros, Artur do Céu Coutinho e Baptista Pereira.

LICEU-INSTITUTOS

1.º, 2.º E 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS

CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão

ESCOLA SÃO VICENTE: R. do Paraíso, 28 — T. 865904
EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL: Rua Carrilho Videira, 10 — T. 834658; R. Edith Cavell, 8, 1.º — T. 820221

Manter-se-ão aulas durante as férias
Cursos a iniciar em 1 de Julho

LEAL CONSELHEIRO

EXTERNATO

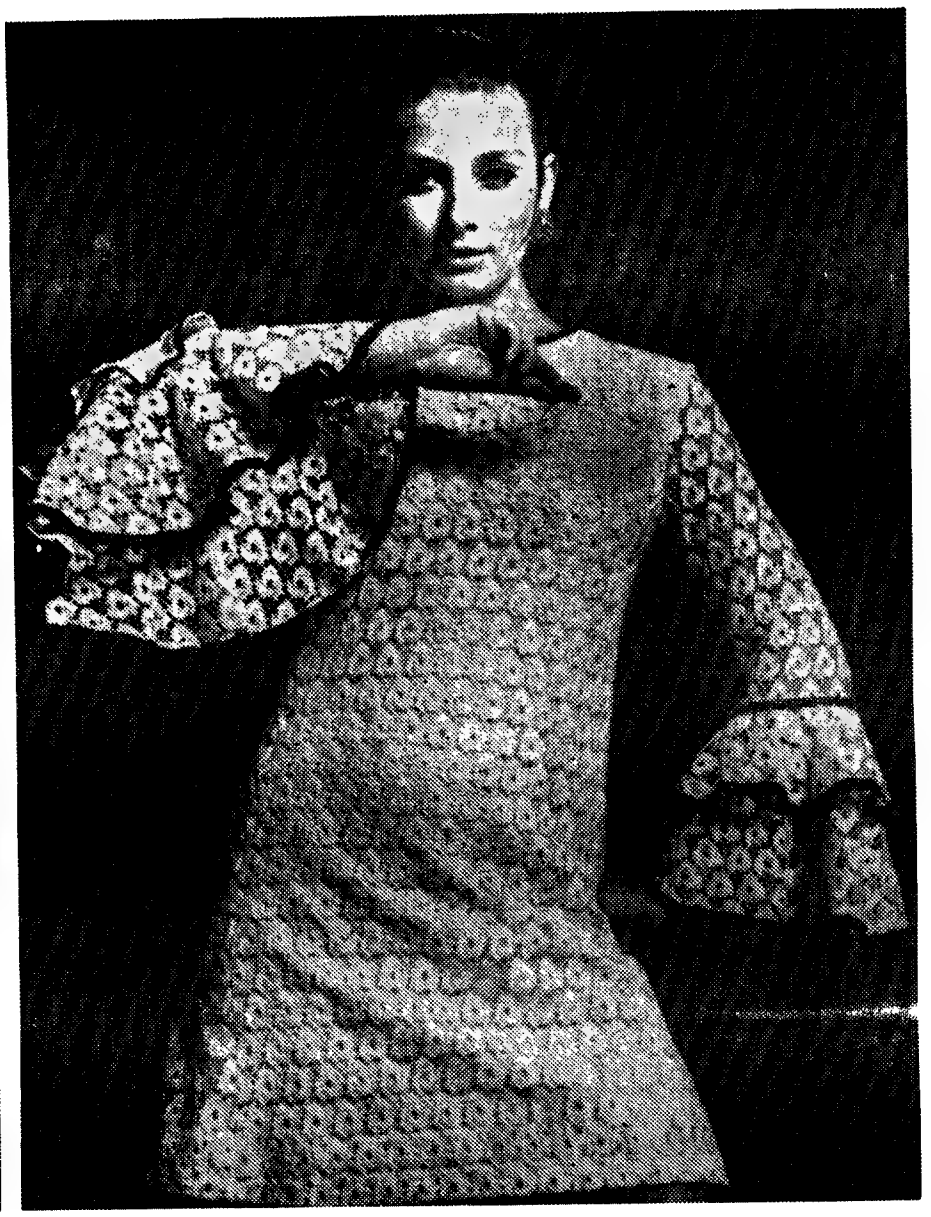
ENSINO DE ADULTOS
LICEU E INSTITUTOS
EXAMES 2.ª ÉPOCA
TURMAS PARA REPETENTES

RUA DO ALECRIM, 47-2.º TEL. 32 69 57

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

NUN'ÁLVARES

COLÉGIO DIURNO E NOCTURNO
PRIMÁRIA, 1.º, 2.º E 3.º CICLOS
Praça João do Rio, 2 (à Alameda) — Tel. 72 24 61



Em dia com A MODA

Elegante vestido de Frank Usher, em renda de algodão e que tão bonito é «mini» como comprido. Existe em branco, azul-marinho e preto. À DIREITA: É também de Usher este elegante pijama em crepe branco com túnica de renda preta.

«BODAS DE PRATA» DA ORDENAÇÃO DE UM SACERDOTE

ROSSIO AO SUL DO TEJO, 27 — Passa na segunda-feira o 25.º aniversário da ordenação sacerdotal do rev. José Ferreira de Andrade. Natural de Medelim (Idanha-a-Nova), depois de ter permanecido em várias paróquias da diocese de Portalegre e Castelo Branco, veio, em 1966, para a nossa, onde tem desenvolvido extraordinária actividade, nas diferentes obras da igreja, não só nesta localidade, mas em toda a zona de Abrantes. O seu dinamismo, inteligência e fino trato têm-lhe dado muita popularidade e simpatia em todas as camadas sociais.

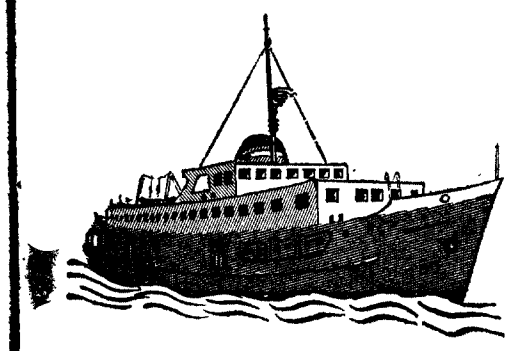
Embora de luto, pelo recente falecimento de sua mãe, uma comissão presidida pelo arcipreste de Abrantes promove a comemoração do jubileu sacerdotal do rev. Ferreira de Andrade com o seguinte programa: *segunda-feira*, ás 10 horas, na igreja paroquial, celebração da missa; *dia 9 de Julho*, ás 20, missa concelebrada no Parque Desportivo, com a presença de sacerdotes da diocese e amigos do homenageado.

ALMOÇO DA CÂMARA DE COMÉRCIO LUSO-BRITÂNICA

Na segunda-feira, efectuar-se-á um almoço dos sócios da Camara de Comércio Luso-Britanica, ás 13 horas, nas instalações do Royal British Club, Rua da Estrela, 8, em Lisboa.

O convidado de honra será o sr. R. A. Dickinson, da Repartição de Garantia de Crédito á Exportação em Londres (Export Credits Guarantee Department).

5 HORAS NO TEJO



A C. P.

DANDO REALIZAÇÃO À INICIATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA ORGANIZA TODOS OS DOMINGOS DE JUNHO A SETEMBRO PASSEIOS NO TEJO NUM DOS SEUS MAIS MODERNOS BARCOS

EMBARQUE NA ESTAÇÃO DO TERREIRO DO PAÇO ÀS 14 HORAS E DESEMBARQUE NO MESMO LOCAL ÀS 19 HORAS

PREÇO: 12.00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO), LISBOA (SANTA APOLÓNIA), LISBOA (TERREIRO DO PAÇO) E NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS

LOTAÇÃO LIMITADA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Dizem os leitores...

PORQUE ESTÁ FECHADA PARTE DO JARDIM DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA

Do nosso leitor sr. Manuel da Silva, de Lisboa, recebemos esta carta:

«Agora, que tanto se fala em turismo, com o duplo fim de mostrar aos estrangeiros as belezas naturais do nosso País e de arrecadar divisas que possam concorrer para o saneamento da nossa economia, atrevo-me a pedir a V. o favor de me esclarecer — se isso lhe for possível —, qual a razão por que há tantos anos se priva o acesso dos moradores da capital, dos forasteiros e dos turistas estrangeiros á plataforma inferior do jardim publico de S. Pedro de Alcantara, presentemente designado — e muito bem — de Jardim António Nobre.

Ainda há dias tive ocasião de assistir a manifestações de desapontamento de um grupo de turistas ingleses (umas dezenas), que não compreendiam a razão por que lhes era vedado o acesso áquela mencionada plataforma, tanto mais que nela se não via vivalma de qualquer espécie, salvo alguns bandos de inocentes pardais.

Já há tempo assisti a cenas curiosas de marinheiros americanos galgarem o gradeamento dos portões de acesso ás respectivas escadas, fazendo tábua rasa das conveniências...

Eu bem sei que funciona ali uma escola, mas essa razão não convence ninguém, pois também há uma escola que funciona ao fim do Campo Grande, servindo-lhe, porém, apenas de logradouro uma área razoável de terreno para recreio dos alunos que a frequentam.

Nunca deveria ter sido construída qualquer escola no Jardim de S. Pedro de Alcântara, um dos jardins de melhor localização topográfica da cidade de Lisboa, mas uma vez que o foi, que se limitasse certa área para o respectivo logradouro (nunca mais de metade), deixando-se a área restante para regalo da população e dos turistas que nos visitam.

Provávelmente estarei clamando no deserto, como o profeta bíblico, mas paciência! O que se fez, e continua fazendo, é que não tem qualquer justificação.»

ESTAÇÃO AGRONÓMICA NACIONAL

Esta manhã realizou-se na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, um colóquio sobre «O problema das viroses dos citrinos em Angola» orientado pelo engenheiro-agrónomo Amarilis Mendonça. Este foi o vigésimo colóquio da série anual que a E. A. N. tem levado a cabo no ambito do trabalho de investigação que é da sua responsabilidade.

SERVIÇO Auto-Expresso

AGORA TAMBÉM O SEU AUTOMÓVEL PODE VIAJAR DE COMBOIO

ENTRE

LISBOA E PARIS

PRESTAM-SE INFORMAÇÕES NO SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA

O ministro da Marinha no Jardim-Escola do Centro Social do Alfeite, observa a alegre aplicação das crianças

O Centro Social do Alfeite beneficiará mais largamente os ramos das Forças Armadas

• Decisão tomada durante a visita do ministro da Marinha

O ministro da Marinha, sr. almirante Manuel Pereira Crespo, visitou, esta manhã, as instalações do Centro Social do Alfeite, onde se inteirou de uma futura ampliação dos serviços que ali funcionam.

Aquele membro do Governo foi ali recebido pelos srs. almirante Ferrer Caeiro, comandante da Base Naval de Lisboa e comodoro Santos Silva, chefe da Comissão Permanente de Infra-estruturas da Armada. Acompanhavam o titular da pasta da Marinha os srs. general Barreira Antunes, director dos Serviços Sociais das Forças Armadas, e comandante Pacheco Pinto, dos Serviços de Estudos do Gabinete do Ministério da Marinha.

Depois de ter visitado o posto médico, o jardim-escola e o bairro residencial de sargentos e praças, o sr. almirante Pereira Crespo foi inteirado das ampliações que se projectam, tendo também ficado decidida a edificação de um bairro destinado a oficiais.

Cerca de 500 crianças, presentemente, fazem ali os estudos pré-primários e primários, quase todas filhas de praças e sargentos da Armada.

Assentou-se que, de futuro, o Centro Social do Alfeite beneficiaria também, com mais larga amplitude, os filhos de elementos do Exército e da Aviação.

RESOLUÇÕES DO MUNICÍPIO DE POMBAL

POMBAL, 27 — Na reunião da Câmara Municipal, com a presença dos vogais srs. dr. João António C. Coutelo, rev. José Matias Mendes, José Augusto Vieira, Francisco Pimentel A. Mateus, Telémaco António da Conceição e dr. Adelino Oliveira Torres, foram tratados, entre outros, os seguintes assuntos:

Votação das taxas respeitantes aos adicionais às contribuições do Estado; e foi deliberado, por unanimidade, manter as dos anos anteriores; apreciação do regime especial do horário de trabalho aprovado pela Câmara para as padarias e talhos no concelho, o qual foi aprovado por unanimidade.

O presidente prestou esclarecimentos sobre problemas diversos da administração municipal.

UM TÁXI AÉREO FOI AMBULÂNCIA DE LAGOS PARA LISBOA

Um taxi aéreo aterrou, esta madrugada, no aeroporto da Portela, em missão de emergência, transportando duas senhoras gravemente feridas num acidente de viação ocorrido em Lagos, poucas horas antes.

O acidente ocorreu ontem, cerca das 13 horas, á saída daquela cidade algarvia, quando um automóvel ligeiro chocou violentamente contra uma viatura pesada, num entroncamento com a E. N. n.º 125, perto do Hospital de S. João de Deus. Dio violento embate resultou a morte quase imediata do condutor do automóvel, sr. Edmundo Bargana, de 67 anos, e ferimentos graves nos restantes ocupantes do veículo: a esposa do condutor, sr.ª D. Cesaltina Gonçalves da Silva Bargana, de 60 anos, as sr.as D. Maria Teresa Rocha dos Santos, de 36 anos, viúva, e Maria Rosa Rocha de Sousa, de 56 anos, casada e o menor António João dos Santos Calvário, de 11 anos, todos naturais daquela cidade e ali residentes.

Os feridos foram conduzidos ao hospital da Misericórdia de Lagos. Mais tarde, devido á gravidade do seu estado, foi necessário conduzir a Lisboa, as sr.as D. Cesaltina Bargana e D. Maria Teresa Rocha dos Santos, para o que foi fretado um táxi oéreo.

As duas senhoras feridos foram transportadas ao hospital de S. José numa ambulância que para o efeito se deslocou á Portela. O estado de ambas, segundo um informador daquele hospital, inspira sérios cuidados.

O automóvel ligeiro ficou totalmente destruido, mas a viatura pesada, que circulava totalmente carregada poucos danos sofreu, ficando incólume o condutor e coproprietário, sr. Marçal dos Santos Gonçalves, de Odiaxe, bem como o respectivo ajudante.

Nova estrada que servirá o turismo alpestre

VILA NOVA DE POIARES, 27. — Principiaram os trabalhos de terraplenagem da nova estrada para o lugar do Carvalho, passando pelos Terreiros. Será, num futuro próximo, uma via de turismo, pois do alto da serra desfruta-se maravilhoso panorama.

ACTUALIDADE religiosa

«A FRANQUEZA EM INFORMAÇÃO É AINDA HOJE MOTIVO DE RECEIOS»

— DIZ O PRIOR DE ARROIOS AO «BOLETIM DE INFORMAÇÃO PASTORAL»

«O mal-estar, a confusão e a revolta dramática dos fiéis lucidos e do clero zeloso consistem em eles amarem a verdade e esta ser-lhes administrada com receios, retalhada, retardada, tímida e dispersa» — diz o rev. José de Freitas, prior de Arroios, numa carta enviada aos orientadores do «Boletim de Informação Pastoral» **e publicada no ultimo numero (Maio de 1969) deste mensário dirigido pelo bispo de Telepte.**

O prior de Arroios começa por sublinhar o interesse da secção «*Encontro franco com os leitores*», acrescentando a propósito que «a franqueza em assuntos de informação é ainda hoje motivo de receios, devido ao hábito em que nos entalaram há já muitos anos».

Segundo o rev. José de Freitas, «seria de toda a vantagem para o Povo de Deus, e auxílio precioso para os *servos* desse Povo, que o B. I. P. fosse por sua vez franco no coleccionamento de tanta literatura anónima, *atrevida*, que passa por baixo da nossa porta e que, uma vez trazida á luz, poderá (...) ser peneirada, deixando cair compreensivamente o joio e aproveitando o trigo mais ou menos puro que de facto encerre».

«Publicações parciais e vesgas»

O prior de Arroios vai mais longe, referindo expressamente que «pululam por aí publicações parciais e vesgas que se aproveitam de material nacional, que abunda, e estrangeiro copiado de revistas ou parecidas que são alcunhadas de progressistas, etc., etc. Acontece, por isso, que leigos e padres são informados por literatura que passa de mão em mão e que deforma problemas e soluções».

Para este sacerdote há um papel a desempenhar pelo «*Boletim de Informação Pastoral*»: precisamente «enfrentar com lealdade» tal literatura, criticá-la e compará-la. E de passagem propõe a criação de um centro de informação «capaz de, com desassombro, procurar, coleccionar e publicar tudo o que se diz por aí, bem ou mal intencionadamente, para que os fiéis venham a formar juízos serenos e não caiam em clima de desesperança e de angustia».

«Sintoma saudável»

Em resposta á carta do rev. José de Freitas («uma das mais significativas recebidas pelo B. I. P.», pois que «atinge o ponto fulcral da liberdade de imprensa católica, que é na prática um problema extremamente melindroso e difícil»), os orientadores do boletim argumentam em substancia o seguinte: não estão preparados para saber tudo o que se passa, nem para valorar tudo, e além do mais não podem — nem devem — dizer tudo o que sabem. E explicam: «O B. I. P. nem sequer é um movimento, mas uma abertura á alteralidade».

No que respeita á literatura «por debaixo da porta», a que o rev. José de Freitas alude de forma geral e sem mencionar nomes nem títulos, responde o boletim: «Por outro lado há informações dispersas em toda uma literatura religiosa tida por «clandestina» (quanto a nós, o termo só se aplica a certos documentos de natureza política não identificáveis) e que na verdade o não é. O facto de «aparecer por debaixo da porta» não nos parece o mais importante, embora ponha o problema da liberdade de opinião.»

«Mas nem por isso», precisam os seus orientadores, «deixa de significar que há opiniões diversas dentro da comunidade cristã — o que em si pode ser sintoma saudável, enquanto sinal de vitalidade e de empenhamento responsável. Os leitores dessa literatura não devem estar á espera de que nós digamos sempre onde está o trigo e onde o joio. Têm uma consciência e uma responsabilidade.»

Aliás não cabe ao boletim, mas á Imprensa diária, «estar sobre os acontecimentos e relatá-los imediatamente como notícia.»

Igreja adulta

No mesmo numero do «*Boletim de Informação Pastoral*» lê-se um pequeno comentário á recente realização do 100.º Curso de Cristandade para Senhoras do Patriarcado de Lisboa. Assim, se é inegável que os cursos foram para milhares de pessoas «a porta de entrada na Igreja», é também inegável que «os muitos milhares de cristãos tocados pelos *cursos de cristandade* ainda não tiveram influência decisiva no revigoramento cristão da diocese e do País».

É preciso não esquecer, acrescenta o boletim, que estes cursos são apenas um dos muitos movimentos da Igreja» e nada serão «sem a inserção na Igreja». Quanto ao caso português específico, a Igreja — diz o comentário — «ainda não descobriu o caminho seguro de um *aggiornamento* e de uma atitude adulta de responsabilização cristã.»

Necrologia

FALECIMENTOS

João Augusto da Silva

PORTO, 27 — Causou aqui grande consternação a notícia do falecimento, no Sanatório de Santa Rita, em Pontevedra (Galiza), do conhecido dirigente desportivo sr. João Silva muito conhecido nesta cidade, onde gozava da estima geral pelas suas multiplas actividades a favor dos desprotegidos. Foi sócio fundador de «O Lar do Comércio» e era vice-presidente do Asilo de Raparigas Abandonadas, instituição á qual se devotou e que muito lhe fica a dever. Era o sócio n.º 14 do F. C. Porto e exerceu diversos cargos nos corpos gerentes do clube, nomeadamente, os de presidente da assembleia geral e da direcção. Presentemente, era o director conservador do Museu Afonso Pinto de Magalhães, cuja criação se lhe fica a dever. Fez parte, ainda, da Associação de Futebol do Porto e da Federação Portuguesa de Futebol. Foi, igualmente, um apaixonado das colectividades de cultura e recreio e presidia, actualmente, á direcção do Clube Fenianos Portuenses.

Ainda não se sabe a data do funeral, contudo, as direcções do F. C. Porto e do Fenianos estão a envidar esforços para que o corpo seja trasladado, o mais rápidamente possível, para o Porto, a fim de prestarem a ultima homenagem a um homem de bem.

Eleutério Pinto Morais

VISEU, 27 — Em casa do seu irmão, faleceu o sr. Eleutério Pinto Morais, casado com a sr.ª D. Albertina de Almeida Faro e pai dos srs. Miguel e Júlio Jorge Faro de Morais; sogro das sras. D. Lídia Augusta dos Santos e D. Belmira Bento F. de Morais e irmão do sr. Carlos Pinto de Morais, professor do ensino primário, aposentado, e redactor do «Diário do Minho».

FUNERAIS

Capitão-de-fragata dr. Silva Gravo

Para o cemitério do Alto de S. João efectuou-se no passado dia 22 o funeral do sr. capitão-de-fragata médico dr. Abel Candido da Silva Gravo. O extinto, que contava 74 anos de idade, era natural de S. João do Loureiro e tinha ingressado na Armada em 1916, para passar á reserva em 1954. Era comendador da Ordem Militar de Avis e possuia a medalha militar de prata de Comportamento Exemplar. Foi ainda vogal da Junta de Revisão da Armada.

Agostinho de Almeida Martins

VISEU, 27 — Realizou-se, com grande acompanhamento, o funeral do sr. Agostinho de Almeida Martins, cujo corpo foi para aqui trasladado de Coimbra. Funcionário do Banco de Portugal em Aveiro, era casado com a sra. D. Custódia Pereira Guerra Martins, professora do ensino primário oficial, e pai dos srs. Maximiano, José e Agostinho, Maria Teresa e José Alberto de Almeida Martins.

SUFRÁGIOS

Fernanda da Costa Lobo Cid Monteiro de Lacerda e Megre

Por sua alma, será celebrada missa de 7.º dia, na igreja dos Jerónimos, pelas 18 horas, de amanhã, dia 28.

ECOS

APÓS o malogro (junto da crítica) do filme de François Truffaut, «A Sereia do Mississipi», película que, segundo a maioria dos juízos autorizados, comove mas desilude intelectualmente, eis que o célebre realizador de «Trinta por uma linha» (obra incrìvelmente traduzida entre nós por «Os Quatrocentos Golpes», galicismo dos mais chocantes) está preparando agora «L'Enfant Sauvage» («A Criança Selvagem), **folhetim fílmico de aventuras humanitárias e filosóficos, que narrará, segundo se espera e se deseja, com observação profunda, a história verídica de um menino de onze anos, encontrado em estado selvagem nos bosques do Aveyron.** O tema será o esforço de recuperação desta criança, que os adultos tentam tornar num homem como os outros.

★

AS operações de fusão continuam a sobressair no panorama da vida económica e financeira em França. A última em data, a que a Imprensa gaulesa largamente se refere, é a da Central de Dinamite com a Sociedade Francesa das Glicerinas e com a S. I. F. A. (Sociedade Industrial para o Fabrico de Antibióticos), esta já de um ramo diverso. No total, o grupo actualmente dirigido por Robert Gachet e ainda ligado ao espírito de Alfred Nobel, seu fundador (curioso enlace da morte e da vida, da paz e da guerra!), abrange umas sessenta sociedades e o seu volume de negócios ascende a 900 milhões de francos. As suas «ecléctica» actividades vão desde os explosivos de Nobel às tábuas sintéticas de Isonel e aos produtos farmcêuticos.

A terceira edição de «As Frias Madrugadas» (6.º milhar) agora vinda a lume, consagra uma faceta do grande romancista de «O Trigo e o Joio» e de «Domingo á Tarde». O encanto da poesia de Fernando Namora (neste volume se reunem os versos publicados em «Relevos», «Mar de Sargaços» e «Terra» e outros posteriores) reside, fundamentalmente, na frescura, num sabor da época, num alento generoso. Claro que a poesia são palavras, e que o seu valor concreto se acha na leitura ou nas leituras mais do que nos propósitos de um realismo ou de um romantismo social catalogados e estimáveis. Mas até por isso. Até porque a «Profecia» chega a nós: «e no meu sangue veias se abriram / noutro sangue... / A ele obedeço, / sempre, / a esse incitamento mudo! / Também sei / que hei-de perecer, exangue, / de excesso de desejar...»

★

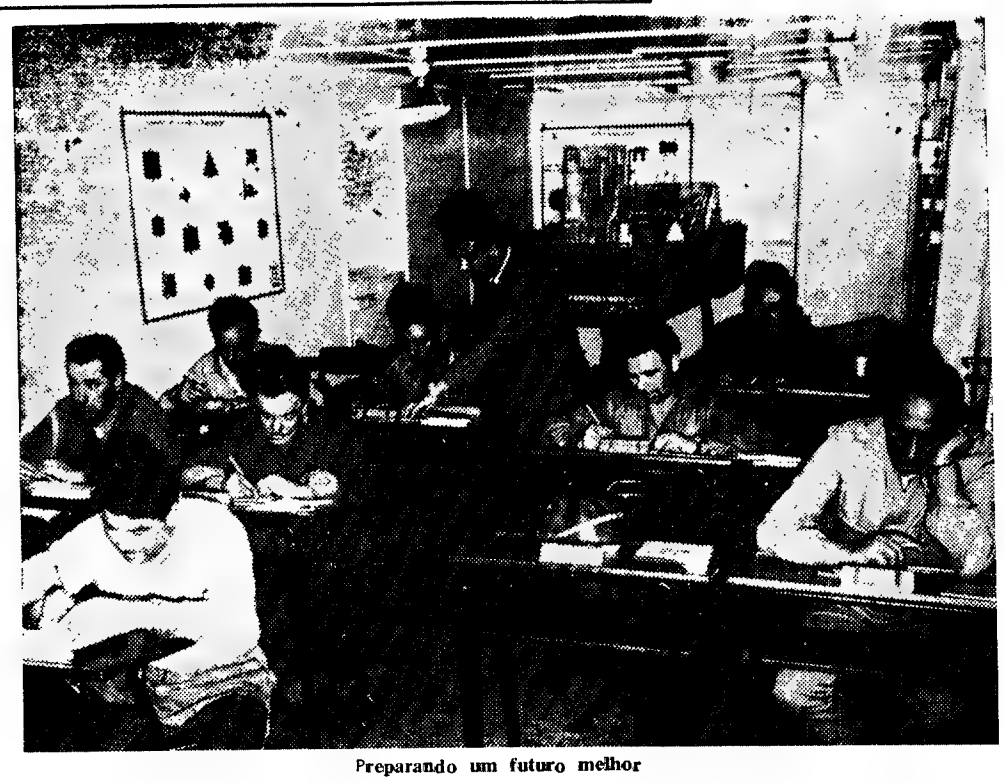
TEM-SE últimamente falado com insistência entre nós no desenvolvimento da floricultura na ilha da Madeira. E porque não tornar extensiva essa campanha ás regiões do Continente, cujo solo e clima lhes seriam propícios. Há erros tão crassos do empirismo no aproveitamento agrícola e no aproveitamento turístico do nosso País, que a experiência, quando apoiada em prévias e seguras investigações, se justifica plenamente. E, depois, que perspectivas não surgiriam porventura de uma via desta natureza. Claro que não bastam flores. Mas, enfim. Aqui fica a sugestão.

A REPERCUSSÃO DOS ARTIGOS «VENDER GASOLINA É FRACO NEGÓCIO»

Os artigos que publicámos subordinados ao título geral «Vender gasolina é fraco negócio», tiveram a mais vasta repercussão, particularmente entre os revendedores daquele carburante, todos reafirmando a insuficiência da margem de lucro que lhes é atribuída, razão impeditiva de melhores e mais justas remunerações ao pessoal que trabalha nos postos de venda, garagens e estações de serviço.

Assim, entre muitas outras felicitações, recebemos expressivos telegramas da Covilhã (Alberto Carvalho, Lda e Garagem S. João, L.da); Rossio ao sul do Tejo (Francisco Inácio Oliveira e Auto Mecânica Rossiense); Coimbra (Garagem S. José); Aveiro (Auto Comercial de Aveiro); Santiago de Cacém (Manuel Pires Mendonça) e Alferrarede (Roldão, Filhos).

Muitos leitores se nos dirigiram também, esperançados — tal como os presidentes dos grémios do sector — em que o adicional sobre o preço da gasolina, aplicado na altura da primeira crise do Suez, possa ser em breve anulado, o que viria normalizar o preço actual da gasolina, que a todos se afigura elevado.



Preparando um futuro melhor

NA LISNAVE DENTRO DE CINCO ANOS

O NÍVEL DO CURSO INDUS PARA TODOS OS OPERÁ

Para o operário-chefe Abílio Correia, da Lisnave, aprender Inglês é uma aventura curiosíssima. Correia tem só a quarta classe, mas isso não constitui «handicap» porque o curso foi pensado exactamente para homens como ele. Com apenas dezassete lições o operário já «conversa». Há dias um inglês perguntou-lhe: «Where is the Public Relations?» («onde são as Relações Públicas?»). Correia percebeu sem dificuldade e encaminhou o estrangeiro para esse serviço. «A piada», diz ele, «é que os ingleses põem esta coisa ao contrário: nós falamos em Relações Públicas e eles em Públicas Relações!»

A Lisnave não criou o seu curso de Inglês para divertir homens como Abílio Correia. A verdade é que um domínio razoável da língua facilita os contactos com tripulações estrangeiras, evitando erros e acelerando a velocidade de trabalho.

Conta-se na empresa a história de um operário que devia colocar uma tampa numa bomba e acabou por desmontar toda a peça: não tinha compreendido as instruções dadas em inglês, e esse simples pormenor fez gastar inùtilmente tempo e dinheiro.

A Lisnave montou o seu serviço de Formação há pouco mais de três anos, com o objectivo de preparar todo o pessoal para as necessidades da empresa e adaptá-lo ràpidamente a novas técnicas que fossem surgindo. O serviço cresceu de tal forma que hoje é um departamento.

Sempre que aparece uma nova técnica, especialistas trabalhando em equipa debruçam-se sobre o problema, estudam a sua redução a um curso intensivo e elaboram os métodos pedagógicos. O curso é ministrado com o auxílio de monitores, utilizando largamente os meios áudiovisuais.

— *Estes monitores* — disse-nos o dr. Lopes Barreira, chefe do departamento — *são escolhidos de entre os operários melhor preparados. Temos um ficheiro com os nomes de cada um e sua respectiva qualificação. O departamento de Formação recebeu carta branca para requisitar quem quiser.*

Em três anos foram já realizados mais de quarenta cursos, abrangendo especialidades de caldeiraria, soldadura, tubos, mecânica, pintura e electricidade. Mas não só: além do mencionado Inglês, a Lisnave ensina Português a estrangeiros (um êxito — ao fim de dois meses quase todos eles se fazem entender) e criou também um curso de Norueguês para nacionais, exigido pelo contacto frequente com tripulações oriundas da Escandinávia.

Nos cursos tecnológicos a formação é teórica e prática, em partes mais ou menos equivalentes. A prática faz-se em oficinas próprias, extremamente bem apetrechadas. Quanto à formação teórica, e enquanto se não conclui um edifício orçado em 12 mil contos, decorre no local mais inesperado deste mundo: a ponte de comando do navio «Praia Grande», trazida para terra...

EXPERIÊNCIA-PILOTO

O esquema de formação permanente da Lisnave é uma experiência - piloto. Nascida das necessidades da empresa, pode desde já fornecer indicações preciosas ao ensino técnico oficial. Aliás, as próprias características deste — rotineiro e lento na assimilação de novidades — pesaram na decisão da Lisnave.

Tudo começa no momento da admissão, com um curso (de três dias) de iniciação na empresa — estrutura, funcionamento, regras de segurança, regras de pessoal, mecânica das Caixas de Previdência, comportamento social.

Disse-nos o dr. Lopes Barreira, jovem licenciado em Química:

— *Nós queremos que o novo pessoal compreenda isto: a Lisnave é uma comunidade de trabalho. Os homens podem ganhar mais se aumentarem a produtividade. Para isso têm de instruir-se continuamente.*

De resto, todo o pessoal da Lisnave, desde o servente ao administrador-delegado, recebe no mês de Dezembro o seu programa de formação. O dr. Lopes Barreira, por exemplo, frequentou já vários cursos e está de mala aviada para um estágio no estrangeiro.

O seu departamento funciona em bases pragmáticas: ensinar bem, depressa e sem maçar os alunos. No caso do Inglês, a Lisnave montou dois modernos laboratórios, que o pessoal frequenta três vezes por semana. Exercícios de dificuldade progressiva e conversação voltada para a

DEZ MINUTOS DE GINÁSTICA POR DIA

O pessoal da Lisnave trabalha frequentemente em posições difíceis, que poderiam, com a continuação, provocar-lhe malformações mais ou menos graves. Para contrariar essa hipótese há dez minutos de ginástica todos os dias.

São cinco minutos de manhã e outros cinco de tarde. Ginástica correctiva, como se espera. E o pessoal gosta de «desentorpecer» pernas e braços, sentir-se em forma. Foi uma invenção adoptada em pouco tempo.

Os responsáveis mostram-se satisfeit

COM TAKY NÃO HÁ PROBLEMAS PARA A MULHER MODERNA

TAKY

O DEPILATÓRIO FRANCÊS QUE ELIMINA OS PÊLOS EM POUCOS MINUTOS

SEM DÔR SEM IRRITAÇÃO

PEÇA LITERATURA

Couto, L.da PORTO

RELÓGIOS ÓMEGA

Agência Oficial

Ourivesaria PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Tel. 324564

CHOCOLATES TÁGIDES

BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

MORADIA

Vendo, Carcavelos, para 1 ou 2 famílias, preço 700 contos sujeito oferta, facilito parte longo prazo e aceito terreno em troca. Trata o dono T. 771664, Lisboa.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MOEDA

RUA DA PRATA, 257

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

COMPANH DE NA

PAQUET

AVISAM-SE OS SE QUETE «NIASSA» SAI CÂNTARA NO DIA 28 E NÃO A 27 COMO ES

ÍSTRIAL
ÁRIOS

nomenclatura naval são a chave do êxito.

Os cursos tecnológicos estão constantemente a ser preparados e actualizados. Fazem largo consumo de meios áudio visuais, incluindo filmes e montagens em *vídeo-tape*. Muitas destas foram realizadas na Lisnave, com «actores» da casa. A locução vale-se disso:

— *Aqui o senhor Eduardo vai rodar a tampa. Ora para rodar a tampa é preciso tomar atenção ao seguinte...*

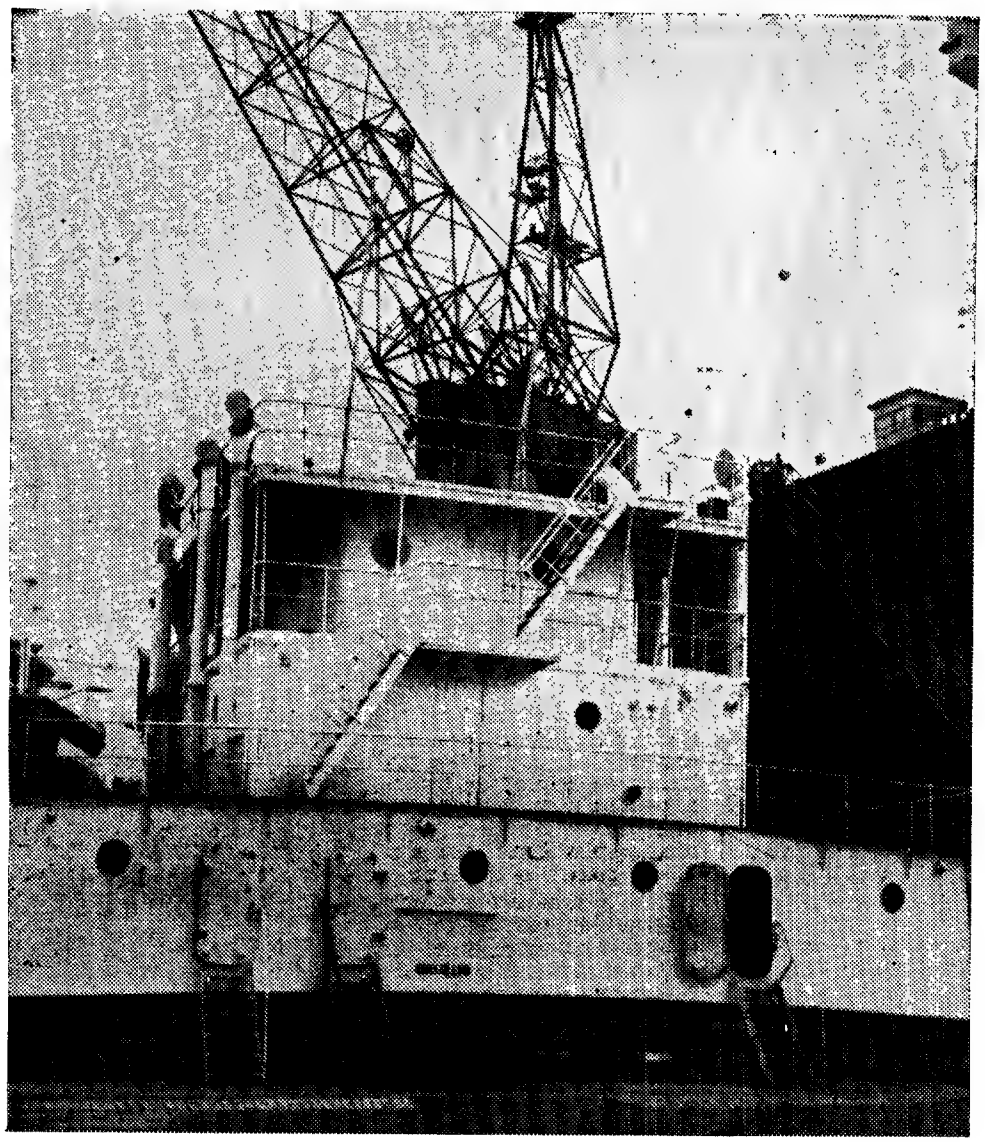
Os alunos entendem muito melhor a sequência, porque o sr. Eduardo, afinal um deles, executa as fases da operação num *décor* conhecido — a oficina. A equipa de especialistas pensou em tudo isto ao elaborar as regras do curso.

PLANO QUINQUENAL

Dentro de cinco anos — sete no máximo — todo o pessoal da Lisnave deverá ter o nível de um curso industrial. Nesse sentido estão a decorrer cursos programados, começando pelas disciplinas básicas (Matemática, Física e Desenho).

Os alunos estudam em casa. Devagar, quase sem darem por isso, assimilam a matéria. De quinze em quinze dias fazem pequenos exames sob a forma de testes. Aprovados, passam ao grau de dificuldade imediatamente superior.

Neste momento há 700 operários a frequentar os cursos programados. A empresa concede-lhes um estímulo adicional com o tratamento de equivalência — Abílio Correia, o homem que também aprende Inglês, terá dentro de pouco tempo, para efeitos internos, o primeiro ano das Escolas Técnicas.



A ponte de comando de um velho navio transformou-se em escola

Entusiasmo do dr. Lopes Barreira:

— *O aproveitamento destes homens é excelente. Estamos com um índice de motivação de setenta por cento.*

atisfeitos com a sua obra

«TRAIN WITHIN INDUSTRY»

Estes cursos da Lisnave incluem-se no ensino T. W. I. («Train Within Industry»), surgido durante o último conflito mundial. Um técnico de 41 anos, o eng. Rodrigues Branco, hoje chefe do departamento de Produtividade, foi quem propôs a sua adopção pela empresa.

— *Há duas espécies de formação, básica e continuada* — explica o eng. Rodrigues Branco. — *A formação continuada, «dentro da empresa», nasce do aparecimento de novos métodos que é necessário difundir. Nesse campo a Lisnave está realmente na vanguarda.*

Mas o técnico tem um problema a pôr:

— *A formação de base* — diz — *devia ser exterior à empresa. Deviamos fazer um esforço no sentido de que a Indústria tivesse voz nestas coisas.*

A experiência-piloto da Lisnave aqui está para ilustração de muita gente. Verdadeira Escola Industrial, é hoje a mais populosa do País: quase cinco mil alunos inscritos nos vários ramos de especialização.

NHIA NACIONAL
NAVEGAÇÃO

ETE «NIASSA»

S SENHORES PASSAGEIROS QUE O PA-
SAI DA ESTAÇÃO MARÍTIMA DE AL-
A 28 DO CORRENTE ÀS 16 HORAS —
O ESTAVA PREVISTO.

UM CORTEJO DE MARIALVAS E UMA LARGADA DE TOUROS ABREM AS FESTAS DO MONTIJO

MONTIJO, 27 — Uma salva de 21 tiros, hoje, ao meio-dia, declarou oficialmente abertas as tradicionais Festas de S. Pedro que aqui atraem, todos os anos, milhares de forasteiros. Para início dos festejos, a Câmara Municipal deu uma recepção aos representantes da Imprensa, da Rádio e Televisão, que seguidamente foram obsequiados com um almoço regional.

Às 19 horas, será inaugurado o arraial, com a presença do governador civil do distrito de Setubal; ás 21 e 30, haverá um concerto pela Banda Democrática 2 de Janeiro, desta vila, e, finalmente, ás 22 horas, iniciar-se-á o cortejo alusivo á época dos marialvas, evocando uma cena que representa a ida de fidalgos e fadistas para uma entrada de toiros, tendo como figuras centrais a Severa e outras personagens do seu tempo, que se farão ouvir em castiças interpretações do velho fado. O cortejo percorrerá as ruas do arraial, dirigindo-se á praça de toiros, dando-se seguidamente início a uma movimentada largada. Campinos e cabrestos conduzirão a recolha dos animais.

O PROGRAMA DE AMANHÃ

Amanhã, a salva de 21 tiros será dada ás 8 horas, seguindo-se, ás 10, a segunda largada de touros; ás 18, batalha de flores; ás 21 e 30, concerto musical pela Sociedade Filarmónica Pálmelense (Loureiros); e, ás 21 e 45, corrida nocturna, com os cavaleiros Angel Peralta, José Mestre Baptista, José Lupi e Gregório M. Pidal e os forcados Amadores de Évora, Alcochete e Montijo, que lidarão toiros do sr. conde de Murça.

CONDECORADO O REITOR DO LICEU D. JOÃO III

Amanhã, às 11 horas, o ministro da Educação Nacional entrega no seu gabinete, ao sr. dr. Mário Guerra, que abadona por atingir o limite de idade o cargo de reitor do Liceu Normal de Coimbra, as insignias de comendador da Ordem da Instrução Pública, com sue foi agraciado pelo Chefe do Estado.

O MORTO VIVIA NA PONTINHA

Familiares do homem ontem mortalmente atropelado na Avenida Marechal Carmona confirmaram a sua identidade no Hospital de Santa Maria. Trata-se, como se pensava, do sr. Manuel Guerreiro Sousa Reis, de 40 anos. Morava na Pontinha, á Praça de S. Bartolomeu, lote T, 3-C.

A decisão dos bispos da Metrópole proibindo os padres de serem deputados e os últimos parlamentares que são membros do Clero

Os bispos portugueses da Metrópole, de acordo com o comunicado do Secretariado-Geral da Conferência Episcopal Metropolitana que oportunamente publicámos, acordaram entre si, por motivos pastorais, não autorizar os padres sob a sua jurisdição a darem o nome ás listas de candidatos a deputados, de qualquer corrente política.

Para essa decisão, três categorias de razões foram invocadas:

1 — *O facto da opinião publica se revelar cada vez mais sensibilizada aos valores da isenção e independência politica do clero (através do qual a Igreja é mais geralmente vista e julgada);*

2 — *O facto do clero dever colocar-se em situação que não possa prejudicar a sua primordial função de princípio de unidade nas comunidades de fieis;*

3 — *A certeza de que se encontrarão nos membros do laicado católico que vierem a ser eleitos, independentemente das suas opções politicas, os porta-vozes do pensamento cristão que deve informar as soluções concretas dos problemas nacionais.*

Trata-se, pois, de uma decisão altamente significativa de uma posição inteiramente nova entre nós. A Igreja portuguesa não só se coloca, de facto, em posição de neutralidade em matéria política, como confia aos leigos a missão de, no Parlamento — e quaisquer que sejam as suas opções políticas — defender o «pensamento cristão que deve informar as soluções concretas dos problemas nacionais.»

Na Assembleia Nacional existem presentemente dois membros do clero: o cónego dr. José Henriques Mouta, deputado pelo círculo de Viseu, e o rev.º padre Jorge Barros Duarte, deputado por Timor. (Na legislatura anterior houve também dois deputados que eram membros do clero; os rev.os padre Agostinho Gonçalves Gomes, pelo círculo da Madeira, e padre José Pinto Carneiro, pelo círculo da Guarda).

Serão estes os ultimos padres-deputados?

«Não tenho declarações a fazer» — disse-nos o deputado cónego dr. José Henrique Mouta

Ontem entramos em contacto com um dos deputados da presente legislatura, eleito pelo círculo de Viseu, rev.º cónego dr. José Henriques Mouta.

Quando lhe perguntámos se tinha já conhecimento da decisão dos bispos metropolitanos, revelou-nos que já tinha ouvido falar, mas não conhecia ainda o texto do comunicado. Tencionava lê-lo nos jornais da manhã, mas estes não haviam ainda chegado a Viseu.

— Podemos falar mais logo...

— *Não, não. Agradeço muito terem-se-me dirigido. Mas não desejo fazer qualquer comentário, não pretendo comentar decisões desta natureza. Agradecia, até, que não referissem o meu nome...*

— Mas trata-se de uma situação objectiva. O sr. dr. é um dos dois deputados que são simultâneamente, membros do clero.

— *Sim. Mas eu agradecia que não tocassem no meu nome.*

— Bem...

«Concordo com a decisão»—afirmou-nos o rev. Agostinho Gomes antigo deputado pela Madeira

O rev.º padre Agostinho Gonçalves Gomes, que foi deputado pela Madeira na anterior legislatura, e é actualmente professor no Funchal, disse-nos concordar com a resolução dos bispos.

— *Sim, acho bem a decisão dos prelados de proibirem os padres de fazerem parte da Assembleia.*

— É, contudo, uma situação totalmente nova.

— *Não inteiramente. A participação política activa de membros do clero era uma excepção e carecia de autorização do respectivo prelado.*

— Não pensa, portanto, candidatar-se de novo?

— *De modo nenhum!*

Actualidade internacional

ARGENTINA: A TENSÃO SOCIAL E POLÍTICA SOBE

VINTE MIL HOMENS PROTEGERÃO ROCKEFELLER

BUENOS AIRES, 27 — (R.) — Os sindicatos argentinos ordenaram hoje uma greve geral para terça-feira entre uma crescente vaga de terrorismo e protestos contra a visita do governador Nelson Rockefeller a Buenos Aires.

Antes de ser dada ordem para a greve tinha havido ataques bombistas contra 19 supermercados que pertencem á família do governador de Nova York, tendo sido seis deles destruídos e 13 ficado danificados. As explosões ocorreram anteontem e com minutos de intervalo umas das outras, sendo as perdas e danos avaliados em vários milhões de dólares.

Num outro atentado bombista, ontem á noite, foi atacado o edifício do Banco de Boston — perto do Parlamento, no centro da cidade — edifício que além do Banco alberga escritórios de várias companhias norte-americanas.

Entretanto, 400 padres católicos publicaram, em Buenos Aires, uma declaração criticando a política de Washington na América Latina e protestando contra a visita, programada para daqui a dois dias, do enviado especial do presidente Nixon.

Nas ruas, a Polícia utilisou granadas de gases lacrimogéneos para dispersar estudantes universitários que se manifestavam contra a visita de Rockefeller. Foram presos cerca de 100 estudantes.

O sector da Confederação Geral do Trabalho, que ordenou a greve para terça-feira, apresentou protestos tanto contra a visita do governador Rockefeller como contra a repressão governamental em várias cidades argentinas.

O sector forma o chamado grupo rebelde da Confederação — representando cerca de metade do movimento sindical — que se opõe fortemente ao regime militar do presidente Juan Carlos Onganía.

Hoje, os sindicatos «rebeldes» programaram um comício numa das praças centrais da urbe, mas a Polícia proibiu-o dizendo que fora planeado para desencadear a violência.

Os observadores crêem que os sindicatos, os estudantes e os adversários políticos do regime de Onganía estão a servir-se da visita de Rockefeller para uma escalada nos seus protestos contra o Governo.

Para proteger o enviado do presidente Nixon foi estabelecida uma rede de segurança policial sem precedentes, dizendo-se em círculos geralmente bem informados que a rede será constituída por nada mais nada menos que 20 000 homens — incluindo tanto soldados como polícias.

O «Daily Mirror» aplaude a ida de Maria para Inglaterra

LONDRES, 27 — (A. N. I.) — «É deplorável que a ilha de Jersey persista na sua decisão de expulsar Maria Baptista» — escreve no seu editorial de hoje o «Daily Mirror».

«É esplêndido que o ministro do Interior, James Callaghan, tenha anunciado imediatamente que Maria Baptista e o seu filho de seis semanas serão benvindos a Inglaterra» — afirma o articulista, que prossegue:

«Esta é a voz da compaixão da compreensão humana que toda a gente aplaudirá.

«É pena que esta rapariga portuguesa, de 21 anos, não tenha encontrado uma compaixão e uma compreensão semelhantes das autoridades de Jersey.

«Tudo o que ela conseguiu foram palavras piedosas e o cumprimento rígido da política que proíbe as mães solteiras estrangeiras de viverem em Jersey.»

E o editorial do «Daily Mirror» prossegue:

«Não admira que ela diga que a notícia de que pode vir para Inglaterra é uma notícia maravilhosa. Que esta jovem mãe seja benvinda.

«Todos esperam que ela e o seu filho encontrem na Inglaterra a felicidade que lhes foi negada em Jersey.»

«Não admira que ela tenha chorado quando as pessoas pouco esclarecidas de Jersey rejeitaram os seus apelos para continuar em Jersey e começar uma vida nova para ela e para o filho.

Congresso da Democracia Cristã

(Continuação da 1.ª pág.)

contrário a qualquer abertura aos comunistas.

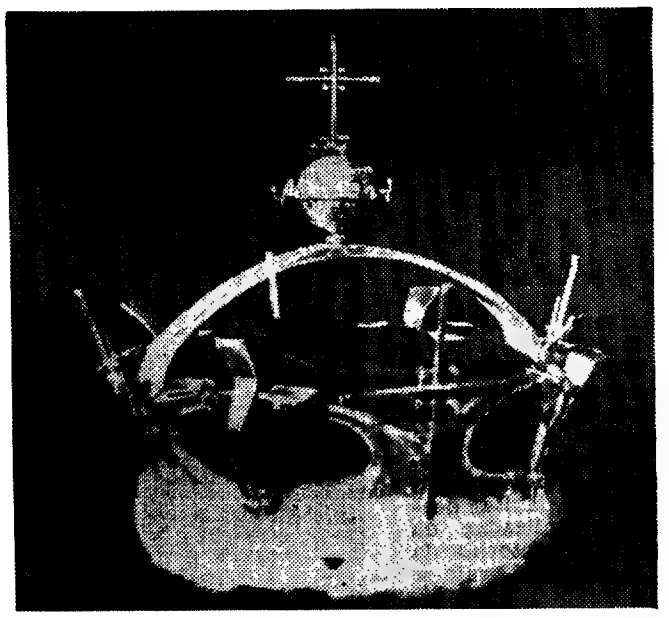
Foi no ultimo Congresso, de Novembro de 1967, que as três coerntes do centro, tendo-se unido, formaram um «grupo de poder». Mas, em Novembro ultimo o dr. Aldo Moro, antigo presidente do Conselho, que fazia parte deste grupo, abandonou-o e declarou-se a favor, na mesma altura, do Partido Socialista.

Segundo os observadores, a reunião de hoje dos 679 delegados, representando um milhão e meio de inscritos e perto de 12,5 milhões de eleitores democratas cristãos, poderia resultar numa viragem á esquerda, sem necessáriamente ser uma abertura aos comunistas».

Entretanto, um ministro proeminente da coligação centro-esquerda, Mário Tanassi, do Partido Socialista, foi citado na revista milanesa «Europeo» como tendo dito que estava para breve uma rotura no seu Partido.

Tanassi, chefe da ala direita, ao ser-lhe perguntado se a rotura poderia ser evitada, respondeu: «Os senhores acreditam em milagres?»

Na Camara dos Deputados, os socialistas têm 91 lugares, os democratas cristãos 266, e o terceiro membro da coligação, o Partido republicano, tem nove.



A COROA PARA A INVESTIDURA de Carlos como príncipe de Gales, no próximo dia 1, no castelo de Caernarvon. A coroa pesa pouco mais de quilo e meio. Feita de ouro, adornam-na 75 diamantes e 12 esmeraldas, correspondendo ao desejo do filho de Isabel II «de algo que pareça ter sido feito em 1969»

O CLUBE RESTRITO DOS PRÍNCIPES DE GALES CONTOU ATÉ AGORA APENAS 20 MEMBROS

LONDRES, 27 — (R.) — Quando o príncipe Carlos, na terça-feira, for formalmente investido na qualidade de príncipe de Gales entrará para um grupo tão restrito que, desde o século XIV, só possuiu 20 outros membros.

E se, depois de considerar a sorte desses outros membros, o príncipe de Gales resolver mudar de ideias, ninguém poderia culpá-lo. Quatro dos elementos do clube tiveram morte violenta e seis outros não viveram o suficiente para chegar ao trono.

Apenas chegaram a reis 14 príncipes de Gales, e, mesmo assim, dois deles abdicaram.

O primeiro príncipe de Gales, Eduardo II, foi talvez o mais infeliz de todos. Seu pai, Eduardo I, tinha conquistado o País de Gales, derrotando o último dos príncipes de Gales galês, Llywelyn, no século XIV. Para apaziguar os seus novos subditos, o rei Eduardo apresentou o seu filho recém-nascido como um príncipe de Gales que não sabia falar uma única palavras de inglês.

Mas o jovem, que veio a subir ao trono com o nome de Eduardo II, não só aprendeu a falar inglês como também aprendeu alguns hábitos muito maus. Teve uma ligação sentimental com um cortesão e sua mulher e o amante desta, aproveitando a ida do rei para uma batalha contra os escoceses, acabaram por fazer com que ele fosse lançado para uma prisão. Em 1327 o rei foi violentamente morto.

O príncipe de Gales seguinte comportou-se muito melhor, muito embora nunca chegasse a ser rei. Foi o célebre Eduardo, o Príncipe Negro, que deixou o seu nome ligado a alguns dos maiores feitos da História militar inglesa.

Desde o Príncipe Negro, que foi investido no título em 1377, a Henrique VIII, que foi investido em 1503, houve cinco outros príncipes de Gales, dois dos quais foram assassinados, dois morreram muito jovens e um abdicou.

Henrique VIII foi talvez um dos mais fortes monarcas ingleses, mas, no seu anterior principado, não conseguiu fazer-se muito amado dos subditos galeses. Por exemplo, pretendeu destruir a linguagem galesa, coisa em que falhou.

O príncipe seguinte morreu com 18 anos e o que se lhe seguiu, Carlos I, foi decapitado. Depois veio Carlos II e a sua linha de sucessão como príncipe de Gales passou para Jaime Francisco Eduardo, que esteve no exílio a maior parte da sua vida.

Com Jorge II, o título entrou na posse da casa de Hanover, incluindo seu filho que o rei descrevia como «a pessoa mais estupida do Mundo».

Incluídos no grupo da casa de Hanover, estão Jorge II, que perdeu o seu império americano, Jorge IV, que levou uma vida escandalosa, e Eduardo VII, que manteve o título de príncipe de Gales durante 60 anos enquanto sua mãe, a rainha Vitória, mantinha o trono.

Neste século, incluindo o príncipe Carlos, já houve três príncipes de Gales. O primeiro foi Jorge V, que foi educado como um marinheiro em vez de o ser como um rei, muito embora o seu reinado tivesse tido grande projecção, e o segundo foi o duque de Windsor, que foi rei apenas 11 meses. O duque não chegou a ser coroado, renunciando ao trono para casar com a mulher que amava.

DELÍRIO NA WALL STREET

NOVA YORK, 27 — (A.N.I.) — A semelhança do que aconteceu o ano passado por causa da bem proporcionada Francine Gottlieb, a Wally Street voltou ontem a registar grande agitação.

Centenas de corretores da bolsa — novos e velhos — tiveram oportunidade de assistir a um espectáculo de «rock'nroll», apresentado em plena rua por um conjunto feminino intitulado Humming-Birds».

No auge do entusiasmo, as Humming-Birds despiram os seus «sweaters», blusas e roupa interior. Os assistentes, em delírio, tomaram de assalto o palco, improvisado sobre a carroçaria de um camião, e as artistas tiveram de fugir.

A GUERRA DO FUTEBOL

Corte de relações Salvador-Honduras

S. SALVADOR, 27 — (F. P. e R.) — A noite passada, Salvador cortou as relações diplomáticas com as Honduras, acusando este país de genocídio contra os residentes de Salvador.

A Republica de Salvador vai pedir á Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas que investigue a questão

O corte de relações foi feito na véspera do desafio da eliminatória da Taça Mundial de Futebol entre ambos os países, que devia realizar-se hoje na Cidade do México.

As relações entre ambos os países pioraram rápidamente a seguir a actos de violência em dois jogos anteriores realizados em Tegucigalpa, capital das Honduras e em S. Salvador.

Perante a gravidade da situação, a Guatemala, a Nicarágua e a Costa Rica decidiram unir os seus esforços com vista a procurar uma solução para o conflito que ameaça a paz na América Central. O ministro dos Negócios Estrangeiros da Guatemala, que tomou a iniciativa de uma intervenção apaziguadora declarou: «Confio em Deus. Tudo há-de ser resolvido de forma satisfatória».

O rei de Marrocos vai a Espanha

RABAT, 27 — (F. P.) — O rei Hassan II irá a Madrid amanhã para ali permanecer alguns dias — anunciou um comunicado oficial, precisando que se trata de uma «visita privada».

Todavia, segundo os observadores, o monarca poderia aproveitar esta ida a Espanha para se encontrar com altas individualidades, talvez mesmo com o general Franco, a fim de tratar das relações marroquino-espanholas e, entre elas, da restituição do Ifni.

Gibraltar isolada

MADRID, 27 — (R.) — Gibraltar mantém-se hoje virtualmente isolada do continente, depois da Espanha ter intensificado as suas medidas de represálias contra a colónia inglesa.

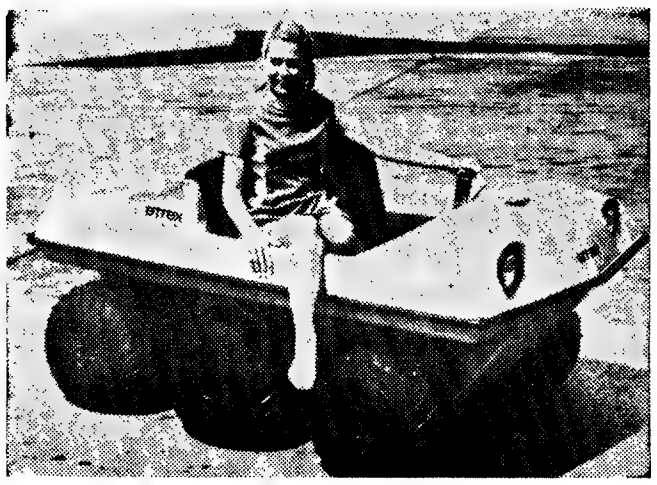
Numa acção que vem cortar os derradeiros laços entre a Espanha e Gibraltar, o Governo espanhol ordenou que os «ferry-boats», que ligam Gibraltar com Algeciras, paralisassem os seus serviços.

Lembra-se que Madrid já tinha fechado a sua fronteira terrestre com a colónia, ordenando a retirada dos trabalhadores espanhóis,

Agora o rochedo só é acessível por via aérea, em voo semanal da «European Airways» que faz escala em Madrid.

As ligações telefónicas e telegráficas funcionam ainda — mas correm boatos em Madrid, seguidamente á publicação de uma nota espanhola na quarta-feira passada, de que essas ligações serão o próximo alvo das autoridades espanholas.

A ultima fase na campanha espanhola para recuperar o rochedo seguiu-se á publicação, no mês passado, de uma nova Constituição inglesa para Gibraltar.



VEÍCULO ANFÍBIO DE PLÁSTICO apresentado na Exposição Internacional de Plásticos, em Londres. A viatura tem a denominação de «Royalite 20» e está equipada com pneus especiais

O EGIPTO REVELOU O PLANO DE PAZ NORTE-AMERICANO

CAIRO, 27 — (R.) — O Egipto revelou ontem que os 13 pontos do programa de paz norte-americano para o Médio Oriente incluem a abertura do Canal de Suez aos navios de todos os países e uma retirada israelita do território egípcio.

Mohammed Hassanein Heykal, redactor-chefe do jornal «Al Ahram», revelou aquilo que diz serem as características gerais dos 13 pontos, no seu artigo semanal, frisando que o plano foi rejeitado pelo Egipto devido a que poderia dividir os países árabes em conflito com Israel.

Segundo Heykal, o plano pode resumir-se como segue:

Fim do estado de guerra entre o Egipto e Israel. Prevenção da utilização da força ou mesmo ameaça de força. Abandono da boicotagem árabe a Israel. Fim de todo o auxílio aos comandos árabes. Termo da propaganda política no Médio Oriente. E desmilitarização do território de que Israel retiraria.

Israel não faria mais reivindicações quanto ao território egípcio com excepção das fronteiras originais da Palestina.

Seria também proclamada a navegação, sem quaisquer limites, das vias marítimas internacionais da área, incluindo o golfo de Akaba e o Canal de Suez.

A faixa de Gaza, segundo o plano dos Estados Unidos, seria colocada sob a vigilância do enviado das Nações Unidas para a paz no Médio Oriente, dr. Gunnar Jarring, sendo o seu futuro objecto de debates a realizar entre o diplomata, o Egipto, a Jordânia e Israel.

Diz o redactor Heykal haver no plano uma referência á possibilidade de acordo sobre o regresso de 10 por cento dos refugiados árabes ás terras de que foram desalojados, começando com um contacto directo árabe-israelita, até certa fase das negociações, e o acordo final, depois das disposições tomadas, assinado pelas duas partes.

No seu artigo, Heykal diz não haver qualquer menção a Jerusalém no plano dos Estados Unidos, considerando que os americanos já antes tinham proposto que a Cidade Santa devia permanecer unida.

O redactor do «Al Ahram» remata os seus considerandos desta forma:

«A tradução prática da linguagem dos Estados Unidos é sem duvida a de que Jerusalém permaneça sob ocupação israelita.»

O novo desafio da Rodésia

Iam Smith não teria indubitávelmente organizado um referendo se não estivesse certo de ganhar. Deste modo, não houve surpresa quando se soube que mais de 80 por cento dos eleitores rodesianos aprovaram a proclamação da Republica — quer dizer a ruptura definitiva com a Coroa britanica — e mais de 70 por cento o projecto de Constituição que oficializa e agrava o regime de «apartheid». Verdadeiramente, os riscos eram mínimos, porquanto a grande maioria da população foi mantida afastada de reformas que teria certamente rejeitado: menos de sete mil africanos (em mais de quatro milhões) puderam tomar parte no escrutínio, contra 81 mil brancos, em 260 mil.

O êxito do Governo teria sido mais nítido ainda se uma minoria de eleitores brancos não se tivesse recusado, por razões de ordem moral ou por cálculo politico, a seguir Smith no caminho de uma secessão irreversível.

Quase todas as Igrejas cristãs preconizaram o «não», e a Frente Rodesiana de Smith, que tinha a adesão quase unanime da população branca nos anos que se seguiram á proclamação da independência, em 1965, tiveram de contar desta vez com a oposição resoluta do Partido do Centro. Este movimento não é, na verdade, mais liberal do que a Frente quanto á questão racial — os africanos consideram que é «branco boné e boné branco» — mas a burguesia de negócios que representa receava o agravamento das sanções económicas, o marasmo dos negócios e a ruptura definitiva com Londres — mais precisamente com a City — o que a levou a pronunciar-se contra os projectos governamentais.

Quais poderão ser as consequências do recente escrutínio? No plano interior, a aplicação dos novos textos permitirá reduzir ainda mais a influência dos africanos nas eleições para o Parlamento — dos 66 parlamentares, 50 serão brancos e 16 africanos, dos quais oito, ainda por cima, serão nomeados — enquanto uma política de desenvolvimento separado será aplicada nas regiões africanas. A segregação agravar-se-á, portanto, no plano político e geográfico e o sufrágio censitário fica de futuro consagrado, sem outra perspectiva para os negros senão a de enriquecerem para melhorar a sua representação política...

Apanhados pela engrenagem da sua política e do desafio permanente á antiga potência colonial e ao continente africano, Smith acaba de dar um novo passo para satisfazer a maioria do seu eleitorado, na alternativa de perder uma parte deste pelo caminho. Sem duvida que teria hesitado se Londres houvesse mostrado mais firmeza nos ultimos anos, se as sanções tivessem sido rigorosas e unanimemente aplicadas e, por fim, se a reprovação dos países africanos se tivesse manifestado por outra forma que não fosse a das condenações platónicas.

Antes mesmo de serem conhecidos os resultados do referendo, o Reino Unido tinha-os formalmente rejeitado, multiplicara as prevenções e condenara esta consulta «ilegal», como fez em seguida o Conselho de Segurança.

O governo britanico vai, sem duvida, reafirmar a sua posição e tomar nota da ruptura definitiva, mas a sua impotência permanecerá igual, pois recusa sempre recorrer á força, como lhe pede certo numero de países do «terceiro mundo». Quanto ás sanções económicas, serão talvez agravadas, ou aplicadas com maior rigor, mas a experiência prova que estas irão atingir principalmente a população negra e que não desencoraja, muito longe disso, os colonos rodesianos. Estes sabem bem que o seu isolamento será suportável enquanto possam contar com o apoio, mesmo que seja cada vez mais embaraçado, da Republica Sul-Africana.

Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»

O ZNAK (GRUPO CATÓLICO PROGRESSISTA) ESPERA A DEMOCRATIZAÇÃO DO SOCIALISMO NA POLÓNIA

por Bernard Margueritte

VARSÓVIA, JUNHO — Por ocasião das eleições para a Dieta, que decorreram na Polónia em 1 de Junho, pedimos a Stanislau Stomma, presidente do grupo católico progressista e liberal Znak e professor de Direito na célebre universidade Jagellone de Cracóvia, para nos apresentar as opiniões do seu movimento.

Stomma e os outros candidatos do mesmo grupo, Konstanty Lubienski, Janusz Zablocki, Tadeusz Masowiecki e Tadeusz Myslik, foram eleitos por boa margem. O êxito de Stomma é particularmente brilhante porquanto, apresentado em sexta posição em Cracóvia, achou-se eleito á cabeça da lista, enquanto Cyrankiewicz, presidente do conselho, classificado numero um, foi eleito em oitava e ultimo lugar. Este resultado é tanto mais significativo quanto em 1968 o grupo Znak foi objecto de vivos ataques por parte das autoridades.

Eis as respostas de Stomma ás nossas perguntas:

— «Quererá em primeiro lugar recordar-nos o que é o Znack?

— O Znak é um grupo de cinco deputados na Dieta. Tem por missão representar no Parlamento polaco a opinião independente dos circulos da «inteligentsia» católica. Só conseguiu entrar na arena politica após as mudanças de 1956, em consequência daquilo a que se chama o «Outubro polaco».

O grupo aceita portanto tomar parte na «construção do socialismo», ao mesmo tempo que conserva apertadas relações com a hierarquia eclesiástica. Semelhante posição, como é da natureza das coisas, acarreta por vezes dificuldades dos dois lados. Poderá a este respeito fazer o balanço da legislatura passada?

— Estamos no Parlamento há já doze anos. Durante este tempo as relações entre a Igreja e o Estado tiveram por várias vezes algumas tensões. Os conflitos e os momentos de acalmia sucederam-se por vagas.

Numerosas dificuldades persistem: a Igreja apresenta uma série de justos pedidos que até agora não foram aceites. No entanto convém verificar que a situação é actualmente melhor. Penso nas seguintes mudanças:

«1) Começa-se a compreender melhor, no campo marxista, que a religião e a Igreja são factos permanentes que não eliminam as mudanças de formas de produção nem as transformações de sistema politico;

«2) A tese do papel reaccionário da Igreja e da religião já não tem em que se apoias. As profundas mudanças efectuadas na Igreja sob os pontificados de João XXIII e de Paulo VI, assim como a política pacifica inteligente de Paulo VI e o seu apelo a favor da justiça social, contribuiram para a abalar;

«3) Compreende-se cada vez mais que a luta contra a religião com meios administrativos não faz sentido.

— Em Março de 1968 vocês criticaram a maneira como as autoridades reprimiam as manifestações estudantis e interpelaram o governo a esse respeito. Isto valeu-lhes serem objecto de ataques acerbos na Dieta. Não tiveram receios quanto ao futuro do grupo?

— Sim, em Março e em Abril de 1968 a nossa intervenção na Dieta foi severamente criticada. A situação era dramática. O facto de a despeito disso termos sido autorizados a tomar parte nas eleições tem evidentemente um significado positivo. Como se vê, o campo no poder não considera que a tomada de posição dum grupo de deputados, ainda que não esteja de acordo com êle, deva ter como consequência uma liquidação politica desse grupo.

— O grupo reclama um programa de democratização do socialismo. Continua após o caso checoslovaco, a ser optimista a este respeito?

— Considero que o desenvolvimento social implica inevitávelmente a formação dum modelo democrático nos regimes socialistas europeus. Deve reconhecer-se que as condições económicas e sociais se tornaram mais equitativas e que o nivel cultural se elevou, o que deve favorecer a democracia. Sabemos que a este respeito existem oposições e conflitos. Mas isto não significa ainda que esteja barrado o caminho. A este propósito, nem sempre são tomados em consideração dois princípios:

1) «Todas as mudanças democráticas do sistema politico devem decorrer no âmbito do campo socialista sem atentar contra a sua coesão;

2) «Num sistema em que os meios de produção estão em princípio socializados e planificada toda a Economia, as formas da democracia devem corresponder a estas condições, e não se podem aplicar modelos tirados dum regime diferente. Em contrapartida, em todos os sistemas democráticos é preciso ter em conta certos elementos universais, como o pluralismo da cultura, instituições que garantam os direitos dos cidadãos, o direito á crítica, á autogestão, etc. Além disso, nas condições da Polónia, o assunto da participação cada vez maior dos «sem-partido» na vida do Estado é muito importante. Isto apresenta numerosos problemas. Trata-se de progredir em todos estes domínios da vida pública.

— Declarou recentemente em Tygodnik Powszechny», o semanário do grupo que o papel do Znak era «muito modesto, muito limitado, mas real. E acrescentava: «Não temos influência sobre o Governo do Estado e não podemos tê-la, mas somos um elemento da opinião pública. A nossa voz na Dieta, é um elemento da opinião pública, e isto é muito importante». Não receia entretanto que uma representação limitada a cinco deputados, sem comum medida com a vossa influência real no país, possa tornar-vos uma espécie de caução democrática e liberal da Dieta?

— Não, rejeito semelhante interpretação, porque rejeito o princípio do tudo ou nada. Cada elemento de democracia no Estado é precioso. Se um grupo de pessoas representando um meio cristão não marxista pode entrar no Parlamento e se ali pode expôr os seus pontos de vista e críticas, isto é já um facto politico, um elemento de democracia.

— A Polónia é o único país socialista que admite um grupo comparável ao vosso. Este facto não o leva a considerar o futuro com certo optimismo?

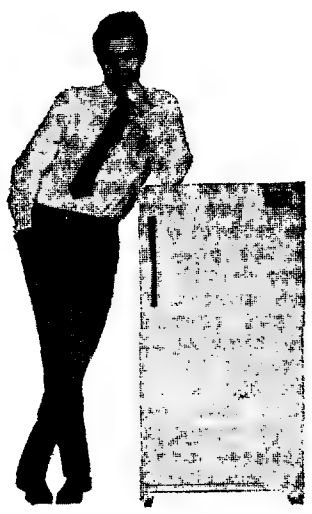
— Com efeito assim é. Devo aqui opô-lo ás críticas feitas contra a Polónia. Existe certamente uma distancia entre o que eu desajaria e o que existe no nosso país. Mas é de recordar que foi precisamente na Polónia onde se aplicaram com êxito as primeiras reformas que terminaram com os excessos da era estaliniana. Foram ensaiados importantes modelos socio-económicos. Por exemplo, temos uma estrutura agrícola interessante, única nos países socialistas, que integra a propriedade privada na economia planificada do Estado.

«Actualmente, uma reforma de planificação, deve conduzir a uma economia mais pragmática. As empresas vão poder fazer ouvir a sua voz na gestão económica.

«Tenho a esperança de que um modelo de democracia socialista tome forma no nosso país».

Exclusivo «Le Monde» -«Diário de Lisboa»

faça.teste



são necessários três elementos: você, uma garrafa cheia e um

INDESIT

Atire a garrafa para dentro do frigorífico. Esta salta, ressalta, e bate violentamente no interior do novo INDESIT! Vá verificar... Nem um risco! Nem uma esfoladela!

Poderá argumentar que o frigorífico não é o local mais próprio para onde se atirem garrafas.

De acordo, mas só procuramos provar que se o interior do **INDESIT** resistiu aos choques violentos de uma garrafa cheia, com certeza que resistirá aos pequenos choques do dia-a-dia e manter-se-á inalterável após longos e longos anos de uso diário.

O interior do novo INDESIT é de POLISTIROLO

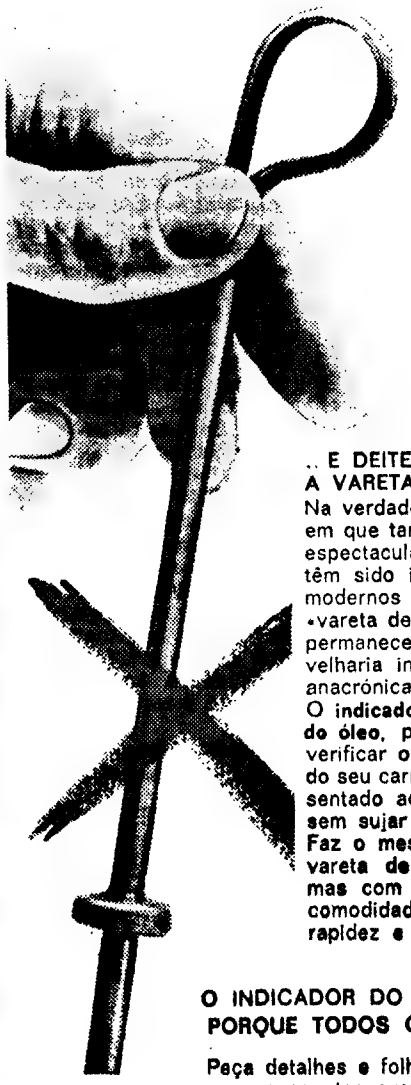
com

INDESIT

tudo corre sobre rodas

---

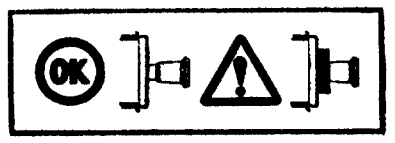
instale no seu carro um indicador do nível do óleo SMITHS...



.. E DEITE FORA A VARETA DE NÍVEL!

Na verdade, numa época em que tantas e tão espectaculares inovações têm sido introduzidas nos modernos automóveis, a «vareta de nível» permanece como uma velharia incómoda e anacrónica.

O **indicador do nível do óleo**, permitir-lhe-a verificar o nível do carter do seu carro, còmodamente sentado ao volante, **sem sujar as mãos. Faz o mesmo serviço da vareta de nível, mas com muito mais comodidade, rapidez e asseio.**



O INDICADOR DO NÍVEL DO ÓLEO «SMITHS» É O APARELHO PORQUE TODOS OS AUTOMOBILISTAS ESPERAVAM.

Peça detalhes e folheto nas boas casas de acessórios ou nos agentes exclusivos.

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.
Avenida da República, 25, r/c. — Telefone 5 81 41

LEILÃO DE PENHORES

A COMERCIAL

TRAV. DA TRINDADE, 18-20
AO CHIADO — T. 325082

Brevemente de todos os penhores em atraso de juros

Em TOMAR o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda no CAFÉ PARAÍSO, de Mota Grego — Rua Serpa Pinto.

QUINTA NO FREIXIAL

Muito bem situada, composta de magnífica moradia, de r/chão e 1.º andar, com g. salão, sala jantar, coz., 2 c/banho, 3 quartos, etc. Área de 1600 m/2, casa de arrecadação, poço c/ motor eléctrico, pinhal, eucaliptal, diversas árvores de fruto, vinha. Entrega-se muito bem mobilada. Preço 650 contos. Preço de ocasião.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

S. R.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

QUARTEL MESTRE GENERAL

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 160-D, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÕES PROVISÓRIAS	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
4/69-Aq	**BOMBAS ELÉCTRICAS AUTOMEDIDORAS E DEPÓSITOS PARA COMBUSTÍVEIS LÍQUIDOS**	**10.000$00**	**31 JUL.**	**15.30**

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 15 às 18 horas e aos Sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente do C. A.

JOSÉ DOS REIS RODRIGUES
Ten. Cor. do S. A. M.

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

Comunica-nos a C. P. que em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos-de-Ferro Espanhóis (RENFE) vende, nas estações de Lisboa (Santa Apolónia), Entroncamento, Torre das Vargens, Tramagal, Crato, Marvão-Beirã, Portalegre e Elvas, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Badajoz, por motivo da Feira e Festa de S. João.

PARA BADAJOZ
22 a 29 de Junho

Validade dos bilhetes — Ida: 17 a 29 de Junho; Volta: 22 de Junho a 4 de Julho.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vamos Dormir; 20: Nós as Mulheres; 20 e 20: Sangue na Estrada; 20 e 35: Cartaz TV; 21: Tempo Internacional; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema — «O Fugitivo»; 23 e 40: Telejornal, Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: «Honey West»; 22 e 25: Feminino; 22 e 45: Concerto para Jovens; 23 e 35: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 17: Abertura e telejornal; 17 e 15: Relatório da Ciência e da Técnica; 17 e 40: Programa Juvenil; 18: Teledesporto; 18 e 25: Expedição; 18 e 50: Nos bastidores da aventura; 19 e 15: Diálogos de sábado; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Viagens sem passaporte; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: TV 7; 21: Segredos do Mar Vermelho; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Sebastião entre os homens; 22 e 25: Marchas sanjoaninas (transmissão directa da cidade do Porto); 23 e 55: Telejornal e fecho.

2.º Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: O Túnel do Tempo; 22 e 45: Melodias de Sempre, com Nicolau Breyner, Otávio de Matos, Helena Tavares, Florbela Queirós, Alice Amaro, Carlos Coelho, Aida Baptista, Maria Candal, Anita Guerreiro, Henrique Viana e Natalino José. Apresentação de Jorge Alves e realização de Ruy Ferrão; 23 e 25: Telejornal e fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão de Castelo Branco; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 37: 22.º episódio do folhetim «A Loja de Antiguidades»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a Sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Candida Ramos e Manuel Dias; 22 e 50: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do Mundo — Musica do Nepal, Canto Flamengo; 16 e 15: Chaconne em sol menor (António Vitali) — solistas; 16 e 26: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica da Câmara; 18: Musica portuguesa; Duas danças do século XVII: Pavana e Galharda (Frederico de Freitas); 18 e 45: Sonata para flauta e piano (Francis Poulenc); 19: Horizonte literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de piano; Sonhos de amor n.os 2 e 3 (Liszt) por Peter Katin; 20 e 30: Musica de Câmara; 21: Musica sinfónica; 22: Teatro do século XIX, pelo dr Eurico Lisboa — D. João Tenório de José Zorilha e Moral; 23 A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco..., 21 e 02: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gê-Gê; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Os nossos artistas; 19 e 45: Canções para si; Nota de abertura; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

Rádio Renascença — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Conjuntos; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica de Ravel; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA: «O FUGITIVO»

O SERÃO NOCTURNO do Programa Nacional é totalmente completado com a rubrica «Noite de Cinema», que exibe o filme de longa metragem «O Fugitivo» (não o de sábado, com David Janssen) realizado por Nicholas Ray e interpretado pelo «monstro» James Cagney, além de Viveca Lindfords, John Derek e Ernest Borgnine.

Ginástica feminina é hoje uma necessidade para a mulher ideal

NÓS AS MULHERES

SELECCIONADO por Luísa Damaia, o programa «Nós as Mulheres», que é hoje transmitido pelas 20 horas, é dedicado à ginástica feminina.

Dirigidas pela professora Antónia Lopes Mariano, as alunas Maria do Céu, Ana Virgínia e Maria Beatriz especificarão alguns dos exercícios para, pelo menos, manter a linha feminina e a ginasticidade de uma rapariga moderna.

CARTAZ TV

MEIA HORA mais cedo que o habitual, Jorge Alves estará nos estúdios da R. T. P. para apresentar um resumo dos programas da próxima semana, seleccionando, para o efeito, algumas imagens das rubricas mais em evidência, não descurando, òbviamente, os desenhos animados, que os seus admiradores de palmo-e-meio tanto anseiam.

Numa previsão optimista, lá estarão as séries de aventuras, policiais, teatro e dramáticas, que ocorrerão ao longo da semana estival.

2.º PROGRAMA

O 2.º PROGRAMA preenche a sua emissão com um episódio da série «Honey West», com a loira estonteante Anne Francis.

Segue-se um magazine feminino com actualidades e excentricidades do mundo da mulher.

A terminar, é repetido mais um «Concerto para Jovens», programa realizado no Albert Hall, de Nova York, com a participação da Orquestra Filarmónica daquela cidade. Direcção e apresentação de Leonard Bernstein.

canal da crítica

UMA JÓIA PERDIDA NA NOITE

Íamos entrar na meia-noite. Preparo-me para carregar no botão libertador. Está anunciada uma história filmada mas já não vou em histórias. Fiquei satisfeito com a da carochinha. Histórias? Filmadas? Não, muito obrigado. Boa noite.

Não carrego no botão. Ah, esta esperança que nunca me abandona... Claro que vou gramar com uma «Honey West», com uma «Loreta Young Show», enfim, olhos do ofício. Sentinela de Pompeia, olha para mim: émulo teu eu sou. Morro sepultado em cinza — mas de pé, no meu posto.

Livra! Não tenho jeito nenhum para herói. Morrer, nunca — e sepultado em cinza muito menos. Botãozinho, botãozinho, vou carregar em ti, assim, devagarinho...

E foi então que meu gesto se suspendeu, porque entretanto os anúncios acabaram e anunciaram uma *peça de meia hora*, de origem inglesa. Farejei caça, *parei* a caça...

Acertei. Foi uma pequena maravilha de teatro de televisão aquela que muitos telespectadores não tiveram ocasião de ver. Uma jóia tão simples... que até parecia fácil.

Duas personagens apenas. Um homem vai alugar quarto na casa de uma viúva jovem. Na superfície do televisor nada mais há além destes rostos em quase permanente grande plano, num plano quase microscópico, grande plano ou grande mergulho na alma. O diálogo, rico de sugestões, de subentendidos, de tacteios no domínio do mistério, do tabu, da sedimentação «moral» que uma submissão á imoralidade da infelicidade tantas vezes conduz. É certo que o telespectador português não terá gozado em toda a sua plenitude a riqueza das palavras onde nenhuma esteve a mais, onde a mais simples interjeição possuia um valor e jogava na acção. Mas assim mesmo foi-nos dado assistir a uma extraordinária demonstração da linguagem televisiva, independente do cinema, do teatro, da rádio.

Não se discute: «*O quarto de Jorge*» tinha do teatro a representação; tinha da rádio a verdade do diálogo; tinha do cinema a mecânica da filmagem. Mas tinha a valorização diferenciada das personagens (o que não é Teatro); tinha a imagem a esclarecer os subterrâneos da palavra (o que não é radiofónico); tinha o grande plano em serviço permanente (o que não é cinematográfico). Possuia a palavra ao nosso alcance, a imagem ao nosso alcance, possuia a contenção, o convite mais á convivência do que á espectação — e tudo isso são características da linguagem televisiva.

Pena foi que a televisão portuguesa, preocupada com as «valentes patuscadas» na Calçada de Cárriche (fica ali ao pé...) não tivesse chamado para isso a atenção dos telespectadores. Pois foi. Agora só há uma solução: é repetir o «*Quarto de Jorge*» na primeira oportunidade e com melhor horário. Isto, é claro, se a televisão quiser limpar-se.

ESTÚDIO C

Raul Ferrão foi um compositor de inspiração fácil e copiosa. Devem-se-lhe inúmeras melodias popularizadas pela rapidez com que entravam no ouvido. Alguma dignidade de que se revestiram algumas marchas populares pode creditar-se a Raul Ferrão.

Quem tivesse duvidas disso ficaria esclarecido ao assistir ao *Estúdio C*, de ontem. O valor de Raul Ferrão como compositor de musica ligeira prova-se pelo facto de ter resistido ás letras que as suas composições vestiam; o povo de Lisboa assobiava a musica e punha as letras fora. Tal qual como quem come tremoços e atira fora as cascas...

Por tudo isto, Raul Ferrão bem merecia melhor aplicação do seu capital. É certo que a maior parte do «Estúdio C» deveria incluir-se num «Estúdio L» (de Lisboa) já que tiveram a feliz ideia de filmar a cidade para dar ambiente ás canções. Mas aquela primeira parte! Santo Deus, aquele «escondidinho» na Calçada do Carriche, aquilo tudo sofisticado e perdido para sempre na nossa memória... Toda a longa sequência podia (e devia) desaparecer da rubrica que tanto empobreceu. Porque a musica de Ferrão não liga com as palavras que canta. Divorcia-se delas, numa recusa inteligente de tanta banalidade, de tanto mau gosto, de tanta falsa poesia, de tanta miséria com torcidos e tremidos...

Recordar os cançonetistas? Não vale a pena, não vale a pena. Está um dia muito bonito, o melhor é irmos para a praia.

A CRIANÇA PERANTE A VIDA

Não sei o que seria das crianças portuguesas se não houvesse uma lutadora da categoria de Ana Maria Varela para defendê-las.

O seu ultimo discurso incidiu no divórcio. Não o divórcio de homem e mulher, mas O DIVÓRCIO ENTRE PAIS E FILHOS. Sim, porque (como muito judiciosamente proclamou Ana Maria e nunca as mãos lhe doam!) esse divórcio existe. Existe, sim senhor. Ai Ana issèquixiste palavra donra se não existe. Culpas? Mas quem terá as culpas? O pai? A mãe? Os filhos? O principado de Andorra? O Spor Lisboa e Benfica? O pudim de «flan»?

Ana Maria Varela conclui que não haverá pròpriamente culpas: haverá erros. Importante, na casuística da moral: as culpas, culpam os

(Continua na página seguinte)

COMICHÃO NOS PÉS

ELIMINADA EM 3 DIAS

Tem comichão nos pés, picadas e ardores tão terríveis que quase o enlouquecem? A pele greta, estala ou sangra? A causa destas perturbações denomina-se de várias maneiras, tais como: Pé de Atleta, Comichão de Singapura, Comichão de Dhoby, etc. Não poderá ver-se livre deste mal sem exterminar a causa. Uma nova descoberta chamada Nixoderm pára a comichão em 7 minutos e começa a tornar a pele macia, suave e clara em 3 dias. Nixoderm é tão eficaz que se garante acabar com a comichão e sarar a pele não só nos pés mas também nos mais teimosos casos de Eczema, Borbulhas, Acne, Bolhas e Impigens na face ou no corpo. Peça ao seu farmaceutico NIXODERM

Nixoderm hoje mesmo

Para Doenças De Pele

TELEVISÃO

REPARAÇÕES AO DOMICÍLIO COM GARANTIA — TELEF. 82 14 78

Pois, Pois...

J. PIMENTA, S. A. R. L. é diferente...
...constrói para toda a gente

Projecta, CONSTRÓI, decora, vende, administra e assegura um rendimento equivalente ao juro de 6 a 10%, por 6 a 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

190 Contos rendem-lhe 1.187$50 Mensais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Informe-se nos Escritórios em:

LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. — Telef. 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telef. 952021/22
REBOLEIRA - AMADORA — Serviço permanente — Telef 933670

A estadia e cura de D. Afonso Henriques nas termas de Alafões

As comemorações do VIII centenário da estadia e cura de D. Afonso Henriques nas Caldas de Alafões (hoje Termas de São Pedro do Sul), que incluem uma série de manifestações de natureza cultural, científica e desportiva, iniciam-se no domingo, com uma sessão solene, no casino das termas, durante a qual o sr. prof. dr. António Ferreira da Cruz, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, proferirá uma conferência subordinada ao tema «A corte afonsina em Lafões».

Para o I Colóquio Regional de Turismo e Termalismo de Lafões (concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades), que se efectua nos próximos dias 24 a 27 de Julho, continuam abertas as inscrições na sede da Corporação dos Transportes e Turismo (Rua Augusta, 27, 1.º, dir., Lisboa), entidade que, conjuntamente com as autarquias e órgãos locais de turismo da região e o patrocínio da secretaria de Estado de Informação e Turismo, promove o Colóquio, integrando-o naquelas comemorações.

FERROTOUR LISBOA-MADRID

Os Caminhos de Ferro Portugueses e Espanhóis proporcionaram-lhe novamente, a preços acessíveis, este sistema de excursões de 6 dias «à forfait» (todas as despesas incluídas) a partir de 1350$00 Peça informações e folheto descritivo nas Secções de Informações, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro

Sociedade Portuguesa de Petroquímica

S. A. R. L.

CAPITAL: 300 000 contos

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 104-4.º — LISBOA

OBRIGAÇÕES DE 5% — 1960 — 1.ª EMISSÃO

PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que, a partir **do próximo dia 1 de Julho, se encontra a pagamento o juro correspondente ao cupão n.º 19, cujo valor se discrimina:**

	Obrigações ao Portador	Obrigações ao Portador Registadas
Juro ilíquido	25$00	25$00
Impostos	8$04,2	3$49
Juro líquido	16$95,8	21$51

O pagamento dos juros será efectuado nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

— Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
— Banco de Fomento Nacional
— Banco da Agricultura
— Banco do Alentejo
— Banco Borges & Irmão
— Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
— Banco Fonsecas & Burnay
— Banco Lisboa & Açores
— Banco Nacional Ultramarino
— Banco Pinto & Sotto Mayor
— Banco Português do Atlântico
— Banco Totta-Aliança
— Crédit Franco-Portugais
— Crédito Predial Português

Lisboa, 20 de Junho de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DR. JESUS EGEA Y OLTRA

MISSA DO 7.º DIA

Agueda Gomez Egea, António Gomez Egea, Maria Tereza Marcelino Egea, José António Marcelino Egea e mulher e João Pedro Marcelino Egea e mulher, participam que será rezada missa por alma de seu marido, pai, sogro e avô, na Igreja de Santa Isabel, em Lisboa, no dia 29, pelas 9.30 horas.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

erros, enquanto os erros não culpam as culpas. Para que o erro culpe a culpa é preciso que a culpa culpe o erro. Sem isso, o erro será apenas erro o que, sendo muito, não é grave, porque se errare humano esde, muito mais esdepaterno e filhorum Salvum erro...

A propósito do divórcio entre pais e filhos, Ana Maria Varela relata uma conversa com «senhora de sociedade» no cabeleireiro. Bem me parecia que não há como o secador para bem se discutir pedagogia e sociologia.

Até ao fim do tempo destinado á sua rubrica, Ana Maria Varela procedeu a uma enxurrada impaciente de palavras pela qual nada mais se vislumbrava além do seu desejo infrene de falar falar falar...

Ora em asunto de tanta gravidade a palavra de cortiça aparenta-se com crime. Pirotecnia na televisão é coisa de muito pecado.

Já não era novidade para ninguém que Ana Maria Varela nada tinha para nos comunicar. Por que se permitiu que regressasse?

Eis um daqueles mistérios que tardarão a ser desvendados.

MC

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

CAMINHOS DE FERRO

FARO, PRAIA DE FARO, OLHÃO, SANTA BÁRBARA DE NEXE, MONCARAPACHO, ESTOI, PORTIMÃO, PRAIA DA ROCHA, ALVOR E FERRAGUDO

Comunica-nos a C. P. que no dia 1 de Julho p.º futuro é inaugurado um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, a cargo da Empresa Geral de Transportes, servindo os domicílios de Faro, Praia de Faro, Olhão, Santa Bárbara de Nexe, Moncarapacho, Estoi, Portimão, Praia da Rocha, Alvor e Ferragudo. Desta forma, a partir da referida data todas as estações de caminho-de-ferro passam a despachar mercadorias, incluindo pequenos volumes, para os domicílios das referidas localidades.

Por seu turno, nos domicílios das mesmas localidades aceitam-se a despacho, a partir daquela data, igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Em três linhas

Na exposição dos «Artistas Portugueses de Paris», que se realizou na capital francesa, por iniciativa da Casa de Portugal, o júri decidiu galardoar, por unanimidade, o artista Costa Camelo considerando a sua dologia e Conservação do obra como uma afirmação de maturidade e de excelente qualidade pictorial.

Foi-lhe atribuído o «Prémio Casa de Portugal».

Com um segundo prémio, foi contemplado o jovem Rodrigo Ferreira, pela promessa contida nos seus trabalhos.

///

Aceitam-se candidaturas para o provimento de um lugar de 2.º assistente, contratado, além do quadro, do 2.º grupo de disciplinas do Instituto Superior de Agronomia (Química Agrícola, Química Geral e Análise, Pedagogia e Conservação do Solo, Mesologia e Meteorologia Agrícolas e Análises Agrícolas).

Regressa hoje, 26, pela noite a Moçambique a fim de retomar as suas funções o comandante-chefe das Forças Armadas daquela província, general António Augusto dos Santos, que veio a Lisboa a fim de receber a condecoração da Ordem Militar da Torre e Espada que lhe foi imposta pelo sr. Presidente da República na cerimónia do passado dia 10 de Junho.

///

Está aberto concurso documental para admissão de médicos navais, em cujo quadro existem 19 vagas.

///

Foi a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais autorizada a celebrar contrato para fornecimento e montagem da cozinha do edifício dos tribunais da Polícia, no valor de 1700 contos. A empreitada para o fornecimento de mobiliário para os tribunais civeis importa em 4700 contos.

///

Todos os funcionários dependentes do Ministério do Ultramar, em viagem por mar, passam a ter direito a assistência médica e medicamentosa.

272 EXAMINANDOS NO CONSERVATÓRIO NACIONAL

No Conservatório Nacional principiaram esta tarde os exames dos alunos dos Cursos Superiores. Hoje efectuou-se a prova (1.ª chamada) do Curso Superior de Piano a que se apresenta um único aluno: Adriano Eurico Santiago Nogueira Jordão.

Entretanto, nas várias disciplinas das secções de Música e de Teatro vão prestar provas 272 alunos, uns internos e outros externos. Muitas das datas dos exames não se encontram ainda marcadas.

O 36.° ANIVERSÁRIO DA CASA DOS TABUENSES

No domingo decorre, na Casa dos Tabuenses, um almoço de confraternização comemorativo do seu 36.º aniversário, durante o qual será homenageado o sr. eng. José Horácio de Moura, governador civil do distrito

Seminário sobre Informática

Técnicas de utilização de computadores, demonstradas por técnicos das empresas UNIVAC, IBM e BULL?GE, preencheram a sessão de hoje do Seminário sobre Informática, que está a decorrer, desde o dia 23 do corrente, no Instituto Nacional de Estatística.

Na próxima segunda-feira, o sr. A. Cohen ocupar-se-á das operações correntes.

Confraternização de agentes comerciais

Realiza-se esta noite, na Casa do Alentejo, o jantar promovido pelo «grupo de estudos» constituído para defesa dos interesses dos agentes comerciais, durante o qual serão prestados esclarecimentos sobre os trabalhos em curso, com vista á estruturação da classe, através da criação de um organismo representativo.

Os problemas a abordar são, na generalidade, aqueles que o «Diário de Lisboa» oportunamente referiu em dois artigos subordinados á epígrafe «uma profissão em busca de lei».

A iniciativa despertou o maior interesse entre a classe, havendo cerca de oitenta inscrições para o jantar.

Bridge

MAIS UMA VITÓRIA DE PORTUGAL

OSLO, 27 — (ANI) — Portugal venceu a Bélgica, por 8-0 (104-50), na sexta jornada do Campeonato Europeu de Bridge que está a disputar-se nesta cidade.

Outros resultados da jornada: Dinamarca-Holanda, 3-5 (62-65); Irlanda-Noruega, 3-5 (53-63); Polónia-Suíça, 0-8 (68-105); França-Espanha, 6-2 (77-56); Grécia-Alemanha, 1-7 (Ytaou); Finlandia-Austria, 2-6 (64-86); Turquia-Hungria, 7-1 (105-75); Itália-Islandia, 6-2 (79-66); Suécia-Inglaterra, 7-1 (80-50).

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceram, em combate, na província de Angola, os seguintes militares: primeiro-cabo n.º 60232167, Bertolino Ferreira Vendas, do recrutamento da província, natural de Anadia, filho de Manuel Silva Vendas, já falecido, e de Aurora Augusta Ferreira; o soldado n.º 1264868, Manuel Marques Ferreira, natural de Mealhada, filho de Joaquim Duarte Ferreira e de Maria da Conceição M. Sousa; e o soldado n.º 13165868, António Lourenço Mendes Pereira, natural de Monte de Caparica, filho de Celestino Marques Pereira e de Albertina Paula Mendes; e, na província de Moçambique, o primeiro-cabo n.º 00168668, Joaquim Marcelino.

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas também comunica que o soldado n.º 73074567, Agostinho Almeida, do recrutamento da província, que fora dado como desaparecido, é confirmado sobrevivente.

700 recrutas da Escola de Marinheiros juraram bandeira

VILA FRANCA DE XIRA, 27 — Decorreu, esta manhã, na Escola de Alunos Marinheiros, integrada no Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, a cerimónia do juramento de bandeira dos elementos componentes do terceiro turno de incorporação de 1968-69, num total de cerca de 700 jovens. Presidiu o sr. almirante Ornelas e Vasconcelos, superintendente dos Serviços de Pessoal do Ministério da Marinha, que foi recebido pelo 1.º comandante da unidade, sr. capitão-de-mar-e-guerra Fragoso de Matos, pela oficialidade e por uma guarda de honra a que passou revista.

A habitual exortação aos alunos foi dirigida pelo secretário escolar, 2.º tenente R. N. Sousa Santos. Houve distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram e leitura dos deveres militares e da fórmula de juramento, após o que o batalhão escolar desfilou, sob o comando do sr. capitão-tenente Vasconcelos Castelo.

Seguiram-se demonstrações de manejo de armas, treino em circuito e boxe por várias companhias de alunos.

A «Antígona» de António Pedro pelo Grupo Cénico da C. N. N.

O Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação apresenta, esta noite, ás 21 e 45, no seu «teatro de bolso», á Travessa de S. João da Praça, 21, integrado no programa de inauguração da sua sede social, um espectáculo dedicado aos órgãos de Informação, em que será representada a peça «Antígona», de António Pedro, numa encenação de Rui de Matos.

São intérpretes: Ema Pignatelli, Helena Heitor, Maria do Céu, Zita Esteves, Silva Heitor, Caldeira Nunes, Raul Cardena, José Ribeiro, Rui Pinheiro, César Augusto, Alves Coelho, Norberto Moreira e Victor Martins.

MARCHA DO BAIRRO ALTO

O Lisboa Clube Rio de Janeiro promove esta noite, ás 22 horas, o ensaio geral da Marcha do Bairro Alto, no ringue da administração do Porto de Lisboa, em Santos.

MILITAR FALECIDO NUM DESASTRE DE AVIAÇÃO

Foi tornado publico que faleceu no dia 24 em Angola, num desastre de aviação, o furriel piloto-aviador José Maria Rama Bernardes, de 22 anos, filho do sr. José Maria Bernardes e da sr.ª D. Ermelinda Rama Góis, natural de Carapinheira do Campo (Montemor-o-Velho). O corpo será em breve trasladado para a terra da naturalidade, onde ficará sepultado.

Artes plásticas

Exposição retrospectiva de Bernardo Marques

Num dos salões do Palácio Foz, inaugura-se esta tarde, pelas 18 horas, uma exposição rectrospectiva da obra de Bernardo Marques, artista de inconfundível personalidade e que foi um grande pintor da capital.

Procederá á inauguração do certame o secretário de Estado da Informação, dr. César Moreira Baptista.

Exposição de Mily Possoz na Gravura

Na Galeria Gravura, na Travessa do Sequeiro, 4, r/c., continua patente, até ao fim deste mês, a exposição retrospectiva da obra gravada de Mily Possoz, artista falecida em 1968. Pode ser visitada todos os dias uteis, das 16 ás 20 horas.

O julgamento do cabo miliciano

PORTO, 27 — No Tribunal Militar Territorial, prossegue, durante a tarde, o julgamento do primeiro cabo miliciano, sr. Carlos Ataíde Coelho da Rocha, condenado, num primeiro julgamento, como autor da morte do seu filho, Carlos Miguel, de 2 anos.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Ultramar

O sr. ministro do Ultramar trabalhou esta manhã com o brigadeiro Valente Pires, governador de Timor, que ontem chegou a Lisboa para tratar com o Governo assuntos relativos à administração daquela província ultramarina.

● Ministro das Corporações

O ministro das Corporações trabalhou, esta manhã, com o presidente da Corporação das Pescas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
	—	—	575$
Consolidado 4 3/4%	545$	545$	546$
Consolidado 3%	640$	637$	645$
Consolidado 3 1/2%	1.530$	1.525$	1.535$
Centenários 4%	—	1.008$	—
Obrig. Tesouro 5%	—	605$	—
Externo 1.ª Série	—	650$	—
Externo 1.ª Série e.	—	—	900$
Externo 3.ª Série	900$	900$	—
Externo 3.ª Série e.	—	—	200$
Cautelas 3.ª Série			

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A. P. L. 5% 56	—	—	970$
A. P. L. 5% 58	—	—	965$
E. P. 4 1/2% 65	900$	—	900$
C. P. 5 1/2% 67	1.000$	990$	1.000$
C. U. F. 6%	1.005$	1.005$	—
C. U. F. 6% 68	—	1.020$	—
Gás Elect. 4% 48	860$	850$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	860$	855$	—
Gás Elect. 5% 52	—	910$	—
Gás Elect. 5% 58	—	910$	925$
Gás Elect. 5% 59	—	910$	925$
Gás Elect. 5% 62	—	930$	—
Gás Elect. 5% 63	—	930$	—
Gás Elect. 5% 65	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	—	1.010$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	840$	—
H. E. Cávado 5%	855$	854$	855$
H. E. Cávado 6%	—	1.020$	1.025$
H. E. Douro 5%	855$	854$	855$
H. E. Douro 6%	—	1.016$	1.020$
H. E. Norte Port. 5%	—	850$	—
H. E. S. Estrela 6%	1.010$	1.008$	1.010$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1.005$	1.010$
Metropolitano 4%	—	—	915$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.020$	—
Moçambique 5%	—	—	820$
Nac. Electr. 5%	—	820$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	900$	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	920$	915$	925$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	940$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	850$	—
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	850$	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	83$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	82$5	—
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos	Efec.	Compra	Venda
Agricultura	1.305$	1.300$	1.310$
Alentejo	760$	755$	760$
Angola	2.620$	2.600$	2.640$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	2.900$	2.890$	2.910$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	5.990$	5.980$	6.000$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	6.800$	—
Portugal n.	—	2.930$	3.000$
Portugal p.	—	3.750$	4.000$
Totta Aliança	7.000$	6.950$	7.050$
Ultramarino n.	2.405$	2.400$	2.420$
Ultramarino p.	2.800$	2.800$	2.820$

Seguros	Efec.	Compra	Venda
Alentejo	—	73$	75$
Douro	—	930$	1.200$
Mundial	535$	530$	540$
Sagres	—	1.500$	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	15.000$	30.000$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Açúcar de Angola	—	770$	780$
Ag. Cassequel	715$	710$	720$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	400$	380$	400$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	80$	80$	81$
Cabinda	—	206$	208$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.522$	1.500$	1.525$
H. E. Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	950$	[illegible]
Moçambique	113$	112$	114$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	375$	385$
Zambézia	77$	77$	78$
Angolana	—	—	—

Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cidla	—	7.550$	7.700$
Cim. Leiria	3.750$	—	3.750$
Cim. Tejo	6.050$	6.050$	6.100$
Co. Navegação	—	1.040$	—
C. U. F.	—	1.270$	320$
[illegible] Aliança	550$	500$	—
Nac. Navegação	—	—	3.300$
Petroquímica	2.270$	—	2.280$
Port. e Colónias	1.635$	1.635$	1.640$
Port. Celulose	—	—	4.100$
[illegible] Pesca	—	—	1.240$
Port. Tabacos	687$	685$	690$
Sacor	5.300$	—	5.300$
Siderurgia Nac.	1.440$	—	1.450$
Socel	2.945$	2.945$	2.950$
Tabacos de Portugal	—	1.100$	—
Tabaqueira	—	—	—
[illegible] Azoto	—	775$	790$

Agua Electr. e Gás	Efec.	Compra	Venda
Aguas Lisboa p.	—	410$	—
Aguas Lisboa 34	—	415$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct. Beiras	—	1.600$	1.610$
Gás Electr.	422$5	422$5	423$
H. E. Alto Alentejo	161$5	160$	162$
H. E. Cávado	—	1.280$	1.290$
H. E. Douro	1.286$	1.285$	1.287$
H. E. Norte Portugal	305$	303$	305$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.350$	1.345$	1.360$
Nac. Electricidade	1.390$	1.385$	1.395$
Termoeléctr. Port.	1.370$	—	1.375$
U. E. P.	200$	200$	202$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec.	Compra	Venda
F. I. Atlântico	—	[illegible]	[illegible]86$5
F. D. E. S.	—	117$4	[illegible]

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	20/6/69	26/6/69	27/6/69
GERAL	129,4	131,4	131,2
METROPOL.	127,4	129,5	129,3
ULTRAM.	144,1	145,3	144,9

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul		
— Rands de 1 e 2	34$50	37$00
— Rands de 5 e 20	35$50	38$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$402	$417
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,55	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$40	5$80
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	345$00	360$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$7[illegible]	39$20

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 821273

PRÉDIO

A MAIS DE 7%

Bom local, junto a Lisboa, construção cimento armado, composto de 18 inquilinos, habitaç. de 3 div. soalh., coz., desp., marq. e hall. Rende 205 200$. Preço 2850 contos. Facilita-se parte pagamento.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

EM ODIVELAS

Com 5 e 6 casas assoalh., em prédio de luxo, prontos a fazer escritura. Rua E, à Av. Prof. Dr. Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19.

TRATA:
F. FERNANDES & COSTA, LDA.
Av. Alm. Reis, 104-2.º
Tel. 53611/2/3

PRÉDIO

POR 700 CONTOS: — Acabado de construir, transporte à porta, de 4 pisos, 8 inq. e rende 53 000$00.

VENDE:

A LUZÁFRICA

Calç. Carmo, 6
Telef. 36 80 80

Contacto

PUBLICIDADE
Telef 847260

CONFIDENTE

PROPRIEDADES

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

ANDAR:

por 230 contos, em bom local da Amadora, 4 div. ass cozinha, 2 c. banho, despensa, marquise e roupeiro. Rende 15.600$00

ORCOSI
R. 1.º Dezembro, 45-3.º Esq.
Tels. 32 31 72-36 74 44

ANDAR ALUGA-SE — SANTO AMARO OEIRAS
Telef. 2430671

PREDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS, não compre sem consultar a PREDIAL

ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69

Em FÁTIMA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Loja do Francisco

Dinheiro s/ prédios

EMPRESIA SE rápida mente em boas condições 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs. 325487 e 370618 (junto á P. da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos a/escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos quaisquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC CONSTI. INVICTA — Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs: 30259-34755

BEDFORD KM

O CAMIÃO DE MAIOR CARGA ÚTIL - 10 000 kg
CAIXAS DE CARGA ATÉ 7,38 m
TRAVÕES A AR COMPRIMIDO C/ 2 CIRCUITOS
DIRECÇÃO COMPLETAMENTE ASSISTIDA

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a
SOREL
Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 5 81 11
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

O ANDAR DA SEMANA

Em QUELUZ: belissimos imóveis de 2, 3 e 4 boas assoalhadas, cheias de SOL, 2 assoalhadas desde 165 contos, 3 assoalhadas desde 215 contos e 4 assoalhadas desde 230 contos. — Rua Bastos Nunes, Lotes n.ºs 4, 5, e 7 — TRATA: Rua da Madalena, 182-1.º Telefs. 86.75.46

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
Ficando na mesma de sua propriedade
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

DINHEIRO S/ AUTOMÓVEIS

Visite-nos e depois compare n/ condições. Telef. 86.75.46.

HIPOTECAS

SÓBRE PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

NA COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV ALMIRANTE REIS, 104-2. — TELEF 53 61 11/2/3

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre 1.as hipotecas de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc., e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta toda a assistência até total reembolso do capital emprestado.

A CONFIDENTE

A maior organização do País

Capital social e reservas 25.000 contos

LISBOA — ROSSIO, 3, 2.º ANDAR
(ESQ. DA RUA AUGUSTA) — TELEF. 36 93 84/5/6
PORTO — R. PASSOS MANUEL, 14, 1.º
TELEF. 20344/5/6

CAPITAIS

Colocam-se com todas as garantias e nas melhores condições hipotecárias

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

Praça da Alegria, 58-2.º — Telefones: 362228 - 366731 - 366812

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Telef. 44846.

Contacto

ANÚNCIOS

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Telef. 769848-761987.

Fiat 1500, 1967; Fiat 850 Coupé, 1967; Opel Kadett, 1967; M. G. 1100, 1966; Auto Union F. 102 de 4 portas, 1966; Opel Rekord 1700 de 4 portas, 1965 Simca 1000 G. L., 1965. Fac troc. e pag.

Vende:
MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis, Furgonetas e Utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita à nossa casa. Garage Boa Viagem, Lda. Rua Sampaio Pina, n.ºs 56/60, Lisboa. Telef. 683737.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50060 — Automóveis Amoreiras, Av. João Crisóstomo, 89.
- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B.
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. Republica, 26.
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539168 — 539345 — B R U-NAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553843 — Auto - Argos — Praça Olegário Mariano, 6-D.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.

FRIGORÍFICOS
FIDES
·Interior em esmalte
·Congelador a toda a largura
FRIGORÍFICOS DE QUALIDADE EXTRA
NAS MELHORES CONDIÇÕES DE AQUISIÇÃO EM:
ELECTRODOMÉSTICOS
LUSALVA
R. Andrade Corvo, 4-A - Tel. 58884
VISITE-NOS: FICARÁ CLIENTE E AMIGO.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião 64-66

A ESTAÇÃO DE MADRID - ATOCHA PASSA A SER DESDE 1 DE JULHO A TERMINAL DAS LIGAÇÕES INTERNACIONAIS FERROVIÁRIAS COM PORTUGAL

ENCURTADA EM UMA HORA A VIAGEM PELA LUSITÂNIA EXPRESSO

A C. P. informa que por motivo do encerramento pelos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE) da estação de Madrid-Delícias em 1 de Julho próximo, os comboios acima indicados passam, desde aquela data, a partir e a chegar á estação de Madrid-Atocha.

Os comboios espanhóis entre Madrid e as estações de Badajoz e Valência de Alcantara passam igualmente a partir e a chegar áquela estação de Madrid.

Na mesma data é alterado com segue o horário do comboio Lusitania-Expresso:

Lisboa (St.ª Apolónia) — p. 21.30, c. 9.15
Madrid-Atocha — p. 22 09 c. 9.20

CAMINHO DE FERRO LEILÃO

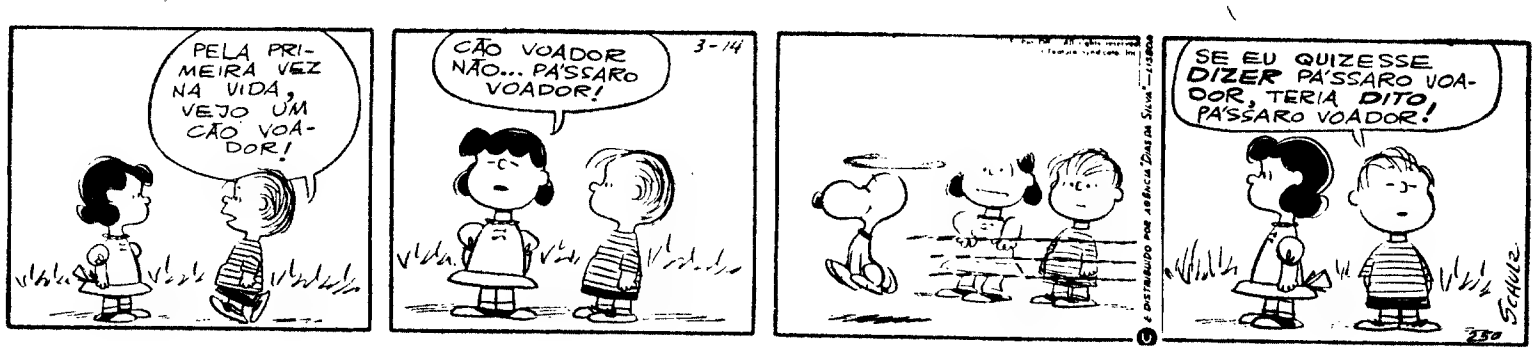
Em 7 de Julho e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 2 de Julho, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

♦ Pequenos anúncios ♦ Pequenos anúncios ♦ Pequenos anúncios ♦

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

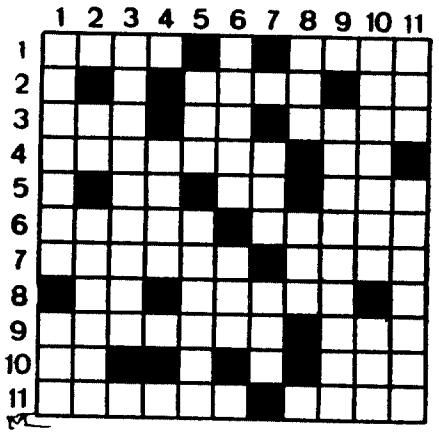
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5219

HORIZONTAIS: 1 — Permitido Transmitir bens 2 — Pegue Aqui 3 — Ermos Conjunção. Clima 4 — Surgi Símbolo químico do érbio 5 — Nota de musica Artigo (pl.) Preposição 6 — Em excesso Preferir. 7 — Resto de um dente na gengiva Extraordinária 8 — Acusado Conversar. 9 — Deslumbrara Rio da Ásia central (Zungária), tributário do lago Balcache 10 — Antes de Cristo Escudeiro 11 — Rompeu Patroas

VERTICAIS: 1 — Desmonta Parceiro 2 — Operário (abrev.) Rainha de Portugal, mãe de D Sancho II e de D Afonso III, que jaz no Mosteiro de Alcobaça 3 — Desentoes 4 — Mordique 5 — Filtre Cheiro 6 — Insuficientemente. Rio da Suíça, afluente do Reno, que cobre quase dois quintos daquele país 7 — Prefixo que designa igualdade Casa 8 — Deusa Forma poética de «para» 9 — Restabeleceriam 10 — Descobrir Borras 11 — Chefe etíope Tesouros públicos

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5218

HORIZONTAIS: 1 — Discrepavam 2 — Are Ilibara 3 — Criar Aí. 4 — Ré Siá. QUEM 5 — Ias Algum 6 — Olés Voe. 7 — Mofar NÃO. 8 — Impai. Atais 9 — Narro Meias 10 — Eire. Cria. 11 — Ad Fies.

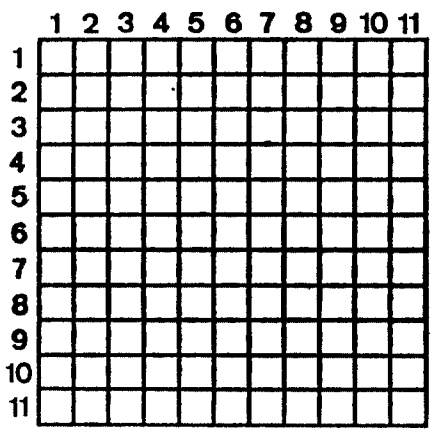
VERTICAIS: 1 — Dacriolina. 2 — Irreai Má 3 — Sei SEMPRE 4 — As. Soaria. 5 — Riria Fiord. 6 — El. Alva. 7 — PIA Goram 8 — Abique Tec 9 — Vá. Um Naire 10 — Ar. Vaiais 11 — Marma Ossa

(Provérbio: QUEM NÃO CRIA SEMPRE PIA).

PROBLEMA N.º 9062

HORIZONTAIS: 1 — Ruim Gota O mais 2 — Afio Peça de ferro em que se apoia o couto da lança, quando se pretende investir. 3 — Adivinhar. A mais velha das vestais Seguiam 4 — Ilha pertencente a Macau. Realiza 5 — Lavrai Esteiros. 6 — Peixe venenoso 7 — Trabalho negligente Parte do vestuário junto ao pescoço ou em volta dele 8 — Nome de homem Coules de várias gramíneas 9 — Chiste Fútil. Claridade 10 — Espécie de choupo Limpar metais 11 — Apelido Planta vivaz e medicinal Saudável

VERTICAIS: 1 — Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a África Moradas 2 — Desmontar Mete em mala. 3 — Cantiga. Amofina 4 — Prosiodímio (s. q.l.). Serra de Portugal. Cânhamo de Manila 5 — Cobre de iodo Princípios 6 — Vaso para vinho 7 — Glóbulo Filtrar. 8 — Nesse lugar Faz sermões Letra grega. 9 — Feche as asas para descer mais depressa Em que 10 — Prendera Qualidades 11 — Sentenças Guarnecera de asas



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9061

HORIZONTAIS: 1 — Figos Pargo 2 — Amola Amais. 3 — Dá Go Ru. Rs 4 — Onda Olão. 5 — Ai Tua Ao. 6 — Oco Ris. 7 — Er. Ameno Ar 8 — Xardo Odete 9 — Iria Arum 10 — Cão Pia Ara 11 — Ossos Ramos

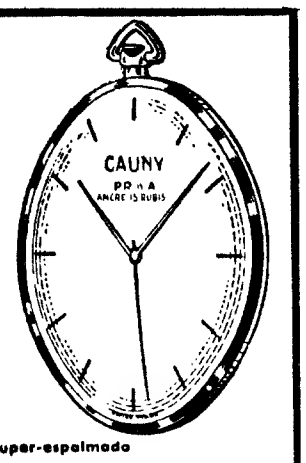
VERTICAIS: 1 — Fado México 2 — Imana Raras. 3 — Og Dio Rios 4 — Olga Cada 5 — São Toma Ps 6 — Ru. Si. 7 — Par. Arno Or 8 — Amio Ioda. 9 — Rã Tas Eram 10 — Grão Aturo 11 — Osso. Tremas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 27 de Junho de 939 publicava:

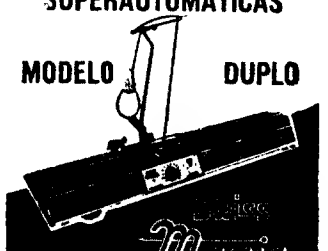
«**VARSOVIA**, 27 — Os polacos resolveram reforçar as fortificações na sua fronteira com a Alemanha e reforçar, também os respectivos efectivos.

«Nos ultimos dias, das fabricas de material de guerra polacas têm saído centenas de camiões carregados com material de guerra, cujo destino oficialmente não se dá a conhecer, mas que se sabe perfeitamente que têm seguido para as fortificações polacas da fronteira alemã.»



MÁQUINAS DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICAS

MODELO DUPLO



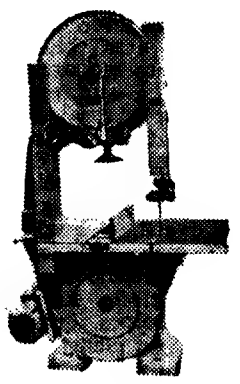
- Produto da indústria suíça de alta precisão
- Inteiramente metálica
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado
- Canelados perfeitos
- Facilidade de manejo

demonstrações e vendas na
LISLAR
AVENIDA DUQUE DE ÁVILA, 42-B
TELEFS. 53 67 32-53 77 53-LISBOA-1

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA
LISBOA: R. António Enes, 20-1.º Tel. 535057
PORTO: Rua Formosa, 172 Tel. 26902

Pretendo receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

«MIDA»



SERRA DE FITA
Mod. SF-70-80-90

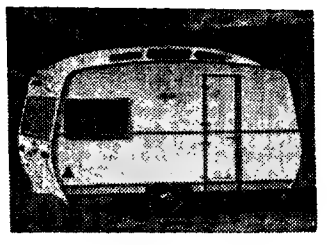
UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- ✱ SERRAÇÃO
- ✱ CARPINTARIA
- ✱ MARCENARIA

Fábrica: — **TROFA** (Tel. 94123)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)



EXPOSIÇÃO DE VERÃO

DAS CARAVANAS

«PLUMA» e «FLECHA»

DIAS 26 A 29 ATÉ ÀS 24 HORAS

BRINDE ESPECIAL A CADA COMPRADOR DAS NOSSAS CARAVANAS

FAÇA AS SUAS FÉRIAS VIAJANDO COM SEGURANÇA NUMA CARAVANA «PLUMA» E «FLECHA»

Avenida do Brasil, 114-C — LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«III TROFÉU IBÉRICO»

O BENFICA NA FINAL DO TORNEIO DE BADAJOZ

• VITÓRIA POR 1-0 SOBRE A REAL SOCIEDAD

BADAJOZ, 27 — Sabem o que é uma equipa apavorada, inibida, sem cabeça para reflectir, com os movimentos tolhidos, manietados? Se não sabem — ou mesmo que o saibam, o que é naturalíssimo — daremos como exemplo a equipa do Real Sociedad, que ontem, á noite, no campo del Vivero, defrontou o Benfica.

Antes mesmo de os campeões nacionais terem começado a jogar — diga-se desde já que o fizeram em excelente nível no decorrer da primeira parte — já os espanhóis estavam «amordaçados» e ultrapassados pelo nome e fama do seu categorizado adversário. Movimentos penosos, passes transviados, erros de marcação e, práticamente, nem uma unica jogada de enleamento e incidência atacante. E como o Benfica não facilitou nada a tarefa, muito especialmente na meia-hora inicial, o primeiro tempo foi de verdadeiro pesadelo para os homens de San Sebastian. É que os portugueses, bem cerçados na sua capacidade, conscientes da sua superioridade técnica e da manobra de conjunto fizeram-se muito bem o que lhes competia: roubar a bola aos adversários, não os deixando assentar nem organizar. Estilo económico e vistoso, com a bola a viajar de uns para os outros, obrigando os jogadores do Real Sociedad a correrias insensatas e depauperantes, buscando uma bola que normalmente estava bem guardada entre os homens do Benfica. Resultou daqui que os portugueses desenvolveram o seu jogo como quiseram, variando de flanco com facilidade e procurando entrar pelos lados da defesa contrária. Tudo isto com muita serenidade, sem grande rapidez, mas com a suficiente para deixar o adversário nas «covas», sem conseguir levantar a cabeça, olhar em frente, respirar e tentar a sua sorte. Duas ou três oportunidades foram desperdiçadas de forma escandalosa e o golo — justíssimo! — apareceu num lance quase de acaso e com duas «colaborações»: o pontapé semifalhado de Torres, em cima da linha de cabeceira, e a ilusão do guarda-redes, que estava á espera de um centro e viu aparecer um remate... O que acontece, porém, é que se escreveu direito por linhas tortas e alguns golos ficaram ainda em débito...

■

Depois do intervalo, não voltou Eusébio: um lance, na primeira parte, fez «despertar» a lesão do ultimo domingo e o moçambicano ficou de fora, por percaução e por impossibilidade também. E a sua ausência do «team» parece ter feito perder um certo respeito á turma espanhola. Não melhorou muito o seu esquema futebolístico, é verdade, mas o que é facto é que se não

(Continua na página seguinte)

por AMADEU JOSÉ DE FREITAS

EUSÉBIO RESSENTIU-SE DA LESÃO

No final do encontro, procurámos, junto de Hamilton Marques saber do estado de Eusébio. Eis a sua informação:

— Ressentiu-se da lesão contraída no domingo. Sofre de uma micro-rotura, num musculo da coxa. Não será fácil a sua recuperação, mas vamos tentar pô-lo em condições de, pelo menos, poder jogar durante uma parte. Vamos a ver...

Uma defesa de Vital, no jogo Atlético de Madrid - Vitória de Setúbal

COMEÇA AMANHÃ A VOLTA À FRANÇA

AGOSTINHO NA AVENTURA DA MAIOR PROVA DO CICLISMO

A «Volta á França», que principia amanhã em Roubaix, vai conhecer um terceiro nome português. O primeiro ciclista lusitano a participar no «Tour» foi Alves Barbosa, a grande vedeta da nossa velocipedia dos anos cinquenta e que ficou cotado no historial do ciclismo nacional, como uma das suas maiores vedetas. O 10.º lugar que então alcançou na grande ronda francesa constituiu um dos seus maiores feitos e, sem duvida, umas das proesas mais brilhantes que corredores portugueses jamais conseg

Mais tarde, entre os personagens desta importante competição, figurou o malogrado corredor do Académico, Ribeiro da Silva, cuja actuação, sem ter atingido o brilho da de Alves Barbosa, ficou, contudo, assinalada por um facto a que foi dado grande relevo. Foi o caso de, em dada altura do «Tour», Ribeiro da Silva ter ajudado Anquetil nas duras escaladas dos Pirineus, quando o consagrado corredor francês atravessava um momento bastante crítico, em que a sua candidatura á vitória final estava sériamente comprometida.

Essa ajuda de Ribeiro da Silva foi decisiva para o triunfo conseguido por Anquetil, o qual, cumprindo o prometido, na noite desse mesmo dia em que foi vitoriado no Parque dos Príncipes, entregou ao inditoso ciclista um envelope com a justa recompensa do esforço do português a seu favor.

Joaquim Agostinho, em quem todos os portugueses depositam as maiores esperanças numa actuação de harmonia com o que as suas faculdades deixam suspeitar, com a sua pouca experiência, mas animado de aspirações, porque ignora em absoluto este estranho mundo do ciclismo internacional e quantas tramolas se arquitectam pelos bastidores, estará neste «Tour» como o menino nas mãos das bruxas.

À sua volta ressoam os nomes mais flamantes da velocipedia mundial, tais como Jan Janssen e Lucien Aimar («Bic»); Raymond Poulidor («Mercier»); Roger Pingeon, Desire Letort e Ferdinand Bracke («Peugeot»); André Zimmerman e Bernard Guyot («Sonolor-Lejeune»); Eddy Merckx e Van Schill («Faema»); Antoine Houbrechts e Van Closter («Flandria»); Van Springel («Man Grundig»); Gianni Motta e Silvano Echiavon («Sanson»); Italo Zilioli («Filotex»); Giancarlo Polidori e Davide Boifava («Molteni»); Franco Balmanion, Felice Gimondi e Rudi Altig («Salvarani»); Gomez del Moral e Aurélio Gonzalez («Kas»); Luis Ocaña, Lopez Rodriguez e Francisco Gabica («Fagor»); Rik Van Looy e Evert Dolman («Willen II — Gazelle»).

Que irá fazer Joaquim Agostinho no meio de toda esta gente? Muito dependerá também do apoio que lhe for dado pela equipa da «Frimatic de Gribaldy» na qual está integrado. Dos seus colegas, os mais conhecidos são o belga Willy Planckaert, o inglês Derek Harrison e os franceses Maurice Izier e Jean Jourden.

Embora o técnico Louis Caput reconheça qualidades em Agostinho, como o demonstra o facto de lhe ter dado um dos três lugares permitidos a estrangeiros, nem Agostinho nem nenhum dos restantes franceses (Paul Gutty, Jean-Claude Lebaube, Jean-Louis Bodin, Pierre Matignon e Francis Rigon) terão hipóteses de entrar na escolha do «chefe-de-fila». Isto não exclui, no entanto, a possibilidade de, pela posição que vierem a conseguir na classificação, qualquer desses «segundos planos» mobilizar as forças de toda a equipa em seu auxílio.

Numa coisa, porém, podemos confiar — que Joaquim Agostinho dará todo o seu esforço ciente de que este será o «exame» definitivo para a avaliação das suas capacidades.

Do percurso deste «Tour» tudo quanto se pode dizer é que não é tão duro como se pensa, pois das quarenta e uma subidas, apenas metade contam para o «Prémio da Montanha», além de que os homens mais fortes em terrenos planos, tais como Mesckx, Aimar, Altig, Janssen, Gimondi, Ocaña e os muitos belgas presentes, hão-de impor a sua lei e, portanto, fazer com que a montanha não tenha grande influência no desfecho final da prova.

Logo as cinco primeiras etapas, desde Roubaix até Nancy, são favoráveis aos roladores. As primeiras dificuldades só virão na passagem pelos Alpes até Briançon. Depois até Revel surgirá de novo terreno que, embora não totalmente plano, será, contudo, favorável aos «reis» das planícies. De Revel a Mourenx serão mais duas jornadas de montanha, e se os trepadores as não souberem aproveitar já pouco poderão fazer até Paris.

Há, no entanto, quatro etapas que podem ter grande influência na classificação: o contra-relógio individual do primeiro dia em Roubaix; o contra-relógio por equipas do dia seguinte, em Wollwe-St. Pierre; a de Divonne-Les Bains; e a ultima, de Creteil para Paris, de 36,800 km.

Que irá fazer o Agostinho em tudo isto? Aguardemos. Muita coisa pode acontecer...

O itinerário da prova:

Amanhã — «Prologue» — Roubaix (contra-relógio), 10,4 km.

Domingo, 29 — 1.ª etapa — a) Roubaix-Woluwe-St. Pierre — 139 km; b) Woluwe-St. Pierre (contra-relógio, por equipas), 15 km.

Segunda-feira, 30 — 2.ª etapa — Woluwe-St. Pierre-Maastricht, 176 km.

Terça-feira, 1 de Julho — 3.ª etapa — Maastricht-Charleville (Mézières), 205 km.

Quarta-feira, 2 — 4.ª etapa — Charleville - Nancy, 216 km.

Quinta-feira, 3 — 5.ª etapa — Nancy - Moulhouse, 191 km.

Sexta-feira, 4 — 6.ª etapa — Moulhouse - Belfort, 130 km.

Sábado, 5 — 7.ª etapa — Belfort-Divonne-les-Bains, 244 km.

Domingo, 6 — 8.ª etapa — a) Divonne (contra-relógio individual), 10 km; b) Divonne-Thonon-les-Bains, 133 km.

Segunda-feira, 7 — 9.ª etapa — Thonon-les-Bains-Chamonix, 112 km.

Terça-feira, 8 — 10.ª etapa — Chamonix-Briançon, 221 km.

Quarta-feira, 9 — 11.ª etapa — Briançon - Digne, 199 km.

Quinta-feira, 10 — 12.ª etapa — Digne - Aubagne, 172 km.

Sexta-feira, 11 — 13.ª etapa — Aubagne-La Grande Motte, 196 km.

Sábado, 12 — 14.ª etapa — La Grande Motte-Revel, 234,5 km.

Domingo, 13 — 15.ª etapa — Circuito de Revel (contra-relógio individual), 18,5 km.

Segunda-feira, 14 — 16.ª etapa — Castelnandary-Luchon, 199 km.

Terça-feira, 15 — 17.ª etapa — Luchon-Moureux, Ville Nouvelle, 214,5 km.

Quarta-feira, 16 — 18.ª etapa — Moureux, Ville Nouvelle-Bordeaux, 201 km.

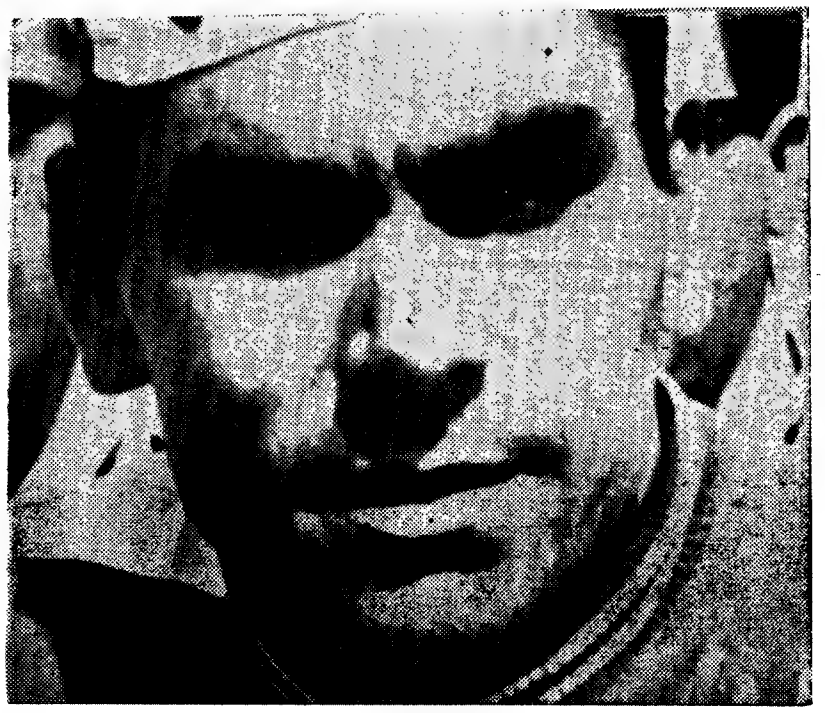
Quinta-feira, 17 — 19.ª etapa — Libourne - Brive, 191 km.

Sexta-feira, 18 — 20.ª etapa — Brive-Clermont-Ferrand, 189 km.

Sábado, 19 — 21.ª etapa — Clermont-Ferrand - Montargis, 329,5 km.

Domingo, 20 — 22.ª etapa — a) Montargis - Cresteil, 11,5 km; b) Cresteil-Paris, 36,8 km contra-relógio.

A chegada faz-se ao Parque de Vincennes.



Joaquim Agostinho, ex-trabalhador rural no concelho de Torres Vedras, revelou-se, no espaço de poucos meses, melhor ciclista português. E ei-lo agora na grande aventura do «Tour», onde pode alcançar popularidade internacional

HIPISMO

O CONCURSO DE VILAMOURA INICIOU-SE SOB BONS AUSPÍCIOS

Vilamoura, em pleno Algarve, está, agora, a contas com o seu 2.º Concurso Hípico Nacional, que ontem se inaugurou o mais auspiciosamente possível, visto que a organização se mostrou cuidada e os nossos melhores concursistas não faltaram.

Poucos dias depois do certame lisboeta, adivinha-se que as lutas travadas no hipódromo do Campo Grande irão prosseguir em Vilamoura. Foi isso, pelo menos, o que ontem se verificou ao longo das cinco provas, que muito valorizaram o programa e em que os conjuntos concorrentes se agruparam como em Lisboa:

Resultados:

Prova «Hotel D. Filipa» (cavalos debutantes): 1.º, coronel Henrique Calado, na «Ariane»; 2.º, capitão Brito da Cruz, no «Eneias»; 3.º, tenente Santos Correia, no «Cossaco do Tejo».

Prova «Junta Distrital de Faro» (cavaleiros juniores): 1.º, Eduardo Neto de Almeida, no «Inácio»; 2.º, Luís Vieira, no «Tagmon»; 3.º, o mesmo cavaleiro, no «Xerez» e Mendes Matias, no «Cisne».

Prova «Hotel Sol e Mar» (cavalos de 3.ª categoria): 1.º, Lobo Guedes, na «Endiabrada»; 2.º, Manuel Pinheiro, no «Spartakus»; 3.º, Carvalho Martins, no «Dido».

Prova «Hotel Balala» (cavalos de 2.ª categoria): 1.º, major Neto de Almeida, no «Luculos»; 2.º, ten. Pimenta da Gama, no «Espora»; 3.º, cor. Henrique Calado no «Fóris».

Prova «Banco Português do Atlântico» (cavalos de 1.ª categoria): 1.º, ten. Pimenta da Gama, na «Regina»; 2.º, cor. Henrique Calado, no «Lord Robert»; 3.º, ten. Martins Abrantes, no «Mistral».

A conferência do dr. Silva Rocha

Um êxito, a sessão de ontem á noite, no Belenenses, integrada nas comemorações do 50.º aniversário do clube. O dr. Selir Rocha (de quem o jornalista Vítor Santos fez eloquente apresentação) proferiu uma conferência sobre o tema «A multião, o atleta e a psicofisiologia dos desportistas». Um trabalho de grande interesse que, por estudar e explicar situações várias do Desporto na vida actual, bem justifica mais ampla divulgação

O BENFICA NA FINAL

(Continuação da pág. anterior)

via na equipa a mesma inibição, idêntico aturdimento.

Os homens da Real Sociedad começaram a correr e a ganhar lances, a impor-se de certo modo, mas sem marcarem — isso nunca — uma superioridade do ponto de vista futebolístico. Isto é: o estilo do predomínio espanhol era todo feito de frenesi, de arranques, de safanões, com a bola a voar longos metros. Diga-se, também, que o Benfica, quando trocou os pulos ao adversário e viu que a «sacudidela» não passava de honesto e pacóvio «foguetório», sem grandes consequências deixou correr as coisas e entrou num estilo de franca economia, de calma, de passar o tempo. E a verdade é que, apesar de todo o esforço, denodo, «esfarrapanço» dos espanhóis, esteve-se muito mais perto do segundo golo do Benfica do que do tento da igualdade espanhola — isso apesar de José Henrique ter tido duas defesas de grande categoria.

Ao fim e ao cabo, como futebol — e do melhor, sim senhor — ficaram os primeiros trinta minutos do Benfica. Nesse período, os portugueses asseguraram o passaporte para a «final». De forma — acrescente-se a convencer toda a gente e a dar certa confiança para o embate com o A. Madrid — que, pelo que se viu, não tem nenhuma comparação com a turma de S. Sebastian. Isto para melhor...

■

Parece-nos que ficou tudo dito. Só faltará, talvez, uma referência aos jogadores.

Nos vencedores, terá de se salientar — insista-se em que a equipa não acusou grandes equilíbrios exibicionistas — o excelente trabalho de José Henriques, Zeca, Toni e Simões. Muito bem.

Nos espanhóis, salientamos as actuações — numa equipa que além de modesta se mostrou diminuída psíquicamente — de Esmaola, Lama e Gaztelu.

Manuel Lousada teve uma preocupação dominante: não o acusarem de ser «patriota». Conseguiu-o, tendo até talvez exagerado num lance sobre Toni, já dentro da área... No conjunto, porém, bom trabalho, sereno, certo, num jogo francamente correcto.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

motel Alagoas
(DE 1.ª CLASSE)

NA MAIS IMPORTANTE ZONA TURÍSTICA DO ALGARVE

Único no seu género, especialmente dedicado aos automobilistas e situado em LAGOA, está a 10 quilómetros da Praia da Rocha e a 5 da Praia do Carvoeiro e de SOLFÉRIAS — outro empreendimento da Imobiliária Construtora Grão-Pará.

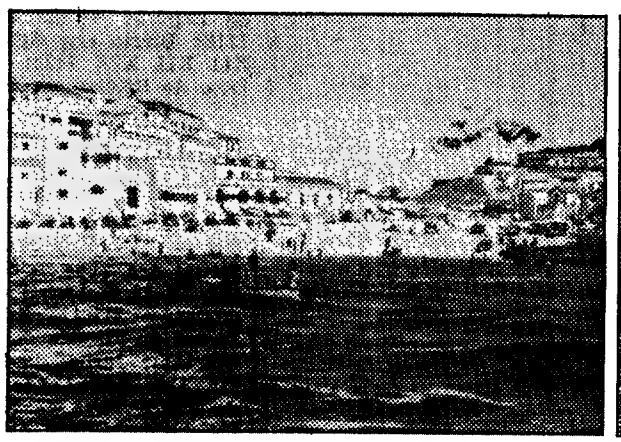
Restaurante, Bar e «Boite».

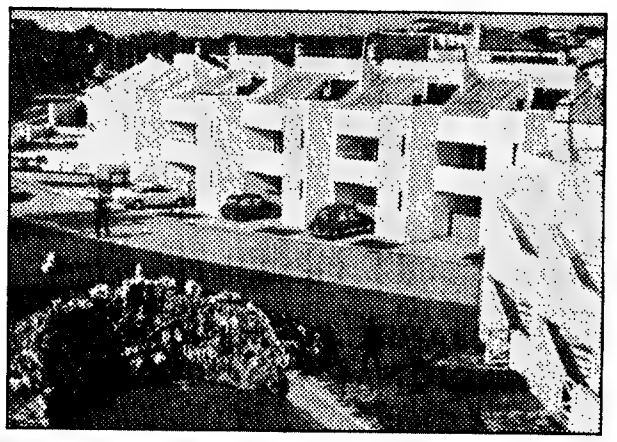
Todos os apartamentos possuem «kitchenette», garagem, açoteia, telefone e demais utensílios indispensáveis à comodidade dos seus hóspedes.

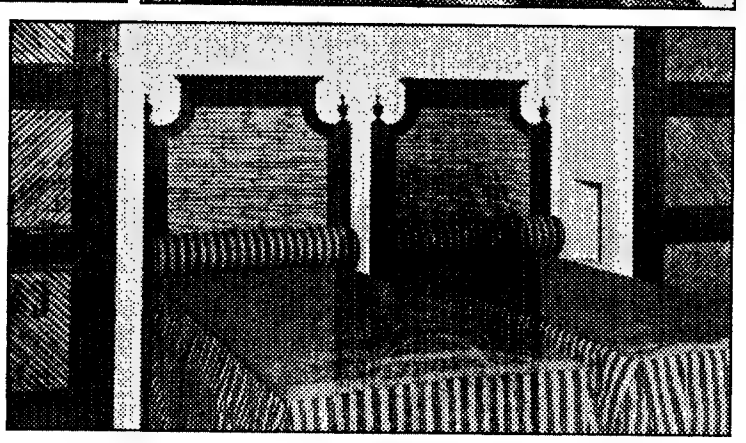
Classe e conforto a preços acessíveis.

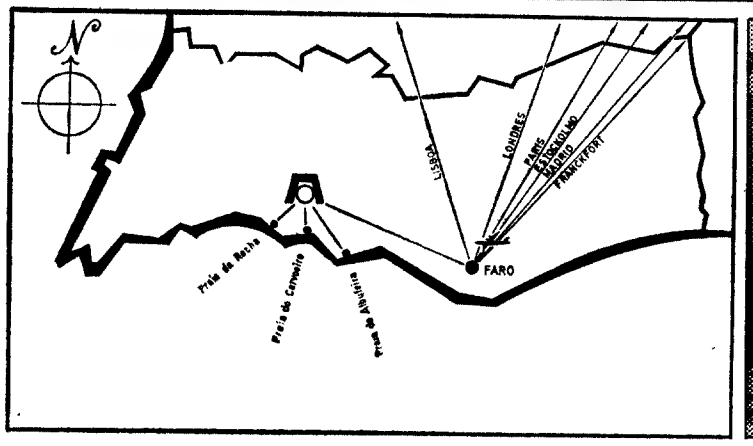
PASSE O SEU FIM DE SEMANA OU AS FÉRIAS...
ENTRE O CAMPO E A PRAIA!

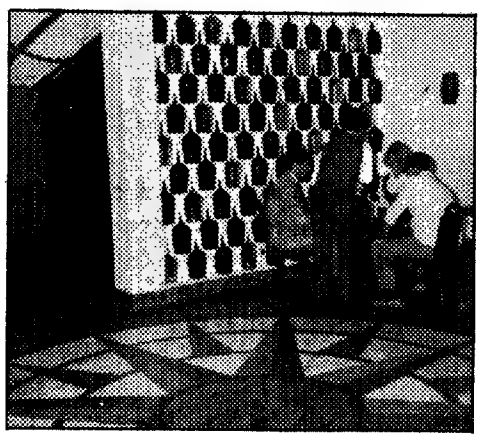
MOTEL ALAGOAS — com a garantia «Grão-Pará»











Informações e Reservas:
MOTEL ALAGOAS — Telef. 143 — Lagoa — Algarve
«GRÃO-PARÁ» — Avenida Infante Santo, 56-A e D
Telefs.: 66 10 36 - 66 10 69 - 67 29 53 — LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«II GRANDE PRÉMIO PHILIPS»

MENDES (VENCEDOR EM PORTALEGRE) A ATENUAR O MALOGRO BENFIQUISTA

Graças a esse sopro de juventude, que se respira neste II Grande Prémio Philips, as duas etapas de ontem puderam revestir-se de interesse e até de apreciável expectativa.

Foram, realmente, os novos que movimentaram a corrida á imagem e semelhança do que acontecera na véspera. Pela manhã, o tavirense Manuel Mestre, que já com Évora á vista, perdera a possibilidade, por via de um arreliador furo, de discutir, com outro «novo», José Queirós — da Covilhã — a ordem de chegada na cidade-museu.

À tarde, foi a audácia do sangalhense Norberto Duarte, ao escapar-se dos companheiros a 120 km antes de Portalegre, que transmitiu uma nota de sensação á tirada, embora só depois de Borba o pelotão mostrasse verdadeiro interesse em anular os seus intentos.

Na «terra sem fim» do braseiro alentejano, o estradista da Bairrada teve de sucumbir. A quebra física e o atento conjunto do Sporting — sempre na cabeça do pelotão — pronto a conjurar qualquer ameaça para a «camisola» de Firmino Bernardino, um símbolo que compensa os «leões» do atraso colectivo na classificação.

Benfica: a vitória de Mendes e o reverso da medalha

A tórrida planície alentejana provocou destroços. A grande vítima: o Benfica.

Primeiro, foi Pedro Moreira, que não pôde prosseguir; depois, foi Américo Silva que penosamente se arrastava pelas estradas do Alto Alentejo sem poder, para chegar a Portalegre a tempo de se classificar.

A vitória de Fernando Mendes constituiu, sem dúvida, uma «manifestação de remorso» da fortuna, que tão encarniçadamente tem virado as costas aos benfiquistas.

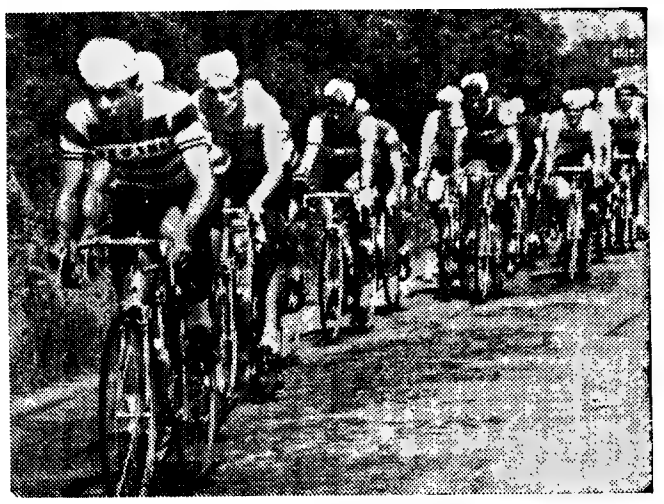
Aumentam agora as dificuldades destes para impor o seu melhor representante: Fernando Mendes. Sempre alerta, o Sporting «mete» normalmente, um dos seus homens em todas as tentativas de fuga, com o firme propósito de abortá-las, ou de tirar delas o melhor proveito (recorde-se a chegada a Setubal). Ao contrário dos «encarnados», Manuel Graça tem ainda muitas «cartas» para jogar nas duras escaladas até Viseu, certamente o local onde a corrida terá de decidir-se.

Mas para os «leões» outro perigo surge, também de amarelo, e onde, em fundo negro, se lê a palavra Ambar. Joaquim Coelho é «par», em tempo, de Firmino Bernardino no topo da classificação e toda a sua equipa está com força e confiante. Mas convém também não esquecer, para maior intranquilidade dos «leões», que o F. C. Porto é primeiro na «Geral» colectiva e que se aproxima do seu reduto.

Fernando Mendes (Benfica) foi o primeiro a cortar a meta em Portalegre, trazendo consigo mais 39 corredores, que foram, todos, creditados do mesmo tempo: 3 horas, 45 minutos e 6 segundos.

Desistiram oito corredores.

por ENCARNAÇÃO VIEGAS
nosso enviado especial



Os ciclistas concorrentes ao «Grande Prémio Philips» em marcha, pelas estradas do Alentejo

Manuel Pereira, da Coelima, vencedor da etapa Setúbal-Évora

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 43 – 8.ª época

Comércio de Portimão — 112 121 121 1212; O Comércio do Porto — 211 XX1 22X 12XX; Correio dos Açores — 111 12X 121 1111; Correio da Beira — 211 1XX 222 12X1; Correio do Vouga — 21X 1X1 121 1211; Defesa de Espinho — 111 112 221 1112; Diário dos Açores — X11 X11 X2X 1122; O Distrito de Setúbal — 21X 212 22X 11XX; Ecos de Cacia — 211 111 221 1111; Estrela da Manhã — 211 X21 22X 1221; Eu Sei Tudo — 211 11X 121 1211; Folha de Domingo — X11 11X 121 1111; Gazeta do Sul — 11X X12 222 11X1; Jornal das Aves — 211 1XX 121 1X11; O Jornal de Felgueiras — 211 11X X21 1111; Jornal do Fundão — 212 121 122 1111; Jornal da Lixa — 211 11X X22 12X1; Jornal de Santo Tirso — X11 1X1 221 1X21; Jornal de Sintra — 211 12X 221 12X1; Jornal do Sporting — X11 112 X22 12XX; Linhas de Elvas — 111 121 121 1XX2; Notícias de Beja — 211 11X 2XX 1211; Notícias de Guimarães — 211 X11 X21 1XX2; Povo Algarvio — 211 11X X21 1211; Rádio Ribatejo — 112 112 221 X112; Reconquista — 111 X11 121 1121; Renovação — X11 11X 222 12X1; República — 111 X22 X22 1221; O Telégrafo — 211 121 221 1X11; O Templário — XXX 2X1 X22 1X21.

Boletim Desportivo — 111 112 221 1111; Brados do Alentejo — 211 X1X 1X1 1X11; Cantinho Ricardo Lemos — 211 X2X 22X 12XX; Cavalgada do Ritmo — 211 1X2 121 1111; Correio de Coimbra — 211 12X 122 X21X; De Tudo Um Pouco — 2XX 221 22X 12XX; Às 10, Espere Por Nós — X11 111 X22 X212; Diário de Coimbra — 221 111 X21 1221; Dos Fracos Não Reza a História — 111 2X2 2XX 122X; Ideal Rádio — 211 XXX 221 12X2; Jornal do Barreiro — 211 111 XX2 1X1X; Jornal da Beira — 211 XX1 22X 12X1; Maria da Fonte (Desp.) — 111 1X2 22X 1211; Maria da Fonte (VA) — X1X 1XX 122 1XX1; Momento do Totobola — 111 111 111 1111; Mosaico — 211 X22 12X 1X2X; No Mundo do Desporto — 211 112 22X X221; Notícias da Amadora — 11X 122 221 X211; Notícias de Felgueiras (SD) — 111 11X 122 1X11; Notícias de Felgueiras (Tot.) — X11 11X X22 1X11; Novidades — 112 121 X21 1212; A Ordem — 211 11X 1X2 11X1; Passatempo JJ. — X1X 1X1 22X 1XX1; Peça Que Não Maça — 211 111 XXX 121X; Póvoa de Lanhoso (CA) — 111 X12 112 1221; Póvoa de Lanhoso (Desp.) — 111 1X2 221 11X1; Programa Electro Mecânico — 111 111 111 1111; Programa Sem Nome — X11 122 X2X 1X1X; A Rabeca — 111 2XX X21 1211; Rádio Altitude — 111 XX2 1X1 1212.

Mundo Desportivo — 2X1 112 2X2 11X2; Rádio Clube do Norte — 111 11X X21 11X1; Auto Rádio (RCP) — 111 111 1X1 1111; Rádio Placard (ENR) — 111 112 221 211X; Rádio Placard (RCP) — X11 1X2 121 1112; Repórter do Dia — 211 1X1 X22 12X2; Repórter do Dia (Angola) — 211 221 22X 12X1; Resenha Desportiva — 211 X2X 221 1221; Sorriso da Hora do Almoço — 222 222 221 1X22; Terra Alta — 111 XX1 12X 1X11; A Voz — X11 X12 222 11X1; A Voz do Casa Pia — 21X 111 222 1221; A Voz Desportiva — 121 X22 121 11X1; A Voz do Domingo — 211 1X1 XXX 1121; A Voz dos Ridículos — 211 XXX 221 12XX; O Comércio de Leixões (Desp.) — 211 1XX 22X 1X12; O Comércio de Leixões (DTUP) — 211 122 X21 121X; Correio do Douro — 211 1XX 121 1X1X; Flor do Tâmega — 211 1XX 222 121X; O Porto — 111 111 221 1111; Colina Sagrada — 12X 1X1 X12 11X2; Jornal Notícias — X11 1XX X21 122X; Vamos à Bruxa — 211 1X2 222 1222; Rádio Sports — 211 111 121 1122; A Lição do Menino Quim — 211 121 122 2221; Aqui Salgueiros — 211 11X 122 1X22; Penalti — 211 1X2 12X X2X2; Comércio de Gondomar — 211 1XX 12X 1221; Comércio de Gaia — 211 1XX 12X 1221; Notícias de Chaves — X11 1X2 22X 11X1.

A Nossa Chave — X11 1X1 222 1X2X; Diário — 21X 111 12X 1XXX; Brado Africano — 11X X11 22X 12XX; Jornal Desportivo — X1X 112 X21 12X1; Onda da Manhã — 111 2X1 12X 1212; Domingo Alegre — 212 1XX 122 1X1X; Roteiro Sonoro — 2X2 121 X21 X2X2; Relato F. Português — 1XX 122 121 11X1; Relato F. Ronga — 211 121 X21 1122; Cidade 69 — 2X1 1X2 221 X11X; Bondiazinho — 212 221 X21 1212; Notícias da Beira — 211 1X2 X21 122X; Diário — 21X 2X1 221 1212; Notícias — X11 X1X X2X 1X21; A Tribuna — X11 X11 221 1X2X; Notícias de Évora (VJT) — 211 11X 121 1X12; Notícias de Évora (VD) — X11 1X1 22X 12XX; Diário de Lisboa — 211 1XX 222 12XX; A Comarca de Arganil — X11 11X X22 1221; Correio do Minho — 21X 11X 22X 1211; Jornal do Sul (AD) — X11 1XX X22 12X1; Jornal do Sul (TL) — X1X XX1 X22 11X1; Notícias da Guiné — 211 121 2XX 12X1; Passatempo — X1X 1XX 221 1XXX.

RESUMO
CONCURSO N.º 43

N.º	JOGOS	BOLAS 1	X	2	1	X	2 (a)
1.	Espinho-Varzim	30	24	60	3	2	5
2.	Salgueiros-Penafiel	104	6	4	8	1	1
3.	Leixões-Braga	88	18	8	8	1	1
4.	A. Viseu-Gouveia	81	23	10	7	2	1
5.	Lamas-Sanjoanense	46	42	26	4	4	2
6.	Tramagal-Beira-Mar	45	38	31	4	3	3
7.	Leões-Torriense	37	30	47	3	3	4
8.	Sintrense-Sporting	4	11	99	1	1	8
9.	Alhandra-Marítimo	53	30	31	4	3	3
10.	Benfica-Belenenses	104	8	2	8	1	1
11.	Oriental-Atlético	33	25	56	3	2	5
12.	Seixal-Portimonense	47	40	27	4	4	2
13.	Barreirense-CUF	61	27	26	6	2	2

E o prognóstico lógico será: 211 111 221 1211.

(a) — Nos termos do artigo 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

O CASA PIA A. C. festeja o seu 49.º aniversário

O Casa Pia Atlético Clube começa a comemorar, no domingo, o seu 49.º aniversário, que coincide com o 189.º da Casa Pia de Lisboa, para o que elaborou um atraente programa de que constam os seguintes numeros:

Dia 29, ás 9,15 horas — Festival gimnodesportivo, no Estádio de Pina Manique; *ás 18,30:* Romagem á estátua da rainha D. Maria I, em Queluz.

Dia 3 de Julho, ás 9,15 horas — Missa na Igreja dos Jerónimos, com a presença do sr. ministro da Saude; *ás 15,30:* Sessão cultural e recreativa no Coliseu dos Recreios; *ás 20,30:* Jantar de confraternização.

Dia 12 de Julho, ás 22 horas: Festa dedicada aos alunos finalistas da Casa Pia de Lisboa, seguida de baile.

HOJE, À NOITE

ACTOS DE POSSE — Dos corpos gerentes da Associação de Patinagem de Lisboa, na sua sede, às 21 e 30.

PUGILISMO — Sessão internacional entre portugueses e selecção de Sevilha, no pavilhão gimnodesportivo da Amadora, ás 21 e 30 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos individuais de Lisboa, da 4.ª série, nas mesas do Ateneu e do Intendente, e feminino, na mesa da Recordação do Apolo.

II GRANDE PRÉMIO PHILIPS
GRANDE COMPETIÇÃO NACIONAL DE CICLISMO

Todas as equipas em competição e todos os componentes da caravana nesta grande prova de ciclismo contam com o apoio fresco e a assistência benéfica de

Sumol

Quem vencerá?

Que vença o melhor; é o desejo de Sumol, já vencedor na preferência do público.

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
Tel. 50595 (M/ 12 anos)
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Uma comédia engraçadíssima escrita, realizada e interpretada por PIERRE ETAIX
O GRANDE AMOR
com Annie Fratellini e Nicole Calfan

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
O EXTRAORDINÁRIO FILME DE BRUTAL ACÇÃO SINISTRA
O FILHO DE DJANGO
com Guy Madison
Feras humanas dizimadas á bala sem piedade
(Cromoscópio) - Eastmancolor

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
2.ª SEMANA
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Harry Guardino, Hope Lange e Bradford Dillman no excepcional filme
«LSD» — DROGA ALUCINANTE

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 21.30
(Veja anúncio especial)
PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Kirk Douglas e Robert Mitchum num espectáculo empolgante
A CAMINHO DO OREGON

LIDO
M/ 17 anos Às 21,30
O ídolo dos ídolos!
O Rei do «Colt»!
O maior de todos!
MONTGOMERY WOOD
no espectacular filme
GIGANTES EM DUELO

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
15.15 e 21.30
O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje
A RAPOSA
com Sandy Dennis e Keir Dullea

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
A história sentimental de
UMA CERTA RAPARIGA
com Mita Medici e Gianni Dei
Technicolor — Techniscope

CONDES
(17 anos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Franco Nero e Tina Aumont
Amor desvairado, violência desesperada
O HOMEM, O ORGULHO E A VINGANÇA

SÃO LUIZ
(M. 17 anos) Tel. 327172
Às 21 horas
Ciclo «Mestres do Cinema Americano»
O GRANDE CARNAVAL
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

ALVALADE
(M. 17 anos) Tel. 763080
Às 21 horas
Ciclo «Mestres do Cinema Americano»
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
O GRANDE CARNAVAL

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
A CAMINHO DO OREGON
ATRASO NO PAGAMENTO

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 21.30
ESCORREGAR E CAIR
com Robin Phillips e Genevieve Page
Amanhã:
MATINÉE INFANTIL

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um exemplo de perfeita inquirição judicial
TESTEMUNHA SUSPEITA
com Ray Milland e Sylvia Syms

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
15.15 e 21.30
Humor negro, branco, cor-de-rosa num espectáculo faustoso e de sátira apimentada...
ADORÁVEIS CONSPIRADORES
Diana Rigg, Oliver Reed, Curt Jurgens, Telly Savalas e Philippe Noiret

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra fundamental de Alain Resnais
MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

EDEN
(M. 17 anos) Tel. 320768
Às 21.45
(Veja anúncio especial)
Troy Donahue e Claudette Colbert em
BONECAS DE CARNE
Às 18.30 — M/ 17 — «Eles só matam uma vez»

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 21.45
Uma comédia cheia de malícia!
MULHERES PERIGOSAS
com Sylva Koscina, Dorian Grey, Renato Salvatori e Nino Taranto

CHIADO TERRASSE
(17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
DOUTOR... VAMOS A ISTO!
INVASÃO SECRETA

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
ESTA NOITE É MINHA
OPERAÇÃO ISTAMBUL

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 388743
Às 18.30 e 21.30
3.ª SEMANA
David Niven, Shirley McLaine e Cantinflas no espectacular filme baseado no famoso livro de Júlio Verne
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
uma fabulosa aventu[illegible] vivida por 44 grand[illegible]tas
[illegible] Picoas

ODEON
(12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p.r.) e 21.30
9.ª E ÚLTIMA SEMANA DO FABULOSO ÊXITO DE GARGALHADA
BONANÇA & C.ª
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas.

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
A obra-prima de Vittorio de Sica
LADRÕES DE BICICLETAS
O filme mais premiado de todos os tempos!

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 45 e 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Amélia a Bolio» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Mãos à obra» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Black-out» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 22: «O 2.º Tiro» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 20 e 45 e 23: «Pepsie» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 9: «A montanha da luz» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «A lenda de uma estrela» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A semente do diabo» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Bonnie e Clyde (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Alta tensão das Caraíbas (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A maior história de todos os tempos (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O grande pistoleiro» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O homem do golpe perfeito»
IDEAL — Às 21: «Sete homens e uma mulher (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Duelo sem tréguas» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Alta batota» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Filhos de ninguém» e «O Anjo Branco» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «No calor da noite» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 7 e ás 21 e 30: «Escorregar e cair» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Sob o fogo da metralha» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Charada internacional» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Resgate humano» (17 anos).

● Outra Banda

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «Fome de vingança» e «Barba negra o pirata» (12 anos)

CONFERÊNCIAS

Na Faculdade de Ciências

A Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais promove, na segunda-feira, ás 18 horas, no anfiteatro de Botânica da Faculdade de Ciências de Lisboa, uma conferência pelo dr. J. Katznelson, do Volcani Institute of Agricultural Research-Israel, sobre «Speciation processes in Trifolium subterraneum and their agronomic implications».

Anestesia e seus perigos — pelo dr. Bordallo Pinheiro

Os efeitos da anestesia no organismo humano vão ser tema de duas conferências a pronunciar, nos próximos sábado e segunda-feira, pelo sr. dr. João Bordallo Pinheiro, investigador da especialidade.

A primeira será pronunciada no Sindicato Nacional dos Odontologistas («Acidentes nas anestesias das intervenções na cavidade oral») e a segunda na Ordem dos Médicos («Acidentes nas anestesias por infiltração, em cirurgia»).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — **Lopes Ribeiro**, R. do Cruzeiro 1:7 (633288) ❋ **Boa Hora**, R. dos Quartéis. 25-27 (637777)
ALCÂNTARA — **Lisbonense**, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ALVALADE — **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (712070) ❋ **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ❋ **Paris**, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B ao Pote d'Água (710'31)
AREEIRO — **Vera Cruz**, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (á Av. S. João de Deus) (724941) ❋ **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (726848) ❋ **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465).
ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R. Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Av. Sacud. Cabral) (770776) ❋ **Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ❋ **Sagres**, Aven. Luís Bivar, 69-7: (47213) ❋ **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — **Nobel**, R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — **Labor**, R. Diário de Notícias, 81 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40 (84 122).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, P. das Casas Novas, 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romana**, Rua B 7, á R. Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — **Estácio**, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) ❋ **Morão**, R. da Assunção, 17-19 (321289)
BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678-E (702532) ❋ **Sousa**, Est. de Benfica, 429-43 (780027).
CAMPO DE OURIQUE — **Porfírio** R. Franc. Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682)
CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (680304) ❋ **Ivone, Lda.**, Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33-35 (780'8)
CONDE DE REDONDO — **Jaime Jose da Costa**, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — **Universal**, R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — **Paivas & Parente**, R. de Santo António á Estrela 96-98 (665196) ❋ **Martins**, Calçada da Estrela, 67 — (660823)
GRAÇA — **Arnall**, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ❋ **Morão**, L. da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — **Intendente**, L. Int. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — **Alameda**, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ❋ **S. Tomé**, Est. do Desvio lote, 12-C (790704).
MADRAGOA E SANTOS — **Fontoura de Carvalho**, Rua de Santos-o-Velho, 2 (662075).
OLIVAIS — **Marvila**, R. Direita de Marvila, 25 (381612) ❋ **São Paulo**, R. 2, Lote 828, á Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (3107) ❋ **Higiene**, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B, n.º 4, L. 43, Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 1 P. M., 3 (610256)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395).
RATO — **Soares**, Av. Alvares Cabral, 1 (684282).
REGO — **Prates & Mota**, Rua do Beneficência, 9 (773728).
RESTELO — **Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (61 814) (á encosta do Restelo próximo dos Moinhos)
S. PAULO — **Central**, R. de S. Paulo, 108 (320389).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (á Av. D. Afonso III) (843439) ❋ **Martins, Lda.**, Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — **Santa Bárbara** — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 251 234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Combatentes**, Avenida Combatentes G. Guerra, 166 (213953)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — **Central**, R. João Teixeira Simões, 9 (2430058)
PAREDE — **Grincho**, Av.ª da República, 87-A (2471204).
ESTORIL — **S. João**, (Tel. 261 86)
MONTE ESTORIL — **Lopes**, Rua Hangar, 3 (260008).
CASCAIS — **Marginal**, Av.ª Marginal (280078) ❋ **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24 (2802 4)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Nelo**, P. D. João I — Lote 146 — Bairro Janeiro (932756) ❋ **Central**, Av.ª Cardoso Lopes, 25 (932210) ❋ **Jardim**, Av.ª Conde de Oeiras, loja X-1 Reboleira (937740).
DAMAIA — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)
QUELUZ — **André**, Av. Elias Garcia, 151 (950043) ❋ **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (95184)
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — **Química** — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456)
SINTRA — **Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832).
VENDA NOVA — **Nova** — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — **Colares** — Abreia (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 Tel. (234100).
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av.ª da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — **Galeno**, R. Capitão Leitão, 85 (2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Estrada Nacional, 221-B (224 41)
BARREIRO — **Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (2273017).
COVA DA PIEDADE — **Império**, Rua da Boa Esperança, 31-A (274356).
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — **Moderna**, Rua Bulhão Pato, 60 (230156).
SESIMBRA — **Leão**, Av.ª Salazar (229471).
SETUBAL — **Oliveira**, L. da Misericórdia (22488)
SEIXAL — **Soromenho**, R. Paiva Coelho 38 (228560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas 361353** ❋ **Companhias Reunidas, 537011** ❋ **Gazcidla 538821** ❋ **Gazcidla (dom. e feriados) 382069.**
BOMBEIROS — **Sapadores 322222** ❋ **Voluntários 538524**
POLICIA e G. N. R. — **Serviço de emergência, 115** ❋ **Segurança Publica, 366141** ❋ **Judiciária, 535380** ❋ **Marítima, 326456** ❋ **Internacional, 362721** ❋ **Viação e Trânsito, 42205** ❋ **G.N.R. (área rural), 36865**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 665342** ❋ **Enfermagem permanente, 766161** ❋ **Enfermagem de urgência, 43738** ❋ **Hospital de Santa Maria, 775171** ❋ **Hospital de S. José, 860131** ❋ **Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169** ❋ **Transfusões, soros e oxigénio, 538524** ❋ **Centro de Intoxicações (informativo). 767777 761176 e 763456**
TRANSPORTES — **Aeroporto, 720111** ❋ **Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029** ❋ **Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121** ❋ **Estação fluvial (T. Paço), 325345** ❋ **Estação Marítima de Alcântara, 663195** ❋ **Estação Marítima da Rocha, 672445** ❋ **Estação fluvial (Belém), 658531**

BOM APETITE

PORTAS DO SOL
LE RESTAURANT FRANÇAIS DE LISBONNE
R. S. Tomé, 86, Telef. 861633 (Junto ao Miradouro S. Luzia)
ABERTO DAS 9 H 30 À 1 H 30 DA MADRUGADA
ALMOÇOS — JANTARES — CEIAS
SERVIÇO DE BAR PERMANENTE
(Encerrado aos Domingos)

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo

PROGRESSO
Restaurante ● Snack-Bar ● Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 4
Telef. 40115
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS À RIBATEJANA
● COELHO À CAÇADOR
E LANCHES DE CASAMENTO
SERVEM-SE BANQUETES

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

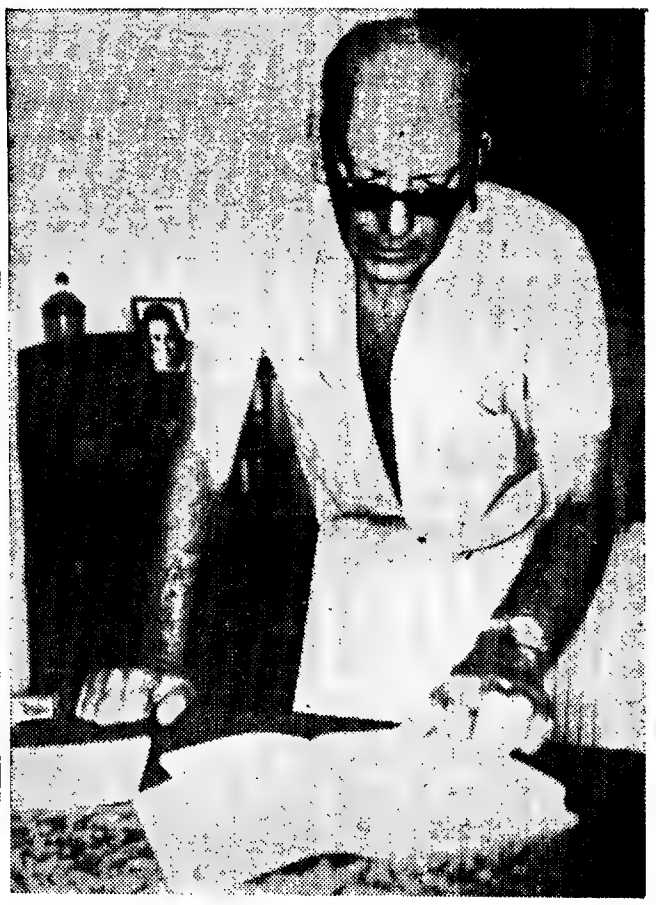
TARANTELA
RESTAURANTE ❋ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
❋ Ar condicionado — Encerrado aos Domingos ❋
R. Tomás Ribeiro, 63 — Lisboa — Tel. 538780

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

CHICHESTER NO ALGARVE



Chichester folheia, á vista do nosso correspondente, o livro em que descreve a sua aventura

(Continuação da 1 pag.)

Este homem tranquilo, á minha frente, de corpo longo, seco e descontraido é um dos maiores aventureiros deste século. Tem 68 anos mas uma jovialidade de 20.

— *A aventura foi sempre minha companheira* — disse-nos. — *Com 18 anos experimentei o prazer da navegação, navegando sózinho até Nova Zelandia. Mais tarde, apenas com 10 libras no bolso, fundei uma companhia de aviação, com alguns amigos.* — acrescentou.

E o homem que a rainha Isabel transformou em cavaleiro depois da mais fantástica viagem solitária, prosseguia:

— *Quando obtive o «brevet» foi a minha primeira viagem um pouco longe: de Londres á Austrália; estávamos em 1929... Em 1931 voei num hidrovião da Austrália ao Japão.*

Mas o mar sobrepunha-se a todas as outras aventuras para «Sir» Francis.

— *Em 1960 fui o primeiro classificado na regata transatlantica de Plymouth a Nova York.*

«Sir» Francis olha-me com simpatia. É, verdadeiramente, um prazer falar com este homem experimentado, de olhos muito vivos e bondosos.

— *Em 1964 preparei toda a grande viagem. Mas só em 1967 o «Gips Moth IV» estava pronto e eu também. Ambos fomos bons companheiros.*

O famoso navegador e sua esposa, «Lady» Sheila, vêm passar dois meses em Albufeira. Dentro de dias o seu filho Giles, que estuda em Duford, juntar-se-á aos papás.

«Sir» Francis beberrica um copo de «Gin», com muito gelo e sorri, dizendo-nos:

— *Isto é muito melhor. Na minha viagem não usei nada disto. Fiz uma alimentação á base de saladas, com grande preferência pelos agriões.*

E de repente, aumentando de vivacidade:

— *Também fui jornalista, hem! E dos bons! O «Sunday Times» comprou-me o exclusivo da história da minha viagem.*

— Quanto recebeu por isso, «Sir» Francis?

— *Bom, não foi mal pago, nada mal pago* — esquivou-se.

— *Bom, mas eu tenho escrito mais, muito mais e muito mais barato,* — prosseguiu, acrescentando:

— *Tenho diversos livros sobre navegação aérea e marítima. Ao todo, publiquei 22 livros.*

— Pensa passar aqui mais férias?

— *Sim, penso até em comprar aqui uma casa. Mas não virei de avião... ...como desta vez. Da próxima virei no meu novo veleiro. Está a construir em Cork, na Irlanda. É maior do que o «Gipsy Moth IV» e vai estar pronto na próxima Primavera.*

Pediramos cinco minutos e estávamos há uma hora conversando com o velhote Francis.

— *Dê as minhas saudações a todos os navegadores portugueses. Só conheço Albufeira mas acho isto maravilhoso. Realmente maravilhoso.*

Ai «Lady» Sheila disse, com amável ironia:

— *Sou muito mais viajada do que o meu marido. Já estive em Portugal três vezes e conheço o Estoril Cascais, Lisboa, Albufeira e Praia da Rocha.*

E pronto. Aqui ficam as primeiras declarações de «Sir» Francis Chichester a um jornal português, o «Diário de Lisboa».

V. de S.

A esposa do navegador solitário mostra-nos um lenço estampado com a rota da viagem do marido

O tempo

NORMAIS DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava limpo ou pouco nublado por influência de uma massa de ar quente tropical continental. O vento era fraco de vários rumos.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Lisboa e Porto, 23°; Coimbra, 18°; Faro, 27°; Funchal, 22°; Penhas Douradas, 20°; Portalegre, 28°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Beja, 36°; mínima: Montalegre, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 22.9°; na água do mar: 16,4°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo ou pouco nublado. Condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal na faixa costeira ocidental ao norte do cabo da Roca. Vento fraco e moderado de nor-noroeste.

Amanhã
Nascer ás 06 e 15
Ocaso ás 21 e 06

Dia 29 Dia 6 Dia 14 Dia 22

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 27 — 1 e 48 (3,6 m); 14 e 23 (3,8 m). Dia 28 — 2 e 46 (3,7 m); 15 e 11 (3,9 m). Dia 29 — 3 e 40 (3,8 m); 16 (4,1 m). BAIXA-MAR: Dia 27 — 7 e 54 (1,1 m); 20 e 13 (1,1 m); 20 e 13 (1,1 m); Dia 28 — 8 e 35 (1,0 m); 21 e 03 (0,9 m) Dia 29 — 9 e 20 (0,9 m); 21 e 55 (0,8 m).

QUEDA DESASTROSA

COVILHÃ, 27 — Quando brincava com outros rapazes, o menor, de 16 anos, Francisco José Lobo, filho do bombeiro graduado, sr. José Candido Lobo, deu uma queda desastrosa. Recolheu ao hospital, ferido e com uma perna partida

Contagem final de ensaio para lançamento da Apolo-11

CAPE KENNEDY (Florida), 27 — (A. N. I.) — Começou á meia-noite e 1 minuto (5 horas e 1 minuto em Lisboa) a contagem final de ensaio para o lançamento da Apolo-11. Durante o teste, que termina ás 14 horas e 32 minutos do dia 2 de Julho, serão realizadas todas as operações do lançamento excepto a ignição dos cinco motores do primeiro andar do foguetão Saturno-5.

Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin Aldrin não participam nesta experiência, mas tencionam participar num lançamento simulado do engenho, no dia 3, quando o combustível tiver sido retirado dos reservatórios.

Se a experiência tiver êxito, começam imediatamente os preparativos para a partida da Apolo-11 para a Lua, marcada para o dia 16.

Ontem, os astronautas prosseguiram os seus treinos nos módulos simulados, ensaiando todos os pormenores, desde que Armstrong e Aldrin deixam Collins em órbita, até o momento em que o módulo lunar poisa na Lua.

O exercício foi dirigido pelo centro de Houston, no Texas.

CICLISMO — «GRANDE PRÉMIO PHILIPS»

ANTÓNIO SALAZAR FOI O 1.º EM CASTELO BRANCO

• O «CAMISOLA AMARELA» (FIRMINO BERNARDINO) DESISTIU

CASTELO BRANCO, 27 — A 15 quilómetros desta cidade de quatro ciclistas pedalavam á frente do pelotão, com uma vantagem de 3 m. 45 s. Eram eles Manuel de Castro (Ansor) iniciador da fuga, Manuel Lote (Sangalhos), o tavirense Manuel Mestre e António Salazar do Coelima, este ultimo a juntar-se aos três da frente depois de Portas de Rodão.

Faltavam, no entanto, cerca de oitenta quilómetros para se concluir a tirada, nas Penhas da Saúde.

Registe-se que o Benfica continua a ter uma equipa infeliz. Os seus corredores, também na tirada de hoje, têm sofrido «furos» constantes.

Na meta volante instalada em Castelo Branco o primeiro a passar foi António Salazar, do Coelima, seguido de Manuel Mestre e Manuel Castro.

Entretanto, uma nota de sensação: o «camisola amarela» (Firmino Bernardino, do Sporting) desistiu um pouco antes desta cidade.

NAVIO NORUEGUÊS NO TEJO

Fundeou ontem á noite no Tejo o navio norueguês «Norseman», consignado á firma Knudsen, que, anteontem, ao largo de Casablanca, foi abalroado pelo navio liberiano «Fanny», tendo sofrido um rombo na alheta de bombordo nas obras mortas.

O navio norueguês receberá algumas reparações, retomando depois o caminho do Japão com uma carga de 45 mil toneladas de minério que embarcou num porto russo.

Descontentamento pelo local escolhido para a dragagem da barra do Guadiana

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 27 — Encontra-se já na barra do Guadiana a draga marinha que vem dar início ao trabalho de dessassoreamento da barra. Consta que o trabalho será feito no canal da barra velha que tem cerca de quatro quilómetros de extensão, o que, de modo algum, pode dar garantias de dragagens eficientes, antes corresponde a um desperdicio de dinheiro.

O local mais indicado, segundo a opinião geral, seria a Golada, debaixo do Obril, que apresenta muito melhores condições.

PALMA INÁCIO FOI PRESO

Hermínio da Palma Inácio, do movimento revolucionário «LUAR» e indigitado pela Polícia como arguido no processo referente ao assalto ao banco da Figueira da Foz, que se evadira da cadeia do Porto em 8 de Maio ultimo, foi capturado na quarta-feira passada.

O Chefe do Estado inaugurou em Lamego o quartel dos «Comandos»

LAMEGO, 27. — O sr. almirante Américo Thomaz esteve umas horas nesta cidade, onde visitou o Centro de Instrução de Operações Especiais (C. I. O. E.) e inaugurou o quartel da Cruz Alta, dos «Comandos».

O Chefe do Estado chegou ás 10 horas ao campo de instrução do C. I. O. E., onde foi recebido pelo ministro e subsecretário do Exército, general comandante do Estado-Maior do Exército, general comandante da 1.ª Região Militar e coronel António Correia Dinis, comandante do C. I. O. E.

Depois de passar revista á guarda de honra e assistir ao desfile das forças em parada, o sr. Presidente da Republica assistiu ao descerramento da placa a assinalar a sua visita e recebeu, depois, os cumprimentos da oficialidade. Na sala das conferências, o coronel Correia Dinis, depois de saudar o Chefe do Estado, fez uma curta exposição das actividades do Centro.

Seguiu-se uma visita á barragem do Varosa, onde se realizavam exercícios de campo, indo depois o sr. almirante Américo Thomaz presidir á inauguração do quartel da Cruz Alta.

Depois do almoço na messe, o Chefe do Estado partiu de Lamego.

TV SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

27 de Setembro de 1968: «Entro a exercer as árduas funções em que fui investido animado de uma grande fé». «Mas continuar implica uma ideia de movimento, de sequência e de adaptação»

MESA REDONDA

Faz hoje nove meses...

Há nove meses precisos, hoje cumpridos, o dr. Marcello Caetano subia as escadas do Palácio de S. Bento, pela primeira vez na qualidade de Presidente do Conselho. Há nove meses precisos — estávamos em 27 de Setembro — o dr. Marcello Caetano pronunciou o discurso de tomada de posse, que ficou identificado por aquela data, que tantas esperanças despertou e que tantos comentários desde então desencadeou.

A nove meses de distância, em que medida é que foram cumpridas as promessas feitas, em que medida é que foram desiludidas as esperanças que se suscitaram? Que esperanças? Que promessas? Que desilusões?

O «facile credimus quot volumus» levou a esquecer os verdadeiros limites que então ouvimos fixar, mas onde então nos pareceu que caberia um mundo inteiro de coisas que, poucos dias antes, a todos nos pareceriam impensáveis como declaração de posição do Poder constituído.

Cabia tanto nessa nuvem de surpresa que nela nos parecia caber tudo quanto cada um desejaria.

Não tardou, por isso, que se formasse uma espécie de decepção de cada vez que não acontecia aquilo que se sonhava ou que não acontecia da maneira e na medida que se sonhava.

Mas, então, as promessas?...

Pois apetece dizer que promessas não havia nenhumas. Havia, sim, umas aberturas, se quisermos, as aberturas para uma abertura que cada um entendeu como foi capaz ou como a desejou.

Nós próprios sentimos que desejaríamos mais, mas não nos parece possível esquecer quais foram as linhas do contrato-promessa que o dr. Marcello Caetano ignorar o rol das coisas no fez com a Nação, nem palpáveis e evidentes, que se têm verificado ao longo destes nove meses e que se reflectem incisivamente no ambiente da vida do País

Acabou a censura á imprensa? Todos sabemos que não (e isso dói-nos na carne), mas como contestar que a informação se tornou mais acessível e o comentário mais possível?

Isto fez, isto faz todos os dias aliviar um pouco o estado de tensão que se tinha instalado e de que ninguém via como haveríamos de sair dele. Mas como negar que sim, que a «descompressão» desejada e pedida tem vindo lentamente a operar-se mesmo á nossa vista? Como não pôr no balanço que o dr. Mário Soares regressou do seu desterro administrativo e que o bispo do Porto viu posto fim ao seu exílio forçado? Como não inscrever no livro a possibilidade de se ter realizado, como se realizou e com a expressão que teve, o Congresso Republicano de Aveiro?

O regime transformou-se? Como transformar-se? A Constituição não foi alterada, o regime é o mesmo e não é de inspiração liberal nem democrática. É o mesmo, é a expressão de uma continuidade, que havia de ser procurada, como há nove meses foi prometido, «não apenas na ordem administrativa, como no plano político»

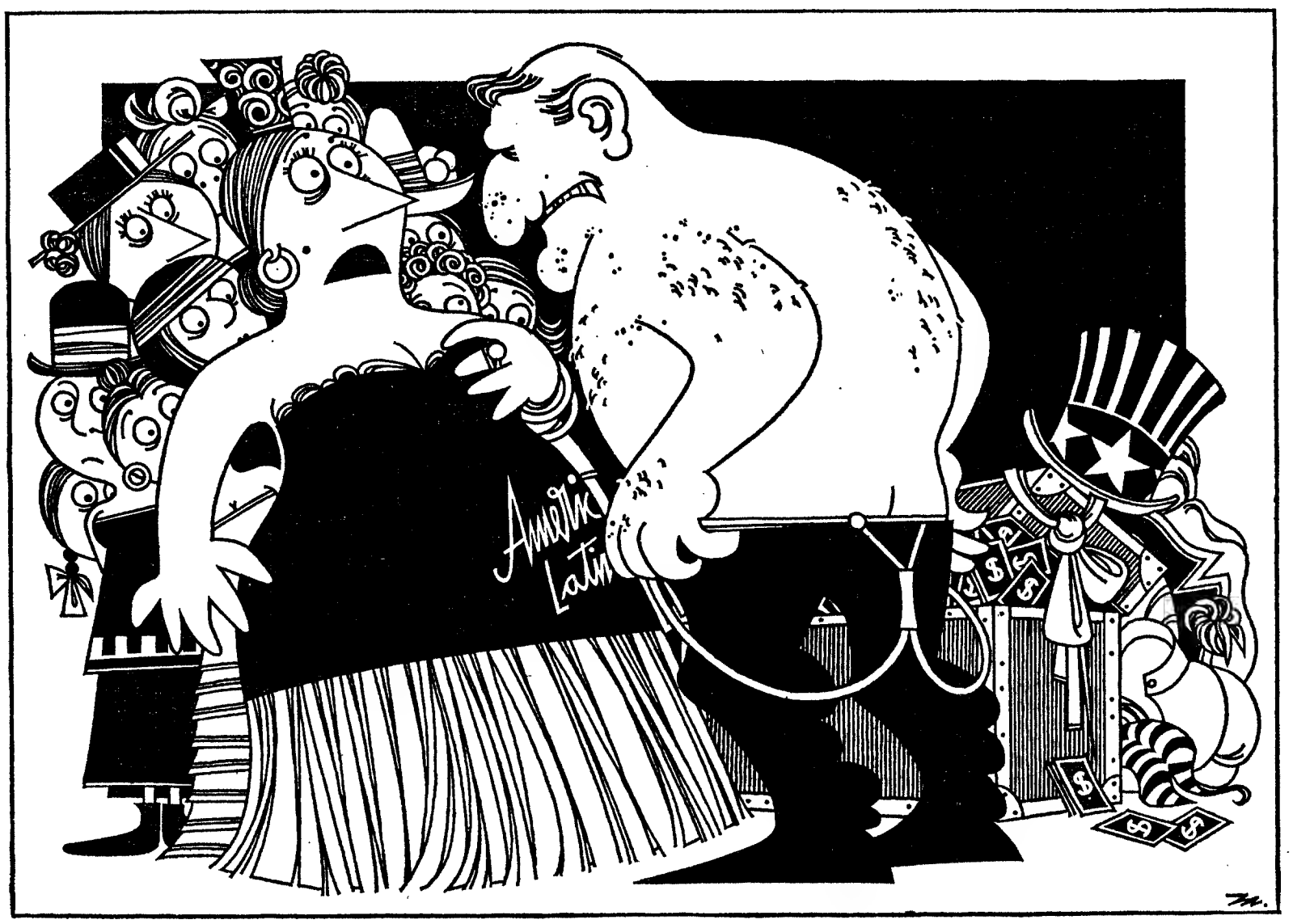
Apressámo-nos aqui, nessa oportunidade, a saudar a chegada do prof. Marcello Caetano ao Poder com a confiança bastante para se lhe ter oferecido o crédito que só no dia seguinte ele próprio havia de aparecer a pedir. É fora de dúvida que o seu Governo tem beneficiado desse crédito pedido e concedido.

Tudo tem sido um mar de rosas? Bem sabemos como são e onde estão alguns dos ponderosos problemas que nos cercam. Bem sabemos como e quanto é difícil acudir a todos e a todos ao mesmo tempo. Bem sabemos quantas decepções se têm sofrido (não nos excluímos) por não ver cada um aquilo que lhe parece ou sente mais desejável ou lhe parece mais urgente. Bem sabemos. Mas temos visto o bastante para, incluindo tudo no Deve e no Haver, reafirmarmos conscientemente que o crédito pedido pelo Governo deve ser mantido. Com uma contrapartida necessária, porém: não basta que o País confie no Governo, é preciso que o Governo confie no País.

NESTE NÚMERO

Reformas ou repressão?
A função social da crítica
O drama da habitação

Rockfeller na América Latina



— TODAS?

(Desenho de João Abel)

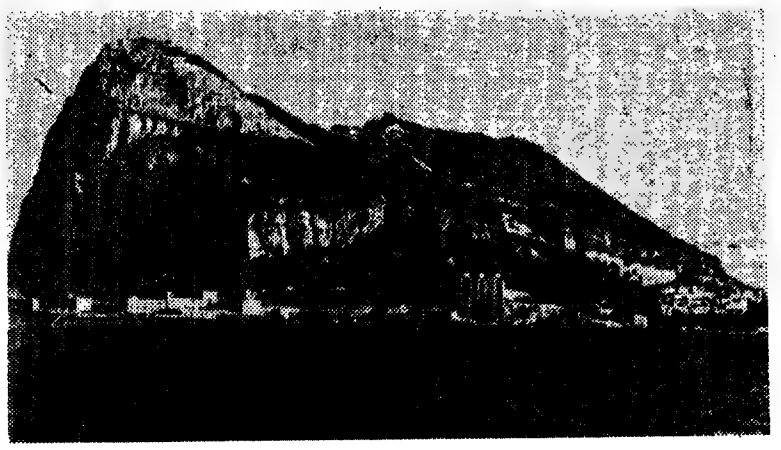
ASSIM VAI O MUNDO

Medalhas

Está a acabar de construir-se, na Nicarágua, por iniciativa de «Mme.» Hope Portocarrero de Somoza, a primeira dama do país, um Teatro Nacional, que terá o nome do poeta Ruben Dario.

Homenageando a sr.ª de Somoza por esta iniciativa, uma comissão especial da Câmara dos Deputados condecorou-a com a medalha de ouro da Ordem do Congresso. Mas a Oposição protextou: é que a família Somoza detém 99 por cento das medalhas desta Ordem, atribuídas para recompensar serviços especiais prestados à nação.

Sempre nos quis parecer que, para aquelas bandas, há graves problemas de distribuição.



«Nova esquerda»

Na segunda-feira, apareceu em Itália o primeiro número da revista mensal «Il Manifesto», publicada pela «nova esquerda» do Partido Comunista Italiano. A revista é dirigida por Rossana Rossanda e Lucio Magri e no seu semanário aparece um artigo de Luigi Pintor.

«Estes três nomes — escreve em «Le Monde» Jacques Nobécourt — são as personalidades que no recente congresso de Bolonha criticaram a linha oficial, sem todavia encararem a possibilidade de cisão».

Para o redactor do «Monde», esta «nova esquerda» é «uma nova e curiosa experiência, uma abertura possível para muitos elementos da esquerda em Itália».

Salário mínimo

Segundo uma comissão de trabalho, reunida na Inglaterra em 1967, para examinar as consequências da introdução de um salário nacional mínimo e os efeitos sobre os salários e custos industriais, cujo relatório acaba de ser publicado, um salário mínimo nacional seria um meio de luta muito pouco eficiente contra a pobreza, e menos eficaz que um sistema de benefícios sociais adaptados às necessidades de cada um.

A comissão trabalhou na base de um salário horário, no quadro de uma semana de quarenta horas.

Uma das conclusões a que se chegou foi a de que seriam os celibatários e os homens casados sem filhos ou com poucos, os que mais beneficiariam de um salário mínimo nacional.

Segundo a comissão, é impossível prever a importância das repercussões destas disposições sobre o ganho dos que não se situam na categoria dos baixos salários. Variaria consideràvelmente com o nível do mínimo adaptado.

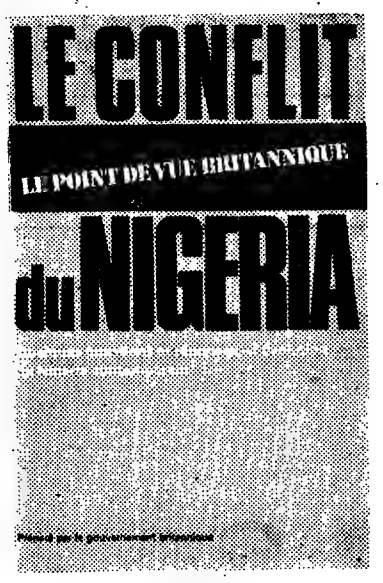
O quadro das estimativas mostra a importância da decisão no que respeita a igualdade de pagamento mínimo dos homens e mulheres.

Urânio

Foi, recentemente, noticiado que os holandeses descobriram um processo de produzir urânio utilizável, a um décimo do custo actual. A propósito, o conhecido comentarista George Franks informa que, além de actividades de firmas que fabricam componentes e materiais para reactores de todos os tipos, existem na Holanda algumas grandes empresas que se dedicam à pesquisa e ao desenvolvimento do sector nuclear.

E, ao falar dos esforços dos holandeses para a utilização pacífica da energia atómica, George Franks chama a atenção para «o importante trabalho realizado na Universidade de Wageningen sobre o uso de isótopos e outros processos nucleares ligados à agricultura e à horticultura».

«Wageningen — conclui — abriga um Centro Europeu especialmente dedicado a este sector das pesquisas atómicas em benefício da Humanidade, e não em busca da sua destruição».



Nigéria

O «livro azul» britânico sobre o conflito da Nigéria, recentemente publicado, não esconde um problema essencial que está na base da guerra civil e das posições de certas grandes potências. Ali se diz, logo de entrada:

«É fácil de compreender os motivos pelos quais os dirigentes separatistas queriam criar um «Biafra» que se alargaria para além do país dos Ibos: este, com efeito, não inclui a importante zona costeira que contém uma grande parte da riqueza mineral e petrolífera».

No «livro azul» afirma-se que a política do Governo britânico «é a de favorecer o mais ràpidamente possível o fim das hostilidades» e explica-se que «a decisão do Governo britânico de permitir ao Governo federal nigeriano a compra de armas e munições ao Reino Unido está baseada na posição do Governo federal na qualidade de Governo de um país independente da Comunidade Britânica, com o qual o Reino Unido mantém há muito estreitos laços de amizade, e cujo Exército foi treinado e equipado segundo o modelo britânico».

Gibraltar

Até ao fim do ano, toda a correspondência espanhola terá uma sobretaxa de meia peseta, como auxílio aos 4800 operários espanhóis que estão sem trabalho, devido ao encerramento da fronteira de Gibraltar.

O ministro Fraga Iribarne declarou, no final do conselho de ministros, que esta decisão fora tomada para manifestar a solidariedade por todos os espanhóis que trabalhavam em Gibraltar. Julga-se que, nos seis próximos meses, o Governo de Espanha poderá obter, por este processo, uma quantia da ordem dos 800 milhões de pesetas (cerca de 400 mil contos).

Panaceia

O «contrôle demográfico» é a nova panaceia para a América Latina. A taxa de natalidade está calculada entre 2,6 e 3 por cento, e a América Latina, que tem hoje 224 milhões de habitantes, terá no final do século 600 milhões. O ritmo de crescimento da produção alimentar mostra-se mais vagaroso do que o ritmo do acréscimo de população.

No entanto, com 600 milhões de habitantes, o continente contará com uma densidade de 30 habitantes por quilómetro quadrado, metade da densidade actual da Europa, sendo os recursos naturais da América Latina sensivelmente superiores aos do nosso continente. Por aqui se deixa ver que a «solução» do limite de nascimentos constitui a maneira de esquivar o problema essencial, que é de estruturas.

Exploração

Em Vina-del-Mar, em Maio passado, dirigentes latino-americanos e representantes dos grandes organismos interamericanos concordaram, pela primeira vez, em denunciar a exploração da América Latina pelos interesses norte-americanos.

A reunião em causa realizou-se no âmbito da C. E. C. L. A. (Comité de Coordenação para a América Latina).

Supergrande

Formou-se a ideia da existência de um só «supergrande», os Estados Unidos. Atenção, porém: «Se, do ponto de vista político, a sua capacidade de acção» (a da U. R. S. S.) se encontra reduzida, as coisas passam-se de maneira diferente do ponto de vista militar: reforçando, sem descanso, o seu armamento, a U. R. S. S. fez, neste domínio, mais progressos que os Estados Unidos no curso dos últimos anos. Segundo o secretário americano da Defesa, os soviéticos elevaram, em dois anos, de 250 a 900 o seu arsenal de foguetões intercontinentais e ultrapassarão este ano a força dos Estados Unidos neste domínio. Por outro lado, a U. R. S. S. possui muitos mais carros blindados e submarinos que os Estados Unidos» *(François Monti, «Le Monde Diplomatique»)*.

Habitação

«O problema da habitação para todos, tem escala mundial e premência que o futuro ainda agravará. Aqui, tem de ser resolvido para Portugal, com todos os meios de que possamos dispor, mas harmònicamente com o desenvolvimento global do País. A grandeza e enorme importância do assunto implicam ter-se por

assente que os participantes neste Colóquio lhe virão trazer o melhor da contribuição que possam dar.»

(...)

«O Ministério das Obras Públicas vai promover um Colóquio sobre Política da Habitação, com o qual se procura, através do debate aberto da questão, obter sugestões para a resolução, de forma intensiva e coordenada ao nível nacional, do problema da carência de habitações.»

(Do «desdobrável» convite para o Colóquio sobre Política da Habitação, que decorrerá, no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, durante a semana de 30 de Junho a 5 de Julho de 1969).

ASSIM VAMOS NÓS

Afirmações

«Deve desejar-se que o desenvolvimento turístico seja concebido em termos de favorecer a promoção cultural das populações locais e a difusão de padrões equilibrados de comportamento económico. Trata-se de matéria muito relevante no que respeita à criação de infra-estruturas e manifestações turísticas de cultura ou recreio. A criação de locais de espectáculos ou de centros culturais, em regiões deles desprovidas, bem como a realização de iniciativas de genuíno valor artístico podem assegurar níveis de vida intelectual de outro modo impossíveis em zonas afastadas das grandes metrópoles. Diferente será naturalmente o resultado se as preocupações se dirigirem predominantemente ou exclusivamente aos turistas do estrangeiro, vingando o carácter de exotismo e revestindo características transitórias, em lugar de considerarem as carências do conjunto da região e as integrarem num esquema coordenado de fomento plurianual.»

(Palavras do dr. João Salgueiro, subsecretário do Planeamento Económico, em 20 de Junho, na sessão inaugural do «Encontro com os Órgãos Locais de Turismo»).

A função social da crítica

Mesa-redonda em que participaram Alberto Ferreira, Eduardo Prado Coelho, Fernando Conduto, Mário Castrim, Natália Correia e Rocha de Sousa

Deram-nos a honra de colaborar neste segunda mesa-redonda, sobre a função social da crítica, Alberto Ferreira, cuja obra ensaística é essencialmente crítica e para quem os problemas da sociologia não são desconhecidos (ele dirige a tradução portuguesa do Tratado de Sociologia, **de Georges Gurwitch) Natália Correia e Fernando Conduto, uma escritora e um artista plástico que têm tomado posição contra a crítica que se exerce respectivamente na esfera literária e na das artes. Eduardo Prado Coelho e Rocha de Sousa, críticos do «Diário de Lisboa», que contra-argumentam às razões de Natália Correia e Fernando Conduto, e Mário Castrim que nos fala do problema da crítica aos programas da Televisão.**

O objectivo desta mesa-redonda é esclarecer o papel da crítica no bom funcionamento de uma sociedade, e o debate nas esferas da literatura e da arte é fazer um balanço à actividade crítica nesses domínios, nos quais há uma certa experiência, maior do que no domínio político e social, onde a actividade crítica se nos afigura pelo menos diminuta.

MODERADOR — O tema da mesa-redonda de hoje é «A Função Social da Crítica». Pedimos, em primeiro lugar, a Alberto Ferreira que nos elucide sobre a função que a crítica desempenha ou pode desempenhar na vida de uma sociedade.

ALBERTO FERREIRA — Antes de responder à questão que me é proposta, afigura-se-me justo propor uma questão prévia: gostaria que estivéssemos de acordo uns com os outros a respeito das palavras. Para mim, função quer dizer papel. Em certo sentido, influência, importância, etc. Social quererá dizer o quadro em que o jogo das influências interpessoais se processa, afectando mais ou menos profundamente a conduta de cada indivíduo, sobretudo a sua conduta mental, a sua sociabilidade, a sua posição perante os acontecimentos e as instituições, perante as ideias e as obras da sociedade global em que vive, particularmente no seu país, na sua cidade, na sua profissão, na sua empresa, na sua família, nos actos públicos e privados em que terá de intervir. Será isto? Pergunto-o a todos antes de pôr outra questão, que é: o que será crítica?

O que será crítica?

MOD. — Gostaria de saber se as outras pessoas estão de acordo com a interpretação dada por Alberto Ferreira às palavras **função** e **social**.

NATÁLIA CORREIA — Gostaria de abrir um parêntesis. A crítica que é orientada por um princípio de função social, quer dizer, estritamente orientada por este princípio é aquela que cumpre uma função social? Citarei o caso da crítica que se concentra meramente no realismo social como instrumento da «praxis» política. Uma crítica deste tipo despreza valores formativos que existirem em obras de carácter intuitivo e imaginativo.

MOD. — Com a «Função social da crítica» queríamos significar a função da crítica na sociedade. Depois da intervenção da Natália Correia eu perguntaria a Alberto Ferreira e aos presentes se estão de acordo em englobar na noção de «Função social da crítica» aquilo que Natália Correia acaba de dizer.

A. FERREIRA — Na parte que me toca, cuido que a Natália não esperou a ideia que eu poderia aqui definir a respeito da crítica. De qualquer modo, estou de acordo com ela. E para tornar a coisas mais claras, direi então o que penso do que seja crítica. Para mim significará, em termos genéricos, a acção mental exercida ou a exercer tanto nos indivíduos que constituem uma comunidade como pelos representantes de instituições adequadas, já constituídas ou em potência, ou num estado intermediário entre potência e acto, como seria o caso de uma sociedade de crítica tecnológica, de um **comité** de crítica económica, de uma associação de homens de letras, dos próprios jornais de tendência opiniosa, ou seja dos que buscam constituir de facto correntes de opinião, através das quais exercem pressões sobre as massas, sobre as instituições, sobre os indivíduos, escritores, jornalistas, o quer que seja.

De qualquer modo, a mim afigura-se-me que a crítica está inteiramente dependente de uma formação paideutica. Logo, de uma pedagogia, de uma educação de base, evidentemente.

Velho vício

MÁRIO CASTRIM — Comecei por não entender muito bem a intervenção da Natália Correia. Parece-me que ela foi um pouco extemporânea. A menção ao realismo social, nos termos em que foi feita, sofre do velho vício de considerar o realismo social como uma forma superficial e considerar a realidade, não contando com os tais elementos imaginativos e de criação poética. Gostaria que gastássemos alguns minutos a aclarar a questão de saber se esta mesa-redonda se entende como uma tentativa para situar a própria crítica dentro da sociedade ou se vamos analisar os seus processos.

N. CORREIA — Referi-me ao realismo socialista encarado meramente como instrumento da «praxis» política. Não a um realismo amplo, que compreende vários níveis do homem dentro da sociedade. Eu creio que sem imaginação a sociedade não pode progredir.

M. CASTRIM — Sem sociedade parece-me que também a imaginação não progride.

EDUARDO PRADO COELHO — Creio que a definição de Alberto Ferreira de função social e de crítica é excessivamente lata.

Existe uma crítica voltada para o consumo que as pessoas fazem dos objectos, das coisas, e esta crítica tem uma determinada função social, e existe uma crítica interessada nos produtos e na esfera da produção, dirigindo-se, portanto, a um sector inteiramente diferente e tendo uma função social absolutamente distinta. Se não distinguirmos entre a crítica no domínio da produção e a crítica no domínio do consumo, não poderemos, creio eu, caracterizar as suas respectivas funções sociais.

ROCHA DE SOUSA — No domínio da crítica de artes plásticas, que neste aspecto represento, é muito importante o problema da produção, e esta crítica está fundamentalmente dependente da produção. Esta é a crítica que se dirige em termos gerais a uma massa bastante vasta de pessoas, desenvolvendo uma acção informativa. Este é particularmente o aspecto que me interessa. Num outro ponto de vista que também é, de certo modo, defendido entre nós, há uma acção crítica de tipo criador, exactamente aquela que se interessa pelos produtores, especialmente pela sua acção, pelo seu comportamento e portanto, pelas consequências que esse comportamento pode ter na sociedade

Um dirigismo de opinião

FERNANDO CONDUTO — Relativamente a alguns conceitos críticos que se têm tentado definir eu penso que uma acção crítica, quer ela seja situada num plano tecnológico, recreativo, ou meramente social, carece efectivamente de uma justificação na medida em que as condições de consumo das obras produzidas, os aspectos didácticos formativos não foram dados. Evidentemente, portanto, que a crítica quando se situa num plano recreativo situa-se, em minha opinião, num plano demagógico, porque não é de carácter tecnológico nem de carácter de dirigismo social, mas de um dirigismo meramente de opinião.

O público está fora do calão técnico

M. CASTRIM — Se falamos da função social da crítica não nos devemos esquecer da função social desta mesa-redonda. Não nos devemos esquecer que o nosso diálogo se dirige a um público que necessàriamente está fora do calão técnico, desta linguagem de ofício que devemos evitar. O nosso amigo Alberto Ferreira já falou em paideutica e outras coisas assim, e eu gostaria que, se não se importasse, voltasse um pouco atrás e explicasse aos nossos leitores o que é isso de paideutica e outras coisas de que ele falou

A. FERREIRA — Creio que há nesta mesa-redonda uma tendência em discutir-se ou conceber-se a crítica sob um aspecto estético ou artístico, principalmente. Ora, de facto, não me parece que a crítica deva, desde logo, ser encarada sob esse ponto de vista e foi por isso que, na verdade, procurei definir genèricamente, e num sentido lato, a noção de função, social e crítica. Relativamente às objecções já levantadas em relação às minhas intervenções, creio que o que acabei de dizer responde, de certo modo, à objecção do Prado Coelho, quando diz que a minha definição é demasiadamente lata. Relativamente aos termos, eu aceito a correcção do companheiro Castrim, e vamos, portanto, evitar palavras... contundentes, capazes de não chegarem ao ouvido do público e ao seu entendimento.

Espírito infantil

Não entendo perfeitamente o que é produção e consumo dentro da crítica. Se o presidente desta sessão achar útil, peço que este

Cont. na pág. seguinte

A crítica... criticada

Cont. da pág. anterior

ponto seja esclarecido. Por outro lado, tenho a convicção de que começa a aparecer aquilo que eu receava: a passagem sem guia de trânsito entre o nível verbal e o nível cognitivo. O verbalismo constitui uma doença infantil dos ignorantes, o estádio normalíssimo do espírito infantil. Por exemplo: adolescentes e as crianças desconhecem os factos fundamentais da experiência sexual, mas podem ter deles certo conhecimento verbal, de ouvido, claro está. Num meio atrasado mentalmente, inculto e sofisticado, em que a vigarice intelectual é tão fácil como a vigarice empresarial, um sujeito vai a duas conferências pronunciadas por especialistas de ideias gerais oriundos da «estranja». Tais especialistas declamam meia dúzia de conceitos para exportação, para públicos subdesenvolvidos e cria-se assim na memória do neófito uma certa familiaridade com novas linguagens. Discute a autoridade, tira apontamentos, fala de máquinas electrónicas, em cibernética, etc., e... estaremos na era do computador, da disciplina do método, etc. Ora o nosso nível não é meramente verbalista e, portanto, cada vez que assumirmos aqui a responsabilidade de conversar, temos de ter uma ideia muito clara das nossas próprias palavras. Devemos tentar evitar cair num estilo verbalista, não cognitivo, para o leitor comum nem é verbalista nem cognitivo, porque ele não tem conhecimento, nem experiência nem formação suficientes para distinguir o trigo do joio. Daí estarmos todos em risco de cair numa mesa-redonda muito aguda...

MOD. — Embora me pareça que nos não devemos alargar muito neste introito, julgo que é importante, para aclaramento dos conceitos, que o Eduardo Prado Coelho responda ao Alberto Ferreira e a todos nós sobre o que entende por consumo e produção na actividade crítica.

A crítica pode dirigir-se a dois públicos

P. COELHO — Para mim é evidente que quando se faz crítica, ela pode dirigir-se a dois públicos, pode ter duas intenções: há uma crítica que pretende tornar mais fácil, mais directa, a relação entre a obra e o seu consumidor. Esta crítica tem uma função social determinada e quase todos nós a exercemos por vezes. Há uma crítica que pretende desenvolver, apurar, completar e, portanto, transformar, a relação do produtor com as suas obras. Essa crítica é inteiramente diferente. Ao mesmo tempo que existe uma crítica que tem uma função táctica de esclarecimento, de condução de opinião, existe uma outra de reflexão e prática teórica, no domínio da própria acção política e que se dirige a outras pessoas, que se dirige à própria produção política na sociedade. Sem essa distinção, para mim essencial, dos dois domínios, creio que a função social fica inteiramente confundida, porque se baralham continuamente os dois níveis. Não sei se se tornou claro aquilo que queria dizer.

MOD. — Se todos estivessem de acordo passaria a palavra novamente ao Alberto Ferreira, para abordar o tema principal desta mesa-redonda, que é a função social da crítica, entendida como a importância da crítica na sociedade, para o bom funcionamento da mesma.

Um papel na formação da consciência social

A. FERREIRA — Como não existe crítica em Portugal, a função social dela é uma grande incógnita para nós. Como não temos uma formação suficiente, quer na escola, desde a primária, passando pela vi-

da, ou seja pela vida social deste País, é evidente que mais ou menos todos estamos desapetrechados para fazer o bom exercício daquilo que se pode chamar um espírito crítico, que não é uma coisa inata, mas uma coisa desenvolvida, e que também não estamos em condições de exercer uma crítica esclarecida ou lúcida, aberta, bem definida, na medida em que a nossa formação intelectual é insuficiente para a exercermos. Portanto penso que a crítica tem um papel educativo.

No caso que nos ocupa penso que corremos o risco de regressar a épocas características de obscurantismo, á imposição da autoridade ultrapassada a aceitação da vigarice, a predominância da crença supersticiosa e dos mitos que facilitam a irresponsabilidade e o triunfo dos ineptos, dos medíocres e dos oportunistas nos postos de direcção da cultura, da educação, da economia, da política, da criação artística e da criação intelectual. Sem crítica as falsas ideias podem circular sem oposição da inteligência do homem comum, porque ele a não tem, ou seja, não tem formação crítica, embora tenha inteligência, claro. Por outro lado, na época do **marketing** o da publicidade, os produtos adulterados do espírito circularão sem oposição do indivíduo, que se transforma num consumidor de ideias, de produtos, de instituições, de espectáculos, de livros, de discos, de equívocos, e de falsos comportamentos

A crítica desempenha portanto, uma importancia considerável na formação da consciência social. A crítica deve reportar-se fundamentalmente a interesses não egoístas e procurar a projecção não do eu, ou a consciência de um indivíduo mas a projecção de uma consciência cívica, colectiva, global, carregada de intencionalidade moral, de solidariedade e de generosa aspiração a uma sociedade governada por um sistema que tenha o homem como fim. Cuido que vivemos numa sociedade de consumo como todos mais ou menos vão vendo pelo menos em Lisboa, e nessa sociedade não há dúvida nenhuma que o sistema sacrifica o homem e o transforma, portanto, em meio. Ora a crítica tem fundamentalmente de admitir que o sistema constitui meio para servir o homem.

Importa, pois, que o público não tenha de esperar pelo juízo dos iluminados, mas sim que seja ele a julgar pelos seus próprios meios e neste sentido se deve entender a existência de crítica autêntica, de sentido crítico, de espírito crítico, de formação intelectual e moral sólidas para discutir o chamado «juízo dos barras».

A crítica deve ser revolucionária

É importante, por outro lado, que a crítica ao nível do quotidiano saiba denunciar as diferentes mitologias, mais os perversos modos de exprimir um sistema ou de o pôr em movimento. Por exemplo, para concretizar: o afago da alcatifa nos pés leva as pessoas, por vezes, a venderem-se fàcilmente à posição social, ao prestígio, ao elogio mútuo, à cabala, à pouca vergonha, etc. Tudo isso entra no campo moral.

É sempre fácil a uma certa burguesia endinheirada comprar as consciências dos escritores, desde que a crítica não esteja vigilante. Cuido, pois, que é importante que o problema moral figure como ponto fundamental na mentalidade do crítico e se exerça permanentemente na acção de criticar.

Não se me afigura que a crítica seja essencialmente construtiva. Normalmente, mesmo, a crítica não sendo de negação, visa fundamentalmente o defeito. Por vezes, a crítica é venenosa, é destrutiva e é necessário que o seja: a crítica deve ser revolucionária. Mais: a crítica é uma arma.

Repito: penso que neste País não existe crítica. Daí portanto uma dificuldade central. A maioria, tanto o público como aquele que escreve, jornalista, escritor, etc., está normalmente, debaixo do silêncio. Seremos capazes de sair desta situação sem uma transformação muito grande de estruturas? Afigura-se-me que não.

MOD. — Pergunto aos presentes se têm alguma coisa a acrescentar àquilo que nos disse Alberto Ferreira sobre a necessidade da crítica no funcionamento da sociedade.

F. CONDUTO — Só tenho que apoiar a clareza com que foram ditas as palavras de Alberto Ferreira.

M. CASTRIM — De onde se prova que a crítica nem sempre procura o defeito...

Não temos o hábito da crítica

MOD. — Toda a gente estará de acordo se se disser que nós, portugueses, não temos o hábito da crítica. Ao mesmo tempo, não há dúvida que em certas zonas da actividade social há uma crítica permanente e instituída, e refiro-me já se deixa ver, à crítica literária semanal nos nossos jornais e periódica em muitas das nossas revistas. A Eduardo Prado Coelho pergunto: da sua actividade crítica permanente no «Diário de Lisboa» que lições extrai quanto á necessidade da crítica literária e ás dificuldades da missão do crítico?

P. COELHO — Em primeiro lugar, gostaria de não limitar a minha resposta apenas ao domínio literário mas também ao do cinema, onde um pouco marginalmente tenho tentado organizar uma certa actividade crítica. Precisamente porque isso me permite desenvolver um pouco melhor a minha perspectiva e o meu ponto de vista. Em relação à existência de crítica literária regular, creio notar que ela tende a desaparecer nos nossos jornais, quer dizer, basta seguir com um pouco de atenção a evolução dos diversos suplementos dos diários, das diversas revistas literárias e das pessoas que durante algum tempo se dedicam à crítica para verificar que com excepção de um caso notável, porque é um iniciador, o caso de Gaspar Simões, as pessoas que exerciam a crítica têm vindo a desistir. Nomes como o de Oscar Lopes, João Palma Ferreira, José Palla e Carmo e inúmeras outras pessoas que se dedicavam à crítica têm vindo progressivamente a abandonar uma actividade que tem muitas dificuldades e poucas compensações.

Profissionalização da crítica

Isto levanta um problema grave: o da profissionalização da crítica. Evidentemente que sem essa profissionalização, a crítica tende a transformar-se na própria obra do crítico e, portanto, muitas vezes, o crítico serve-se dela para escrever textos de ensaio que não tem tempo para escrever em livros. A crítica não é feita, portanto, em termos de acessibilidade e com a preocupação do público que seria de desejar. Esta tem sido, aliás, a minha primeira dificuldade. Escrever num jornal implica uma determinada técnica que muitas vezes se não consegue sem uma profissionalização.

Quando faço crítica existem em mim essencialmente três tipos de preocupação: uma de ordem predominantemente política (efectivamente eu não compreendo a actividade artística senão em função de determinado tipo de objectivos e de valores que efectivamente promovem artistas e críticos a existirem); uma preocupação de ordem moral; e, finalmente, uma preocupação estética, mas a uma estética compreendida como um aspecto técnico da criação artístico. Esse aspecto técnico parece-me fundamental, implica muitas vezes a utilização de uma linguagem que não é acessível e que nós devemos tentar que o seja. Este último aspecto preocupa-me fundamentalmente, na medida em que nada poderá aparecer como uma crítica suficientemente sólida ou firme sem passar pela textura das obras. Não excluo esse aspecto de todos os outros aspectos, o moral e o político, na medida em que considero o político como instância integradora, que não anula as outras, mas que as recupera, completa e desenvolve.

Em relação ao que disse a Natália Correia, não me parece que ter em conta a função social da crítica seja excluir todos os aspectos de imaginação, todos os aspectos que uma antropologia deve ter em conta. Uma das funções da política, uma das funções das revoluções no interior da cultura deve ser precisa-

mente a da transformação do nível ideológico, que incluiu tudo aquilo que passa através das pessoas como inconsciente, arquétipo, fantasma, obsessão, etc.

Quanto ao cinema, existe um público muito diferente. Procuro encontrar um estilo que seja jornalístico, que permita uma abordagem mais directa de certos problemas morais, das figuras dos heróis, a crítica de determinadas mitologias, a crítica de tudo aquilo que através do cinema, como política, se transmite ao público consumidor. Isto diz também muito respeito ao Mário Castrim, quando faz crítica de televisão.

No próximo número publicaremos a segunda parte desta mesa-redonda, que contem o principal das intervenções de Fernando Conduto, Mário Castrim e Natália Correia.

«Killer phrases»

Numa revista para «dirigentes de empresa» — International Management — encontrámos uma lista do que chamam «Killer phrases». São as frases que se costumam utilizar para «matar» iniciativas e ideias novas.

Traduzimo-las (livremente), e estamos certos que poderiam enriquecer a lista das «frases assassinas» com as que ouvimos e vivemos no dia-a-dia português. Por hoje não acrescentamos nenhuma nossa...

- **Não está no programa**
- **Já houve quem tentasse**
- **Não estamos preparados para isso**
- **Não há tempo**
- **É muito difícil**
- **Demasiado teórico**
- **Não está de acordo com a nossa política**
- **Daria muito trabalho**
- **É melhor ver como param as modas**
- **Vai-se formar uma comissão**
- **Já alguém tentou fazer isso?**

A corrida russo-americana para Vénus

DE «LE MONDE» EM EXCLUSIVO PARA O «DIÁRIO DE LISBOA»

No termo de uma viagem de quatro meses e de 256 milhões de quilómetros, as duas sondas espaciais «Vénus-5» e «Vénus-6» que a União Soviética lançara a 5 e 10 de Janeiro ultimo para irem aterrar «suavemente» em Vénus, chegaram ás proximidades do planeta. A agência Tass anunciava, no dia 16 de Maio, ao fim da manhã, que, reeditando o feito conseguido em Outubro de 1967 pela sonda «Vénus-4», a «Vénus-5» efectuara uma descida suave na atmosfera venusiana e pousava no planeta. No dia seguinte, 17 de Maio, era oficialmente anunciada a descida em pára-quedas, através da atmosfera do planeta Vénus, da «Vénus-6», a qual transmitira sinais durante 51 minutos.

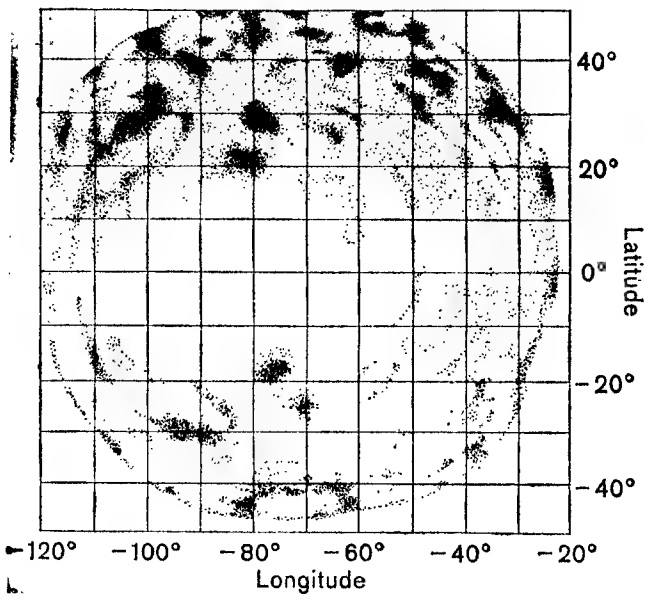
Foi, portanto, no dia 16 do mês passado, pelas 7 horas (hora portuguesa), que a «Vénus-5» largou, na atmosfera venusiana, um pequeno laboratório automático, equipado com instrumentos científicos. A cápsula desceu para a superficie do planeta, com uma primeira travagem aerodinâmica; quando a sua velocidade se reduziu de 11,7 kms por segundo para 210 metros por segundo, abriu-se automàticamente um pára-quedas; nessa altura, transmitiu sinais durante cinquenta e três minutos, para indicar a temperatura, a pressão e a composição química da atmosfera de Vénus.

Pesando cada um 1150 quilos, os engenhos «Vénus-5» e «Vénus-6» parecem muito semelhantes a Vénus-4, que ejectara um laboratório automático de 383 quilos na atmosfera venusiana e transmitira para a terra as primeiras medições até então efectuadas sobre a composição, a temperatura e a densidade dessa atmosfera.

Algumas das medições de «Vénus-4» suscitaram dificuldades de interpretação — ainda não se sabe exactamente se o engenho transmitiu sinais até á sua chegada ao solo ou se cessou as suas emissões antes disso — razão por que os soviéticos, desta vez, se esforçaram por pôr todas as probabilidades a seu favor, a fim de obterem um máximo de informações. Enviando duas sondas, e não uma apenas, a um dia de distancia, para pesquisarem a atmosfera de Vénus, podem ter a esperança de remediar qualquer deficiência técnica de um dos dois engenhos, e, sobretudo, estabelecer a comparação dos resultados científicos das duas sondas.

O problema que se punha aos soviéticos era o seguinte: segundo os resultados combinados da

Continua na pág. 10



Mapa orográfico de Vénus obtido da Terra

Embora o planeta Vénus esteja permanentemente rodeado de uma camada de nuvens sem abertas, que o esconde a nossos olhos, várias equipas de rádio astrónomos americanos conseguiram obter, em 1967, as primeiras informações sobre o seu relevo, utilizando o método dos ecos radar. A primeira carta de Vénus não foi, pois, estabelecida graças a engenhos espaciais, mas resultou de estudos feitos a partir da Terra.

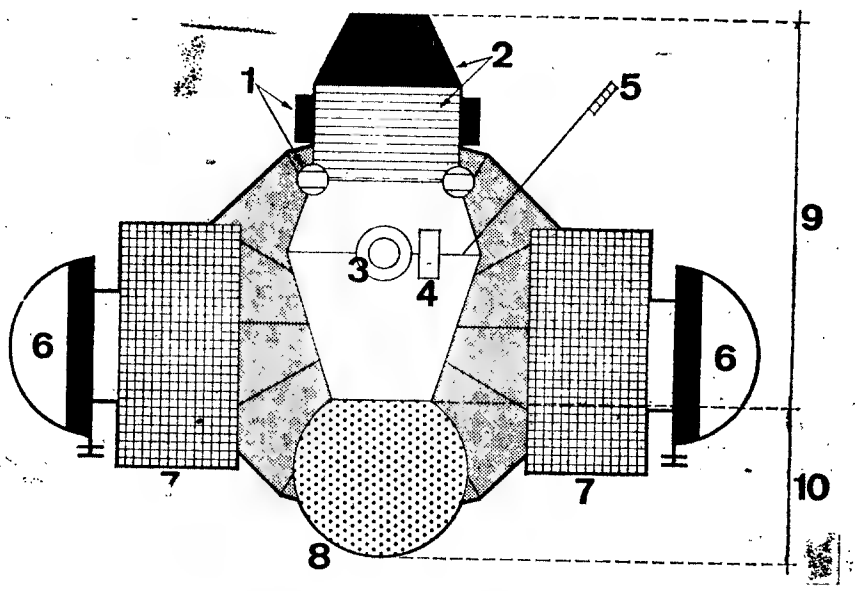
O método utilizado é clássico em Astronomia: com o auxilio de uma enorme antena de rádio — por exemplo, a grande antena parabólica de 63 metros de diametro, de Goldstone, na Califórnia, ou ainda o maior radiotelescópio do mundo, o de Arecibo, em Porto Rico — as equipas americanas do *Jet Propulsion Laboratory* e da Universidade de Cornell enviam um estreito feixe radioeléctrico para o planeta visado, o qual reenvia, então, um frágil eco para Terra. Estes sinais reflectidos são captados, analisados, e finalmente submetidos á apreciação de um computador para a elaboração de uma carta.

Quando emitidos, os sinais de Goldstone têm uma potência de 100 000 *watts*, duas vezes maior que a dos sinais da maior estação comercial de rádio americana. Quando o sinal regressa de Vénus, quatro minutos e meio após a emissão, a antena do solo recebe apenas uma potência igual a uma minuscula fracção do *watt*. E os americanos escolheram mesmo, para levar a cabo estas experiências, o momento em que Vênus estava muito próximo da Terra (apenas a 41 milhões de quilómetros).

Embora o sinal captado de regresso seja muito fraco, os técnicos conseguem amplificá-lo, desembaraçá-lo de toda a casta de «parasitas» e analisá-lo. Se o eco é polarizado, isto é, se o campo eléctrico do sinal em regresso se inverteu, deduz-se que o sinal embateu numa superficie rugosa ou acidentada. Se o eco não é polarizado, provém de uma zona bastante plana.

Para definir as coordenadas das regiões onde o sinal se reflectiu, os astrónomos utilizam dois métodos: o tempo de ida e volta do sinal e a sua variação em frequência (efeito Doppler). Quanto menos tempo o sinal levar a efectuar a ida e volta Terra-Vénus, mais próxima da Terra é a região da superficie de Vénus onde se reflectiu o sinal. E se o eco provém de uma região de Vénus que, devido ao movimento de rotação do planeta se esteja a afastar da Terra, a sua frequência será mais fraca que a do sinal emitido. Em compensação, se a frequência do eco é maior do que a do sinal emitido, é porque

Continua na pág. 10



A Sonda «Vénus-3»

Este esquema representa a sonda soviética «Vénus-3» exposta no anterior salão do Bourget, em Junho de 1967. Com um peso de 960 quilos (ao passo que era de 1130 quilos o peso das sondas «Vénus-5» e «Vénus-6», é provável que «Vénus-3» tenha servido de modelo para as sondas que lhe sucederam. Embora um pouco mais pesadas, «Vénus-5» e «Vénus-6» — sobre as quais os soviéticos não tornaram públicas quaisquer informações — devem ter aproximadamente a mesma configuração.

De forma cilíndrica, esta sonda «Vénus-3» tinha cerca de 3 metros de altura e um diâmetro variável entre 70 e 90 centímetros. Compõe-se, como todas as sondas espaciais soviéticas (incluindo os engenhos lunares) de duas partes distintas: um compartimento orbital e um compartimento especial, esférico, que vai pousar no planeta.

** O COMPARTIMENTO ORBITAL — abriga todos os instrumentos necessários ao bom funcionamento do engenho: um motor de correcção de trajectória, sistemas de orientação, que abrangem três detectores (um detector de estrelas, um detector solar e um detector da Terra, o qual se situa ao centro da grande antena parabólica), antenas, dois rádiadores para assegurarem o equilíbrio térmico, um programador electrónico, emissores, receptores e células solares para fornecerem a energia eléctrica que alimenta a sonda. Este compartimento orbital está ainda munido de instrumentos científicos, os quais permitem efectuar medições durante toda a viagem da sonda.*

** O COMPARTIMENTO ESFÉRICO — é um pequeno laboratório automático munido de fontes de energia próprias, de emissores e de antenas. Em 1967, os soviéticos especificaram que, na «Vénus-4», a parte esférica, cognominada de «bola de bilhar», tinha um metro de diâmetro e estava concebida de tal maneira que, se o engenho pousasse sobre uma superficie inclinada, se endireitaria automàticamente graças a um sistema de contrapeso, a fim de que a sua antena continuasse correctamente orientada para a Terra. Fabricada numa liga muito resistente e recoberta de um revestimento para suportar o aquecimento durante a travessia da atmosfera de Vénus, a sonda foi, primeiro, travada aerodinâmicamente e, depois, com o auxílio de um pára-quedas metálico.*

Nos começos de 1968, os soviéticos iriam fornecer novas informações sobre este laboratório automático. Soube-se primeiro que o engenho comportava um rádioaltímetro, dois termómetros, um manómetro, um densímetro e onze detectores de gás. A rigidez mecânica e as características térmicas do pequeno laboratório vedaram-lhe o funcionamento a pressões superiores a 25 atmosferas (25 vezes a pressão que reina à superficie da Terra).

A presença de oxigénio foi detectada graças à combustão de um filamento de tungsténio, levado à temperatura de 800 graus.

Lançamentos anteriores

«VÉNUS-» (643 kg), U. R. S. S., lançada em 12 de Fevereiro de 1961 — O contacto de rádio perdeu-se a 7,5 milhões de quilómetros da Terra, mas este primeiro lançamento foi já uma notável conquista técnica.

«MARINER-2» (202 kg), E. U. A., lançada em 26 de Agosto de 1962 — A primeira sonda espacial a passar nas proximidades de um planeta e a efectuar observações científicas sobre o seu ambiente. Em Dezembro de 1962, «Mariner-2» aproximava-se de Vénus (a 34 000 km) e fornecia dados sobre as temperaturas da camada de nuvens do planeta, sobre o seu campo magnético e sobre a ausência de partículas gravitando em torno dela.

«VÉNUS-2» (963 kg) e «VÉNUS-3» (960 kg), U. R. S. S., lançadas, respectivamente, a 12 e a 16 de Novembro de 1965 — Este lançamento quase simultâneo prometia ser importante; o engenho «Vénus-2» destinava-se a contornar o planeta e a transmitir informações sobre o seu ambiente; «Vénus-3» destinava-se a largar um compartimento, que, ao atravessar a atmosfera do planeta, efectuaria medições antes de pousar na sua superficie. «Vénus-2» passou, de facto, a 24 000 km de Vénus e «Vénus-3» foi esmagar-se de facto no solo do planeta, mas as duas sondas tinham cessado as suas emissões pouco antes de chegarem às proximidades do planeta.

«VÉNUS-4» (1106 kg), U. R. S. S., lançada a 12 de Junho de 1967 — O primeiro engenho terrestre a pousar noutro planeta. A 19 de Outubro, «Vénus-4» largava um compartimento; esse compartimento atravessava a atmosfera venusiana e fornecia as primeiras medições «in loco» sobre a composição dessa atmosfera, suas temperaturas e pressões.

«MARINER-5» (243 kg), E. U. A., lançada a 14 de Junho de 1967 — A pequena sonda americana contentou-se com passar a 4000 km do planeta, mas forneceu numerosas informações sobre a ionosfera e a atmosfera de Vénus. Munida de instrumentos de medição muito mais precisos que os da sonda soviética, permite corrigir certas observações de «Vénus-5», que, afinal de contas, parece não ter transmitido informações até à sua chegada ao solo. As últimas temperaturas e as pressões registadas por «Vénus-5» são, portanto, com mais probabilidade referentes à atmosfera de Vénus que à superficie do planeta.

O drama da habitação em Lisb

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

POR FRANCISCO KEIL DO AMARAL

O problema da habitação, com todas as suas graves implicações, assume em Lisboa particular acuidade, como é natural e sucede em todas as grandes metrópoles do Mundo. Mas, é evidente, atinge entre nós aspectos e características especiais, que procuraremos analisar pormenorizadamente. Hoje inserimos uma «Introdução ao Problema», da autoria do arquitecto Francisco Keil do Amaral — autoridade bem conhecida neste domínio —, a que se seguirão outros trabalhos e um inquérito a diversos bairros da cidade. Julgamos, assim, ir ao encontro de um tema e de uma realidade preocupantes, a merecer a maior atenção de todos nós: governantes e governados.

No dia 26 de Fevereiro deste chuvoso ano de 1969 ruiu um prédio na Brandoa — um prédio de sete andares, já com seis erguidos. Desmoronou-se fragorosamente durante a noite...

É pouco frequente que caiam edifícios. E neste caso ruiu mais alguma coisa, além do prédio; — A possibilidade comodista de atribuirmos o desastre a causas anormais e imprevisíveis — chuvas catastróficas, por exemplo. Tantas circunstâncias lamentáveis surgiram ligadas àquela ocorrência que se tornou impossível considerá-la como um fruto singular da pouca sorte.

agitaram-se por um momento. O prédio era clandestino, construído sem a aprovação prévia e as licenças que a Lei exige — como centenas de outros, aliás, erguidos na Brandoa e em diversos locais da periferia da capital. Não só clandestino mas aparentemente invisível, posto que, apesar dos seus sete andares, nenhuma entidade fiscalizadora deu por ele e o embargou, como a mesma Lei determina.

— Como é isso possível? — logo pensaram centenas (ou milhares) de pessoas que conhecem por experiência própria os rigores e as delongas das peias burocráticas com que lhes dificultam obras de construção civil.

Levantaram uma ponta do véu da nossa acomodação comodista a quase tudo quanto aqui se passa e logo se vislumbraram negrumes de imprevidência, de improvisação, de ganância, de peculato, etc.

Não se ousou rasgar o véu e pôr tudo isso à mostra (nem é meu propósito fazê-lo). Mas as águas do charco da apatia

Publicaram-se diversos comunicados a respeito dessa e doutras circunstâncias perturbadoras. E embora com propósitos de justificação sectorial, tiveram o mérito (involuntário, talvez) de entremostrar deficiências de vulto na condução duma política habitacional. O comunicado da Associação dos Inquilinos Lisbonenses pareceu-me particularmente lúcido e pertinente, quando filiou o surto das Brandoas (e das suas deficiências e desastres) na falta de casas para uma população em crescimento, nas negociatas que essa falta facilita e nas complacências com que se toleram, ou delas se tira partido. É de toda uma política habitacional que se trata, portanto. E não faltou, apesar da apatia em que caímos quanto aos problemas de ordem geral e de interesse público, quem fizesse aos seus botões perguntas deste tipo: Por que estão surgindo estas Brandoas na periferia da capital? E por que têm crescido tanto e com tão notório desamor as vilórias dos arredores? Por que pejaram de gente que trabalha em Lisboa e aqui deveria residir, com notórias vantagens?

Os dormitórios suburbanos da capital

Talvez valha a pena dizer algo sobre isso, embora sucintamente e sem propósitos demagógicos.

De 1911 até 1950 a população da capital passou de 431 733 pessoas para 783 226, isto é, sofreu um aumento de mais de 350 000 almas. O período intenso desse crescimento foi o que mediou entre 1930 e 1950. Mas a partir daí e até 1960 (ano do último recenseamento conhecido) houve uma quebra muito nítida, quase uma paralisação. A população citadina apenas aumentou 19 000 almas nesse decénio, ou seja, em valores percentuais 2,4 por cento. Mas houve realmente uma quebra? É preciso não nos fiarmos demasiado nas aparências das estatísticas e corrigi-las com informações complementares. Será útil saber-se que nesse período de quebra a população dos aglomerados urbanos que rodeiam Lisboa e com ela se encontram intimamente ligados passou, em conjunto, de 344 118 pessoas para 529 515. Em valores percentuais isso significa um crescimento de 34 por cento, número que não pode deixar de impressionar quando cotejado com o do crescimento lisboeta durante o mesmo período.

E porque cresceram tanto esses núcleos suburbanos?

Quem os conheça e tenha acompanhado, ainda que superficialmente, a sua expansão recente, não pode atribuí-la a um saldo fisiológico excepcional, nem a factores autónomos de atracção e de fixação de habitantes. Será forçado a reconhecer que se expandiram em função da proximidade da capital e numa interligação cada vez maior com ela e com os seus problemas.

Cresceram, principalmente, porque Lisboa não soube, ou não pode, facultar alojamento aos lisboetas que deles carecem. Alojamentos bastantes e de rendas proporcionais aos proventos das classes médias e populares.

A falta duma política de solos (como a esboçou o eng.º Duarte Pacheco) permitiu que a especulação elevasse os terrenos para construção a preços desmesurados; a insuficiência das iniciativas oficiais em matéria de construção de alojamento para as classes menos favorecidas deixou, praticamente, entregue à iniciativa privada o essencial duma tarefa de âmbito social que aos particulares não interessa resolver, mormente porque lhes não deixa a larga margem de lucros a que se habituaram; e as dificuldades criadas por uma burocracia endeusada e sem peias complicaram a situação. De modo que a procura de casas com rendas módicas (ou menos pesadas do que as da capital) alastrou para os povoados dos arredores, que assim se abriram à negociatas das urbanizações parcelares e dos prédios de rendimento.

Ràpidamente perderam esses povoados a sua relativa autonomia e alguns encantos provincianos. Ràpidamente transformaram-se em dormitório suburbanos da capital, cada vez mais extensos, compactos, pejados e incaracterísticos. Tiveram as entidades oficiais que lhes disciplinar o crescimento. Mas só muito tarde e sem tirar do caso as ilações que se impunham, atentaram em que os problemas de expansão desses burgos não eram autónomos, nem locais. Eram facetas dum grande e complexo problema — o da expansão de Lisboa e das suas deficiências. Tiveram que lhes disciplinar a expansão... mas deixando à iniciativa privada grande margem para negócios altamente lucrativos. E não tardou que a par de realizações aceitáveis, meritórias algumas, surgisse uma legião de iniciativas que se concretizavam por vias tortuosas. Não tardou que uma fauna de pequenos especuladores sem escrúpulos nem capacidade técnica se aventurasse nos domínios da construção de prédios... e que acabassem surgindo as Brandoas — subprodutos duma época de assombrosas possibilidades técnicas e de promoção social.

Dos campos acorre muita gente a Lisboa...

Não seria legítimo considerar como uma inferioridade nossa — portuguesa e lisboeta — esta carência de habitação, este desajustamento entre as rendas de casa e os ordenados, esta suburbanização: com o seu cortejo de problemas. O mal é bastante generalizado, alarmante, mesmo, nalguns grandes centros urbanos estrangeiros. Mas gostaríamos que a experiência alheia nos aproveitasse; que não tivéssemos de repetir os mesmos erros, atenuando-os na medida do possível. E essa medida era grande, aqui, num país em que as entidades oficiais têm poderes vastíssimos de intervenção e de condicionamento e não se coíbem de os usar.

Dos campos, das províncias, onde a vida é dura e sem perspectivas, acorre muita gente a Lisboa em busca de melhor passadio. A emigração interna é um dos factores primordiais do crescimento de Lisboa e das perturbações a ele inerentes.

Bastantes desses emigrantes encontram dificuldades de alojamento, como é natural, em certa medida. Acumulam-se alguns em quartos alugados e outros improvisam bairros de lata e de miséria. Defendem-se como podem, coitados, mas podem pouco. Muitos deles vão para os arredores avolumar a legião dos que já lá habitam e os seus problemas. Nesses núcleos urbanos dos arredores não cresceram paralela e harmoniosamente, como é mister, os sectores de habitação e os de produção. De modo que as pessoas vêem-se forçadas a

oa

procurar trabalho em locais distantes — e logo a vida se lhes complica com encargos pesados de transporte e enormes perdas de tempo.

E com o aumento desses casos individuais atinge-se o nível dos problemas sociais — dos desajustamentos que já pesam à cidade, ou à Nação. Os nossos tempos têm isso de dramático. A pressão demográfica e a generalização dos casos ràpidamente transforma as dificuldades individuais em problemas sociais, ou económicos, ou até de sanidade de nervos.

Este, da habitação em Lisboa — na grande Lisboa, que engloba uma vasta zona periférica e já é, efectivamente, uma realidade — é um deles. Sem ter sido descurado, não pode, contudo, a nossa boa vontade considerá-lo resolvido, ou bem encaminhado para essa meta. Creio, por isso, que é muito útil a tarefa de análise e de esclarecimento que se propuseram fazer neste suplemento e para o qual me pediram uma espécie de introdução. Mesmo necessàriamente limitada e incompleta, será uma achega meritória.

Que entende por «esquerda» e «direita»?

inquérito

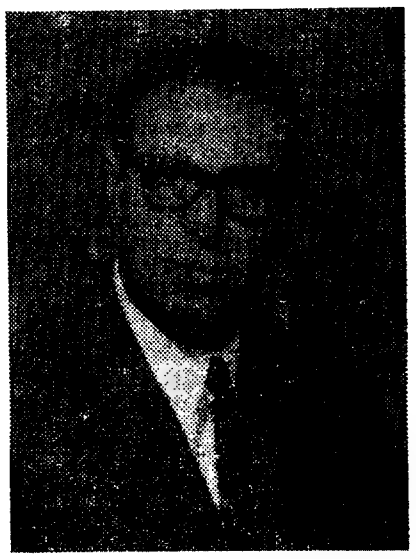
É corrente na vida política utilizar-se a classificação de «esquerda» e «direita». Noções «de sentido muito equivoco» lhes chamou há bem pouco tempo o Presidente do Conselho. Ora, com o objectivo de esclarecer tal classificação, decidiu o «Diário de Lisboa» ouvir diversas personalidades de destaque na nossa vida política e cultural.

Ao nosso inquérito, «Que entende por Esquerda e Direita?» — de que publicámos já os depoimentos do prof. Cabral Moncada e do dr. Nuno Rodrigues dos Santos — respondem hoje duas conhecidas personalidades: dr. Armando Bacelar, cuja actividade no foro e na política fazem dele uma figura de destaque; e prof. dr. Henrique Martins de Carvalho, antigo ministro da Saúde.

São as seguintes as perguntas do inquérito:

I — A noção de Esquerda e Direita mantém ainda hoje a sua significação tradicional?

II — Terá ela o grau de rigor suficiente para continuar a ser utilizada na prática política?



Dr. Armando Bacelar

A classificação tem ainda rigor suficiente

I

Não me parece que estas noções sejam «de sentido muito equivoco.» O que não quer dizer que mantenham ainda hoje a sua significação tradicional. Mas acaso em todos os momentos do passado elas mantiveram a mesma significação? Só num sentido muito genérico, aquele em que poderá identificar-se o conceito da «direita» com o de «conservantismo», «reaccionarismo» ou «partido da ordem» e o de «esquerda» com o de «progressismo», «revolucionarismo» ou «partido do movimento.»

É sabido que as noções, em geral, para além da fixidez das palavras e da correspondência dos seus conteúdos, sofrem alterações no seu significado concreto, na forma por que são sentidas e vividas em cada momento histórico, por influxo das transformações do real a que se referem.

Para mim a medida de todos os valores é o *Homem*, o homem concreto vivendo a sua vida terrena, na sua aspiração à felicidade individual e da espécie, ao livre desenvolvimento de todas as suas potencialidades. O que significa que uma sociedade é tanto mais evoluída quanto mais assegura uma dose maior de bem-estar para o maior numero.

Esquemàticamente entendo que, no mundo actual, compartimentado entre os países capitalistas desenvolvidos (a braços com os problemas de ultrapassagem das formas da detenção por uma classe dos meios de produção, problemas da obtenção de liberdade económica), os países socialistas (que realizaram ou realizam a socialização dos meios de produção, mas a braços com os avatares do estalinismo, nas esferas internas e das relações dos respectivos novos, traduzindo formas anti-humanas de opressão política e social) e os países subdesenvolvidos do chamado «terceiro

Continua na pág. seguinte

Prof. Henrique Martins de Carvalho

O «culto da divergência» entrou em declínio

I

A noção de *esquerda* e de *direita* foi desde sempre objecto de reparos de carácter doutrinário ou de críticas emergentes da sua inadequação a numerosas situações políticas conjunturais. Porém, muitas das objecções formuladas são comuns a todas as classificações reduzidas apenas a dois termos, quando se destinam a qualificar uma gama muito extensa de atitudes possíveis E, por isso, desde sempre se reconheceu que entre a *direita* e a *esquerda existe* òbviamente um *centro*, cuja orientação pode muitas vezes ser consequência de se medirem com objectividade os prós e os contra das duas orientações limite. Nesta mesma ordem de ideias, apareceram e popularizaram-se também designações como *extrema-direita* e *extrema-esquerda*, ou como *centro-direita* e *centro-esquerda*, para melhor traduzir, a acrescer às opções de base, a complexidade da vida política e a multiplicidade das soluções que os entendimentos duradouros ou os simples compromissos táticos têm vindo a criar em muitos países

No período anterior à segunda guerra mundial e durante esta operara-se uma acentuada polarização de atitudes. Por isso, gerações inteiras foram educadas na ideia das verdades absolutas próprias contrapostas aos erros absolutos dos adversários. Deste modo, até os chefes políticos que então criticaram as noções de *esquerda* e de *direita*, largamente contribuíam, na prática, para lhes dar bastante razão de ser.

Pertenço a uma geração que sofreu forte influência deste ambiente geral. Lembro-me por conseguinte de que, quando nessa altura se apontavam os procedimentos idênticos por vezes seguidos por um e o outro lado, não faltavam os ideólogos extremistas salientando tratar-se apenas de coincidências sem significado, pois emergiam de princípios opostos — e essa divergência constituía o fundo do problema e, portanto, o único aspecto válido.

Foram flagrantes as consequências negativas desta polarização,

Continua na pág. seguinte

Os direitos do cidadão português

DIREITO À VIDA

Diz-se no artigo 8.º da Constituição Política da República Portuguesa:

«Constituem direitos, liberdades e garantias individuais dos cidadãos portugueses:
1.º — O direito à vida e integridade pessoal.»

Esta afirmação solene do preceito constitucional merece, apesar da sua simplicidade e clareza, alguns comentários. Na verdade, na indicação dos direitos dos cidadãos não interessa apenas a sua enunciação doutrinária mas, e sobretudo, a análise do seu conteúdo e da forma como os mesmos se efectivam ou concretizam pràticamente.

Não basta pois afirmar o direito à vida; é necessário que a sociedade se organize de modo a permitir a concretização desse direito em todas as suas implicações. Isto é conseguido por duas ordens de providências, umas constituindo o desenvolvimento do preceito bíblico «Não matarás», outras constituindo as instituições necessárias para garantir aos homens uma vida digna.

Assim o nosso Código Penal proíbe e pune o homicídio, o duelo e o auxílio ao suicídio. O respeito pela vida, na nossa lei, reflecte-se até no facto de não haver pena de morte a não ser em caso de beligerancia com país estrangeiro e para ser aplicada no teatro das operações. E o estado de beligerancia com país estrangeiro tem de ser solenemente reconhecido, isto é, tem de haver uma declaração formal de guerra.

Interessa recordar que fomos dos primeiros países do mundo a abolir a pena de morte, o que mereceu ao grande escritor francês Victor Hugo rasgados elogios.

Mas, ao lado deste aspecto, que implica apenas o dever de não matar, o progresso deu ao direito à vida um conteúdo positivo enriquecendo o seu conceito; não basta já que a sociedade proíba que se mate, impõe-se que ajude os seus membros a viver uma vida humanamente digna. Assim, o direito à vida veio implicar o direito à saúde, com as modalidades de assistência pré-natal, assistência infantil, assistência na velhice. Especial referência merece o combate às causas da mortalidade infantil — subnutrição, falta de cuidados higiénicos, falta de assistência médica, deficiências de assistência hospitalar — problema que deve merecer da comunidade especial atenção.

O direito à vida implica que os homens não devem viver em condições infra-humanas e que lhes devem ser dadas possibilidades de exercer e desenvolver em plenitude as suas potencialidades de seres racionais.

Uma boa cobertura sanitária, médica e hospitalar é essencial, se se quer respeitar em todo o seu conteúdo o preceito constitucional. Uma eficiente organização assistencial é condição necessária para o combate à miséria.

O direito à vida implica condições dignas de existência que ultrapassem a condição puramente animal e tenham presente o respeito pela eminente dignidade da pessoa humana. Como dizia Malraux, «uma vida não vale nada, mas nada vale uma vida».

CIVICUS

A «urbe» e a «conquista»

É possível, com inteira objectividade, falar do que tem sido a «conquista» dos melhores lugares por parte dos bancos comerciais. É fenómeno tão evidente que se pode encará-lo independentemente de qualquer preconcito valorativo. Há um tipo de vida que vai substituindo outro; ou, menos afirmativamente, há um tipo de vida que vai empurrando outros tipos de vida para a periferia, ou para recantos. A urbe começou por ser murada, o centro era onde se vivia; hoje, o centro é onde se vai trabalhar, vive-se na ponta do transporte urbano. Estas verificações são resultado, e resultam, da substituição dos locais centrais de convívio à-borda-da-bica por quase ostensivas instalações onde se vai trocar um cheque, pagar uma letra, tentar o crédito.

Pode repetir-se a inteira objectividade. É assim. As tertúlias dificilmente sobrevivem, as operações bancárias dinamizam um viver actual.

Que entende por «esquerda» e «direita»?

Armando Bacelar

Continuação da pág. anterior

mundo» (a braços com os problemas do seu atraso, que são os de criação de riquezas próprias para uma distribuição que não seja de capitações de miséria), as noções de «esquerda» e «direita» adquiriram tonalidades específicas.

Diria que, na encruzilhada do mundo de hoje, em que as razões de esperar e desesperar se equilibram, são gentes e forças da *direita*: a) quantas nos países capitalistas, contrariam a socialização que, no seu seio, se processa e mantêm ou promovem relações internacionais de domínio imperialista ou colonialista de outros povos; b) quantas, no países socialistas, agem no sentido de monopólio do poder político por grupos dissociados do povo, cujo isolamento se traduz fatalmente numa burocratização e numa falta de perspectivas correctas quanto à renovação do poder político, que se pratica em conciliábulos mais ou menos secretos, sem possibilidades de fiscalização pública; e ainda quantas se obstinam em manter ou promover relações internacionais de satelitização económica ou política; c) quantas, nos países subdesenvolvidos, se comportam como arautos e servos, ostensivos ou ocultos, das gentes e forças das categorias definidas nas duas alíneas anteriores, e quantas se opõem ao desenvolvimento , favorecendo os privilégios legados à manutenção de um estado de atraso e dependência.

E diria que, correspondentemente, são gentes e forças da *esquerda:* a) quantas, nos países capitalistas, lutam pelo advento de um «socialismo em condições de maturidade» e por relações internacionais que não impliquem o domínio imperialista ou colonialista, nem sequer neocolonialista, das respectivas camadas detentoras do poder de Estado; b) quantas, nos países socialistas, lutam por um «socialismo de face humana», desburocratizado e aderente aos reais sentimentos dos respectivos povos, por processos democráticos de formação e de transformacão do poder político, pela defesa e aprofundamento das conquistas socialistas, pela liberdade de criação artística e literária e de expressão de pensamento na base socialista da sociedade, pela criação de uma comunidade socialista de povos livres e iguais em direitos de deveres; c) quantas, nos países subdesenvolvidos, actuam pela independência nacional, social, económica e política, contra todas as formas abertas ou disfarçadas de domínio estrangeiro e seus serventuários internos, pelo desenvolvimento nacional em todas as frentes e contra os privilégios das minorias interessadas na manutenção do atraso.

II

Dentro das coordenadas expostas, entendo que a classificação tem ainda o rigor suficiente de um critério util de discernimento da posição de cada indivíduo e agrupamento nas circunstancias concretas da respectiva comunidade nacional.

O que mais interessará para nós, portugueses, será aplicar esse critério às características próprias da nossa vida colectiva

Uma definição completa não caberia nos limites desta resposta. Todavia, direi que o nosso País pode considerar-se como de estrutura híbrida, dentro da distinção atrás esboçada entre países capitalistas desenvolvidos e países do «terceiro mundo.»

Nós não somos, senão geogràficamente, um país da Europa Ocidental. Dir-se-ia estarmos mais próximos das estruturas dominantes na América do Sul, nomeadamente quanto ao atraso da população, à desigualíssima distribuição das riquezas, à preponderância do capital estrangeiro, à debilidade das nossas condições de concorrência internacional, à falta de democracia e à relevância dos factores de coacção que a impedem. Temos, todavia, alguns pontos comuns com os países da Europa Ocidental, desde uma comunidade de cultura, que se manifesta no escol mais evoluído da nossa intelectualidade, até algumas pequenas ilhas de desenvolvimento, em escassos sectores. São estas diferenças que, às vezes, dão a impressão de haver em Portugal dois países a séculos um do outro.

Neste condicionalismo, esboçado incompletamente, considero *gentes e forças da direita* aquelas que agem no sentido da manutenção entre nós de formas arcaicas de vida (os reaccionários clássicos), ou no do advento dum neocapitalismo ligado a uma penetração ainda maior do capital estrangeiro capaz de conduzir a um moderado e contraditório desenvolvimento mas que política e economicamente desaguará numa sofisticada liberalização, à sombra tutelar do domínio omnipotente dos conselhos de administração das grandes empresas (reaccionarismo de novo estilo, com maior capacidade de mistificação e servido pela tecnocracia).

E considero *gentes e forças da esquerda* aquelas que, opondo-se a ambas as categorias anteriores, actuam no sentido dum desenvolvimento autêntico do país, da democratização da vida nacional económica, social, política e cultural, da abolição das sujeições internas e externas a forças de coacção ou pressão, do estabelecimento dum país livre e senhor dos seus destinos, mantendo boas relações, em pé de igualdade, com todos os países do Mundo.

Se me fosse lícito, para terminar, recorrer a um paradigma histórico, sem esquecer quanto ele tem de contingente, pelo decurso de mais de um século, diria que as forças da direita do primeiro tipo são as herdeiras do *miguelismo*, as do segundo tipo as herdeiras do *cartismo* e as da esquerda do *setembrismo*.

Martins de Carvalho

Continuação da pág. anterior

aliás compreensível em nações em guerra, quando aos interesses nacionais em causa acrescem contraposições de outra índole. E não se diga que só os países totalitários (pertencentes ao Eixo ou aos Aliados) cometeram este erro, pois que os Estados Unidos e a própria Inglaterra também o praticaram, durante e sobretudo depois do fim das hostilidades militares.

Felizmente, o «culto da divergência» entrou em declínio e agora procura-se, acima de tudo, encontrar «modos de convergir»: nem outra é a razão, por exemplo, da expansão mundial das doutrinas do padre Teilhard de Chardin. E modos de convergir em tudo quando seja possível (embora se divirja no resto) como forma de alargar — na prática — as possibilidades de conseguir uma convergência cada vez maior. Ora, quer se quisesse quer não, um propósito desta natureza repercutir-se-ia fatalmente no arrumo das forças políticas e na noção de *esquerda* e de *direita*. — Isto nos conduz à segunda pergunta do presente inquérito.

II

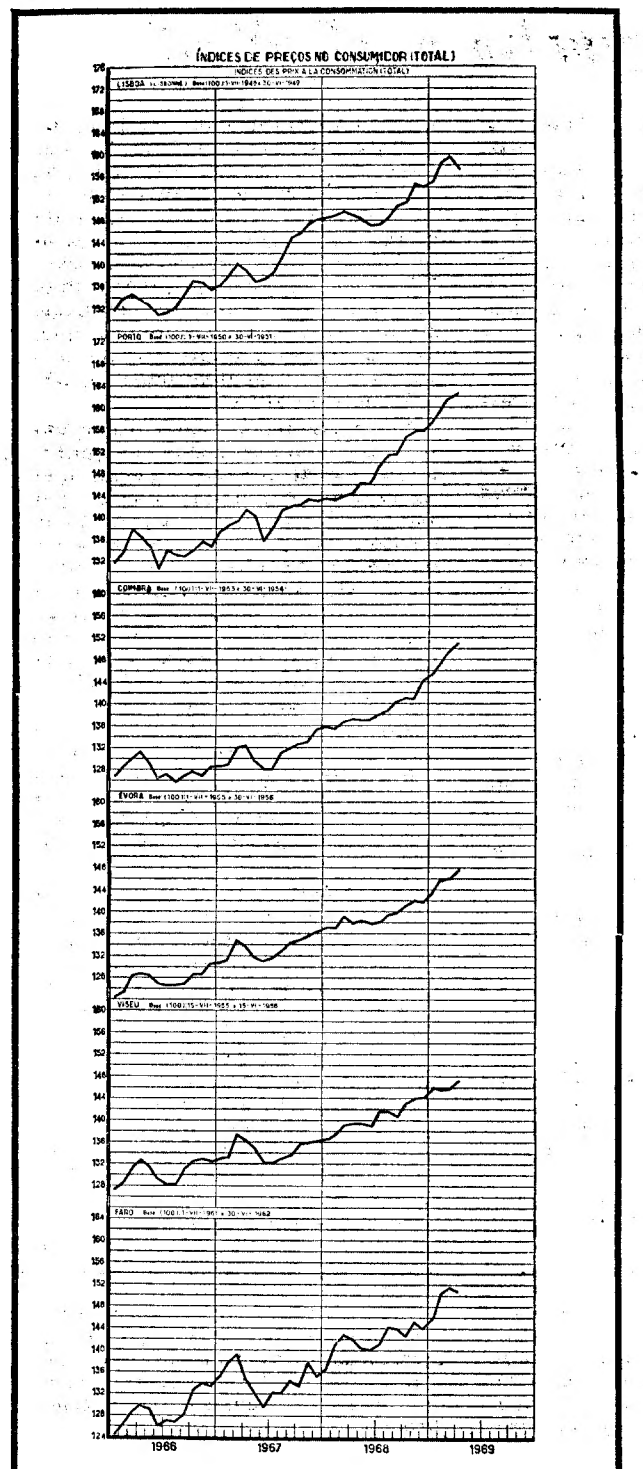
Na acessão tradicional, *esquerda* e *direita* eram conceitos de carácter predominantemente global. Decorriam de uma opção ideológica e podiam ter largo grau de especialismo e infixidês, como atrás referi; *mas definiam uma posição de princípio* e, nesse sentido, podiam servir para identificar genèricamente uma atitude ou até um estado de espírito, embora com reduzida precisão em muitos aspectos essenciais.

Os parâmetros contemporâneos alteram radicalmente as balizas do raciocínio. O desejo de convergir — sincero em largos sectores, à margem embora dos simples aproveitamentos tácticos que, aliás todas as doutrinas têm conhecido — esse desejo de convergir, aliado à necessidade de equacionar politicamente muitos aspectos da vida colectiva que não eram assim equacionados no tempo do liberalismo, levaram a que a opção entre *esquerda* e *direita* já se não faça apenas num plano ideológico, de que tudo o mais é consequência. Regista a vida, e sentem-no em especial os jovens, um declínio do prestígio da pureza ideológica e um acentuado interesse pela resolução conjuntural e em comum dos problemas concretos de cada época e de cada país. Disso resultaram consequências em vários planos. E assim, o sentido tradicionalmente moderador da *direita* passou a ser também incorporado pela *esquerda*, como se verificou em França durante os incidentes de 1968; tal como o sentido revolucionário tradicional da *esquerda* passou também a ser subscrito por movimentos políticos originàriamente da *direita*, como aconteceu no partido católico chileno, para dar apenas um exemplo entre tantos outros igualmente actuais.

Quer dizer: a opção deixou de ser ideológica, e portanto genérica, e tornou-se mais acentuadamente pragmática, e portanto sectorial. Deste modo, as noções de *direita* e de *esquerda*, que eram vagas mas ainda assim transmitiam uma ideia geral bastante precisa, passaram a ter significado apenas sector por sector, sem que determinada concepção num caso obste a concepção algo diferente em outro. E muitas inteligências aceitam esta solução sem se preocuparem demasiado com a dificuldade teórica que daí resultará para a classificação a atribuir, depois, à política de um país, examinada globalmente: monarquias hereditárias com governos socialistas são, por exemplo, situações que existem e não surpreendem ninguém.

Em minha opinião, portanto, as características da apaixonante sociocultura contemporânea também aqui se fizeram sentir. A reacção contra o homem unidimensional, quer planificado pelo socialismo quer comandado pela informação e pela propaganda de tipo liberal ou capitalista, faz com que, cada passo, se nos deparem pensadores políticos — e até políticos activos — que actuam num plano como adeptos dos princípios da *direita* e noutros casos como adeptos dos princípios da *esquerda*. Tenho por evidente que o general de Gaulle, por exemplo, concebia autoritàriamente o poder; mas exercia-o democràticamente, e até com alguma aceitação das exigências da neodemocracia directa (tão reclamada pelos contestatários maoistas), pois outra coisa não era a frequência com que recorria ao «referendum» popular.

Esquerda e *direita* ainda hoje servirão para definir? Em minha opinião, já de pouco servem para qualificar um regime ou até um movimento político; mas servem para qualificar o modo como um e o outro actuam, em cada plano concreto da condução geral de um país. Nos sociólogos contemporâneos, notam-se frequentes orientações que são claramente inspiradas pelos princípios da *esquerda* no campo económico e social, e são bastante da *direita* pelo que respeita a assegurar a defesa da ordem e a garantia efectiva das liberdades essenciais (até como reacção contra os movimentos extremistas e anárquicos nesta matéria, que quase sempre se apresentam como esquerdistas, mesmo quando o não são). — E, como o imobilismo não é lei da vida e o conteúdo dos conceitos também se transforma, talvez isto constitua até o caminho novo para o qual a humanidade se esteja a orientar.



Entre Abril de 1968 e Abril de 1969, os preços no consumidor aumentaram 5,6% na cidade de Lisboa, 12,6% na cidade do Porto, 10,0% na cidade de Coimbra, 7,1% na cidade de Évora, 5,4% na cidade de Viseu, 6,0% na cidade de Faro

Razões de troca da economia portuguesa

ALFREDO VIDEIRA

1. Na linha de artigo publicado, em tempos, na página de Economia, sobre o preço de exportação das mercadorias industriais portuguesas, apresentamos hoje mais alguns elementos relacionados com a evolução recente do comércio externo.

A nossa atenção incidiu sobre a evolução dos valores unitários de exportação e importação e, consequentemente, sobre as razões de troca.

Método utilizado

2. Para esta análise usámos índices de preços de tipo Paasche, tendo em consideração que a ponderação corrente trata de modo mais correcto, não só novos produtos, como mudança de especificações (qualidade) de produtos já existentes.

A descrição dos elementos a que lançamos mão vem a seguir:

a) Considerámos para efeitos de cálculo dos índices, grupos de mercadorias classificados até três (3) dígitos na C. T. C. I., cujo valor exportado ou importado excedesse, no período em análise, quatro milhares de contos.

b) Dentro deste conjunto especificámos as classes 5-8 da C. T. C. I., mercadorias manufacturadas.

c) O período de análise foi estabelecido de 1963 a 1966.

d) As estatísticas-base foram as constantes da publicação do INE. «Comércio Externo» para o período referido (1963-1966).

e) Calcularam-se os índices definindo-se, primeiro, a relação entre o valor exportado (ou importado) no ano n e o valor exportado (ou importado) no ano-base o, representando-a por (i_1).

$$i_1 = \frac{\Sigma\ Pn\ Qn}{\Sigma\ Po\ Qo}$$

onde;

- Pn preço de exportação (ou importação) no ano *n*.
- Qn quantidade exportada (ou importada) no ano *n*.
- Po preço de exportação (ou importação) no ano *o*.
- Qo quantidade exportada (ou importada) no ano *o*.

Em seguida, definimos o índice de volume de exportação (ou importação) Laspeyres, que representamos por (i_2).

$$i_2 = \frac{\Sigma\ Po\ Qn}{\Sigma\ Po\ Qo}$$

onde, Po; Qo; Qn têm a mesma definição anterior.

O índice de preços tipo Paasche (I) resulta da razão entre i_1 e i_2

$$I = \frac{i_1}{i_2} = \frac{\frac{\Sigma\ Pn\ Qn}{\Sigma\ Po\ Qo}}{\frac{\Sigma\ Po\ Qn}{\Sigma\ Po\ Qo}} = \frac{\Sigma\ Pn\ Qn}{\Sigma\ Po\ Qn}$$

f) A relação entre o valor unitário de exportação e o valor unitário de importação chamamos razão de troca. Como pretendemos identificar a sua evolução, trabalharemos com os números índices que mostram o andamento das razões de troca depois do início do período de análise.

Os resultados

3. O quadro I mostra os números índices de valor unitário de exportação.

	1963	*1964*	*1965*	*1966*
Total das exportações ...	100	91	99	97
Produtos manufacturados C. T. C. I 5-8	100	103	98	108

quadro — I

O aumento verificado no valor das exportações nacionais (12,5 milhões de contos em 1963, 26 milhões de contos em 1966) resultou, principalmente, do aumento das quantidades exportadas, pois o valor unitário de exportação observou, no período, valores abaixo do valor de 1963. A quebra de nove pontos em 1964 foi consequência da desvalorização externa dos produtos não manufacturados, pois os das classes 5-8 da C. T. C. I. viram o seu valor aumentado de três pontos. Nos anos seguintes, a flutuação dos preços de exportação continuou, ainda que os produtos agrícolas sejam os principais culpados, os nossos industriais também não cuidam da obtenção dos melhores preços para as suas mercadorias.

Índices de valor unitário de importação

	1963	*1964*	*1965*	*1966*
Total das importações ...	100	106	102	105
Produtos manufacturados C. T. C. I 5-8 ...	100	106	99	105

quadro — II

No período em análise, o valor unitário das importações manteve valores superiores ao do ano-base. Em 1964, houve um acréscimo de seis pontos, evolução igual à dos produtos manufacturados. No ano seguinte (a recessão de 1964 provocou compras de bens industriais menos valiosos) a queda dos preços C. I. F. de importação provocou um decréscimo do índice global. Em 1966, os níveis anteriores foram novamente alcançados. A importância dos produtos manufacturados (58-60 % do total importado) explicam que a oscilação no seu preço se repercuta de modo significativo no índice global.

No quadro seguinte apresentamos as razões de troca do período.

Razões de troca

	1963	*1964*	*1965*	*1966*
Total das trocas	100	86	97	92
Produtos Manufacturados	100	97	99	103

quadro — III

Desde 1963 que as razões de troca do comércio externo português se deterioram.

O valor unitário de exportação tem-se mantido abaixo, relativamente ao valor unitário de importação, do nível atingido em 1963. Não é brilhante esta situação, em especial para um país cujo desenvolvimento económico tem de ser um pressuposto político. É indispensável uma melhoria nas razões de troca para que seja possível um surto sustentado de crescimento económico.

A acuidade do problema leva-nos a concluir que no mais curto espaço de tempo esta situação tem de se inverter.

Os problemas do nosso comércio externo não se resumem só à exportação. Também a exportação a qualquer preço não constitui vantagem, como já foi afirmado no artigo de Fevereiro, referido no início.

A importação indiscriminada de mercadorias inúteis, prejudiciais mesmo, ao desenvolvimento económico, têm de ser restringidas, sob o perigo de todos os planos não conseguirem um nível aceitável de realização. Em próximo artigo apresentaremos uma estimativa das perdas verificadas pela exportação nacional de mercadorias industriais.

Notas sobre a economia na Checoslováquia

A reforma económica na Checoslováquia tem vindo a ser realizada, de forma gradual, desde 1965. No decurso do primeiro ano foram aplicados, a título experimental, alguns princípios de reforma em cerca de 20 por cento das empresas. Em 1966, o sistema dos novos instrumentos económicos foi implantado, ainda que não o tenha sido na sua forma completa, nos principais ramos industriais do país. Um passo importante neste caminho foi o que se deu em 1967. Concretizou-se a reestruturação dos preços, modificaram-se as relações financeiras entre as empresas e o Estado, foi aumentada a amplitude da responsabilidade e competência das empresas na esfera dos investimentos, do comércio externo e interno e foi modificada a função do sistema bancário e creditício.

Com estas medidas, o sistema de gestão económica checoslovaca aproxima-se do modelo cujo objectivo é unir a função do plano com o mecanismo de mercado.

Todos os países socialistas levam a efeito, em maior ou menor grau, reformas económicas. Estas caracterizam-se por uma orientação técnica comum que consiste em aproveitar os processos de valores na economia nacional, subordinar a produção em maior escala às necessidades do mercado externo e interno, maior independência das empresas. No que respeita ao plano estatal, este deve unicamente encarar as proporções básicas do desenvolvimento económico e das mudanças estruturais básicas, enquanto que a decisão sobre as proporções, no pormenor, correrá a cargo das próprias empresas.

Estes objectivos são também seguidos pela reforma económica checoslovaca e neste aspecto não diferem dos demais países socialistas. Uma certa diferença surge quanto ao acento que acento que se põe sobre a actividade das relações financeiras e de mercado e na combinação do plano com as relações de mercado. A este respeito, a Checoslováquia e a Hungria (que já tinha instaurado medidas económicas importantes em 1968) assinalaram o progresso mais acentuado. Este progresso não está determinado sómente por factores subjectivos. A Checoslováquia, como um dos mais desenvolvidos países socialistas, esgotou as possibilidades do desenvolvimento em extensão, e deparou com a necessidade de levar a efeito importantes modificações económicas. A Checoslováquia tem, também, as suas experiências com a reforma económica pouco radical que se esforçou por implantar no período de 1958 a 1961 e pode tirar uma lição da relativa estagnação económica que se manifestou por volta de 1963.

(de um artigo de Miroslav Sokol, *Resultado e perspectivas da reforma económica na Checoslováquia*, no número de Maio de 1969 de *El Comércio Exterior coslovaco*, revista da Câmara de Comércio Checoslovaca).

Ordenados a dobrar nas férias belgas

A BÉLGICA possui o mais progressivo sistema de férias de todos os países do Mercado Comum.

O projecto de lei sobre o pagamento do dobro do salário durante três semanas foi aprovado pelo Governo.

Em França, os assalariados beneficiam de quatro semanas de férias, mas não recebem o dobro do salário, o que significa que o sistema belga é mais progressista.

Sabe para que serve e como funciona a Assembleia Nacional?

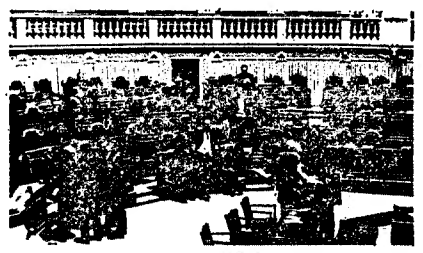
UM CASO RARO NA HISTÓRIA PARLAMENTAR

Ao analisar os «Direitos dos deputados», no volume «A Constituição de 1933» (Coimbra Editora, 1956), o prof. dr. Marcello Caetano acentua que, «para o exercício regular das suas funções os deputados têm certos *poderes funcionais* (e só neste sentido se fala nos seus *direitos*), gozam de determinadas *imunidades* e fruem algumas *regalias*». Mais adiante refere-se ás limitações postas á iniciativa dos deputados, considerando «restrição importantíssima» o facto de ser vedado aos deputados apresentar projectos de lei ou propostas de alteração que envolvam aumento de despesa ou diminuição de receita do Estado criada por leis anteriores.

Explica que «esta última limitação é já antiga no direito português, mas só em 1935 foi integrada no texto constituicional». E mais adiante afirma:

«A propósito do que deve entender-se por «aumento de despesa» têm várias vezes surgido dúvidas, pois uns entendem que só é incontestável a iniciativa que tenha por efeito directo e imediato onerar o Orçamento Geral do Estado, enquanto para os outros a proibição abrange mesmo os casos em que o encargo orçamental seja simples consequência indirecta, ou até meramente reflexa, do projecto ou proposta.

«Segundo esta última interpretação, não seria lícito a um deputado apresentar o projecto de lei criando um novo feriado nacional, porque do facto de não se trabalhar mais



um dia no ano resultaria maior encargo para o País e em última análise para as despesas públicas.

«Na revisão constitucional de 1945 o próprio Governo propôs que a proibição da iniciativa do aumento de despesa só se aplicasse «aos projectos e propostas de alteração que, convertidos em lei, importem por si mesmos um aumento de despesa...» perfilhando, portanto, a tese da restrição da inconstitucionalidade aos projectos que fossem causa directa de um aumento imediato de despesa. A Câmara Corporativa, porém, ponderou que «o grau e, como consequência, a gravidade do aumento não vivem em absoluto relacionados com o facto de este resultar ou não *directamente* da execução das respectivas disposições legais, bem podendo suceder que os reflexos de certa medida, aliás tantas vezes previsíveis, acarretem aumentos de despesa superiores aos provocados directamente por outra». E por isso manifestou-se contrário á alteração, no que foi seguida pela Assembleia Nacional, que rejeitou a proposta governamental».

Em nota, o prof. Marcello Caetano faz o seguinte comentário: «Não deve ser muito frequente na História parlamentar do mundo inteiro uma Assembleia rejeitar a proposta governamental que de certo modo ampliava os seus poderes».

A corrida russo-americana

Continuação da pág. 5

sonda americana «Mariner-5» e da sonda soviética «Vénus-4», que efectuaram medições em Outubro de 1967, a temperatura da superfície do planeta poderia chegar a 425 graus centígrados e a pressão seria 75 vezes maior que a da atmosfera da Terra.

Ora «Vénus-4» não estava suficientemente protegida para que os seus instrumentos de experiência suportassem tais temperaturas e tais pressões. E, desde então, os soviéticos não terão tido materialmente tempo para modificarem os modelos de voo de «Vénus-5» e de «Vénus-6» de modo a permitir-lhes resistir a tais condições-ambiente. Neste caso, não é seguro que «Vénus-5» e «Vénus-6» transmitam mais informações que «Vénus-4», mas estes dois novos engenhos permitirão, pelo menos, confirmar ou corrigir, em certa medida, os dados fornecidos pela sonda anterior.

Vénus foi sempre o alvo favorito dos soviéticos, enquanto os americanos se interessam mais pelo planeta Marte. Desde 1961, os soviéticos lançaram já seis engenhos para Vénus, mas só com o último lançamento da «Vénus-4» é que inscreveram no seu activo uma grande estreia, ao fazerem aterrar suavemente o seu engenho no planeta. Até aqui, os americanos só lançaram uma sonda para Vénus («Mariner-2»), em 1962. Este ano preferiram enviar dois engenhos para Marte, mas destinados apenas a contornar o planeta e a fotografá-lo.

Segundo o observatório britânico de Jodrell Bank, os sinais provindos de «Vénus-6» eram mais nítidos do que os de «Vénus-5».

É a primeira vez que o estudo da atmosfera de um planeta é efectuado por duas sondas praticamente ao mesmo tempo. Os cientistas vão assim, poder comparar os resultados de «Vénus-5» e de posição química, a tem- «Vénus-6» sobre a comperatura e a pressão da atmosfera de Vénus.

Mapa orográfico de Vénus

Continuação da pág. 5

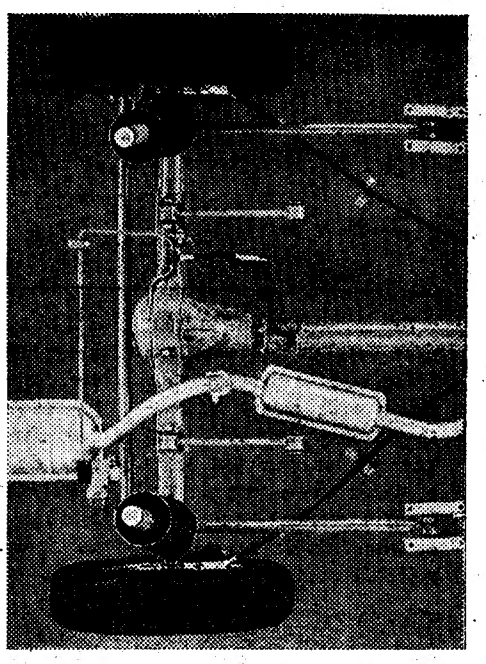
provém de uma região de Vénus que está a aproximar-se da Terra em virtude, igualmente, do movimento de rotação do planeta.

A carta do relevo de Vénus é a obtida pela equipa da Universidade de Cornell; por enquanto abrange apenas parte do planeta. Mas mostra claramente que o terreno a norte é bastante acidentado. Distinguem-se, nitidamente, três formações aparentemente circulares: uma, chamada Beta, a 20 graus de latitude Norte, tem um diametro de cerca de 240 quilómetros e abrange uma superfície de perto de 42 000 km²; a segunda, denominada Delta, situada a 35 graus de latitude Norte, e a terceira, ainda sem denominação, referencia-se fácilmente por 32 graus de latitude Norte.

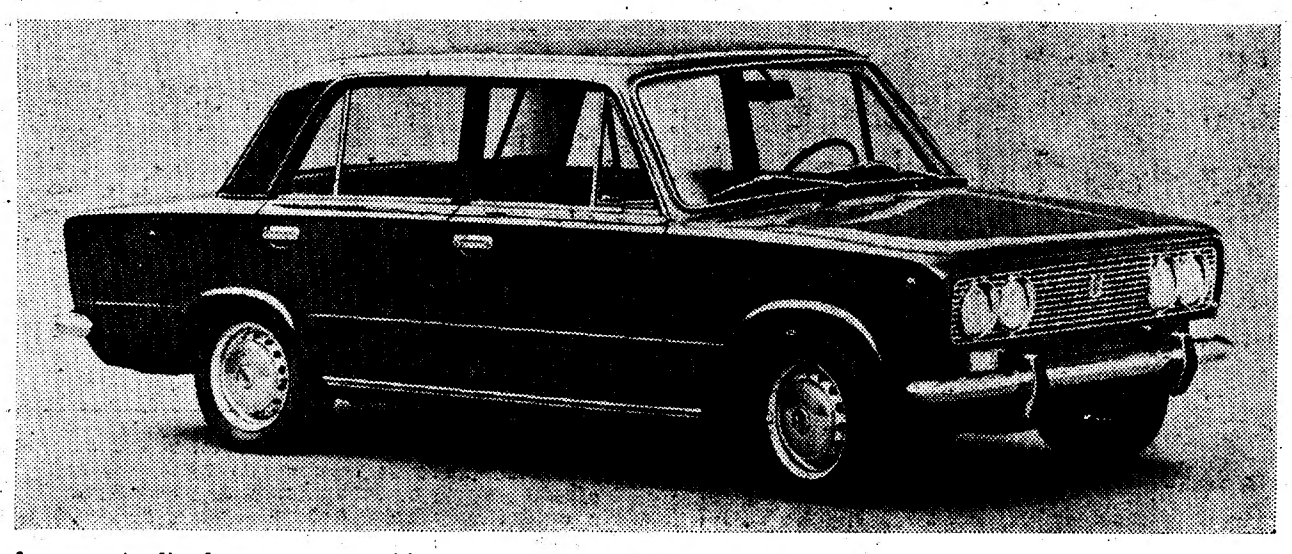
Observadas, pela primeira vez, em 1962, mas sobretudo em 1964, 1966 e 1967, estas formações são fixas em relação ao solo do planeta e são arrastadas pela rotação. Não restam duvidas de que se trata de acidentes de terreno, ou montanhas, ou crateras (as formações têm forma arredondada) ou talvez ainda vastos campos de rochas. Não foi ainda possivel determinar a sua altitude. Mas a equipa do *Jet Propulsion Laboratory* retomou as suas experiências em Abril, agora que o planeta está novamente próximo da Terra emitindo sinais ainda mais potentes que anteriormente (450 000 *watts*). Espera assim aperfeiçoar e completar a carta

Fiat 124 «Special»
outro automóvel debaixo da mesma «pele»

BANDEIRA DE LIMA



O novo Fiat 124 Special. À direita o pormenor da suspensão traseira. As molas helicoidais voltaram a ser utilizadas e uma barra Panhard controla o eixo quanto aos movimentos transversais. As curvas de potência e binário do novo motor mostram uma grande elasticidade de funcionamento. Os valores indicados correspondem ás normas DIN



Poucas diferenças, mas muito importantes, separam do modelo normal o Fiat 124 «Special» que acaba de ser apresentado no nosso País: o motor cresceu em dimensões, a suspensão traseira é outra e os travões foram actualizados.

Para além destas modificações, outras, menos importantes, dão ao 124 «Special» uma aparência bem diferente da do agradável mas espartano modelo normal: duplos projectores, farol de marcha atrás, painel de instrumentos de novo desenho e assentos dianteiros de encosto reclinável.

As modificações mecânicas que referimos, transformaram o 124 «Special» num novo carro, onde pouco se encontra de comum com o modelo normal.

Tivemos ocasião de conduzir há tempos, em Itália, um 124 «Special», mas «com certa pressa».

O carro «nervoso» que se encontra no 124, desapareceu pràticamente. No entanto, o «Special» é muito mais rápido e o motor tem força desde regimes muito baixos. O característico ruído de escape do 124 também já não existe: o novo automóvel é, nesse aspecto, muito mais silencioso.

devem-se, ùnicamente, às alterações de motor e transmissão.

O motor, que é bàsicamente o mesmo, cresceu em cilindrada por aumento do diâmetro dos cilindros, que passou de 73 para 80 mm. Correspondentemente, a cilindrada passou de 1197 para 1438 cc. Com um novo colector de admissão a que obrigou o uso de um carburador diferente (agora um Weber duplo, invertido, de 32 mm) o motor, cuja taxa de compressão é de 9, debita 70 HP (DIN) a 5400 rpm e o binário máximo, 11,2 kgm, surge a 3300 rpm (contra 60 HP a 5600 rpm e 8,9 kgm a 3400 rpm do modelo normal). Pequenas questões de pormenor, naturalmente relativas a cabeça do motor, que é a mesma do 124, deram origem a que a potência específica do motor «descesse»: o carro normal apresenta 50,1 HP por litro de cilindrada contra 48,7 do «Special». Será, naturalmente, um ponto a rever no futuro, embora o uso de peças comuns, tão conveniente para os custos de produção, imponha, eventualmente, certas características pouco fáceis de alterar sem agravar os preços de venda.

Quanto à transmissão foi também alterada para corresponder às novas características do motor: a embraiagem é diferente e o disco é maior a fim de poder «passar» o binário extra; o «rapport» de diferencial é «mais comprido» e o carro faz agora 25,3 km/h por cada 1000 rpm do motor, em vez dos 24,2 do modelo normal; e as velocidades, exceptuada a primeira, são todas mais compridas — a terceira faz mais de 110 km/h.

O carro é levemente subvirante e a condução reflecte bastante a maneira de usar o acelerador. Não queremos dizer que este deva ser cuidadosamente doseado, mas apenas, quando se ande «depressa», se se quiser, devidamente aproveitado...

Os travões compreendem agora um dispositivo de servo-freio e um limitador de travagem às rodas traseiras que, dentro de certos limites, evita a blocagem de rodas. O respectivo pedal apenas necessita de ser «acariciado» e isto deve estar bem presente se se tomar contacto pela primeira vez com o automóvel, em dia de chuva: a frente bloca em primeiro lugar — mas também essa situação é mais fácil de entender... e de emendar por parte do condutor.

Suspensão traseira: retorno à eficiência

Quanto à suspensão traseira pode considerar-se entre os melhores conjuntos de entre os fabricantes que se mantêm fiéis ao eixo rígido.

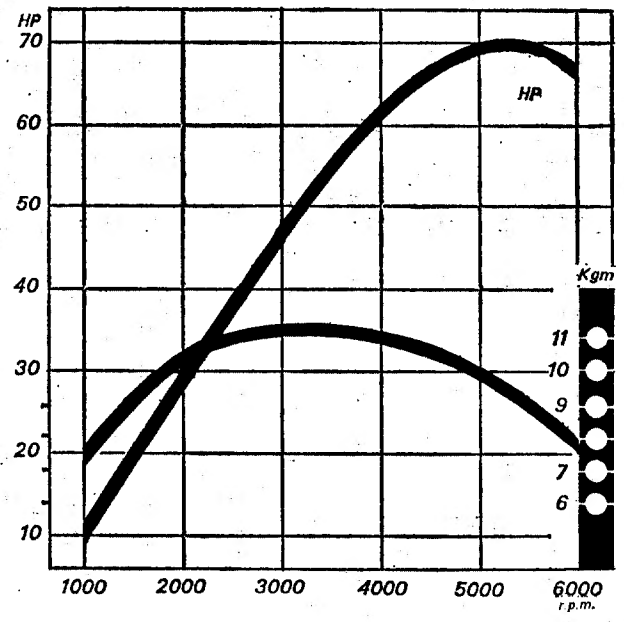
Até há pouco tempo, o 124 apresentava um sistema complexo de fixação, de bons resultados, é certo, mas que foi abandonado em favor de um sistema mais simples: usava molas helicoidais e um sistema de braços de reacção que fixavam o eixo, e um estabilizador de torsão; este conjunto deu lugar às actuais e correntes molas semielípticas de grande largura às quais se confia (...) a fixação do eixo quanto a movimentos laterais. Ganhara-se, então, uma maior simplicidade (e um consequente menor custo de produção), ao mesmo tempo que o espaço crescia no porta-bagagem em virtude de terem desaparecido as protoberantes caixas das molas helicoidais.

A suspensão traseira do 124 «Special» voltou a ser irrepreensível, dentro do sistema de eixo rígido: molas helicoidais, braços de reacção longitudinais e fixação, quanto a movimentos transversais, por barra Panhard.

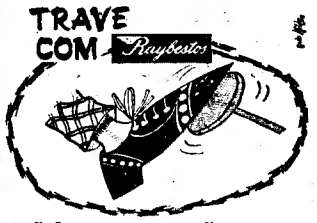
Mais silencioso

O ponto de vista do fabricante — sabemo-lo — era conseguir um automóvel mais silencioso e que, sem perda da «performance», não desse ao condutor a noção do motor «nervoso» e sempre pronto a crescer de regime, que pessoalmente achamos tão agradável. E o fim em vista foi plenamente atingido. No entanto a «performance» ganhou substancialmente: o «Special» faz menos de 37 segundos no quilómetro de arranque contra os mais de 39 segundos do modelo normal.

Os pesos de ambos os carros são sensivelmente os mesmos, com uma aproximação de 10 kg, e, assim, as diferenças



CROSLAND
CF
FILTROS
para
óleo, gasóleo e ar
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77
LISBOA

TRAVE COM Raybestos

Calços para travões
Discos para Embraiagem

CAMINHOS-DE-FERRO

Comunica-nos a C. P. que a partir do dia 2 de Junho é estabelecida, entre Porto e Salamanca, a circulação de automotoras directas, com ligação de e para Madrid no comboio TER.

O pormenor das alterações consta dos avisos afixados nas estações para consulta do Público que também pode obter esclarecimentos nas Secções de Informações.

NÓS LEMOS

«A liberdade de aprender»

Com grande oportunidade, a Editora Moraes incluiu, na sua colecção «Psicologia e Pedagogia», um livro fundamental — «A Liberdade de Aprender», de Daniel Hameline e Marie-Joelle Dardelin.

Verificando que entre a época actual e a pedagogia tradicional existe um desentendimento flagrante, os autores decidiram narrar uma experiência e expor as conclusões a que chegaram ao comprometerem-se numa acção que põe em causa uma pedagogia ultrapassada e solicita uma opção filosófica que impõe a revisão de uma atitude, a alteração de uma forma de estar perante si próprio e os outros. É a atitude que, nas condições actuais, supõe uma tomada de decisões, de certo modo dolorosas, que apoiam a aplicação da chamada pedagogia não-directiva. Uma intenção que define um certo tipo de homem, de professor, que hoje é indispensável existir junto da juventude. Mais, particularmente, uma adolescência que convém não encerrar «nas categorias apresentadas como imutáveis» mas sim, considerar como um autêntico fenómeno social.

É, de facto, a descoordenação existente entre este tipo de jovens e as características da pedagogia tradicional que cria «um clima escolar deteriorado» pedindo uma profunda revisão dos princípios de psicologia pedagógica, a sugerir que se confira prioridade à aprendizagem sobre o ensino e incitando as pessoas à mudança e à livre iniciativa.

A alteração de processos supõe, para além do uso de uma nova técnica, uma atitude do professor completamente diferente da tradicional e assumida duma forma bastante profunda.

Os autores ilustram as suas concepções com exemplos da sua própria experiência de professores e, através da descrição das suas intenções e da sua actividade, mostram-nos, em dois níveis, no plano normativo e no aspecto operacional, os fundamentos da pedagogia não-directiva. Uma pedagogia que pretende a realização de um homem «capaz de «compreender» e de «viver com», sem perder a sua singularidade e o seu poder de autocriação, capaz também de «possuir» e de criar sem alinear os outros».

JORGE CRESPO

Reformas ou repressão?

DILEMA AMERICANO
PARA EXTERMINAR OS DRAMAS DA VIOLÊNCIA

Os Estados Unidos têm uma escolha importante a fazer, se quiserem pôr fim aos dramas e ás consequências da violência: pôr em prática um sério e amplo programa de reformas sociais ou criar os alicerces de um estado policial, com a existência de autênticas «cidades-guarnição». Este dilema é apresentado num relatório remetido á Comissão Nacional norte-americana sobre as Causas e a Prevenção da Violência.

No referido relatório, com 276 páginas, que tem por título «Formas violentas de Protestò e de Confrontação», afirma-se, nomeadamente: «A sociedade americana tem necessidade urgente de profundas transformações politicas e sociais e não de maior equipamento militar.

O relatório foi redigido por um grupo de especialistas, dirigido pelo sociólogo Jerome Skolnic, de 38 anos. Durante um almoço com jornalistas, integrado no lançamento da edição, em formato de bolso, do aludido estudo, Skolnic respondeu ás perguntas que lhe foram dirigidas e interpretou algumas das conclusões a que chegou a equipa autora do texto.

Perguntaram-lhe nomeadamente como refuta as acusações segundo as quais o relatório parece justificar a violência e manifestar uma simpatia exagerada pelos contestantes. Skolnic respondeu: «Como seres humanos deploramos a violência. Não tentamos justificá-la mas compreendê-la».

Relativamente á repressão da violência Skolnic defende que os métodos de repressão podem, sem dúvida, melhorar. Mas apressa-se a declarar que não é por essa via que se penetra as causas da violência.

São as seguintes as conclusões do trabalho levado a cabo pelos autores do relatório:

As manifestações de massa são essencialmente um fenómeno em que participa uma maioria de pessoas normais e um número bastante limitado de seres á margem da sociedade.

As recentes manifestações deram origem a relativamente poucos incidentes violentos.

Numa perspectiva histórica, os esforços dos grupos desfavorizados da sociedade americana para subir na escala social são frequentemente acompanhados de violências.

O documento ora publicado é o segundo elaborado pela Comissão, que deve preparar sete, antes de redigir o relatório final, no Outono próximo. Os diversos grupos encarregados de redigir os relatórios trabalham em ambiente de total independência. No entanto, os relatórios não representam, necessàriamente, a opinião dos 13 membros da Comissão Nacional sobre as Causas e a Prevenção da Violência. Sabe-se mesmo que algumas conclusões expostas por Skolnic não são aceitas por alguns membros da Comissão, entre as quais pelo seu presidente, Milton Eisenhower, magnífico reitor da Universidade John Hopkins. — J. W.

A violência resulta muitas vezes do sentimento de injustiça, de desequilíbrio, de menos respeito pela dignidade devida a cada homem

Há cenas que marcam para sempre, que deixam sulcos profundos. Só reformas profundas podem eliminá-las para sempre

Exclusivo «Washington Post»-«Diário de Lisboa»

O teatro fantástico
do São João do Porto

URBANO TAVARES RODRIGUES

Se há em Portugal uma «festa» autêntica, com o sentido pleno de legitimação da transgressão, de efusão jocosa, desbordamento de alegria, atingindo a autêntica plétora, é bem a noite de S. João no Porto. Não tem decerto paralelo com qualquer romaria do País por mais rica de cor e reminiscências pagãs ou orgíacas de que possa coroar-se esta ou aquela.

Sequer o Carnaval de Colónia ou o de Milão e a este último muito especialmente me refiro por nele ter apercebido, nas lutas, abraços, encontros, farândolas a que dá azo, um intenso movimento da carne, um valor de convulsão e vertigem —, sequer nessas ondas de euforia colectiva detectei a curiosa fusão de violenta euforia sensual e de festa democrática (pela abolição, temporária embora, de barreiras hierárquicas) que caracteriza o S. João no Porto

Acaso o Carnaval do Rio, com o seu delírio do ritmo, numa fronteira onde se confrontam o sagrado e o profano, o litúrgico e o sexual — em inocência e em furor — tem a mesma qualidade de aproximação. Mas não nos desagrada admitir que no Porto, bastião tradicional da luta pela liberdade cívica, esse aspecto se difunde como que despreve-nidamente na festa de S. João (corrigindo-lhe até o que poderia atingir de um pouco bestial, ainda que infinitamente viçoso), em clima de fraternidade assumida.

Talvez seja preciso ter andado, em estado de perfeito contágio, desde a Torre dos Clérigos à Praça da Batalha e às Fontainhas, de Matosinhos à Ribeira, em meio da vaga popular e haver assim vivido essa apaixonada negação da morte que é a noite de S. João, com as suas cacetadas de alho-porro e erva cidreira, com os seus choques, imprecações, dichotes, atracções, conhecimentos e reconhecimentos, brutalidades e êxtases de uma humanidade primeira que o homo burgalensis *ainda não removeu do planeta, talvez seja forçoso esse contacto directo para se poder intuir a força, a profusão, a exuberância de uma multidão liberta por algumas horas de sujeições e escravidões de ofícios, de regras de moral social e, sobretudo, da angústia ou da náusea de viver. De viver em condição de separação De solidão.*

É isso que a festa do S. João como que màgicamente logra abolir: a distância que separa o estranho do estranho. E o irmão da irmã. O amante da amante. Aliás, a fusão opera-se a um nível sacrificial e promíscuo. O Porto é na noite de S João o teatro fantástico de uma imensa representação, psicodrama mimado, experimentado por toda uma cidade

Entraram ùltimamente na liça os martelinhos de plástico, cujo artificialismo corrompe desastrosamente (ainda que possa, está claro, poupar fatos domingueiros) este generoso derrame de energias, puramente lúdico. Consta-nos, porém, que vão desaparecer, como frouxo sucedâneo que são das plantas alegóricas do rito. E congratulamo-nos com o regresso do S. João no Porto à lealdade truanesca e desinibida do alho-porro e da erva cidreira.

O frenesim popular, a explosão, ou a descarga, intemporal de uma sensualidade que é simultâneamente agressiva (mas limitadamente) e desordenada, picara, é a contradição veemente do isolamento do ser e do pequeno egoismo de clã. E não só a força orgíaca — que é, embora salutar, perigosa nos seus excessos — arrasta o povo da noite de S. João, mas também esse ardor de afecto, de confraternização absoluta, que a corrige e se desfolha nos mais rasgados, nos mais belos e exuberantes sorrisos do ano.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 27 DE JUNHO DE 1969 — N.º 2